UNILASALLE
CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE
Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais

IVO FIOROTTI

MEMÓRIA SOCIAL DAS LUTAS PELA MORADIA NAS NARRATIVAS DOS MORADORES DA VILA UNIÃO DOS OPERÁRIOS – CANOAS/RS

Canoas, 2015

IVO FIOROTTI

MEMÓRIA SOCIAL DAS LUTAS PELA MORADIA NAS NARRATIVAS DOS MORADORES DA VILA UNIÃO DOS OPERÁRIOS – CANOAS/RS

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle – Unilasalle, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Graeff

Co-orientadora: Prof.ª Dr.ª Cleusa Maria Gomes Graebin

Canoas, 2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F521m Fiorotti, Ivo.

Memória social das lutas pela moradia nas narrativas dos moradores da Vila União dos Operários - Canoas/RS [manuscrito] / Ivo Fiorotti. – 2015.
206 f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Memória Social e Bens Culturais) – Centro Universitário La Salle, Canoas, 2015.
"Orientação: Prof. Dr. Lucas Graeff".

1. Memória social. 2. Identidade social. 3. Movimento social. I. Graeff, Lucas. II. Título.

CDU: 316.7

Bibliotecário responsável: Melissa Rodrigues Martins - CRB 10/1380

UNILASALLE
CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE
Credenciamento: Decreto de 29/12/98 - D.O.U. de 30/12/98
Recredenciamento: Portaria 626 de 17/05/12 - D.O.U. de 18/05/12

Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais
BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Lucas Graeff
UNILASALLE, Orientador e Presidente da Banca

Profª. Drª. Cleusa Maria Gomes Graebin
UNILASALLE

Prof. Dr. Paulo Fossatti
UNILASALLE

Profª. Drª. Ana Luiza Carvalho da Rocha
FEEVALE

Área de Concentração: Estudos em Memória Social

Curso: Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 30 de setembro de 2015

Aos incansáveis lutadores
da Vila União dos Operários!
Sem desmerecer ninguém,
quero lembrar os esquecidos.
E,
dos rememorados,
destacar minhas lembranças do que aprendi
com a Bracidina e o Clésio.

AGRADECIMENTOS

À minha esposa Ivonete e aos meus filhos Rahamina e Ivan, por compreenderem e terem tolerado todos os percalços neste período do mestrado. Em especial, ao Ivan que me auxiliou nas filmagens e na degravação; e, à Ivonete, que pacientemente fez a revisão textual da dissertação.

Aos professores do Programa de Mestrado em Memória Social e Bens Culturais, em particular, aos orientadores Lucas Graeff e Cleusa Graebin.

Aos meus colegas de mestrado, em especial, ao companheiro Paulo Ritter e à amiga Raquel Willms.

Aos membros do meu mandato que, além de me incentivaram, souberam com competência suprir minha ausência nos períodos em que estive envolvido com os estudos e pesquisas.

Aos moradores da Vila União dos Operários que aceitaram participar gentilmente nos grupos focais e realizarem o trabalho de memória. Também, aos que prontamente me auxiliarem na coleta das fontes documentais, em especial, à direção da AMVUO e da HOCOUNO.

RESUMO

O presente trabalho investiga, no campo da memória social e da sociologia, como os moradores da Vila União dos Operários dão conta do movimento social de luta pelo acesso à moradia e das mobilizações por melhores condições de habitabilidade ocorridas entre 1980 e 2014. São utilizadas categorias de análise sociológica como ator social, força social, exclusão social, resistência e identidade coletiva para compreender as dinâmicas deste movimento social. No campo teórico da memória social, os conceitos de enquadramento da memória, memórias organizadoras, memórias factuais, identidade social e trabalho de memória são as categorias, dentre outras, que conduzem esta investigação, confirmando a hipótese de que as memórias que povoam abundantemente as narrativas destes moradores estão ancoradas em eventos e acontecimentos que permitem compreender as dinâmicas deste movimento social. As memórias produzidas pelas falas dos atuais moradores são conduzidas e confrontadas com dados de fontes documentais primárias recolhidas junto à comunidade e suas organizações sociais, dentre outras, a *Associação de Moradores da Vila União dos Operários – AMVUO* e a Associação da *Horta Comunitária União dos Operários – HOCOUNO*. Os resultados deste trabalho, em particular, a reconstituição detalhada desse movimento social ancorado nas lembranças dos moradores como atores sociais e a produção de uma exposição visual com 10 banners utilizando fotos e documentos de seus principais eventos e acontecimentos, pretendem ser uma contribuição às ações das linguagens culturais desenvolvidas no Ponto de Cultura da HOCOUNO, em particular do desenho, fotografia, música, vídeo e teatro.

Palavras-Chave: memória social, memórias organizadoras, trabalho de memória, movimento social e identidade social.

ABSTRACT

The present paper investigates – in the field of social memory and sociology - how the dwellers from Vila União dos Operários give account of the social movement struggle for access to housing and mobilizations for better habitation conditions which occurred between 1980 and 2014. They are used categories of sociological analysis such as social actor, social power, social exclusion, resistance and collective identity to understand the dynamics of this social movement. In theoretical field of social memory, the framing concepts of memory, organizing memories, factual memories, social identity and working memory are the main categories that lead this investigation. Related, those categories modulate the Hypothesis that the memories which abundantly populate the stories of those residentes are enchored in facts, events and ongoings which allow to understand the dynamics of this social movement. The memories produced by the speech of current dwellers are leaded and confronted with data from primary source documents collected from the community and their social organizations, among others, the Associação de Moradores da Vila União dos Operários – AMVUO and the Associação da Horta Comunitária União dos Operários – HOCOUNO. The results from this paper, in particular, the detailed reconstruction of this social movement anchored in the memories of residents as social actors and the production of a visual display with 10 banners using photos and documents of its main events and happenings, intend to be a contribution to the actions of cultural languages developed at Ponto de Cultura of HOCOUNO, in particular of drawing, photographic, music, video and theater.

Keywords: social memory, organizing memory, working memory, social movement and social identity.

LISTA DE FIGURAS E FOTOS - FF

FF 1 – Propaganda da Vila Matias Velho 29
FF 2 – Dr. Jacques 40
FF 3 – Assembleia da AMVUO 43
FF 4 – Relato da vitória da posse 60
FF 5 – Cenas da Romaria da Terra 62
FF 6 – Colocação do 2º sino 68
FF 7 – Cerca derrubada no domingo de ramos 70
FF 8 – Celebração na Divino Mestre 72
FF 9 – Mutirão das mães 74
FF 10 – Clésio Aires de Oliveira 76
FF 11 – Mapa da Vila União dos Operários 79
FF 12 – Mandamentos do morador 83
FF 13 – Mutirão de embelezamento 81
FF 14 – Abaixo-Assinado 85
FF 15 – Regularização Fundiária 87
FF 16 – Primeiro mapa com nome de ruas e espaços comunitários 89
FF 17 – Nossa Senhora dos Romeiros 91
FF 18 – Homenagem de 30 anos da AMVUO 95
FF 19 – Primeira reunião da HOCOUNO 97
FF 20 – HOCOUNO 99

LISTA DE SIGLAS

AMVUO	Associação dos Moradores da Vila União dos Operários
BCI	Boletim do Cadastro Imobiliário
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CEEE	Companhia Estadual de Energia Elétrica
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CPC	Código de Processo Civil
CPT	Comissão Pastoral da Terra
FETs	Frentes Emergenciais de Trabalho
GF1	Grupo Focal 1
GF2	Grupo Focal 2
GF3	Grupo Focal 3
HOCOUNO	Horta Comunitária União dos Operários
HVF	História de Vida Focal
MST	Movimento dos Sem-Terra
NELPA	Negócios e Empreendimentos Imobiliários
OP	Orçamento Participativo
PT	Partido dos Trabalhadores
RT	Romaria da Terra
UAMCA	União das Associações de Moradores de Canoas
UNILASALLE	Universidade La Salle
UNISINOS	Universidade Rio dos Sinos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 12
2. CONCEITO DE MEMÓRIA SOCIAL 18
2.1 Memória coletiva e enquadramento da memória 18
2.2 Representações factuais, memórias organizadoras e identidade social ... 22
3 LUTAS SOCIAIS DE ACESSO À MORADIA E CONCEITO SOCIOLÓGICOS 27
3.1 Breve cenário das lutas pelo acesso à moradia no Brasil e em Canoas ... 27
3.2 Novos marcos teórico-metodológicos para os movimentos sociais 33
3.3 Movimento social de acesso à moradia e às condições de habitabilidade na Vila União dos Operários 38
4 O ITINERÁRIO DESTA INVESTIGAÇÃO 47
4.1 O pesquisador e o objeto de pesquisa: esclarecimentos 48
4.2 As fontes documentais 50
4.3 Rodas de Conversa na técnica de grupos focais 51
4.4 Análise e interpretação dos conteúdos das narrativas dos grupos focais 56
5 DA LUTA INDIVIDUAL AO HABITAR COLETIVO 58
5.1 A surpresa da vitória judicial da posse 58
5.2 A saga da conquista da terra 63
5.3 Da terra ao habitar coletivo 71
6 DO HABITAR COLETIVO À CIDADANIA 75
6.1 Organização do território imaginado 75
6.2 Os mandamentos da terra prometida 80
6.3 De posseiro (ocupante) a cidadão 84
7 NOMINAR, HOMENAGEAR E A MENINA DOS OLHOS 88
7.1 Nominar ruas e a santa padroeira 88
7.2 Homenagear os conquistadores 92
7.3 A menina dos olhos da vila 96
CONSIDERAÇÕES FINAIS 100
REFERÊNCIAS 106
APÊNDICE A - Exposição visual 112
APÊNDICE B - Degravação do Grupo Focal 1 123
APÊNDICE C - Degravação do Grupo Focal 2 137

APÊNDICE D - Degravação do Grupo Focal 3 157
APÊNDICE E - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 168
ANEXO A – Ata de Fundação da AMVUO 169
ANEXO B – Inicial do Processo de Reintegração da Posse 170
ANEXO C – Acórdão n.º 100287119/83 do 1ª CC do Tribunal de Alçada.... 171
ANEXO D – Zero Hora, 15/7/1984, p. 27 185
ANEXO E – Livro de Presenças da AMVUO, p.24 186
ANEXO F – Jornal O Timoneiro, 04/05/84, p.15 187
ANEXO G – Jornal O Timoneiro, 14/09/84, p.11 188
ANEXO H – Compromisso Público..... 189
ANEXO I – Proposta de Emenda Constitucional do Uso do Solo Urbano190
ANEXO J – Ata da AMVUO, 07/06/87 191
ANEXO K – Ata da AMVUO, 24/08/86 192
ANEXO L – Reivindicatória de Domínio 194
ANEXO M – Ata da AMVUO, 01/10/88 196
ANEXO N – Reconhecimento da Posse Coletiva 197
ANEXO O – Boletins da AMVUO 198
ANEXO P – Lei 4.796/03 e Lei 4.813/03 206

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga, nos campos da memória social e da sociologia, como os moradores da Vila União dos Operários dão conta do movimento social de luta pelo acesso à moradia e das mobilizações por melhores condições de habitabilidade ocorridas entre 1980 e 2014. No campo teórico da memória social, os conceitos de enquadramento da memória, memórias organizadoras, memórias factuais, identidade social e trabalho de memória são as categorias, dentre outras, que conduzem esta investigação, confirmando a hipótese de que as memórias que povoam abundantemente as narrativas destes moradores estão ancoradas em eventos e acontecimentos ocorridas no território. São utilizadas categorias de análise sociológica como ator social, força social, exclusão social, resistência e identidade coletiva para compreender as dinâmicas do movimento social.

Em 2009, a Associação de Moradores da Vila União dos Operários - AMVUO lidera uma ampla mobilização na busca de recursos públicos tendo em vista à regularização fundiária, com a formalização do loteamento e a escrituração dos lotes. Após uma disputa com várias demandas dos moradores do Bairro Mathias Velho, os recursos públicos foram conquistados por meio do Orçamento Participativo - OP[1], forma de cogestão entre estado e sociedade civil na execução de programas públicos e projetos governamentais. O projeto do loteamento manteve integralmente o desenho urbanístico existente, conservando o traçado de ruas, a configuração dos lotes e a manutenção dos espaços públicos consolidados.

O acontecimento da regularização fundiária do loteamento da Vila União dos Operários, no ano de 2014, culminou com três décadas e meia de ações do movimento social de luta pelo acesso à moradia e às condições de habitabilidade no local. Foi, também, a transição formal da condição de ocupante à condição de cidadão, enquanto proprietário do seu lote com sua moradia. Mas, o que os moradores recordam a respeito daquele processo histórico? E como recordam?

Estes são alguns dados e questões que introduzem esta investigação. Para realizá-la, vários caminhos investigativos seriam possíveis. Uma possibilidade seria buscar na literatura jurídica pública e privada luzes para compreender como os

[1] O Orçamento Participativo (OP) é uma ferramenta de participação cidadã que viabiliza demandas coletivas. Adotado pela administração municipal de Canoas, compõe com mais 12 ferramentas o Sistema de Participação Cidadã, visando a radicalização da democracia. Cf. JORGE, Jairo. **Radicalizar a Democracia**. Porto Alegre, Tomo Editoria, 2014.

invasores/ocupantes sustentaram por três décadas e meia a posse dos terrenos e que dinâmicas oportunizaram tanto para a regularização da vila como ao acesso dos moradores à propriedade de seus lotes. Outros caminhos poderiam investigar a compreensão deste processo histórico e as ações de seus atores sociais na luta pelo acesso à moradia e às condições de habitabilidade à luz de elementos conceituais do campo da história, da educação ou demais campos do conhecimento.

No caso desta pesquisa, o escopo principal foi a memória social enquanto um campo em construção[2], articulando outros campos de conhecimento, em particular o da sociologia dos movimentos sociais. As categorias teóricas da sociologia, nesta investigação, permitem tomar os eventos e acontecimentos ocorridos ao longo do período não como fruto do acaso, mas, sim, manifestações sociais que têm uma especificidade e um sentido a ser desvelado nos encontros propostos nesta pesquisa.

Pergunta-se enquanto problemas desta investigação: (a) Todos os entrevistados tendem a dispor de lembranças comuns sobre as lutas pela moradia e pelas condições de habitabilidade? (b) Quais lembranças de eventos e acontecimentos deste movimento social são explicitadas no processo de reconstituição de memórias? (c) É possível identificar sentimentos de pertença e, por extensão, de construção de identidade social?

O objetivo geral desta investigação é: reconstituir a partir das narrativas dos moradores da Vila União dos Operários, como estes dão conta, por meio de suas lembranças, do processo de gênese e consolidação do movimento social de luta pelo acesso à moradia e suas mobilizações por melhores condições de habitação, ocorridas entre 1980 e 2014. Mais especificamente, pretende-se: (a) Analisar a construção de memórias coletivas sobre a ocupação da Vila União dos Operários; (b) Compreender eventos e acontecimentos como ancoragem na construção de memórias dos moradores da Vila União dos Operários; e (c) Analisar fronteiras de pertencimento e forças organizadoras de coerência e continuidade identitárias.

Como meta, produziu-se uma exposição utilizando-se fotos e documentos de eventos e acontecimentos desse processo (ver APÊNDICE A). A exposição ocorreu em 25 de novembro de 2014, no Ponto de Cultura da Associação da Horta Comunitária União dos Operários - HOCUNO. O acervo dessa exposição servirá para futuras produções nas oficinas de teatro, música e desenho neste equipamento cultural.

---

[2] Para saber mais, ver GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. **O que é memória social?** Rio de Janeiro, Contracapa, 2005.

Na década de oitenta, dentre os anos de 1981 a 1989, o autor desta pesquisa envolveu-se neste processo como agente de pastoral e educador social vinculado a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, responsáveis pela pastoral católica da Paróquia São Pio X, no bairro Mathias Velho. A partir de 1993, passou a habitar no local com sua família como posseiro, recebendo um terreno doado pela Associação de Moradores. Esta doação foi um gesto de reconhecimento pela solidariedade empreendida na década anterior e um convite de continuar a militância com a luta pela consolidação e regularização do loteamento. O autor presidiu a Associação de Moradores por três gestões (1994-1996; 2001-2003; 2007-2008). Foi eleito vereador em outubro de 2008 e reeleito em 2012. Portanto, existe um compromisso militante do autor com esta caminhada.

Além de habitar e militar no local, em frequentes situações, tem ocorrido demandas desafiadoras ao autor, no sentido de produzir uma investigação, dentre outras: (a) moradores recém-chegados na Vila e alunos das escolas do entorno, realizando trabalho de campo solicitam que lhes sejam contados os passos desta caminhada. Estes ficam impressionados como o significado dos nomes das ruas que expressam acontecimentos e eventos ocorridos na vila. Dizem: “é preciso que você registre estas lembranças enquanto ainda está conosco!”; (b) pesquisadores que tem consultado documentos no arquivo pessoal do autor indagam: “Não pretendes organizar e socializar o conteúdo destas fontes primárias que conservas desta luta pela moradia?”; (c) os que aqui estiveram estagiando períodos de suas vidas, como em 1987, o atual Reitor desta instituição (Unilasalle), Paulo Fossati, sempre proferem o mesmo desafio: “tens que produzir algo desta caminhada!”; (d) enfim, são inúmeras as pessoas que ficam impressionadas com o fato de como foi possível a construção deste loteamento tão organizado, à margem dos poderes governamentais e da legalidade jurídica, com quadras e lotes definidos, espaços comunitários preservados, uma Associação de Moradores e uma Horta Comunitária com um recente Ponto de Cultura tão ativos e respeitados. Ou seja, de diferentes maneiras todos recomendaram ao autor que tornasse público o ocorrido. Evidente que o autor teve de enfrentar um grande desafio: construir e seguir uma metodologia em que sua vivência pessoal e militante fosse uma contribuição e não algo que comprometesse ética e responsavelmente o projeto de pesquisa desta investigação.

Há muito tempo, portanto, estava posto o desafio para que este autor realizasse uma investigação sobre o movimento social que gestou e constituiu a Vila União dos

Operários. Documentos originais de eventos e acontecimentos deste processo de ocupação foram recolhidos e conservados pelo autor há mais de uma década. São fotos, livros de presença, atas de reuniões e assembleias da AMVUO, acórdãos judiciais, mapas e relações de moradores em vários períodos, dentre outros. Existem trabalhos publicados em que este movimento social foi objeto de investigação e seus atores sociais relataram suas memórias. Destaco o volume seis da Coleção "Canoas – Para lembrar quem somos – Mathias Velho" (PENNA; CORBELINI; GAYESKI, 2000). Existem discursos oficiais de gestores municipais colhidos na coleção História de Nossos Prefeitos (ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE CANOAS, 2009, 8 VOLUMES) e dissertações e monografias do período da ocupação, como as realizadas pelo próprio autor (FIOROTTI, 1987 e 1995), de Bavaresco (1988) e Machado (2012).

Além do mais, o autor desta investigação em seu segundo mandato consolida diretriz de sua ação política que visa o fortalecimento das organizações sociais em suas lutas por melhorias de infraestrutura e qualidade de vida. Atua, especialmente, como membro da Comissão Permanente, sendo relator dos temas ligados à habitação e a regularização fundiária, desde seu primeiro ano de mandato, em 2009.

Curiosamente, porém, o ingresso no mestrado em Memória Social e Bens Culturais se deu a partir de uma percepção equivocada do Programa. O autor imaginava inicialmente realizar um estudo histórico. A descoberta do campo de estudos interdisciplinares em memória social mudou essa perspectiva, pois lhe permitiu enfatizar esse trabalho de reflexão e de imaginação realizado por grupos excluídos (BOSI, 2013). Além do mais, o Programa colocou-lhe o desafio de transformar os achados e a conservação de documentos e fotos na produção de uma exposição, enriquecendo o acervo do Ponto de Cultura local[3].

O autor tem encontrado investigações ligadas ao tema do acesso à terra e à moradia, tendo como objeto de pesquisa as lembranças contidas nas falas dos seus atores. Alvaídes e Scopinho (2013) investigam a relação entre os quadros de memória e o processo de construção das diferentes personagens componentes da identidade, assim como o diálogo estabelecido entre elas e os princípios organizativos do

[3] Ponto de Cultua é "um organizador de cultura no nível local, atuando como um ponto de recepção e irradiação da cultura [...] é cultura em processo, desenvolvida com autonomia e protagonismo social". Cf. TURINO, Célio. **Ponto de Cultura: o BRASIL de baixo para cima**. 2ª ed., São Paulo, Editora e Livraria Anita Ltda., 2010, p. 63. No caso, refere-se ao Ponto de Cultura "Nosso modo de ser com mais cultura", funcionando desde 2011, junto ao espaço da HOCOUNO. Desenvolve ações nas linguagens culturais do teatro, música, dança e mídias visuais.

Movimento dos Sem Terra. É um trabalho realizado no espaço das lutas do campo. Afirmam os autores: “A identidade Sem-Terra tanto é produto dessas relações quanto é por elas ressignificada no processo de lembrar” (2013, p.288).

A investigação de Nascimento (2008) na ocupação urbana do bairro Che Guevara, no município de Marituba/PA trata de um tema ligado ao espaço urbano. Em sua investigação de como os significados individuais de morar interferem na construção das relações sociais do lugar de convivência com outros sujeitos, a autora se pergunta: “Como a memória de alguns moradores apresenta-se a partir das narrativas de suas escolhas feitas em seus tempos e contextos sociais? ” (2008, p.24). Utilizando as falas de moradores, conclui que as lembranças são a matéria-prima principal para “entender de que maneira o indivíduo usufrui do coletivo para se deslocar, para trabalhar, para casar, para compartilhar momentos de identidade com os outros moradores” (2008, p.120).

No entanto, a originalidade desta presente pesquisa está em fundamentalmente ocorrer à luz do conceito de memória social para investigar nas lembranças dos moradores, no momento de sua atualização nas narrativas nos grupos focais, em 2014, o processo de ancoragem de eventos e acontecimentos relacionados ao movimento ocupacional do qual foram atores ao longo de três décadas.

Sendo assim, esta dissertação organiza-se em sete capítulos. Além desta introdução, o segundo capítulo apresenta o marco teórico no campo da Memória Social que conduz esta investigação. Na compreensão que memória social é um conceito em construção, o autor discute os conceitos de memória coletiva, de enquadramento das memórias, de memórias organizadoras, de função social da memória, de identidade coletiva e de trabalho de memória, dentre outros, para dar conta do problema e dos objetivos desta investigação.

No terceiro capítulo, traça-se um breve cenário de como os trabalhadores acessam as suas moradias tanto no contexto da urbanização/industrialização no Brasil da segunda metade do século vinte, particularmente, no contexto do processo de exclusão de imensas camadas da população ao acesso à moradia que se amplia ao longo da década de setenta. Neste contexto, a reflexão sociológica latino-americana e brasileira constrói novas categorias de análise e refaz categorias surgidas em movimentos sociais de outros contextos. Elementos desta reflexão sociológica permitem compreender o processo ocorrido na Vila União dos Operários

como um movimento social de luta pelo acesso à moradia e às condições de habitabilidade.

O quarto capítulo é dedicado ao percurso metodológico. Ali, são apresentadas reflexões sobre a condição de pesquisador-morador, além das relações deste com o objeto de pesquisa. Destaca-se a sua condição militante e o seu conhecimento prévio das pessoas pesquisadas. Além disso, apresenta-se o itinerário investigativo em relação aos registros das fontes documentais, de como foi realizada a produção das falas dos moradores, a análise e interpretação dos dados.

O primeiro capítulo de análise é o quinto. Nele, textualiza-se o trabalho de lembrar e o ancoramento em eventos e acontecimentos agrupados em núcleos de sentido: a surpresa da vitória judicial da posse, a saga da conquista da terra, da terra ao habitar coletivo. Em seguida, o sexto capítulo traz os seguintes núcleos de sentido agregadores: as lutas no território imaginado, os mandamentos da terra prometida e transição de posseiro (ocupante) ao cidadão. Por fim, no sétimo capítulo, agregam-se os núcleos de sentido relacionados à nominação dos lugares e das ruas, às homenagens e ao espaço da horta comunitária.

Nas considerações finais, a partir deste trabalho de memória, sintetiza um possível cenário da dinâmica do movimento ocupacional de luta pelo acesso à moradia e às condições de habitabilidade dos posseiros na Vila União dos Operários. Trabalho de memória que revela profunda ancoragem dos principais eventos e acontecimentos que povoam as lembranças dos moradores participantes dos grupos focais.

Por fim, esta investigação se situa na linha de pesquisa Memória, Cultura e Identidade do Curso de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário Lasalle - Unilasalle, Canoas/RS.

2 O CONCEITO DE MEMÓRIA SOCIAL

Este capítulo apresenta o marco teórico em memória social. Inicia apresentando a memória social como um conceito em construção no atravessamento com outras disciplinas na busca de respostas a novos problemas (GONDAR E DODEBEI, 2005). Na sequência são apresentados os conceitos de memória coletiva (HALBWACHS, 2006), enquadramento das memórias e memórias subalternas (POLLAK, 1989 e 1992) memórias organizadoras com representações factuais e semânticas e identidade social (CANDAU, 2011) e o de trabalho de memória (BOSI, 2012).

Gondar e Dodebei defendem que a Memória Social é um conceito que se encontra em construção a partir dos novos problemas que resultam do atravessamento de disciplinas diversas. “No campo da memória social o conceito está sempre por ser criado: é um conceito em movimento” (2005, p. 15).

As autoras destacam que o conceito de memória social não é neutro, pois tem sempre um componente ético e político no ato de recordar:

> O conceito de memória, produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja. Seja qual for a escolha teórica em que nos situemos, estaremos comprometidos ética e politicamente. (GONDAR E DODEBEI, 2005, p. 17).

Ao compreender a memória social como um processo, quer seja no ato de rememorar que possibilita a coesão do presente, quer seja para rememorar o passado como processo de evitar a degradação do presente atualizando o passado, afirmam que a memória social é uma construção processual:

> Os autores que focalizam o processo de construção da memória não valorizam tanto o seu ponto de partida e de chegada, concedendo ênfase no durante. É no durante que se dão os confrontos e as lutas, mas também a criação. (GONDAR E DODEBEI, 2005, p. 21).

As sessões seguintes visam à fundamentação da compreensão do processo de construção de memórias dos moradores quanto aos eventos e acontecimentos da ocupação da Vila União dos Operários.

2.1 Memória coletiva, enquadramento da memória e trabalho de memória

O sociólogo francês Maurice Halbwachs (1877-1945) desenvolve o conceito de memória coletiva em suas pesquisas a partir de 1925. Encontramos este conceito desenvolvido de forma mais consistente na obra póstuma, A Memória Coletiva (1950).

Sob um ponto de vista geral, os escritos de Halbwachs sobre memória coletiva assumem para o campo da memória as concepções teóricas da escola sociológica durkheimiana. Émile Durkheim (1858-1917) colocou em suas pesquisas dos fatos e fenômenos sociais a questão da anomia social. Para Durkheim, os fatos sociais "consistem em maneiras de agir, de pensar e de sentir exteriores ao indivíduo, dotadas de um poder de coerção em virtude do qual se lhe impõem" (1975, p.3). Deste conceito básico de leitura da sociedade, desenvolve as noções de solidariedade mecânica e de consenso moral, nas obras A Divisão Social do Trabalho (1893) e As Formas Elementares da Vida Religiosa (1905), as quais influenciam Halbwachs, seu discípulo, na concepção de que "a memória coletiva é o lócus de ancoragem da identidade do grupo, assegurando a sua continuidade no tempo e no espaço" (PERALTA, 2007, p. 6).

Halbwachs sustenta que "a representação das coisas evocada pela memória individual não é mais do que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionada às mesmas coisas" (2006, p. 61). A memória é uma construção do coletivo, mas é também um trabalho do indivíduo. Só são percebidas no presente as lembranças do passado, porque ficou nas nossas lembranças uma semente de rememoração, constituída por um longo pertencimento a um determinado grupo, o que nos possibilita o trabalho de rememoração. Diz mais:

> [...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Para Halbwachs, não há indivíduo isolado de um grupo de referência. Neste grupo, família ou comunidade o indivíduo estabelece uma comunidade de pensamentos, onde se identifica e confunde seu passado. Essa referência não é necessariamente física, mas pode ocorrer na retomada de modos de pensamento e nas formas de experiência semelhantes em outro grupo social. O fundamental é que o indivíduo tenha relações sociais vivas em um grupo para dar vitalidade às lembranças. Este seu pertencimento a uma comunidade afetiva possibilita atualizar sua identidade atual com a mentalidade do grupo no passado e reatualizar o poder de pensar e lembrar como membro do grupo.

Segundo Halbwachs, sendo o sentimento de pertencimento ao grupo o fator que dá consistência às lembranças, o desapego afetivo ao grupo é o que provoca o

esquecimento das lembranças. “Esquecer um período da vida é perder o contato com os que então nos rodeavam”, conclui Halbwachs (2006, p. 37). Portanto, o processo de rotinização ao longo do período e a gradativa presença de estranhos ao processo podem indicar fatores de gradativo esquecimento e de esmorecimento da identidade coletiva.

Esta pesquisa parte da hipótese de que determinadas datas, eventos e acontecimentos compartilhados são âncoras para a memória social dos moradores, contribuindo para que ela perdure em suas narrativas. Esses acontecimentos ancorados nas memórias evocadas nas falas dos moradores, enquadram a memória e, por extensão, coesionam a identidade. Na estratégia do movimento social, como veremos na próxima sessão, essa evocação de eventos das lutas passadas funciona como coesão social e fortalecimento da ação militante no presente.

As lembranças, segundo Halbwachs (2006), retomam relações sociais de afeto e não ideias e sentimentos isolados. A lembrança é o trabalho de reconhecimento quando porta o sentimento do já visto, mas é também reconstrução enquanto resgate, no quadro dos interesses e preocupações atuais, dos acontecimentos e vivências do passado. A memória é este ato de reconhecimento e reconstrução que atualiza os quadros sociais, estas representações de identidade ancoradas nos diferentes grupos sociais e no todo social. O trabalho de memória é reforçado pelo confronto de testemunhos, tanto consigo como em diálogo com o outro presente ou internalizado. Quanto mais o presente é vivido nesta interlocução, no futuro estes diálogos serão retomados com maior facilidade.

Michael Pollack (1989), enfatiza a função positiva de adesão ao grupo na memória coletiva, destacando uma nova faceta diferente do determinismo social seguido por Halbwachs:

> [...] longe de ver nessa memória coletiva uma imposição, uma forma específica de dominação ou violência simbólica, acentua as funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, de reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo, donde o termo que utiliza, é o de comunidade afetiva. (POLLACK, 1989, p. 3).

A partir desta concepção de comunidade afetiva, o autor enfoca a questão do processo e o papel dos atores que intervém no trabalho de constituição e formalização das memórias. Abandona a concepção de lidar com os fatos sociais como coisas e adota uma perspectiva construtivista que analisa “como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade”

(POLLACK, 1999, p. 4). A memória coletiva, em momentos de crise, oportuniza a emergência das memórias subalternas que se encontravam no silêncio da resistência.

Analisando a memória social em contextos de conflito e competição entre memórias concorrentes, Pollack identifica a memória dos excluídos em oposição à memória oficial, no caso de seu estudo, enquanto memória nacional. Identifica três situações de exclusões em oposição à memória oficial: as lembranças proibidas, as indizíveis e as vergonhosas. Estas passam a ser transmitidas em quadros familiares, de associações ou por redes de sociabilidades afetivas e/ou políticas, “zelosamente guardadas em estruturas de comunicação informais e passam despercebidas pela sociedade englobante” (POLLACK, 1989, p. 7).

No caso da Vila União dos Operários, muitos eventos e acontecimentos por exemplo, passam despercebidos pelos novos moradores da vila, do bairro ou mesmo da cidade e não estão ancorados em memórias. Isso pode ser explicado pelos laços comunitários, que talvez ainda não se tenham estabelecidos entre os novos e antigos habitantes.

Por outro lado, os silêncios e os não ditos, que são esquecimentos na memória oficial, na verdade, sobrevivem na resistência de grupos subalternos. O trabalho de enquadramento da memória na comunidade afetiva, para Pollack termo mais adequado que memória coletiva, sempre é a perspectiva da memória oficial, da memória nacional. Por este trabalho demonstra que a memória é seletiva, pois há um trabalho de seleção dos eventos e acontecimentos, personagens e eventos em vista da construção do sentimento de unidade de uma nação. Evidente que em processos de disputa como nas ocupações, faz parte de sua estratégia militante do presente, um processo memorial seletivo das lembranças dos acontecimentos passados, as quais estruturam e enquadram os objetivos da organização. Esta repetição seletiva, de reforçar e estimular silêncios, também são formas de esquecimento. Como observa Marco Aurélio Santana e Icléa Theisen (2007, p.2), “a luta contra o esquecimento, é também luta pela existência, pela vida, que se faz apropriação, construção e reconstrução de experiências, produzindo novidade sobre o passado, reinventando-o constantemente”.

Dialogando com os estudos de Halbwachs, Bosi (2012) destaca que o processo de lembrar não é reviver eventos e acontecimentos do passado, mas um processo que refaz, reconstrói e repensa, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. O ato de lembrar é rememorar, é um trabalho de memória:

> A memória não é um sonho, é trabalho[...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (BOSI, 2012, p.55).

Para ampliar a compreensão dessa diferença entre pontos de vista no ato de lembrar a autora traz a questão da memória como pura evocação do passado ou um ato de refazer o passado. Traz novamente a concepção de Halbwachs sobre o ato de evocação de um adulto e um velho. Para uma pessoa adulta ativa, conclui Bosi (2012, p.60), “vida prática é vida prática, e memória é fuga, arte, lazer, contemplação”, uma espécie de descanso das lidas cotidianas. No entanto, para o velho que já viveu sua vida, no processo de lembrar o passado, ele não descansa das lidas cotidianas, pois “ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida” (BOSI, 2012, p.60).

A velhice, segundo Bosi (2012, p.81), “é o momento de desempenhar a alta função da lembrança”, e seu trabalho de memória se realiza pela narração, a faculdade da comunicação humana. O narrador trabalha a matéria-prima da experiência e “a arte de narrar é uma relação alma, corpo e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana” (BOSI, 2012, p.90).

A memória-trabalho é aquela evocação disciplinada, diversa da livre rememoração. “A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo” (BOSI, 2013, p.53). A forma de recordar, portanto, depende da comunidade familiar ou grupal onde o narrador está inserido, pois esta exerce “uma função de apoio como *testemunha* e *intérprete* daquelas experiências” (2013, p.54). A situação grupal realiza também o processo seletivo da memória social, pois realiza a construção social da escolha ou da rejeição do que será lembrado no conjunto das lembranças dos eventos e acontecimentos passados.

2.2 Representações factuais, memórias organizadoras e identidade social

Na conferência “Memória e Identidade Social” (1992), Michael Pollak busca três elementos essenciais para definir o conceito de identidade, o qual aplica também na constituição dos processos coletivos: (1) unidade de fronteiras de pertencimento ao

grupo; (2) continuidade física, moral e psicológica, dentro do tempo; (3) e, sentimento de coerência, sem ruptura da unidade e da continuidade. Daí infere que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade” (POLLACK, 1992, p. 5).

O autor constata que as memórias subterrâneas de grupos subalternos sobrevivem na resistência ao enquadramento oficial, tendo como principal desafio de longo prazo sua “transmissão intacta até o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do *não dito* à contestação e à reivindicação” (POLLACK, 1989, p. 11). Nessa perspectiva, situa-se também o trabalho de D’Alessio que analisa o uso político da memória em Pollak, considerando que as memórias subterrâneas dos grupos sociais estão na base de “reivindicações identitárias” e questionam as tentativas de “construção de uma memória única” (D’ALESSIO, 1998, p. 195).

Candau (2011) constata que, em pensadores como Santo Agostinho, Proust, Maurice Halbwachs e Pierre Nora, a memória precede a construção da identidade. Mas também existe um processo de interação e, observa:

> Entretanto, se a memória vem antes, a demanda identitária pode vir reativá-la [...] Se a memória é ‘geradora’ de identidade, no sentido que participa de sua construção, essa identidade, por outro lado, molda predisposições que vão levar os indivíduos a ‘incorporar’ certos aspectos particulares do passado, a fazer escolhas memoriais, como as de Proust na *Busca do Tempo Perdido*, que dependem da representação que ele faz de sua própria identidade, construída ‘no interior de uma lembrança’. (2011, p.18-19).

Candau afirma, ainda, que as noções de *identidade* e *memória* são ambíguas pelo fato de ambas estarem subsumidas no termo mais geral de *representações, “*um *conceito* operatório no campo das Ciências Humanas e Sociais, referindo-se a um *estado* em relação à primeira e a uma *faculdade* em relação à segunda” (2011, p.21). Na memória dos indivíduos temos a protomemória que se manifesta nos hábitos das pessoas, ou seja, com uma experiência incorporada, uma ação do passado que age no presente das pessoas onde não existe o trabalho de memória, pois não há ato de recordar, “[...] é uma memória ‘imperceptível’, que ocorre sem tomada de consciência” (CANDAU, 2011, p.23). A memória de alto nível é a memória que realiza no presente o ato de evocação ou reconhecimento do passado. A metamemória “[...] é a representação que o indivíduo faz de sua memória [...] e o que diz dela” (2011, p.23).

A conclusão de Candau é: nos grupos, “[...] apenas a eventual posse de uma memória evocativa ou da protomemória pode ser pretendida. É essa eventualidade que aparece subjacente na expressão ‘memória coletiva’” (2011, p.24). O autor debate

com o resultado de várias pesquisas os limites do conceito de memória coletiva e considera complexo compreender a noção de memória compartilhada por ser “uma inferência expressa por metáforas (memória coletiva, comum, social, familiar, histórica, pública), que na melhor das hipóteses darão conta de certos aspectos da realidade social e cultural” (CANDAU, 2011, p.28), também compreendida com uma retórica holística. Seu conceito de retóricas holísticas:

> O emprego de termos, expressões, figuras que visam designar conjuntos supostamente estáveis, duráveis e homogêneos, conjuntos que são conceituados como *outra coisa* que a simples soma das partes e tidos como agregadores de elementos considerados, por natureza ou convenção, como isomorfos. (CANDAU, 2011, p.29).

Candau distingue as representações entre factuais e semânticas. As factuais são as representações relativas à existência de certos eventos; as semânticas são as representações relativas ao sentido atribuído a esses mesmos acontecimentos. Daí formula hipóteses quanto ao grau de pertinência no compartilhamento das memórias, tendo a memória como a categoria organizadora de representações:

> 1) quando as retóricas holistas pressupõem o compartilhamento de representações factuais por todos os membros de um grupo, seu grau de pertinência é proporcional à frequência da repetição dessas representações e inversamente proporcional ao tamanho do grupo considerado;
> 2) quando as retóricas holistas pressupõem o compartilhamento de representações semânticas, seu grau de pertinência é sempre inferior ao das retóricas holistas aplicadas às representações factuais e é igualmente proporcional à frequência da repetição dessas representações e inversamente proporcional ao tamanho do grupo e sua permeabilidade à dúvida. A permeabilidade à dúvida dependerá por vezes de fatores internos ao grupo (por exemplo, o carisma maior ou menor do líder do grupo ou a existência de condições que permitem que se constituam grandes categorias organizadoras de representações factuais e semânticas) e de fatores externos (frequência e intensidade da interação com os outros grupos, por exemplo). (CANDAU, 2011, p.44).

A partir desta hipótese estabelece seu conceito de memória forte, memória fraca e memória organizadora:

> Denomino memória forte uma memória massiva, coerente, compacta e profunda, que se impõe a uma grande maioria dos membros de um grupo, qualquer que seja seu tamanho, sabendo que a possibilidade de encontrar tal memória é maior quando o grupo é menor. Uma memória forte é uma memória organizadora no sentido de que é uma dimensão importante da estruturação de um grupo e, por exemplo, da representação que ele vai ter de sua própria identidade. Quando essa memória é própria de um grupo extenso, falarei de uma grande memória organizadora. Denomino memória fraca uma memória sem contornos bem definidos, difusa e superficial, que é dificilmente compartilhada por um conjunto de indivíduos cuja identidade coletiva é, por esse mesmo fato, relativamente inatingível. Uma memória fraca pode se desorganizar no sentido de que pode contribuir para a desestruturação de um grupo. (CANDAU, 2011, p.44-45).

Memória forte, compartilhada massivamente, constrói uma identidade forte, onde as representações da identidade são inseparáveis do sentimento de continuidade temporal. É a memória longa que reforça a consciência identitária, ou seja, “a percepção de um passado sem dimensão, imemorial, em que se tocam e por vezes se confundem acontecimentos pertencentes tanto aos tempos antigos quanto aos períodos mais presentes” (CANDAU, 2013, p.86). O que garante uma memória forte? Candau conclui que “a força das memórias dependerá da coerência geral do campo memorável, quer dizer, da estruturação mais ou menos homogênea do conjunto de lembranças a partir de um momento de origem e de uma sucessão de fatos”. (2013, p.100). Daí a conclusão que “os acontecimentos são tempos fortes que fazem memórias fortes; a dissolução do acontecimento na banalidade do todo-acontecimento origina, com certeza, memórias fracas” (2013, p. 101).

Qual é o grande jogo social da memória e da identidade? Em primeiro lugar, transmitir e receber, onde “[...] a transmissão é tanto emissão quanto recepção” (2012, p.124). Nesse jogo entra a necessidade de memória e a necessidade de esquecimento ao analisarmos a caminhada de uma comunidade e um povo. Em segundo lugar, fundar e construir como percebemos nas genealogias e nas comemorações dos grupos e povos, os quais podem demarcar espaços de memória, lugares de memória e a patrimonialização. Isto é possível porque o passado pode ser manipulado, dominado e diferenciado no presente, ou seja, pode ocorrer um processo seletivo das representações dos eventos e acontecimentos onde se ancoram as memórias (CANDAU, 2012, p.164).

Como será mostrado no próximo capítulo, a Vila União dos Operários não é apenas um território físico com fronteiras de pertencimento. Em seu processo de ocupação se constituiu em um território de indivíduos que compartilham datas, eventos e acontecimentos. Os sentimentos e lembranças ancorados com coerência e continuidade no conjunto dessas ocorrências, formatam a identidade social do ocupante e, posteriormente, do cidadão. O processo de formação de memórias organizadoras de identidade é um processo onde as memórias têm mais força organizadora quando sustentadas por representações factuais do que pelas representações semânticas. Existem momentos em que o jogo social seletivo das representações, ou seja, as demarcações de eventos e acontecimentos no território, ocorrem com toda sua força. É o caso da vitória judicial da posse, no período de luta pela resistência na posse da terra no território. Ou ainda, da sucessiva derrubada das

cercas na disputa com os proprietários na saga da conquista de todo o território e a estruturação do loteamento.

3 LUTAS SOCIAIS DE ACESSO À MORADIA E CONCEITOS SOCIOLÓGICOS

Neste capítulo, apresenta-se breve contextualização das lutas pelo acesso à moradia no cenário das metrópoles brasileiras e em Canoas. Em seguida, os elementos conceituais no âmbito da teoria sociológica que nos permitem compreender o processo ocupacional da Vila União dos Operários como um movimento social de luta pelo acesso à moradia e às suas condições de habitabilidade. Por fim, breve contextualização do que já foi dito sobre o processo ocupacional da Vila União dos Operários, território onde ocorreram os eventos e acontecimentos que povoam as memórias dos moradores nesta investigação. Estas lutas sociais geraram, entre outros efeitos simbólicos, um sentimento de pertença nos ocupantes como ator social que formatou sua identidade social coletiva que situa o espaço de memória onde vai ocorrer nossa investigação.

3.1 Lutas pelo acesso à Moradia no Brasil e em Canoas

No âmbito das formas de acesso à moradia ao longo do século XX, Gohn (1995) identifica dois períodos distintos: (1) o da formação das vilas e bairros operários por ocasião do processo de urbanização-industrialização com seu auge a partir da década de quarenta; e, (2) o da ocupação de espaços geralmente precários e degradados de imensos contingentes populacionais por ocasião do crescimento urbano acelerado e desordenado da década de setenta, fruto de migrações, apropriação desigual da renda pelo trabalho, desemprego, espoliação urbana e exclusão social.

No primeiro, emerge um movimento social de caráter mais comunitário, com pautas de lutas voltadas ao não cumprimento ou ampliação da infraestrutura urbana local, legitimando lideranças vinculadas a partidos políticos através da lógica da barganha. No segundo, constituem-se movimentos sociais com pautas que vão desde a permanência de habitar o local ocupado até a conquista dos serviços públicos necessários à cidadania, construindo dinâmicas próprias de participação e solução de carências, gerando coletivos de pertencimento e de construção de um ator social coletivo que interage com o poder público, reivindicando pautas voltadas às suas carências coletivas.

Antes de aprofundar e ampliar esta contextualização, é preciso notar que as investigações de Gohn(1991) e de demais autores a seguir referidos, debruçam-se

sobre a realidade da cidade de São Paulo. No entanto, entende-se que seus elementos conceituais servem como balizas de apoio para a compreensão de fenômenos sociais semelhantes em outras cidades metropolitanas, em particular, para a compreensão da especificidade das lutas que se deram na década de oitenta na Vila União dos Operários, em Canoas/RS.

Voltamos à contextualização do primeiro período. Como já foi dito, ocorre no interior do processo de urbanização-industrialização, com a formação dos bairros populares, cortiços de aluguel e vilas operárias. Em São Paulo, a partir dos anos da década de trinta, houve um estímulo dos governos e das elites para que os próprios moradores construíssem suas próprias residências particulares. Nestes bairros de habitações precárias, apesar da segregação entre os mais ou menos abastados, havia um mínimo de dignidade e sentimento de orgulho de morarem no local. Ocorre o chamado bairrismo, “sentimento de orgulho e de exaltação de determinado *lócus* geográfico espacial, que espelhava esta cultura de pertencimento a uma dada região” (GOHN, 2003, p. 136).

O movimento de bairros era dirigido por lideranças ligadas a determinadas partidos políticos, as quais barganhavam melhorias para seus territórios em troca de votos. Com o golpe militar, houve a desestruturação das associações de moradores enquanto participação popular que se articulava na forma de barganha e estas passaram a assumir um viés assistencialista dirigido por “lideranças pelegas, porta vozes da política oficial” (GOHN, 1991, 53).

Em Canoas, foi na década de cinquenta que urbanizadoras particulares organizaram loteamentos em novas vilas, expandindo a área urbana do município. Entre os anos de 1950 a 1960 o crescimento populacional foi de 390% (FEEE, 1981), o maior de toda a história urbana de Canoas. Viegas (2011) constata que os novos loteamentos quando muito, observavam parcialmente exigências mínimas, formatando-se locais de condições habitacionais precárias que acolheram grande leva de (i) migrantes. Esses migrantes originários de inúmeros municípios gaúchos e brasileiros com suas diversas etnias (açorianos, alemães, italianos, poloneses, dentre outros), bem como de nacionalidades estrangeiras no contexto após a segunda guerra mundial (VIEGAS, 2011, pp. 117-129). Esses recém-chegados, aqui construíram territórios de existência. Na visão do gestor público do período, uma cidade que cresceu às avessas (VIEGAS, 2011, p.136).

O prefeito Sezefredo Azambuja Vieira (1956-1959), constata que a expansão urbana de iniciativa dos empreendedores particulares foi muito rápida e “não houve tempo de formar-se um espírito localista. O canoense não conhece a sua terra, dela não tem orgulho e muitas vezes nem sequer a estima” (VIEIRA, 1994, p.33). Viegas (2011), no entanto, ao reconstituir as dinâmicas ocupacionais das vilas e bairros canoenses, formula os conceitos de cidade operária e cidade dormitório.

É importante uma breve contextualização das dinâmicas ocupacionais do território que precederam o movimento a ser estudado, pano de fundo desta investigação. Herdeiros de Saturnino Brito Velho[4], fundaram em 1951 a loteadora São Carlos. A autorização legal definitiva da prefeitura para venda de lotes ocorre a partir de 1954. Nos planos, além de oferecerem possibilidade de lar próprio aos moradores recém-chegantes, estava a construção de um hipódromo (PENNA, Mathias Velho, 2000, pp.21-23).

FF 1 - Propaganda da Vila Mathias Velho

Fonte: Viegas, 2014, pp. 130 e 152. Panfletos de publicidade na venda de lotes na vila Mathias Velho, fazendo referência a aquisição do lar próprio e ao início das obras do Jóquei Clube de Canoas.

[4] Saturnino Brito Velho, nascido em Mostardas em 29 de novembro de 1850, foi tropeiro e Coronel da Guarda Nacional. Em 1882, adquire porção de terras na parte oeste da cidade (atuais bairros São Luís, Mathias Velho e Harmonia) dos herdeiros da *Fazenda Gravataí*, da antiga Sesmaria do tropeiro lagunista e posterior major do Exército Português, Francisco Pinto Bandeira. Este demarca porção de terras ao norte do Rio Gravataí em 1733, obtendo Carta desta Sesmaria em 27 de maio de 1740. Com sua morte, a fazenda foi herdada pelo filho Rafael Pinto Bandeira. Posteriormente, sua filha Rafaela Pinto Bandeira, a *Brigadeira*, herdou a fazenda, casando-se com Vicente Ferrer da Silva Freira, família da qual Saturnino adquiriu as terras. Antes, estas terras eram habitadas pelos índios da nação Tape. Cf. FARIA, Otavio Augusto de. **Dicionário Geográfico Histórico e Estatístico**. 1907, p.8.

O loteamento da Vila São Carlos (1951) em meados da década de setenta passou a denominar-se bairro Mathias Velho (Lei Municipal 1.662/75), compreende a maior parte das terras do quadrante noroeste de Canoas. Interessante notar que as ruas transversais com nomes de cidades gaúchas e de capitais de estados brasileiros demarcam a procedência dos migrantes e revelam o sentimento pela manutenção de guetos de identidade, pelo menos, quanto a sua procedência de origem.

A fundação do "Jóquei Clube de Canoas" ocorreu em 16 de setembro de 1952, reunindo personalidades da elite da região metropolitana de Porto Alegre. As obras de construção iniciaram somente em 1954 e se estenderam por mais de quatro anos (SCHIVITZ, 2003, pp. 72, 78-9). Foi inaugurado em fins de 1958, tendo invejável estrutura de cancha de corrida, restaurante, arquibancada e baias de cavalos, sendo o primeiro Hipódromo gaúcho com iluminação noturna (VIEIRA, 2004, pp.221-222). Passou a realizar corridas em vários dias da semana com ampla divulgação nos jornais da capital e, a partir de 1962, com atividades noturnas às quintas-feiras (MEDEIROS, 20052005, pp. 188-189). Em função dos percalços das enchentes e de dívidas, encerrou suas atividades no final da década de sessenta.

Para oportunizar proximidade residencial aos seus funcionários e para obter dividendos, o Jóquei Clube de Canoas decidiu lotear terrenos junto à área do seu entorno nas Ruas Livramento, Florianópolis e São Sepé, perfazendo 8 hectares. Ao falir, a CEEE herdou a parte não loteada em troca das dívidas e, em um leilão público, três cidadãos arrematataram os 42 hectares, registrando-a no Cartório de Registro de Imóveis em 1973. São eles: Lauro Lindemann, Nelson Covolo e Paulo Neujahr Blauth e suas respectivas esposas. Em 1982, durante o conflito judicial com os posseiros, constituem a urbanizadora Negócios e Empreendimentos Imobiliários - NELPA[5]. É destes proprietários que os posseiros vivenciam o conflito fundiário que resulta na vitória judicial da posse e posterior transferência de propriedade aos moradores posseiros com o processo da Regularização Fundiária.

Importa verificar neste momento que, tanto na investigação de Viegas (2011) em Canoas como nos estudos de Gohn (1991) em São Paulo, as dinâmicas da formação das vilas e bairros situam o acesso à casa própria pela lógica do mercado: aquisição da casa própria pelo trabalhador, locação da habitação pela sua renda ou permanência na habitação como contrapartida à venda de sua força de trabalho.

[5] Matrícula registrada no Cartório de Registro de Imóveis de Canoas, com área de cerca de 43 hectares, inscrita no Livro3-AD, fls.76, n.º49.089.

Enfim, somente acessavam à moradia os que participavam dessa lógica de mercado e em vilas com condições sociais precárias, que possibilitava demandas por um movimento comunitário de barganha e de caráter assistencialista.

Pelo conhecimento do autor, existe uma lacuna de estudos mais aprofundados de participação popular nas décadas de sessenta e setenta em Canoas, particularmente, em relação aos inícios da urbanização da vila Mathias Velho. Possivelmente existiram ações de lideranças comunitárias nos moldes da relação de barganha e assistencial como os apontados nos estudos de Gohn em São Paulo. Das pesquisas e estudos sobre Canoas já referenciados nesta pesquisa, constatamos que todas as ações e demandas dos movimentos comunitários têm sua organização e ação a partir da década de oitenta (BAVARESCO, 1988; FIOROTTI, 1987 e 1995; MACHADO, 2012; PENA, 2000, pp.53-76).

Bem diferente é o segundo período das lutas de acesso à moradia e às condições de habitabilidade no espaço urbano no Brasil. O contexto nacional dos anos setenta foi marcado pelo crescimento econômico acelerado que oportunizou a migração de grande número de pessoas tanto do campo para a cidade, como de cidades pequenas para regiões metropolitanas. O crescimento econômico foi partilhado de forma desigual fruto das transformações no modo de produção capitalista do período que produziu desemprego e precarizou as relações de trabalho. Esta situação também gerou um crescimento urbano desordenado que jogou imensas maiorias de migrantes a morarem em áreas precárias e em condições de habitação desumanas.

Estudos mais amplos deste contexto socioeconômico, como o de Kowarik (1979) situa o processo da espoliação urbana, um processo de amplificação da dilapidação que se realiza no âmbito das relações de trabalho. Para o autor de viés marxista, o processo da espoliação urbana:

> É a somatória de extorsões que se produzem através da inexistência ou precariedade de serviços de consumo coletivo (moradia, saúde, transporte, escolas...) que se apresentam como socialmente necessárias em relação aos níveis de subsistência (KOWARIK, 1979, p.55).

É neste espaço urbano de espoliação que se acrescem imensos contingentes de migrantes. Estudando o contexto do Rio Grande do Sul no período, Brum (1983) constata que a década de setenta conheceu o maior deslocamento migratório do campo para a cidade, fruto de transformações ocorridas na estrutura produtiva primária que inviabilizaram a produção da pequena propriedade, beneficiaram a

modernização e mecanização da produção agrícola, acrescida pela construção das grandes barragens que expulsaram significativo contingente de famílias que viviam em pequenas propriedades e minifúndios.

O espaço urbano se dicotomiza em regiões centrais e periféricas. No espaço das periferias destaca-se a precariedade de acesso aos serviços de consumo coletivos. Nesse quadro, camadas de populações urbanas participam da experiência da "voragem de progresso", ou seja, "uma fascinação pelas novidades e pelas possibilidades de uma vida mais cômoda, como que devorando tradições, formas organizacionais e expectativas" (SADER apud FIOROTTI, 1995, p.20). Sendo assim, as populações no interior do espaço urbano de periferia, ampliada cada vez mais pelos novos contingentes migracionais, convivem atravessadas por vários processos concomitantes da voragem do progresso e à espoliação urbana.

O conjunto dessas transformações socioeconômicas ocorridas no Brasil com os processos tanto das migrações como da espoliação urbana, formaram um contingente de empobrecidos incapaz de acessar a oferta de terrenos e habitações pelo mercado mobiliário. Além disso, não tiveram esta necessidade atendida pela pouca ou quase nenhuma política habitacional pública. A gradativa exclusão deste contingente populacional ao acesso das condições mínimas de trabalho e renda compromete a possibilidade de acesso à moradia pelas locações. Para sobreviverem, passam a povoar fundos de terrenos de amigos, parentes ou conhecidos, bem como, a ocupar barracos de papelão ou madeira, localizados em encostas, zonas íngremes e à beira dos rios, em muitos lugares, as chamadas favelas.

Em Canoas, a formação da favela da República junto à vala da Rua República e a favela do Guabiju, ao longo da Rua José Veríssimo, costeando uma grande plantação de arroz, são as primeiras áreas ocupadas no quadrante oeste do município. A favela do Guabiju tornou-se um amontoado de barracos sem as mínimas condições de habitabilidade. No interior desta realidade desencadeia-se um processo animado por educadores populares ligados à Teologia da Libertação[6], em especial os irmãos Antônio e Matilde Cechin, que a partir de famílias de rezadores e do trabalho com as mulheres (mães) constroem-se atores sociais que organizam o movimento

[6] "A Teologia da Libertação nasce das CEBs [...] é a reflexão da fé dos pobres, dentro de suas lutas por libertação, que produz as bases da Teologia da Libertação [...]. A Teologia da Libertação é um novo modo ou método de ser fazer teologia. Ou um novo olhar sobre as fontes bíblicas da revelação cristã e a tradição da Igreja. Esse modo, esse método e esse olhar têm um centro ou lugar social: os pobres". Cf. BETTO, Frei. **Catecismo Popular**, São Paulo, Ática, 1991, p. 172.

ocupacional da atual vila Santo Operário. Investigações já realizadas pelo presente autor (FIOROTTI, 1987) bem como a pesquisa de Machado (2012) detalham elementos importantes que dinamizaram esta luta pelo acesso à moradia e às condições de habitabilidade tanto da Vila Santo Operário como da Vila União dos Operários, as duas maiores ocupações de áreas particulares ocorridas no início dos anos oitenta em toda a região metropolitana de Porto Alegre. Vamos apresentar a contextualização da Vila União dos Operários no item terceiro deste capítulo.

Esboçado este breve balanço do contexto que diferencia as lutas sociais pelo acesso à moradia a partir da década de oitenta em Canoas, fruto das transformações socioeconômicas que geram migrações e da precarização do trabalho e desemprego que gera a espoliação urbana e exclusão social, vamos apresentar como a teoria sociológica desenvolveu categorias conceituais que compreendem a ação dos atores e dos movimentos sociais neste contexto. Destas, extraímos as que são pertinentes para situar o movimento ocupacional objeto desta investigação.

3.2 Novos marcos teórico-metodológicos para os movimentos sociais

Os movimentos sociais que surgem no cenário da sociedade brasileira no final da década de setenta e início da década de oitenta do século XX, desencadearam uma revisão quanto às teorias e aos paradigmas em sua análise e compreensão. Sherer-Waren e Krischke (1987) apresentam análises de cientistas sociais que, ao identificarem os movimentos sociais produzindo transformações no seu cotidiano e na própria sociedade, também ocasionam transformações nos paradigmas de interpretação das ciências sociais. Laranjeira (1990) organiza uma coletânea com vários trabalhos de cientistas sociais em que discutem as especificidades dos sujeitos históricos das mudanças sociais, situando estes movimentos sociais com um novo sujeito destas transformações. Identificam a insuficiência dos paradigmas vigentes nas Ciências Sociais, em sua grande maioria direcionada à questão das classes sociais, para dar conta da multiplicidade de questões que trazem em suas dinâmicas.

As reflexões dos dois trabalhos supracitados indicam a preocupação e necessidade de reorganizar elementos teóricos no sentido de formatar um itinerário ancorado na especificidade dos movimentos sociais deste período. Identifica-se o grande esforço por parte dos pensadores em buscar novas respostas teóricas para as novas questões suscitadas pelos movimentos e seus atores sociais. O porquê da

emergência deste novo sujeito social e como realizam transformações neste contexto histórico também é alvo destas indagações.

São vários os estudos que se dedicam à compreensão de como ocorre a chamada revolução no cotidiano urbano em que emergem estes movimentos sociais com seus atores coletivos (SADER, 1988; SHERER-WARREN & KRISCKE, 1987 e 1989). As exaustivas investigações de Gohn (1991, 1995, 1997, 2003 e 2005) além de compreender a novidade do processo de construção da cidadania dos brasileiros a partir das lutas coletivas e sua organização nos movimentos sociais, insere uma profunda investigação no campo das lutas pela moradia. Destaca que as ações coletivas de luta popular no Brasil, nos anos das décadas de setenta e oitenta do século XX, tiveram vários impulsos, sendo o principal, a "crença no poder quase que mágico da *participação popular*" (GOHN, 1995, p. 203).

A obra Movimentos Sociais e Luta pela Moradia (GOHN, 1991) traz uma investigação detalhada das formas de manifestação e de organização das principais lutas pela moradia popular entre os anos de 1976 a 1986 na cidade de São Paulo e classifica-os a partir de suas manifestações concretas, de sua práxis. A autora realiza, um mapeamento quanto ao seu modo de organização em cinco formas de luta: (1) pelo acesso à terra e à habitação; (2) pela posse da terra; (3) no âmbito dos processos construtivos; (4) dos inquilinos; e, (5) de proprietários pobres. Por fim, ao realizar uma análise mais detalhada do conjunto do cenário das lutas pela moradia em São Paulo, classifica-as em três grandes campos: (1) pelo acesso à terra, as invasões; (2) pela posse da terra, as favelas; (3) pela construção da moradia popular, os mutirões comunitários.

No mesmo estudo, a autora destaca que as várias lutas não visam apenas o acesso à moradia, mas também às condições de habitabilidade. A luta pelo acesso à moradia é um processo que se desdobra visando à garantia das condições de habitar dignamente. Incorpora-se, portanto, as lutas pela saúde, vestuário, educação, segurança pública, transporte e demais aspectos fundamentais à garantia de condições dignas de cidadania. Daqui que retiro, como veremos posteriormente esboçado, o conceito de luta pelo acesso à moradia e às condições de habitabilidade.

Em outra investigação, Gohn (1995) define a participação popular e suas lutas sociais como a construção da cidadania dos brasileiros e destaca a da moradia como sendo a maior expressão no período: "Dentre todas as lutas populares da década de 80, a da moradia foi a principal e a maior" (GOHN, 1995, p.139). Portanto, existe um

nexo profundo entre a luta coletiva por moradia e condições de habitabilidade com participação social e construção da cidadania. A construção de sujeitos coletivos que organizam lutas como “[...] uma coletividade onde se elabora uma identidade e se organizam práticas através das quais seus membros pretendem defender seus interesses e expressar suas vontades” (SADER, 1988, p.55).

No entanto, é no exaustivo trabalho de Gohn (1997) que se encontra um balanço da discussão geral e uma proposta teórico-metodológica mais consistente dos movimentos sociais. Desta proposta retiro as categorias de análise sociológica deste meu trabalho na compreensão do processo de lutas ao acesso à moradia e às condições de habitabilidade na Vila União dos Operários. A autora apresenta quatro níveis analíticos: a concepção teórica, a metodologia com elementos e categorias de análise, formas coletivas de manifestação e fases de desenvolvimento do movimento.

Enquanto conceito, o movimento social “refere-se à ação dos homens na história” como “formas possíveis de mudança e transformação social” (GOHN, 1997, pp.247-248). O movimento social é a expressão de lutas sociais canalizadas por forças sociais mais amplas que os interesses de determinada classe social, pois articulam realidades e demandas mais amplas. Segundo a autora, “desenvolveu-se a categoria de atores sociais. Esta não se contrapõe à classe social porque o *ator* é uma noção utilizada como categoria de análise, enquanto aquela é um conceito” (GOHN,1997, p. 249). Enfim, formula seu amplo conceito de movimentos sociais:

> Movimentos sociais são ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo político de força social na sociedade civil. As ações se estruturam a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em conflitos, litígios e disputas vivenciados pelo grupo na sociedade. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva para o movimento, a partir dos interesses em comum. Esta identidade é amalgamada pela força do princípio da solidariedade e construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo, em espaços coletivos não institucionalizados. Os movimentos geram uma série de inovações nas esferas pública (estatal e não estatal) e privada [...]. (GOHN, 1997, p. 251-252).

Esse conceito sintetiza a metodologia de análise de Gohn sobre os movimentos sociais, a qual salienta que o movimento social deve ser visto como uma totalidade de dois ângulos básicos – interno e externo – como duas partes conectadas onde um é a face do outro. No interior desta totalidade, desmembra uma série de elementos básicos: “suas demandas e reivindicações e os repertórios de ações coletivas que geram sua composição social, suas articulações” (GOHN, 1997, p.255). A

composição social pode ser vista sob dois ângulos: “da origem social de seus participantes ou do princípio articulatório que os aglutina” (GOHN, 1997, p.256). A origem social pode ser dada pelas classes ou camadas sociais que o originam ou pela sua localização geográfico-espacial: urbana, rural, ambiental, nacional.

Na questão das articulações, identifica o princípio articulatório interno com três elementos, quais sejam, “as bases demandatárias, as lideranças e as assessorias” e “o princípio articulatório externo que resulta das relações entre as diferentes redes de movimentos sociais” (GOHN, 1997, p.257). Destaca que estes atores sociais fundamentais têm relações com uma série de outros atores sociais que podem se solidarizar ou se opor a determinado movimento. Mesmo que haja atores individuais que possam se destacar, “o líder não fala por si próprio, mas o faz em nome do coletivo” (GOHN, 1997, p.252). Portanto, os posseiros da vila União dos Operários, como veremos, vão ao longo do processo ocupacional se constituindo como um ator social coletivo, com suas lideranças e seus assessores de apoio.

Outros elementos importantes para a análise, segundo Gohn (1997, pp. 266-261): a força social, “obtida a partir da análise do cenário do processo político mais amplo em que o movimento se desenrola pela análise de suas redes e articulações, ou seja, de seu princípio articulatório interno e externo”; a ideologia que “corresponde ao conjunto de crenças, valores e ideais que fundamentam suas reivindicações (...) marcos fundamentais para criar a identidade dos movimentos (...) captada por meio da análise dos discursos e mensagens dos líderes e de toda produção material e simbólica dos movimentos”; a cultura política que “se constrói a partir da experiência vivenciada no cotidiano” gerada pelo “conjunto das práticas, informadas pelas ideologias e representações, configuradas pelo projeto do movimento”; a organização sendo formal ou informal, porém “com o tempo a necessidade de formalização se impõe, com o estabelecimento de funções, divisões de tarefas, cargos, tempo de mandato, etc.”; as práticas, que “se compõem de ações diretas e discursos, podendo ser mais ou menos organizadas”, formais ou informais; o projeto que se encontra “sob a forma de uma visão de mundo, entre as assessorias ou as lideranças que dão sentido e direção ao movimento”, portanto vindo de fora do movimento ou construído no processo pelo movimento; a identidade que decorre dos projetos e “se firma no processo interativo, nas articulações”.

Do conjunto destes elementos destaco para a nossa investigação o de força social, com características diferenciadas no período de resistência do período da

construção do loteamento. A autora confere "caráter progressista ou conservador aos movimentos"; o cenário político "em que o movimento se desenvolve por ser ele quem fornece os elementos conjunturais que explicam o processo interativo e a correlação de forças existentes"; os opositores como os "sujeitos que detêm o poder sobre o bem demandado (...) não inimigos, embora, em vários casos, encontramos também a questão da oposição posta como antagonismo, como inimizade política declarada"; e, por fim, as conquistas e derrotas como "balizas importantes para explicar seus fluxos e refluxos" (GOHN, 1997, pp. 262-263).

Estes elementos derivam as principais categorias teórico-analíticas: participação, experiência, direitos, cidadania, exclusão social e identidade coletiva (GOHN, 1997, pp. 264-266). Destas, a de exclusão social e resistência tem origem forjada nas investigações de movimentos de caráter popular latino-americanos. As demais categorias são adaptações e reelaborações a um universo de lutas bastante diferente do universo que lhe deram origem.

Construída na Europa para explicar movimentos das camadas médias (ambientalistas, estudantes, mulheres), a categoria teórica de identidade coletiva é, na América Latina, "utilizada para explicar os movimentos populares, principalmente os articulados pela matriz discursiva da teologia da libertação" (1997, p.266). Trata-se de uma identidade que se firma no processo interativo, "na somatória de práticas a partir de um referencial contido nos projetos" (1997, p. 261). Sendo assim, os eventos e acontecimentos da luta pelo acesso à moradia e às condições de habitabilidade na Vila União dos Operários são geradores de representações de identidade coletiva do posseiro e, como será apresentado ao longo deste trabalho, de lembranças que povoam as memórias de seus moradores no período da investigação.

Gohn faz, ainda um balanço dos movimentos sociais em dois períodos no Brasil: (1) na era da participação, de 1978 a 1989 reforçando a concepção de movimento social e, após os anos de 1990, com o protagonismo das Organizações Não Governamentais (ONGs) no Brasil na era da globalização (GOHN, 1997, pp. 273-325). A autora identifica que o movimento popular pela moradia mantém sua característica tradicional de movimento social, porque o que o articula é o conceito de luta e força social. Constata, no entanto, que "transformou-se bastante em função das novas frentes que o próprio movimento ajudou a construir, como a luta no plano jurídico pela reforma urbana" (1997, p. 320).

Quanto às formas de expressão e manifestação dos movimentos sociais, Gohn agrupa-os contemplando “fatores objetivos da realidade social (carências econômicas, por exemplo) e fatores subjetivos (busca de autoconfiança, de igualdade, etc.) (...) em categorias independentes da contemporaneidade ou não de suas reivindicações e formas de atuação” (GOHN, 1997, p.268). É na categoria de movimentos sociais construídos a partir dos equipamentos coletivos de consumo, no caso ao espaço do terreno, à moradia e às condições de habitação que se enquadra o movimento social desta investigação. Portanto, ao falar de luta pela moradia se entende o todo do processo, para efeitos de análise se subdivide em acesso à moradia, quanto acesso ao terreno e casa e, luta pelas condições de habitabilidade, enquanto o conjunto de serviços públicos básicos de cidadania no espaço urbano.

A presente investigação não pretende utilizar exaustivamente neste caminho investigativo todos os elementos formulados pelo debate recente. No entanto, necessita recolher estes elementos conceituais já apresentados, para compreender o processo de luta pelo acesso à moradia e às condições de habitabilidade na Vila União dos Operários. Vamos a esta contextualização e ao detalhamento deste conceito de movimento social adotado para este processo ocupacional.

3.3 Movimento social pelo acesso à moradia e às condições de habitabilidade na Vila União dos Operários

Aqui será traçada uma breve análise contextual do movimento social de luta pelo acesso à moradia e às condições de habitabilidade, ocorrido entre os anos de 1980 a 2014, na Vila União dos Operários. Em sua primeira fase, interessava ao ocupante encontrar e ter um lugar para morar, um terreno para fugir do aluguel e construir sua própria morada, mesmo em condições precárias. Aquele momento de luta pelo acesso à moradia, caracteriza-se pela chegada de uma centena de famílias no território, mantendo-se ali entre 1980 e fins de 1983. As ações coletivas do movimento social, nessa fase, são de resistência na posse. Ao ser garantida a posse pela via judicial, a força social deste movimento passa a organizar a ocupação de todo o território.

A ocupação planejada do território ocorreu ao largo da ação do poder público. Foi uma ação conjugada da assessoria e das lideranças com a participação ativa da base social, o conjunto dos moradores, enfrentando uma luta social violenta no local e no campo judicial com os proprietários. No interior do processo, já em 1985, surgem

as primeiras pautas do movimento social direcionadas ao poder público pelas inúmeras condições de habitabilidade no território, que se estendem até 2014.

No trabalho de Penna (2000), o autor desta investigação é depoente, situando a fase da resistência com a conquista da posse e a fase da estruturação da vila:

> Fiorotti analisa que o período de maio de 1980 até novembro de 1983 pode ser caracterizado como o *período da resistência*, da construção comunitária e da conquista da posse [...]. De 1984 até 1989 é o período de estruturação da Vila União dos Operários, de acordo com a análise de Ivo, com o processo de ampliação da posse para toda a área. As famílias reunidas na Associação dos Moradores decidiram que iriam partilhar a posse conquistada, com todos os que necessitassem de um terreno para morar. A última cerca montada pelos antigos proprietários foi derrubada no domingo de Ramos, em 1985. A vila organizou-se nos seus oitocentos e trinta e dois lotes e mais várias áreas comunitárias destinadas a horta, praça, sede da associação, campos de futebol e espaços para as igrejas. (PENNA, 2000 pp.56-57).

Foi ao longo da fase da luta pelo acesso à moradia, entre 1980 a 1989, que o movimento social gerou e intensificou o sentimento de pertença ao território. É nesse momento que se forja e consolida a identidade coletiva dos moradores como posseiros ocupantes. As lideranças da AMVUO emergem do conjunto da base demandatária e passam das ações de resistência para ações de protagonismo na ocupação planejada do território. O papel dos assessores tem grande relevância em toda esta fase, como se verá adiante.

Da falência do hipódromo - ocorrida no final da década de sessenta - até o início de 1980, famílias passaram a ocupar a área de forma pacífica, através dos terrenos da parte loteada, com o consentimento dos encarregados dos proprietários. Ocorreu também a concessão do uso da área para pastagem de cavalos, gado leiteiro e a utilização de espaço para campos de futebol.

Após o início da ocupação da Vila Santo Operário, entre o Natal de 1979 e o Ano Novo de 1980, os proprietários passaram uma cerca ao redor da área, tornando cativas cerca de uma centena de famílias, iniciando um processo de desocupação dos moradores no interior da área. Houve confrontos violentos com vítimas dentre os posseiros. Foi assim que no dia 25 de maio de 1980, trinta e dois cidadãos e cidadãs (ANEXO A - Ata de Fundação da AMVUO), orientados pelo advogado Jacques Távora Alfonsín, trazido pelo professor Antônio Cechin (PEREIRA, 2009, p.98), fundam a Associação de Moradores da Vila União dos Operários - AMVUO, com o intuito de organizar a resistência dos ocupantes. Agentes religiosos atuaram como educadores populares: Antônio e Matilde Cechin que estavam atuando na ocupação da Santo Operário e o Frei Sérgio Dalmoro e demais freis e irmãs religiosas da Paróquia São

Pio X. Profissionais liberais, militantes de grupos de direitos humanos, dentre outros, o advogado Jacques Távora Alfonsín prestando assessoria jurídica e o estudante de engenharia Artur (Tuia) que realizou a medição e demarcação do loteamento (FIOROTTI, 1985; BAVARESCO, 1988; MACHADO, 2012). Estes assessores externos tiveram papel de animação e incentivo na organização da Comunidade Eclesial Divino Mestre, a qual serviu de sede para a AMVUO. Ainda mais, de auxílio técnico na estruturação do loteamento (PEREIRA, 2009, pp.96-100).

Os proprietários ao estenderam uma cerca de arame farpado demarcando o território, iniciam um processo frustrado de desocupação dos posseiros. Empreenderam uma judicial de *Reintegração de Posse* (ANEXO B - Inicial do Processo de Reintegração da Posse) e doam parte da área ao governo municipal. Em ambas as ações suas expectativas se frustram. O voto final do relator Juiz Adalberto Libório Barros, datado em 18 de novembro de 1983 formula a tese do estado de necessidade: “Aqui não houve malícia, mas autêntico estado de necessidade. Não houve intuito de prejudicar, mas necessidade de sobrevivência” (ANEXO C - Acórdão n.º 100287119, p.5). Esta tese criou jurisprudência quanto à função social da propriedade privada urbana, sacramentada pela Constituição Federal de 1988, a qual Alfonsin a interpreta como “propriedades de funções sociais” (2013, pp.49-107).

FF 2 – Dr. Jacques

Fonte: Acervo do Autor. Dia da fundação da AMVUO (25/05/80), ao lado da casa do Otacílio.

Em 1981, os proprietários doam à prefeitura de Canoas parte da área onde se situavam as cocheiras dos cavalos do antigo hipódromo. A municipalidade instala no local a escola TiagoDWurth e a creche Vó Sara. Air Bergental, representante dos interesses dos proprietários e legitimado posteriormente como gerente da fictícia loteadora NELPA, se queixa publicamente após a derrota judicial da reintegração de posse, de que esta ação não lhes garantiu a esperada solidariedade das autoridades municipais na retirada dos invasores (ANEXO D - ZH, 15/07/1984, p. 27).

A principal tensão social deste movimento social decorre da disputa entre os posseiros e os proprietários pela permanência ou não na posse do território. A AMVUO registra a ação violenta dos jagunços e a decisão de buscarem proteção junto ao comando da brigada militar (ANEXO E - Livro de Presença, p.24). A decisão judicial coloca que a parte "violenta" é a situação social e a ação deliberada dos proprietários com espancamento dos posseiros e incêndio de casas:

> Posse violenta. Não houve violência, de qualquer espécie, por parte dos posseiros. Estes é que foram vítimas, e não apenas da marginalização que a sociedade lhes impõe, de tal sorte que, para viverem, ou sobreviverem, necessitam ocupar terrenos baldios, alguns encharcados, para construírem suas moradias. Há notícias nos autos de que foram ameaçados, alguns espancados e outro teve sua casa incendiada. (ANEXO C, p.5).

Ainda em dezembro de 1982, o presidente da AMVUO Clésio Aires de Oliveira como presidente da AMVUO articula a fundação da União das Associações de Moradores de Canoas - UAMCA, congregando treze entidades comunitárias. Seu objetivo é reforçar a luta pela permanência nas áreas de ocupação. Em conjunto com o movimento sindical, no enfrentamento da situação de desemprego que se desencadeou a partir de 1983, foi conquistado o programa das Frentes Emergenciais de Trabalho – FETs. Este programa foi gerenciado pelas associações de moradores (UAMCA, 2007, p.4).

As FETs amenizaram a questão da fome com a sacola de alimentos, mas sobretudo, fortaleceram a estruturação do loteamento pelo trabalho comunitário, formadas semanalmente por 40 homens e mulheres. Os homens tinham tarefas voltadas à organização do loteamento: colocar as casas nos lotes, acertar os lotes nas quadras e demarcar as ruas com a feitura de valos, garantindo o desenho formal do loteamento demarcado sob o comando do agrimensor Tuia. Realizavam também mutirões de construção de barracos. Iniciaram a roça, posteriormente horta comunitária. As mulheres reforçaram os mutirões das mães na confecção de

acolchoados e nos fornos comunitários, conforme relato de Edelmiro Pereira e Clésio Oliveira (PENNA, 2000, pp 54-55).

Assim formata-se o desenho urbanístico da Vila União dos Operários, com 832 lotes em 36 quadras, os espaços comunitários e a delimitação da área de cerca de 43 hectares, no interior dos 50 hectares da área original. Quase oito hectares perfazem a área do loteamento que o Jóquei constituiu, provavelmente não apenas como espaço de abrigar os trabalhadores na infraestrutura do espaço, mas também como uma forma de proteção ao espaço interno das carreiras. Este situa-se ao longo das Ruas Livramento, Florianópolis e são Sepé, com terrenos de 40 metros de fundos, o loteamento que o Jóquei Clube criou na década de sessenta, perfazendo 115 lotes. Todos estes lotes estão ocupados, alguns com sentença de propriedade em favor dos posseiros. A Regularização Fundiária conquistada em 2009 pela AMVUO abarca o todo da área de 50 hectares.

Do que foi dito, nota-se que a força social dos ocupantes, que tem sua formalização com a fundação da AMVUO, de fato tem seu início nas ações internas unificadoras na luta pela permanência na posse, reforçadas pelas ações comunitárias de fé e nos mutirões das mães. Quando da vitória judicial da posse, os proprietários voltaram a colocar cercas para impedir o avanço no território. O confronto dos posseiros com os proprietários continuou após a vitória judicial da posse. Este teve momentos de fatalidade, como a morte de um posseiro (ANEXO F – Jornal O Timoneiro, 04/05/84, p.15).

A Romaria da Terra, evento que trouxe a solidariedade de mais de 50 mil gaúchos no dia 6 de março de 1984 (DALLAGNOL, 2001, pp. 28-29), encorajou a derrubada das cercas. Também motivou os posseiros legitimados pela ação judicial a partilharem os terrenos, atendendo a demanda crescente de recém-chegantes. Com o apoio das assessorias e na conquista das FETs pela ação da UAMCA, inicia-se a estruturação do loteamento. Ao longo de 1984 até o domingo de Ramos de 1985 todas as cercas foram derrubadas e todo o território foi ocupado.

A representação visível dos proprietários da área sempre esteve referenciada na pessoa do Air Bergental. Este cumpria a função de gerente da fictícia NELPA – Negócios e Empreendimentos Imobiliários. Após a derrota judicial da reintegração de posse avalia que a decisão dos juízes “[...] abriu um precedente perigoso, pois a partir de agora poderão ocorrer invasões em muitas outras áreas situadas próximas à região urbana e que não estiverem sendo totalmente utilizadas” (ANEXO D - ZH, p.27).

Air cita que houve o agravamento da ocupação após a 7ª Romaria da Terra e queixa-se das autoridades governamentais apesar de ter sido generoso com as mesmas.

> O empresário Air Bergenthal salienta que sua imobiliária doou à prefeitura Municipal de Canoas e à Brigada Militar, gratuitamente, vários prédios dentro da área onde foram feitos creche, colégio, posto de saúde e até um posto de cavalaria, mas reclama que na hora em que necessita de ajuda, ninguém faz nada. [...] “Chegamos a oferecer à prefeitura municipal três hectares para que as 90 famílias não precisassem sair”. (ANEXO D, p.27).

Da oferta de outra área, Bergental passou a articular a implantação de um projeto habitacional através da COHAB do governo estadual, com a contrapartida de 15% do salário mínimo dos posseiros (ANEXO G – Jornal O Timoneiro, 14/9/84, p. 11). Aceitar significava um recuo na vitória judicial da posse e um enorme risco para o grande contingente de desempregados. A rejeição dessa ação foi, portanto, mais uma vitória da força social ocupante neste período.

FF 3 – Assembleia da AMVUO

Fonte: Acervo do autor. Assembleia que rejeitou o projeto João de Barro (fevereiro de 1985).

No primeiro processo eleitoral após um longo período de gestores nomeados pela ditadura militar, a AMVUO realiza um debate público com os candidatos exigindo o compromisso por escrito com o reconhecimento sem reserva da posse e mais seis pautas relativas às condições de habitabilidade: saúde, educação, trabalho, infraestrutura urbana, segurança pública e lazer. Obtiveram adesão parcial das candidaturas presentes (ANEXO H - Compromisso Público).

O período do prefeito eleito Carlos Giacomazzi (1986-1988) coincide com a ação da AMVUO voltada para a ampliação das condições de habitabilidade. As lideranças da AMVUO interagem com o poder público em suas várias esferas e competências dependendo da demanda a ser conquistada. Nesse processo, o conjunto dos moradores (base demandatária) são convocados pela AMVUO para as ações coletivas de mobilização, desde a participação em abaixo-assinados, formação de comissões de negociação e pelas mobilizações nos processos públicos de participação popular, tais como, o Orçamento Solidário e o Orçamento Participativo.

Quais as principais lutas pelas condições de habitabilidade? Estas iniciam com a luta pela água e pela energia elétrica residencial, avança para a iluminação pública, a coleta do lixo domiciliar, a canalização pluvial e do esgoto, as melhorias nas vias públicas, o código de endereçamento postal, o posto de saúde, culminando com o asfaltamento das ruas e a regularização fundiária com a escrituração dos lotes. Neste processo passa das pautas de organização específicas do território e suas carências para pautas que são carências comuns de outros territórios no espaço urbano. A dimensão coletiva não se restringe ao território, mas espaço urbano canoense. Mais ainda, o contexto do processo da Constituinte, na qual a AMVUO é protagonista de uma Proposta de Emenda Constitucional do Uso do solo Urbano (ANEXO I - Proposta de Emenda Constitucional do Uso do Solo Urbano). Amplia-se o campo de ação dos moradores, da força local para uma dimensão do conjunto do espaço urbano nacional, inseridos nas lutas de cidadania.

A força dirigente da AMVUO no período inicial da estruturação do loteamento confundiu-se com a ação das FETs. Uma vez esgotada esta ação, com a eleição do prefeito Giacomazzi e o fim das FETS, a AMVUO legitima a ação dos Coordenadores de Quadra e cria os mandamentos do morador como regras de observância interna. Encerra-se também neste ano a condução do Clésio na presidência da AMVUO e é eleita uma mulher para a presidência, mostrando a força social feminina nas lutas comunitárias: Marilene Michel. A Ata desta eleição faz um balanço da conquista da

rede de água e da energia elétrica, bem como apresenta um programa de 10 pontos pela continuidade das lutas, dirigida pela executiva de nove dirigentes e respaldada pelos demais 42 coordenadores de quadra:

> Continuar a luta pela arrumação das ruas; trazer o prefeito para a vila; luta pela entrada do carteiro; luta pelo orelhão (telefone); luta pela iluminação pública; luta pela ampliação do colégio e da creche; luta pela abertura da Campinas, até a São Sepé e até a Livramento; luta pela construção da sede; encaminhar o registro dos novos estatutos; e, como principal, continuar a sustentar a decisão de manter a posse coletiva do solo, pela associação. (ANEXO J - Ata da AMVUO, 07/06/1987).

Dois meses após, realiza-se um balanço dos avanços das negociações das comissões quanto à CEEE (rede elétrica) e à CORSAN (rede de água). Nesta ata são votadas e aprovadas um conjunto de oito regras a serem observadas pelos moradores, com a presença do Dr. Jacques que as considerou válidas. Estas regras passaram a ser divulgadas como Mandamentos do Morador (ANEXO K - Ata da AMVUO, 24/08/86). Também nesta ata, o ex-presidente Clésio formaliza seu afastamento do cotidiano das lutas da vila até 16/11/1986, período em que se dedicará à sua campanha como deputado federal constituinte pelo PCdoB. Em função de enfrentar mais ações judiciais impetradas pela NELPA (ANEXO L - Reivindicatória de Domínio), a AMVUO inclui em seus estatutos a função de representação coletiva dos associados (ANEXO M - Ata da AMVUO, 23/10/88), onde cada associado reconhecia que sua posse fazia parte de uma posse coletiva da AMVUO (ANEXO N - Reconhecimento de Posse Coletiva).

A partir de 1994, a AMVUO passa a mobilizar e comunicar-se com os moradores através de Boletins e de panfletos. Nesses documentos, é possível acompanhar tanto as novas lutas pela ampliação das condições e habitabilidade, como a preocupação de realizar celebrações comemorativas de datas e homenagens. Lideranças internas que tiveram papel de destaque, assessores e gestores públicos que foram parceiros tanto na resistência na posse como na estruturação do loteamento são lembrados e homenageados como parceiros (ANEXO O - Boletins da AMVUO).

É na compreensão dos aspectos constitutivos das lutas pela moradia e por condições de habitabilidade na Vila União dos Operários que esta pesquisa se interessa. Busca-se destacar eventos e acontecimentos marcantes do processo a partir das lembranças daqueles que o protagonizaram ou que habitam a vila. Tais acontecimentos são marcantes compreendidos em articulação com dinâmicas de desenraizamento e pertencimento a um território, de aquisição de um lar pela

ocupação e de um terreno para morar, de organização coletiva visando o acesso às condições de habitabilidade pela participação popular e pelo exercício civil da cidadania (FIOROTTI, 1995).

Quarenta e dois por cento das pessoas que habitam a Vila União dos Operários atualmente chegaram após os fatos. Isso é revelador da crescente substituição de moradores ocupantes por moradores que adquiriram monetariamente a posse do terreno e sua habitação. Como será o ponto de vista dessas pessoas sobre o movimento ocupacional? Como ele dialoga com o dos protagonistas? Eis algumas das indagações que mobilizam este pesquisador.

Tudo leva a crer que o conjunto das ações e transformações na Vila união dos Operários e a força social dos ocupantes geraram relações de pertencimento e forjaram uma identidade coletiva, a qual tem seu momento forte no período da estruturação da ocupação no território e o processo das lutas pelas condições de habitabilidade. As lembranças que povoam as memórias dos moradores estão ancoradas nestes eventos e acontecimentos e, por extensão, relacionam-se com essa identidade coletiva. Os capítulos seguintes dão conta dessa hipótese, articulando pesquisa documental, depoimentos em grupos focais e análise pautada pelo campo interdisciplinar de estudos da memória social e da sociologia dos movimentos sociais.

4 O ITINERÁRIO DESTA INVESTIGAÇÃO

Organizar o itinerário de uma investigação é reconhecer que “o pesquisador sabe prever, reconhecer e resolver os principais obstáculos que podem surgir durante sua pesquisa” (LÉTOURNEAU, 2011, p.262). Portanto, o caminho da pesquisa é muito mais do que definir um norte e começar a andar. A caminhada investigativa necessita de uma rota prévia com parâmetros que possibilitem clareza, sinalizações e segurança, sem nos esquecermos da capacidade criativa do pesquisador no caminhar, sobretudo, em superar os obstáculos não previstos.

O parâmetro da rota adotada nesta pesquisa situa-se no escopo da pesquisa qualitativa. Apesar das insatisfações, incompletudes e imperfeições na sua aplicação, as abordagens qualitativas desenvolveram instrumentos e teorias capazes de abordar, segundo Minayo, “o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nas representações sociais, nos símbolos e significados” (2012, p.14). Aliás, como destaca a autora, a diferença entre a pesquisa quantitativa e qualitativa é de natureza e não de hierarquia, havendo entre as mesmas uma oposição complementar que “quando trabalhada teórica e praticamente, produz riqueza de informações, aprofundamento e maior fidedignidade interpretativa” (2012, p.22).

Na formulação de Létourneau (2011), a metodologia é abordada como estratégia de investigação, onde o pesquisador apresenta os meios utilizados que permitem investigar a hipótese da pesquisa e o avanço dos debates em seu campo específico, além de prevenir-se de problemas próprios ao assunto. No entanto, nos estudos organizados por Minayo, a metodologia deve indicar “as conexões e a leitura operacional que o pesquisador fez do quadro teórico e de seus objetivos”, informando em que tipologia se apresenta, contemplando a “fase da exploração de campo”, as “etapas do trabalho de campo” e os “procedimentos de análise”, além da descrição formal “dos métodos e técnicas utilizadas na investigação” (2012, p.46-48).

As categorias teóricas foram tratadas nos capítulos anteriores. Agora será esboçado o caminho de investigação tanto na fase de exploração e trabalho de campo, como nos procedimentos da técnica utilizada e da análise a ser realizada, para dar conta de como serão recolhidos e analisados os dados, tanto das fontes documentais como das narrativas dos moradores. Ou seja, os meios para dar conta dos objetivos e responder às questões norteadoras. Antes se faz necessário tratar de questões que relacionam o autor com o objeto a ser pesquisado.

4.1 O pesquisador e o objeto da pesquisa: esclarecimentos

A opção pelos procedimentos metodológicos desta investigação deriva, antes de tudo, do envolvimento do pesquisador com o tema da pesquisa. Um envolvimento de ordem militante e profissional, cujas parcerias com estudantes, pesquisadores, amigos e moradores da vila levaram ao registro das memórias vivas deste processo de ocupação. O autor optou por investigar não as suas próprias lembranças, mas a dos moradores da vila, embora tenha sido educador e militante e, hoje, ainda seja, militante e morador. Como garantir fidelidade aos dados colhidos e recolhidos dos moradores? Trata-se de esclarecer como o autor procederá para ser ético e responsável com as memórias decorrentes das narrativas dos moradores. O objetivo é compreender quais eventos e acontecimentos estão ancorados nas memórias dos moradores, quais memórias vivas povoam suas narrativas e como se realiza este trabalho de memória.

No processo tanto da construção dos elementos conceituais da sociologia e da memória social como de formatar o itinerário investigativo o autor admite que foram informados pela sua vivência pessoal e social. Entende que não poderia ter sido diferente quando o objeto de investigação também tem correlação com sua história de vida. Neste sentido, este pesquisador situa-se entre aqueles que consideram ser impossível considerar *tábula rasa* o passado do pesquisador no momento em que realiza um trabalho de investigação. Sendo assim, o que se pretende aqui é deixar esclarecidos os procedimentos adotados na investigação, tanto pela opção da técnica dos *grupos focais* na produção das narrativas dos moradores como dados primários a serem analisados em confronto com os dados secundários fornecidos pelos próprios atores sociais deste movimento social em suas fontes documentais primárias. Antes, vamos ampliar esta escolha do autor com reflexões no campo da orientação e análise de metodologias de pesquisa.

Ao analisar a multiplicidade de metodologias e técnicas nos mais variados campos de pesquisa, em particular no campo das ciências sociais, uma série de procedimentos e recomendações são sugeridos ao pesquisador em relação ao objeto de pesquisa. O projeto de pesquisa, em sua fase exploratória, é para o pesquisador tanto um exercício científico rigoroso como um artesanato intelectual criativo (MINAYO, 2012, pp. 31-60). A utilização objetiva de técnicas, a busca da precisão dos conceitos e a formulação de hipóteses e objetivos a serem comprovados, elementos

característicos do rigor científico, sempre contêm um ingrediente de criatividade dado pelo pesquisador. Esta autora, citando Wright Mills (1972, apud MINAYO, 2012, p.32), define o pesquisador também como um artesão intelectual porque não dissocia seu trabalho de sua vida, e neste processo readéqua ferramentas e inventa caminhos para a sua investigação.

Ao tratar de circunscrever sobre o assunto de sua pesquisa, Létourneau fala das reflexões pessoais prévias sobre o tema geral que “exprimem a subjetividade do pesquisador. Esta é inerente a todo o trabalho intelectual” (2011, p. 148). O autor define esta ação como intuições, concepções e ideias que decorrem de aspectos da vida do pesquisador:

> Ás vezes decorrem do itinerário intelectual do pesquisador (assunto sobre o qual ele escreveu até o momento), de seu centro de interesse, de suas dúvidas existenciais, de suas posições políticas, dos avanços do conhecimento sobre o tema, da influência que sobre ele exercem outros pesquisadores [...] trata-se de um raciocínio inacabado e aberto [...] à medida que esse raciocínio é validado e fecundado por um conjunto de informações de diferentes naturezas (empíricas, teóricas, metodológicas) é que ele pode começar a se tornar operacional. (LÉTOURNEAU, 2011, p. 249).

Existe um papel positivo e inequívoco dos interesses e vivências do pesquisador com o objeto de sua investigação tanto no processo prévio que vai informar a formatação do projeto como em seu momento criativo de construção. Portanto, pode ser positiva e enriquecedora a vivência prévia de um autor com sua própria investigação, desde que se construa objetivamente o projeto de pesquisa com seu problema, objetivos, marco teórico, metodologia e técnicas de investigação.

A subjetividade e a ação objetiva do pesquisador ocorrem também no momento da realização do trabalho de campo. Minayo define o momento do trabalho de campo como um momento de observação, interação e descoberta: “além de ser uma etapa importantíssima da pesquisa, é o contraponto dialético da teoria social” (2012, p. 76). Para tanto, as falas dos moradores são estudadas através de um trabalho investigativo relacional de constituição de grupos focais. Isso vai ao encontro do caráter essencial das interações entre o pesquisador e os entrevistados, como destaca Minayo.

> No caso da pesquisa qualitativa, ao contrário do que muitos podem pensar, é fundamental o envolvimento do entrevistado com o entrevistador. Em lugar dessa atitude se constituir numa falha ou num risco comprometedor da objetividade, ela é condição de aprofundamento da investigação. (2012, p.67-68).

Assim, a relação de militância deste pesquisador com o seu objeto e a sua convivência com os moradores entrevistados tem um caráter positivo destacado na literatura que orienta os trabalhos de pesquisa social e que irá contribuir enormemente com a investigação. Desde que, em seu trabalho de investigação, se atente o máximo possível aos objetivos propostos, ao itinerário objetivo na busca das informações nas fontes documentais e na obtenção e análise das falas decorrentes dos grupos focais. Isto porque o autor é dos que acreditam, como afirma Minayo (2012, p.63), que não existe neutralidade em pesquisa social no processo de interação pesquisador/entrevistado.

4.2 As fontes documentais

Em seu acervo pessoal, o autor desta pesquisa dispõe de um conjunto de documentos em relação ao tema, denominados por Fernandes e Gomes como "[...] documentos de 'primeira mão', pois não receberam ainda nenhum tratamento analítico" (2003, p.16). São boletins informativos da AMVUO, cabeçalhos de abaixo-assinados, fichários de moradores, notícias em jornais, acórdãos da justiça, mapas e livros com registro de presenças, dentre outros. Além desta documentação de primeira mão, existem textos publicados em revistas de assessores, documentos produzidos por pesquisadores universitários (monografias e publicações) e pelo poder público municipal (relatos oficiais, leis e discursos oficiais).

Létourneau (2011), traz algumas orientações interessantes relativas à utilização de fontes documentais. Ressalvadas as suas particularidades de cada fonte, persegue basicamente quatro momentos ou etapas: (1) operação prévia em que se verificam as peculiaridades da fonte, a autenticidade do documento, que informações e significados são veiculados em sua forma comunicativa própria; (2) a contextualização do documento, tanto em referência ao contexto histórico em que se origina e as informações que veicula, bem como em referência às indagações intelectuais do pesquisador em relação a esta fonte; (3) análise propriamente dita da fonte onde se articulam e estruturam esquemas de análise dos significados, comparações de dados, objetivação de período e apropriações de temas, eventos e acontecimentos com significado e utilidade em relação ao objeto da pesquisa; (4) Uma avaliação consistente da utilização ou não das informações na pesquisa. Esta pesquisa irá

observar o conjunto desses elementos na análise e interpretação das fontes documentais enumeradas acima.

O autor da presente pesquisa situa quatro momentos específicos em que estas fontes foram acessadas e auxiliaram tanto na construção do marco teórico como no desenrolar desta investigação: (1) por ocasião de dar conta aos trabalhos exigidos pelas disciplinas do mestrado; (2) para a constituição dos Grupos Focais; (3) para a construção da Exposição Visual; e, (3) para dirimir dúvidas na análise das falas dos grupos focais.

Foram construídos trabalhos em três disciplinas: (a) O artigo científico na disciplina de *Memória Social*, no qual houve a primeira experiência de identificar que o processo de ocupação do loteamento, a nominação das ruas e a tensão ocupante/invasor podem-se sustentar em conceitos de memória coletiva, enquadramento da memória e identidade social; (b) A construção do instrumento de Avaliação e diagnóstico do Ponto de Cultura da HOCOUNO, na disciplina *Espaço de Cultura e de Memória* que permitiu aprofundar seu papel de realização do trabalho de memória na comunidade; (c) A elaboração do Projeto de Pesquisa em que se identificou o contexto e eventos de dois períodos específicos - resistência na posse da terra e ocupação organizada do loteamento - e se construiu a hipótese de compreender como os mesmos ancoram as memórias da luta pelo acesso à moradia e às condições de habitabilidade dos moradores em 2014.

4.3 Rodas de Conversa na técnica de grupos focais

O grupo focal é uma técnica cada vez mais utilizada na pesquisa qualitativa, ao lado das entrevistas individuais em suas várias formas: histórias de vida, entrevistas abertas ou semiestruturadas e observação participante (MINAYO, 1993, p.68-69). Esta autora define os grupos focais constituídos com seis a doze interlocutores, em que um animador conduz a conversa focado em determinado tema, promove a participação de todos, inibe os monopolizadores e aprofunda a discussão. Observa a autora que estes grupos têm a qualidade de permitir a formação de consensos sobre determinado assunto e cristalizar opiniões díspares, o que não é possível nas entrevistas individuais que costumam ocorrer de forma solitária.

Embora seja recente a utilização da pesquisa focal nas pesquisas em Ciências Sociais, Barbour (2009), Markova (2005) e Gui (2003) destacam sua aplicação nos

períodos da Segunda Guerra Mundial e imediatamente posteriores. Foram utilizados na investigação quanto a emissão de mensagens, marketing e relações públicas, bem como em outras aplicações contraditórias como na pesquisa e desenvolvimento organizacionais, desenvolvimento comunitário e em serviços de saúde. Markova destaca que o potencial do grupo focal está no fato de ser um "método de pesquisa baseada na comunicação" (2005, p.221).

Refletindo sobre o debate da pertinência e sua forma adequada para determinada investigação, Barbour conclui que não existe um jeito certo ou errado de se fazer pesquisa com grupos focais. No entanto, indica que:

> O pesquisador é livre para adaptar, tomar emprestado e combinar quaisquer abordagens que deseje, e o desenvolvimento de híbridos é inteiramente aceitável – desde que a abordagem possa ser justificada no contexto específico do estudo. (BABOUR, 1991, p.31).

Barbour desenvolve o argumento de que os grupos focais, salvo todos os seus riscos e limites, se encaixam no paradigma geral da pesquisa qualitativa. Podem transcender seu potencial de fornecer dados, ou seja, a de construir a explicação para estes dados, ou pelo menos, indicativos e pistas de explicação dos dados.

Aplicando esta técnica em uma empresa para colher opiniões e representações dominantes entre os trabalhadores, Gui destaca que "no grupo focal, não se busca o consenso e sim a pluralidade de ideias [...] descrever representações sociais cuja natureza cambiante exige instrumento que favoreça a observação de processos construtivos de sentido" (2003, p.138). Sendo assim, nesta investigação, busca-se na pluralidade das ideias colhidas nas falas dos entrevistados o confronto das lembranças e, por extensão, a disputa de memórias.

Markova (2005) denomina os grupos focais como uma "sociedade pensante em miniatura". Para tanto, utiliza uma máxima de Moscovici que afirma que pensamos pela boca, ou seja, que é pela comunicação que expressamos nossas representações, ideologias, pensamentos e opiniões. Propõe quatro princípios de orientação metodológica para a investigação social e a utilização dos grupos focais: (1) As conversas nos fornecem a chave para os dados desejados, pois a palavra nunca é neutra. Através da comunicação podemos compreender o porquê das paixões, o que preocupa as pessoas, como estas expressam suas preocupações; (2) Desta comunicação aprendemos como as pessoas classificam e nomeiam os fenômenos sociais, como os interpretam, reconstroem, mudam os sentidos e criam novos significados; (3) Crise e tensões políticas e econômicas, principalmente,

oportunizam que as pessoas expressem suas ideias e pensamentos com maior intensidade pela palavra; (4) Existe legitimidade em todas as representações sociais, tanto de caráter amador ou mais elaboradas cientificamente.

Destas breves reflexões, percebe-se a construção de múltiplos enfoques na literatura tanto na forma em serem constituídos os grupos focais como na sua aplicação em pesquisa social. Existe um reconhecimento de que a utilização desta técnica tem seus procedimentos relacionados com os objetivos da pesquisa. As duas aplicações seguintes desta técnica, com variações segundo seu propósito, corroboram ainda mais esta perspectiva. Follmann e Pinheiro, a partir de oficinas e estudos realizados no Grupo Cidadania e Cultura Religiosa Afrodescendente na UNISINOS, voltados a compreender a identidade afrodescendente, como processo de criação e recriação, falam de hermenêutica coletiva focal. Desenvolvem este procedimento metodológico da hermenêutica coletiva focal:

> [...] procura dar conta desta transposição metodológica, destacando os sujeitos dentro de uma dinâmica de partilha e depoimentos pessoais e coletivos, com vistas a uma compreensão mais contextualizada e um envolvimento pessoal engajado, dentro de uma perspectiva que valoriza a produção do conhecimento de forma transdisciplinar. (2011, p.142).

As diferentes constituições e utilizações dos grupos focais e suas variações, sempre visando a adequação aos objetivos ou ao objeto da investigação, também é colocada como a lei de ouro por Bosi, já informada aqui a respeito das pesquisas em memória social. E ela conclui: “Não conheço outra” (2013, p.55).

Levando em conta as múltiplas formas de constituição dos procedimentos metodológicos com a técnica de grupo focal, segundo seus objetivos ou seu objeto de pesquisa, o autor adotou para a presente investigação a técnica do grupo focal com procedimentos parecidos aos de uma Roda de Conversa. A Roda de Conversa caracteriza-se como uma conversa livre de sujeitos a partir de um ou mais temas. Nesta investigação, pretendeu colher falas produzidas pelos moradores de eventos e acontecimentos presentes nas fontes documentais acerca do movimento social de luta pelo acesso à moradia e às condições de habitabilidade da vila União dos Operários entre 1980 a 2014. E na sequência, compreender quais destes permanecem vivos em suas lembranças e como estão ancorados nas memórias dos moradores.

O grupo focal como “sociedade pensante em miniatura” adéqua-se ao movimento social investigado. É tomado na perspectiva de colher as narrativas sobre eventos e acontecimentos. O objetivo não foi o de reconstituir o movimento social em

que os moradores foram atores, nem tampouco identificar no seu desenrolar a construção de consensos e dissensos sobre os mesmos. Pretendeu-se colher falas de lembranças que povoam suas memórias. Para tanto, eventos e acontecimentos presentes nas fontes documentais, tais como, a organização da Associação de Moradores, a ação dos jagunços e dos policiais, o toque do sino, a vitória judicial da posse da terra, as lutas pela água e pela energia elétrica e a organização da horta comunitária, dentre outros, instigaram a produção das narrativas. Fotos e documentos destes eventos foram disponibilizados antes de iniciar as conversas nos grupos focais. (Ver ANEXOS de A até P).

A escolha dos moradores também foi informada nesta perspectiva do grupo focal como uma porção em miniatura do conjunto dos moradores residentes na vila em 2014. Para dar conta dos problemas desta pesquisa, constituiu-se três grupos focais diversos, observando tanto a questão da periodização do movimento social como a diversidade de funções de seus atores sociais. O primeiro, com moradores que foram atores sociais no período da resistência; o segundo, com moradoras que foram atores sociais na fase inicial da expansão da ocupação e nas primeiras lutas pelas condições de habitabilidade; o terceiro, com moradores que chegaram a partir da década de noventa ou nasceram na comunidade, sendo atores sociais com funções nas lutas pela ampliação das condições de habitabilidade.

Estes os três grupos focais constituídos com seus participantes e idade:

a) O GF1 com oito moradores na fase da resistência à posse, sendo: quatro participantes arrolados no processo que garantiu a vitória judicial da posse da terra: Juvila Cassol Lopes, 68 anos (Juvila), Judite de Oliveira Azevedo, 65 anos (Judite), Eva de Oliveira, 62 anos (Eva) e Adegildo de Oliveira, 64 anos (Adegildo) e quatro com registro no Livro de Presenças da AMVUO (1981 a 1983): Dejair Gonçalves, 57 anos (Dejair), Maria Gessi Lopes da Silva, 67 anos (Gessi) Maria Adélia Rosa da Silva, 67 anos (Adélia) e Jandira Alves, 71 anos (Jandira). Esta sessão ocorreu no dia 01/07/2014, no Ponto de Cultura da HOCOUNO. As falas foram editadas e têm duração de 1h2min18seg, posteriormente transcritas (ver APÊNDICE B).
b) O GF2 com sete moradores de destacada atuação na fase inicial da expansão da ocupação e primeiras lutas pelas condições e habitabilidade, a partir de 1984: Edelmiro Aires Pereira, 72 anos (Edelmiro) coordenou demarcação dos terrenos e quadras e horta comunitária; a Irmã Iracema Carissimi, 76 anos

(Iracema), educadora popular e agente de pastoral. Residiu na vila de 1984 a 1990 e retornou a residir em 2014; O casal José Antônio Conceição, 56 anos (Juca) e a Lair Silva Conceição, 56 anos (Lair) casal que morava isolado e se juntou ao núcleo orgânico no avanço da ocupação. Juca coordenou as Frentes de Trabalho; Nildo Natal Borba Rosa, 56 anos (Natal) coordenador das Frentes de Trabalho, diretoria da AMVUO, participa da Igreja Evangélica Rio de Deus; Aluízio Michel, 75 anos (Aluízio), membro da diretoria da AMVUO e Coordenador de Quadra; Lucy Dalva Lopes de Oliveira, 61 anos (Lucy) zeladora, mãe crecheira e coordenadora da HOCOUNO. Animadora da CEBs N. Senhora dos Romeiros. Esta sessão ocorreu no dia 28/08/2014, no Ponto de Cultura da HOCOUNO. As falas foram editadas e têm duração de 1h32min53seg, posteriormente transcritas (ver APÊNDICE C).

c) O GF3 com sete moradores de ativa participação na fase final das lutas pelas condições de habitabilidade, as quais nasceram no local ou chegaram após o ano de 1990*,* sendo: Jair Silveira, 48 anos (Jair), cadeirante/militante da pessoa com deficiência, da diretoria da AMVUO; Ivonete Maria de Almeida Fiorotti, 57 anos (Diva), da diretoria da HOCOUNO e animadora da CEBs N. Senhora dos Romeiros; João Delci Teixeira, 54 anos (João), da diretoria da AMVUO e presbítero da Igreja Evangélica Assembleia de Deus; Luciane Mazurik Dorneles, 45 anos (Luciane), participante do Ponto de Cultura da HOCOUNO; Paula Regina Pereira Machado, 47 anos (Paula) líder da Pastoral da Criança na CEBs N. Senhora dos Romeiros e nos projetos da HOCOUNO; Roseline do Santos Severo, 23 anos (Roseline) esteve presente nos projetos de educação profissionalizante e na Creche Comunitária; Saulo Belleboni, 21 anos (Saulo) frequenta a CEBs N. Senhora dos Romeiros e ações da AMVUO e HOCOUNO. Esta sessão ocorreu no dia 10/01//2015, no Ponto de Cultura da HOCOUNO. As falas foram editadas e têm duração de 1h06min15seg, posteriormente transcritas (ver APÊNDICE D).

Por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver APÊNDICE D), todos consentiram a divulgação de seus nomes e falas. As sessões foram coordenadas pelo autor da pesquisa e gravadas em vídeo. Para a gravação, edição e transcrição, o autor contou com a colaboração de seu filho Ivan Fiorotti. O registro

transcrito das falas inclui referência cronometrada (minuto e segundo, incluindo hora quando necessário), facilitando o acesso ao arquivo de áudio e vídeo.

Por fim, a organização da Exposição Visual e a Análise das Falas exigiram paciente escolha no conjunto das fontes documentais. A primeira, para dar conta do conteúdo dos 10 banners correlacionados com as falas. A segunda, em decorrência dos eventos e acontecimentos destacados nas narrativas que se constituem como âncoras de memória agregados nos núcleos de sentido.

A gravação em vídeo e a degravação das falas dos grupos focais foram doadas pelo autor desta pesquisa para o Ponto de Cultura da HOCOUNO, para o Museu e Arquivo Histórico La Salle e para o Arquivo Histórico Municipal de Canoas.

4.4 Análise e interpretação dos conteúdos das narrativas dos grupos focais

As informações coletadas nas narrativas são o conteúdo ordenado e organizado para a análise temática e interpretação dos núcleos de sentido à luz dos elementos da memória social, tendo em vista dar respostas ao problema com sua questão norteadora e aos objetivos da pesquisa, permitindo a elaboração de um relato qualificado da memória social dos moradores. As análises são de caráter descritivo, em relação aos eventos e acontecimentos; e explicativo, referindo-se às âncoras de memória, às relações com a identidade do grupo e, sobretudo, aos denominados núcleos de sentido que conjugam as dinâmicas do movimento social articuladas com as representações nas falas dos moradores portadoras de suas memórias.

A análise temática dos registros e de seu contexto, a partir das falas produzidas pelos grupos focais, segue os procedimentos metodológicos na análise de conteúdo das pesquisas qualitativas, tendo como elementos: “categorização, inferência, descrição e interpretação” (MINAYO, 1993, p. 87).

O conteúdo temático foi ordenado tomando do conjunto das recordações das falas dos moradores os diferentes eventos e acontecimentos ocorridos ao longo de 1980 a 1984 como tipos de categorização. Assim, segue tanto o princípio classificatório da homogeneidade dos eventos como seus demais tópicos em serem categorias exaustivas, exclusivas, concretas e adequadas. A recordação do toque do sino, por exemplo, quer seja na fase da resistência, na fase da expansão da ocupação ou para uma celebração é a evocação de uma ação social de convocação (o que? = ato social de convocar) e tem seu componente de homogeneidade enquanto classifica

a ação social de recordar. No entanto, este ato convocatório tem uma relação com os atores a serem convocados (quem? = todos os ocupantes, os católicos) e com que finalidade (para que? = constituir força de resistência, chamar para o mutirão, convidar à oração). Sendo assim, para fins de ordenamento em categorias de análise, os eventos e acontecimentos são agrupados no conteúdo das falas já com esta perspectiva contextualizada.

Avançando, o passo seguinte foi realizar a identificação do chamado núcleo de sentido, momento das inferências e da interpretação. Os núcleos de sentido foram fundamentais no trabalho de interpretação, considerando-se as ancoragens das memórias relacionada com facetas do movimento social de luta pelo acesso à moradia e as condições de habitabilidade. Levando em conta que a memória social se ancora em eventos e acontecimentos, trata-se de uma temporalidade de longa duração, constituindo-se tanto pelo produto de um conjunto repetitivo de atos e ações em quanto pela vivência comum de sentimentos. Sendo assim, o procedimento da inferência auxiliou na compreensão dos eventos e acontecimentos em sua função social concreta e em seu contexto mais amplo, ou seja, inseridos em determinado momento do movimento social de luta pelo acesso à moradia e às condições da habitabilidade.

5 DA LUTA INDIVIDUAL AO HABITAR COLETIVO

Os eventos e acontecimentos, que em nível das lembranças nas falas dos moradores ancoram uma memória forte e organizadora do movimento social de luta pelo acesso à moradia, neste capítulo, serão nucleados na surpresa da vitória judicial da posse, na saga da conquista da terra e nas ações que iniciam o processo do habitar coletivo.

5.1 A surpresa da vitória judicial da posse e a Romaria da Terra

Uma memória forte de um acontecimento que trouxe grande surpresa e alívio foi o ato de recordar a audiência da vitória judicial da posse. Ocorreu junto ao 1º Grupo de Câmara Cíveis do Tribunal de Alçada do Poder Judiciário do Rio Grande do Sul, em 18/11/1983. Na ocasião, os juízes julgaram a permanência dos posseiros em suas moradias no território da vila União dos Operários. Foi Juvila quem rememorou o sentimento de todos no momento em que o juiz proferiu a sentença. Primeiro, o sentimento antecipado de derrota: “É hoje que nós perdemos”! Em seguida, a surpresa quando o juiz declara: “Está chegando o Natal, como é que a gente vai botar essas pessoas para a rua? Eu dou meu voto a favor”. Juvila continua narrando: “[...] aí ele ficou olhando, como quem diz assim: Eles sobreviveram”.

Ao rememorar seu temor pela derrota e surpreender-se com a sentença favorável, Juvila evoca o sentimento coletivo dos moradores com a decisão judicial que oportunizou um novo rumo na tensão social entre posseiros e proprietários. Aquele momento decidia o destino dos moradores: prosseguir com suas moradias no território ou ter que tomar o rumo dos sem-morada. Na lembrança de Juvila: “Quinze dias, antes do natal nós tínhamos que sair”. Na recordação de Adegildo, “por que se ele dissesse que a desocupação era imediata, né, não tínhamos a quem recorrer”. As expressões “eles sobreviveram”, “nós tínhamos que sair” e “não tínhamos a quem recorrer” revelam lembranças da abrangência coletiva desta decisão, ou seja, decidia definitivamente o rumo de todas as famílias pela permanência ou não na área.

Todos os participantes do GF1 rememoraram por mais de 10 minutos acontecimentos que demonstram sua forte ancoragem na amplitude deste acontecimento da vitória judicial da posse. Foram rememorados detalhes que ocorreram durante a audiência e no conjunto dos moradores da vila. Mas, também,

em relação aos desdobramentos da agradável surpresa pela permanência no local, em particular, o debate em torno da decisão de lotearem a área em chácaras ou partilharem a área em lotes com novos ocupantes.

Adélia, Gessi, Jandira e Juvila recordam vivências do momento da audiência. Gessi fornece uma síntese da presença dos moradores, destacando que o comportamento ordeiro na presença dos juízes foi decisivo na decisão como merecimento do pleito:

> Eu lembro que a gente entrou, e sentou ali, ninguém conversava. Era só escutando. O coração estava batendo forte, mas a cabeça estava lá em cima. Acho que eles ficaram meio com pena né, por que a gente ganhou mais pelo silêncio que fizemos, a gente mostrou pra eles que nós não éramos mal-educados, né. Não éramos baderneiros, como se diz, e a gente estava querendo o que a gente merecia (GESSI).

O clima de silêncio no ambiente também foi destacado por Jandira: “Era assim, se passar um mosquito pela gente, se ouvia, era um silencio”. Enquanto os juízes debatiam, uns a favor e outros contra, o que lhe propiciou dar uma gargalhada, retoma o clima de seriedade e diz que rezava e confiava na força divina:

> Enquanto estavam brigando eu estava rezando; ah, ah, ah [...] Mas, eles brigam de um lado e eu brigo do outro. Eu tô em comunicação com Deus pra nós não perdermos isso daqui. Porque a fé é quem manda (JANDIRA).

Adélia recorda que também estava em oração na audiência e amplia a compreensão de que haviam juízes a favor e contra sua causa, insistindo que não foi uma decisão pacífica, mas que ao final um juiz votou pela sua permanência porque não tinham outro lugar para morar:

> E lá na hora da reunião estava todo empatado, né, metade, metade a nosso favor e metade contra. E daí então a decisão foi do juiz, que decidiu por nós ficarmos por que não tínhamos onde morar [...]. Tinha uns que era no lado do Bergental e outros ao nosso favor. Daí tava empatado, né. Daí o juiz que decidiu. [...] eu sei que daí um deles, no final que deu a força para nós (46,04). Ele disse que ia nos dar força pois não tínhamos onde morar. Eu não sei se tinha mais coisa, né, eu me lembro dessa parte: ele foi a nosso favor [...]. Acho que foi lá o Bergental que falou isso. Que nós sem dinheiro ganhamos e eles com dinheiro perderam (ADÉLIA).

As falas de Adélia “não éramos baderneiros”, “não tínhamos onde morar” e “nós sem dinheiro ganhamos” traduz o conceito de “necessidade de sobrevivência” na decisão judicial:

> [...] esta não é uma demanda comum, simplesmente envolvendo, de um lado, o proprietário ou possuidor do imóvel, cuja posse alega ter sido turbada, e de outro, o solitário e clássico esbulhador. Aqui está presente, claramente, um outro importante ingrediente, a exercer forte influência no espírito do julgador: uma delicada questão social, que a inércia inicial dos autores ajudou a criar. (ACÓRDÃO n.º 100287119, p.2).

No contexto de preparação que antecedeu a audiência, Jandira relata uma briga que teve com uma sua vizinha que teimava em não obterem sucesso neste pleito, inclusive apostando uma reza ao seu protetor: “Tu rezas para o Padre Réus para perder a questão, mas se Deus quiser, nós não vamos perder, nós vamos ganhar sim”. Na rememoração de Dejair, um bom grupo não pode acompanhar o ônibus que levou os posseiros à audiência. Este permaneceu na Igreja Divino Mestre orando, cada um conforme sua crença, sendo acrescido pelos que voltavam do trabalho:

> Além desse pessoal que foi para lá, tem um pessoal que não foi, por que estavam chegando do serviço e que iam lá pra Divino Mestre [...]. E o pessoal passou o tempo todo rezando, rezavam o terço, todos rezavam as orações das igrejas deles, por que eram várias religiões eram vários cultos, e cada um rezava à sua maneira, mas organizada, né. E quando o pessoal chegou de ônibus que já era noite, já era noite (DEJAIR).

Juvila arrancou risos ao recordar que no ônibus na volta perdeu a dentadura de tanto gritar após a agonia da audiência. Houve uma disputa sobre a memória quanto a chegada na vila: se já era de tardezinha ou de noite e se chegaram de ônibus ou a pé, pois este havia quebrado próximo à chegada. Judite diz que chegaram “quase umas seis horas”, Juvila diz que a audiência havia ocorrido “das quatro às cinco horas”, Adélia recorda que “vinham cantando” e a Gessi que vieram “tudo a pé”. Jandira recorda que “pegaram o Dr. Jacques, botaram nas costas”. Dejair sintetizou uma memória forte sobre o clima geral após o relato da chegada: “foi aquilo, foi uma festa, um festerê”.

FF 4 – Relato da vitória da posse

Fonte: arquivo do autor. Orlando e Clésio relatando detalhes da audiência (18/11/1983).

Quantos posseiros se beneficiaram com esta vitória judicial da posse, ápice do processo que se iniciou em junho de 1980? Adegildo diz “que não lembra quantas pessoas tinha, porque no processo o Dr. Jacques tinha feito o número das carteiras”. Conforme Judite, “para mostrar que tinha um tanto que era trabalhador”. Trabalhador com carteira, famílias não importa se homem ou mulher. Para Juvila “noventa e poucas”. Adegildo recorda “que não chegava a cem”. Dejair fala primeiro em setenta e depois precisa o número real que consta no processo: “noventa e sete”.

Jandira rememora uma questão importante que vai do silêncio da audiência, ao rebuliço da festa e que continua em uma questão que muitos faziam: “o que fazer com tanta terra”. Enquanto uns tentam recordar quantos eram os beneficiários, Judite fala que “cada um tinha as suas famílias e suas famílias são colocadas, né, e seus filhos nenhum paga aluguel”. Quanto aos filhos terem sua casa e seu lote foi questão pacífica. A questão que gerou um grande debate interno, na fala de Juvila, foi outra: “Vocês vão fechar uma chácara para cada um? O que vocês vão fazer? Eu não lembro quem, sempre vinha alguém perguntar”. Esta questão vinha de fora do grupo, pois entende que “tendo um lugar para morar, para mim tá bom”.

Juvila repete diversas vezes que não lembra quem perguntava se iam fechar uma chácara para cada um, mas acaba revelando um indicativo externo que motivou a partilha da terra:

> Que a gente tinha ganhado, mas também tinha que olhar os outros, por que tinha tanta gente que precisava. Dai veio a romaria da terra, divisão de terra, por isso que teve as romarias aqui, mas agora o restante, a finalidade, como é que começou a gente ali, eu já não sei. Mas foi a finalidade da romaria da terra, foi com o consentimento dos moradores, pra depois começar a dividir um pedacinho pra cada um (JUVILA).

Esta rememoração de Juvila é emblemática para compreender a grande decisão da partilha da terra. Dejair coloca que a decisão da partilha foi uma decisão dos moradores em assembleia. Natal concorda e amplia que também foi uma ação de acolhida de mais desempregados para garantir força social. Mais adiante, no contexto das rememorações da saga dos posseiros na luta pela conquista do território, teremos novos elementos que permitem compreender a importância deste debate.

O sentido principal da rememoração de Juvila não é saber quem são os que queriam as chácaras e os que queriam a partilha dos lotes. Vejamos: inicia afirmando que era preciso olhar para os tantos que precisavam morar. Judite, a qual havia falado que os filhos dos posseiros foram contemplados na área para fugirem do aluguel,

acrescenta a mesma fala: “Tinha mais gente que precisava também, a gente nunca pensou só para a gente, a gente pensava também nos outros”.

Juvila avança falando que a Romaria da Terra veio com o consentimento dos moradores para depois dividir um pedacinho para cada um. Ora, pode-se interpretar que Juvila estaria relatando eventos de uma forma cronológica. Já se viu que o processo de rememoração não tem a cronologia dos acontecimentos como relevância. Este é um caso específico na ancoragem dos eventos na rememoração de Juvila, pois ela passa o sentido lógico que a Romaria da Terra está intimamente ligado a resolver a decisão da partilha dos terrenos, que vem como consequência.

A Romaria da Terra é um evento que ancora as memórias dos narradores. Foi articulada pelos assessores externos com o consentimento dos moradores. Como expressa Juvila: só ocorreu porque houve a vitória judicial da posse, fato inédito nas lutas pela terra no Brasil. Além do mais, a Romaria cumpriu uma função social específica que incrementou a força dos posseiros, freando o avanço da força dos proprietários que permaneceu ativa, apesar da derrota judicial.

Lucy também corrobora com a lembrança que a Romaria da Terra veio para fortalecer o início da ocupação e da partilha dos terrenos. Edelmiro rememora este evento como uma grande caminhada, iniciada na parte mais alta da vila onde foi cravada uma cruz, e seguiu até a vila Santo Operário. Este mesmo acontecimento ancora a rememoração de Edelmiro ao dar o nome a padroeira Nossa Senhora dos Romeiros, bem como é referido pelo Natal ao nominar a Rua dos Romeiros. Estes dois eventos, a vitória judicial da posse e a Romaria da Terra, nas lembranças dos moradores indicam uma memória forte de surpresa, alívio, força e motivadora para a partilha dos terrenos com outros despossuídos.

FF 5 – Cenas da Romaria da Terra

Fonte: Acervo do autor. (1) início da RT na União dos Operários; (2) cena onde o sindicalista Paulo Paim lê a Bíblia; (3) cena da chegada da caminhada na vila Santo Operário.

5. 2 A saga da conquista da terra

Antes de nós, “aqui era o Prado”, sentencia Jandira, nome popular do Jóquei Clube. É Dejair quem lembra: “como se diz, um jóquei”. Juca faz uma descrição detalhada: era “de areia, tudo iluminado e nas quintas-feiras começava às oito da noite e ia até a meia-noite com as carreiras, tudo que dá num prado aquilo, tudo tinha aqui”. Na década de setenta, com o Jóquei demolido, Edelmiro relata que carreiras eram promovidas nas duas canchas retas ali “ onde hoje se localizam as ruas Sino da União e Romeiros”. Judite lembra que quando chegou era “um campo de criar cavalo, boi”. Juvila recorda que os “valos de raias que tinham ali eram nosso refúgio [...] dos cavalos passarem por cima da gente”. Jair não conheceu, mas mostra aqui uma memória por tabela, ao relatar que ouviu falar do antigo prado, das corridas de cavalos.

Estas são informações e cenas vivas de eventos e acontecimentos que permeiam a memória coletiva do território. Em que condições e como chegam estes moradores? As falas a seguir, revelam lembranças de famílias ou indivíduos numa busca isolada por moradia. Tratam-se de amostras emblemáticas das trajetórias comuns e representativas de todos os que chegaram ao território até a vitória da posse. Lembranças de eventos que buscam soluções individuais frente aos desafios no território. Mas, quando as ações dos proprietários da área visam o seu despejo, rememoram formas organizadas de resistência na posse e, após a vitória judicial, um movimento social que visa a ocupação de todo o território.

Juvila diz que pagava aluguel e fez uma casinha com duas peças. Fechou um pedaço do terreno para plantio, perto da atual Igreja Divino Mestre. Lembra que chegou em 1979 e oito meses após perdeu o marido, ficando com as meninas. A data que precisa a chegada foi a da morte do marido, referenciada na idade das filhas: “a mais velha tinha 16 e a Iza tinha seis”. Com a morte do marido, o vizinho lhe cortou o fornecimento da luz elétrica, tendo como justificativa estar vendendo a casa, mas imagina não ser a verdade. Através das Irmãs do Colégio Espírito Santo em que trabalhava, foi auxiliada por um diretor da CEEE, o qual a orientou e a ajudou a colocar um poste próprio. Recorda da afirmação do diretor da CEEE: “[...] quando eu ligar ninguém mais desliga”. É muita grata ao Luiz da CEEE que lhe prestou esta ajuda.

De Sobradinho, Gessi veio em 1981 com o marido e quatro filhos. O marido veio antes com a missão de adquirir um local próprio, pois não queriam pagar aluguel.

Ficou na lida da roça, colhendo as plantas. Dois meses depois, o marido chega com o caminhão e trazem a mudança para Canoas. O caminhão entra na área através de um precário pontilhão sobre um valo junto à Rua Florianópolis. Quando chega ao local, chora e briga com o marido pela precariedade da residência. Este lhe diz: “É o que eu pude comprar”. Continua narrando que a casinha, embora precária, foi a que abrigou a família era dela: “essas quatro telhas aqui são minhas”.

Judite conta que pagava aluguel e com as invasões, não lembra o ano, veio para a Rua Florianópolis, próximo à casa do pai, onde foi celebrada a primeira missa. Diz que ficou uma semana com os cinco filhos bem pequeninos embaixo de uma lona. O marido conseguiu umas madeirinhas na obra em que trabalhava como carpinteiro e construiu uma casinha. Enquanto contava, Juvila descreveu a casa, com gestos largos entre os dedos: “com frestas assim... e buracos”. Por ocasião da medição dos terrenos, no local onde reside hoje atualmente, fez com o marido uma horta e plantaram feijão carioquinha: “E nós colhemos bastante feijão que ficamos comendo por bastante tempo. Milho verde nós plantamos e colhemos. Vimos que a terra era boa. Daí era só plantar”. Neste momento todos recordam e cantam a música que o Irmão Antônio lhes havia ensinado: “A terra é de todos, disse Deus a Adão, toma e cultiva tira dela o teu pão” (34,35ss). Foi a expressão de uma memória forte!

Adegildo, que confirma a fala da Judite que a terra é boa e produz, afirma que havia se instalado próximo à Rua Florianópolis, onde hoje é a Rua Sino da União. Conta que antes pagava aluguel, trabalhava de carpinteiro e o salário era bem baixo e humilde. A decisão de vir para a ocupação visava um futuro melhor para a família que incluía sustento e acesso à educação dos filhos: “Era conseguir um lugarzinho para morar e botar as crianças em um colégio [...] para futuramente termos as crianças formadas, né, e ficar melhor”.

Estas são falas ancoradas em representações factuais. Vemos que a memória do acontecimento da chegada no território mais que ser uma precisão cronológica, está relacionada como eventos e acontecimentos da vida pessoal, familiar e profissional do morador, ou da comunidade. São, portanto, representações factuais indicativas de formação de memórias fortes (CANDAU, 2011). A escolha de acontecimentos para serem referenciais de outros no processo da rememoração, tanto no tempo, no espaço ou como causa e consequência são convenções verbais que indicam representações dos quadros sociais da memória coletiva de um grupo, no sentido da memória coletiva de Halbwachs (2006).

Com o casal Juca e Lair temos um quadro mais completo da rememoração de acontecimentos no território. Juca rememora lembranças de sua infância convivendo com o hipódromo e indica com gestos a ocorrência de cenas, bem como a localização atual de espaços e equipamentos do período do Jóquei. Rememora com detalhes o contexto de suas migrações, as ações empreendidas e a saga de sua chegada no território:

> [...] eu me criei aqui, 56 anos tá fazendo em setembro que eu nasci e me criei na Rua Sarandi. Eu sou daqui do tempo que era prado, isso aqui era coisa muito linda [...] Nas quintas-feiras, começava às oito da noite e ia até a meia-noite com as carreiras, tudo que dá num prado aquilo, tudo tinha aqui, aonde é a igreja, aqui era arquibancada [...] embaixo tudo era pavilhão e depois na frente onde é o posto de saúde era um restaurante [...] e lá que era as árvores. Do lado de lá era dos arremates, depois atrás onde era as caixas d'água era as cocheiras, que nós trabalhava. Nós era guri, nós trabalhava limpando as cocheira [...] gente descia daqueles carros [...] era só burguês [...] aqueles carro antigo, porque na Mathias [...] tudo era chão, não tinha luz, não tinha água, só tinha no prado aqui por que vinha por aqui pela Harmonia, vinha luz pra cá [...] as enchentes que dava o nosso terreno ali vinha até o meio [...] vinha o pessoal tudo pra cá e se acampava aqui, fazia barraca, ai vinha os bote com comida [...] já era casado, e morava na Berto Círio [...] a Associação do Jóquei Clube de Canoas, cedeu pros funcionário os terreno ali, então muita gente abandonou aquilo, não quis né, daí a irmã comprou [...] um dia eu vim passear na casa dela e fiquei olhando pra dentro do prado ali né, nos fundo da casa dela, fiquei olhando assim, 'Bah que vontade de meter uma casa aqui. Ah por que tu não metes? Ah eu vou fazer então'. Aí eu peguei uma carroça, uma bicicleta, e 500 cruzeiros [...] negociei com um cara, dei a carroça, eu dei a bicicleta e aquele dinheiro que eu tinha por uma casinha. A casa era tão grande, mas tão grande, que nós tiramos o telhado que era de telha francesa, metemos uns paus embaixo assim e, entre quatro, nós pegamos a casa, levantamos e o caminhão entrou de ré embaixo [...] ai nós entramos lá pela raia do prado eu tenho a foto da raia do prado [...] Tinha um arreião assim e cheguemos lá, levantemos aquela casa, o caminhão saiu debaixo, larguemos aquela casinha. Aí chegava visita lá em casa, nós saíamos pra rua e a visita entrava pra dentro de casa por que não podia ficar dentro de casa (JUCA).

Nas lembranças de Lair, inicia-se a ancoragem em eventos que se relacionam aos proprietários: "[...] a gente lutou, a gente brigou, a gente apanhou, [...] a gente não dormia de noite, correndo atrás dos capangas dos donos daqui, que queriam impedir as pessoas de colocar as casas aqui". Esta relação de confronto, nas lembranças de Juvila tiveram um início pacífico. Lembra do argumento que seu falecido marido usou para convencer o Air Bergental a deixá-los ficar: "Olha, já morei 12 anos num terreno que não era meu e nós saímos. Por isso é que nós estamos aqui. Mas na hora que vocês precisarem, nós saímos". Esta foi a única narrativa de uma lembrança que expressou uma relação amigável com os proprietários da área.

Este homem gentil, nas lembranças da própria Juvila, não pareceu ser mais o mesmo que patrocinou as ações violentas que se seguiram no território. E identifica o

motivo da mudança: “começou a chegar gente e mais gente e eles começaram a ficar violentos” (2,45-50). As lembranças da grande maioria dos acontecimentos que referenciam as relações dos posseiros com os proprietários ancoram memórias fortes de um contexto de intimidação, destruição e violência. Juvila chega a descreve o território como um campo de batalha onde “até as abelhas que tinha nas macegas nós enfrentava”.

Adegildo rememora os gritos do Bergental: “Isso é uma turma de preguiçoso que me invadiram a propriedade”. Continua relatando que “foi uma batalha muito forte e tempos muitos difíceis’. Os capangas derrubavam as casas com caçamba e retroescavadeira no momento em que o marido estava no trabalho ou a esposa no colégio para buscar as crianças. Ao retornar, restava ao morador “[...] fazer de novo a casinha para evitar que molhasse alguma coisa que tinha dentro”.

Gessi e Juvila lembram dos valos que foram construídos para dificultar as mudanças que entravam de caminhão ou de carroça pela Rua Florianópolis. Adegildo recorda que tinha que passar por uma espécie de ponte de “madeira de eucalipto” colocada pelos ocupantes. Juvila destaca que os jagunços partiram para uma estratégia mais eficiente: fizeram um buraco “com as escavadeiras”. Na recordação de Jandira, “um baita buraco”. Os valos e buracos se mostraram ineficazes para conter a entrada das pessoas, as quais continuavam trazendo o material para construir as casas e as mudanças nas costas, passando pelo pátio dos vizinhos. A estratégia dos proprietários para não entrar mais ninguém foi construir uma cerca, segundo Judite. Juvila lembra que tinha oito fios sustentados em enormes moirões. Mais ainda, continua Juvila, colocaram uma guarita na Avenida Rio Grande do Sul próximo à Rua Espumoso onde tinha que se identificar para entrar. Segundo Adegildo: “e se identificava”.

O clima de violência gerava medo, depressão e desorientação. Juvila conta que quando trabalhava na PETROBRÁS ficou tão ruim que perdeu o rumo e vagou deprimida pela região. Ficou uma noite sem dormir temendo a chegada violenta dos jagunços, quando a filha recebeu a incumbência de esconder um rolo de filme com fotos de ações de violência. Gessi relata que as mães estavam nas reuniões preocupadas com a situação em casa: “Já pensou se eles vão lá e derrubam a casa com as crianças”. Jandira lembra que “os capangas tinham cachorros”. Dejair complementa: e “portavam cassetetes”, como a própria Brigada Militar que passou a se aliar aos capangas do Bergental. Na avaliação de Dejair e de Juvila, houve uma

aliança entre a prefeitura e os donos e recorda um gato: foi cedida a área com os prédios das baias dos cavalos para a prefeitura utilizar como escola, posto de saúde e creche em troca de impedir o avanço da vila.

Referindo-se a este contexto de violência Juvila chega a afirmar que “procura não lembrar para viver mais”. Jandira afirma que “lembrar do passado é sofrer duas vezes”. Aqui fica explicito a dimensão do trabalho de memória: o sentimento de dor e sofrimento na lembrança do passado, mas que ao recordar, ele pode se atualizar no presente da pessoa que o rememora.

Ao ouvir estas memórias, imagina-se famílias com medo de serem despejadas da área a qualquer momento pela justiça e com temor de terem suas casas incendiadas ou destroçadas.

As lembranças da chegada e das ações de resistência revelam memórias fortes de ações individuais das famílias, quando muito de entreajuda com os vizinhos. No início da resistência na posse “um ajudava o outro”, conta a Jandira. Mas como ocorriam as ações de ajuda solidária? Juvila fala com orgulho: “Eu tinha um pé de cabra e um pedaço de trilho de trem. Batia naquilo lá e era melhor que o sino. Acordava todo mundo. Era assim”. E todos riem! Judite fala mais: “Qualquer coisa um vizinho corria na casa do outro”. Jandira faz uma comparação do que viveram no passado e do que ocorre nos dias atuais: “É que naquela época o pessoal era mais unido. Éramos bem mais unidos” Adegildo traz uma fala que revela a força social na resistência: “Nós estávamos mais organizados, eles estavam em poucos”.

No entanto, são as lembranças do sino que ancoram memórias fortes indicando o início das ações que coletivizam o processo de resistência na posse da terra. Houve uma disputa memorial em relação às lembranças de como o sino chegou na vila. Juvila não lembra quem o trouxe. Judite diz: “foi o Orlando”. Gessi pergunta-se: não foi o Ivo? O próprio Bergental tentou roubar o sino, mas não conseguiu, rememoram Judite e Dejair. Um sino foi roubado, lembra Gessi e, posteriormente, outro foi colocado bem ao alto de uma cruz de eucalipto.

O bater do sino convocava todos os moradores para serem uma força coletiva de resistência no território frente as ações violentas dos proprietários. É a isto que se pode denominar de resistência coletiva na posse da terra, expressando sentimentos de medo e temor misturados com força social decorrente da união e de pequenas vitórias que mantinham sua permanência na posse. Assim inicia o processo de constituição da identidade social do ocupante, no período da resistência na posse.

Juca que também situa a colocação do sino ao lado da Igreja divino Mestre no início comum da ocupação, quando ele ainda morava na rua Sino da União, traz uma outra função: reunir os moradores para tomar decisões voltadas à estruturação do loteamento, no período da liderança do Clésio: “Aí quando batia o sino lá, todo mundo se reunia, para tomar as decisões, naquela época o falecido Clésio era vivo, pra gente marcar, para remarcar os terrenos, para abrir as ruas” (07,45).

João conta que ouviu relatos dos mais antigos sobre a função convocatória do sino para a resistência e a articulação de estratégias de enfrentamento:

> Muitas pessoas falam, os mais antigos da vila, sobre a luta [...] batiam o sino aqui quando as coisas achavam que tava ficando quente aqui, né [...] todo mundo já sabia: “Oh, tem problema da vila, ta acontecendo alguma coisa, vamos lá pra ver o que que é”. Daí todo mundo afluía aqui pra igreja né, pra ali junto tratar a estratégia de enfrentamento aos jagunços, bandidos proprietários que faziam pressão pra tentar tirar as pessoas (JOÃO).

Ao relatar este fato, o Jair faz referência que o sino “era o meio de comunicação público” e que hoje em dia “as pessoas reclamam de cair o sinal do Wi-fi” (42,01) e a Paula acrescenta que na época o meio de comunicação que era o “sino não caía” (42,08). Enfim, hoje este segundo sino está lá na Igreja Divino Mestre (DEJAIR: 58,51). Juvila guarda em casa o pedaço de trilho de trem que precedeu o sino (26,25).

FF 6 - Colocação do 2º Sino

Fonte: Arquivo do autor. Vicente, marido de Gessi, colocando o sino; Orlando em primeiro plano de camisa branca; Clésio à esquerda de camisa amarela; Irmão Antônio ao fundo de camisa xadrez escura; Moisés ao lado de Antônio de camisa amarela; e, Matilde, de vestido preto.

O empecilho da cerca também é emblemático desta passagem das ações individuais de resistência na posse às ações coletivas após a vitória da posse. Adegildo lembra que inicialmente os moradores cortavam os fios da cerca e os capangas os consertavam. Juvila reforça esta lembrança dando risada dizendo que "eles viviam consertando a cerca, todo mundo cortava". Adegildo repete o gesto do corte da torquês cortando a cerca: "tak". Juvila relata que as pessoas chegavam com o "rancho" e deixavam parte em cima de um poço de um morador do outro lado da Avenida Rio Grande do Sul e fazia várias viagens, pois era difícil passar com todo o alimento através da cerca. Mais tarde, rememora Dejair, os moradores chegaram a consolidar um acesso pela Rua Livramento.

Juca, Iracema, Lair e Natal recordam sua participação na derrubada de várias cercas colocadas pelos proprietários após a derrota judicial da posse da terra. A ocupação total da área foi uma longa construção estratégica que envolveu iniciativas corajosas dos posseiros e o respaldo dos apoiadores externos na superação dos empecilhos, fortemente relacionados com a derrubada das cercas. Natal recorda que o professor Antônio "vinha batendo uma, uma lata né, chamando o pessoal". No relato de Juca, temos uma narrativa detalhada de construção das estratégias envolvendo tarefas e compromissos entre os posseiros e os apoiadores externos:

> Tá doutor (Jacques) me diz uma coisa: e se eu ir lá e cortar aquela cerca, tirar aquela cerca e eles me prenderem, o quê que vai acontecer? 'Eu vou lá te tirar'. E ele cumpriu todas as quatro vezes que fui. Eu peguei uma torques, [...] o Divino, o Rufino, o seu João [...] o Valdemar, e tinha mais uns outros [...] fui cortando e eles foram derrubando os moirão, fomos, fomos. Tá, fomos todo mundo embora. No outro dia quando eu botei a cara pra fora, lá tava os jagunços do Bergental, tudo ali fazendo a cera, tudo de novo. Se reunimos de novo: O quê que vamos fazer, doutor? 'Não, vocês têm que consumir com a cerca' [...] eu me atraquei na torques de novo, cortando. E era o Rufino botando o moirão nas costas, o outro o arame, o seu João levando moirão, cortemos tudo, arranquemos os moirões tudo e carregamos tudo. Só que eu tinha um traçador em casa. Eu e o Rufino se atracamos e cortamos tudo e fizemos lenha [...] O seu João amontoou tudo em casa. No outro dia chamaram a brigada e levaram o seu João e os que tinham o moirão inteiro. Mas também a cerca não foi feita [...] não teve mais a cerca (JUCA).

Os jagunços, a mando dos proprietários, eram respaldados por ações da brigada. Natal rememora:

> Aí tinha uns jagunços que vinham ai botar fogo nas casas, desmanchar as casas, dar tiro aqui nos moradores que estavam ocupando aqui [...]vinha o jagunço, pegar e botar fogo na casinha [...] a brigada marchando na frente do trator ali, né, e o trator lavrando de atrás. Tinha uns cassetetes enfiado dentro da manga, das roupas que usavam da farda, daí fechou o pau ali e começamos a bater, a brigada batendo no pessoal, ali. Eles queriam lavrar para não deixar o pessoal avançar pra frente [...] Aquela vez eu acho que o Juca, prenderam o Juca ali também (NATAL).

Houve mais uma cerca junto ao morro onde era a arquibancada do Jóquei. Servia para impedir o avanço da ocupação em direção ao colégio. Na recordação do Natal, a derrubada da última cerca com o respaldo do Dr. Jacques:

> Na época da última cerca que nós derrubemos, ali né, ele participou junto [...] a brigada fechou uma parte pra eles plantar lá, nós tiramos a cerca, nós tínhamos ganhado a posse, né. Aí chegou na brigada lá, a brigada quis barrar lá, daí ele largou dizendo, deu um carteiraço dizendo que era advogado que tinha, mostrou os papelama que tinha, que não era deles, que era nossa a área, a área, que nós havíamos ganhado na justiça (NATAL).

Restou a última cerca, a que protegia uma área próxima ao posto da brigada militar. Para esta foi construída uma estratégia de mobilização das comunidades da região. Na recordação de Iracema, foi um feito da "força de todo o povo das comunidades", que ocorreu no "Dia de Ramos", em abril de 1985. Este evento representou a ocupação definitiva do território, do ponto de vista da luta contra os empecilhos dos proprietários. Empecilhos vencidos pela mobilização solidária, na síntese de Juca, com a concordância de todos: da "união". Novamente, a ocorrência de uma rememoração espontânea comum, reveladora de uma memória viva da força social que coesionava a ação dos moradores na ocupação. Abaixo, a foto que visualiza a bela paisagem da derrubada coletiva da última cerca.

FF 7 – Cerca derrubada no Domingo de Ramos

Fonte: Acervo do autor. Foto da última cerca ser derrubada no domingo de ramos em abril de 1986.

5.3 Da terra ao habitar coletivo

A organização do mutirão das mães na capela Divino Mestre, denominado de Clube de Mães, foi a primeira ação coletiva organizada no território pelos agentes externos a partir da religiosidade. Articula fé e vida, leitura da bíblia e ações concretas voltadas à superação de necessidades (FIOROTTI, 1987). O mutirão das mães foi a primeira ação comunitária que deu resposta às necessidades ligadas às condições de habitabilidade, particularmente para enfrentar o frio e a fome. Constituiu fator de coesão social dos ocupantes, auxiliando na resistência coletiva na posse da terra. As Frentes de Trabalho – FETs, no período da ampliação da ocupação para todo o território, fortaleceu esta ação coletiva. Inicialmente, as ações da Igreja Divino Mestre (capela) e da Associação de Moradores - AMVUO se confundem neste espaço. Gradativamente, a AMVUO passa a ser a força dirigente da ampliação das condições de habitabilidade deste movimento ocupacional, como veremos mais adiante.

Quais as lembranças que organizam a memória forte relacionada à capela Divino Mestre e da AMVUO? Juvila recorda que sua amizade com o Luiz da CEEE também resultou na autorização para utilizar um poste de luz que havia na Rua Florianópolis. O objeto foi rachado em esteios e arrastado até as imediações de sua casa. Teve a ajuda da Gessi e mais 4 mães. Dos esteios, iniciou-se a construção da Igreja Divino Mestre, local onde também ocorriam as reuniões da AMVUO.

Referindo-se à capela, Gessi e Dejair falam de um galpãozinho. Nas lembranças de Judite, o primeiro telhado era de zinco, um local protegido, onde lia-se a Bíblia e se rezava. Dejair lembra que sua esposa Nedi lhe contou sobre as paredes da capela doadas pelo pai, Olmiro. Juvila acrescenta que era uma dúzia de tábuas que foram trazidas por baixo da cerca e que “deu apenas para rodear o espaço onde ficava o altar”. Dejair sintetiza o processo: de início uma associação; depois passou também a ser capela; mais tarde, a igreja católica.

> Aí depois o pessoal resolveu construir aquela, a associação, nem era capela, era uma associação. Daí reuniu um pouco de madeira de um, um pouco de telhado do outro, e assim foi construindo. E que ficou a Capela Divino Mestre. Daí o pessoal aproveitou o espaço, além de fazer as reuniões da associação, para fazer oração e foi indo. Daí foi e aí Igreja católica que sentou o pé ali e ficou ali (DEJAIR).

No debate da escolha do protetor da capela, o nome Divino Mestre foi aceito pela pluralidade das expressões religiosas cristãs. Na rememoração de Juvila:

> Daí foi pedido Nossa Senhora de Fatima, e outras Nossas Senhoras [...] e quem escolheu foi o Irmão Antônio que daí ele explicou para nós: ‘olha vai ser Divino Mestre que é o santo de todas as religiões. Assim ele acolhe todos. [...] Então Divino Mestre, que ele é o divino mestre de todas as religiões” [...] coisa mais boa, cada um com sua religião (JUVILA).

Aqui aparece a percepção do agente externo que dá coesão à resistência coletiva no território, no caso, o espaço de prática religiosa. Ao convencer os posseiros de o Divino Mestre (imagem de Jesus Cristo) ser seu protetor, reforçou-se a unidade simbólica através da fé. Um ícone aceito nas diferentes denominações professadas pelos posseiros. Os atores sociais externos (assessorias) se legitimam na comunidade e ampliam a força social do movimento ocupacional de luta pela moradia, mas também para articular as condições de habitabilidade.

Esta unidade religiosa é uma memória forte nas lembranças dos moradores. Esta unidade deriva para as ações solidárias voltadas às primeiras ações de habitabilidade. Na capela Divino Mestre Judite recorda do Moisés com sua gaitinha de boca. Juvila diz que ele tinha um “vozeirão nas orações” e que era da Assembleia de Deus. As reuniões e as celebrações são a força coletiva. Pergunta Gessi: “a gente venceu por quê? ” E responde: “Porque a gente tinha fé ”. “Porque a fé é quem manda”, complementa Jandira. No local, Juvila diz que “era quase padre”.

Foto 8 – Celebração na Divino Mestre

Fonte: Acervo do autor. Exemplo de celebração sem padre conduzida pela comunidade (1982).

Na comunidade Divino Mestres, as mulheres em mutirão empreendiam ações de proteção contra o frio. Faziam acolchoados, agasalhos e roupas. Reaproveitavam os tecidos. Superavam a fome, com a produção de pães nos fornos comunitários. É de Iracema as lembranças que detalham a ação destes mutirões:

> No forno comunitário [...]. Íamos em mutirão pedir farinha nos moinhos lá pra Porto Alegre [...]. Se conseguia farinha e voltava e se partilhava ... a farinha elas faziam o pão, onde elas tinham pão em casa pra dar alimento pras crianças. [...] mulheres que se reuniam semanalmente para fazer acolchoado de roupa velha, faziam tudo que era necessário, roupinha para criança, e partilhava, não era pra uma. Faziam pra quem precisava mais [...] Primeiro de começar a trabalhar no clube de mães, era a bíblia. Lá se refletia e depois se trabalhava. Acho que muito acolchoado foi feito, tinha doações também das irmãs. [...] os freis também ajudavam muito, para buscar os retalhos e roupas (IRACEMA).

As ações solidárias dos mutirões das mães foram ampliadas frente às necessidades do crescente contingente de pessoas no território. Também, em relação à organização das habitações. Houve no período um agravamento da situação de falta de emprego e trabalho. Dejair sentencia: “Época de vacas magras”. Juvila, que na chegada trabalhava em uma escola, diz: “uma época que eu estava desempregada, geralmente estavam todos desempregados, não tinha serviço para ninguém”. Recordam que as Frentes Emergenciais de Trabalho - FETs foram uma conquista junto à prefeitura. Essas, estavam presente em outras vilas, lembra Dejair. Juvila, uma das coordenadoras, recorda um slogan dessa luta: “Nós estamos morrendo de fome, queremos emprego”. O programa público das FETs oportunizava trabalho comunitário e possibilidade de acessar o alimento.

Os participantes dos grupos focais um e dois desta pesquisa tiveram papel ativo nas FETs: (a) Iracema Carissimi, como Agente de Pastoral, articulou e animou os mutirões das mulheres: confecção de acolchoados nos Clubes de Mães; produção de pães nos Fornos Comunitários; pesagem das crianças e produção de multimistura[7] na Pastoral da Criança. Juvila, Natal e Juca foram coordenadores nas FETs. Lair, Edelmiro, Aluízio, Adegildo, Adélia, Gessi, Jandira e Judite foram participantes das FETs. Dejair, que trabalhava na Creche da prefeitura no local, portanto, não necessitando deste benefício, participou de sua organização. Lucy chegou um ano após o fim das FETs, quando a roça comunitária passou a ser horta comunitária.

[7] A multimistura é um composto alimentar utilizado de forma estratégica nas ações da Pastoral da Saúde da Criança como complemento nutricional de crianças em situação de desnutrição, uma vez verificado peso abaixo do recomendado em relação à sua idade. Esta é confeccionada com farelos de cereais e casca de ovos.

As FETs ampliaram o atendimento de necessidades ligadas às condições de habitabilidade, conforme os eventos ancorados nas memórias das falas dos moradores. Adegildo recorda que trabalhavam “tapando buracos”, fazendo “valinhos”, atuando na organização da vila, em troca de um rancho. Edelmiro recorda que eram formadas por “pessoas desempregadas que trabalhavam 3 ou 4 dias na semana”. Natal detalha como eram compostas as FETs, seu benefício e suas ações:

> [...] toda semana era uma turma que trabalhava, diferente uma da outra. Era quatro turmas que nós tínhamos aqui na época. Recebia um rancho, no final da semana, o cara trabalhava a semana toda fazendo as valas, acertando as casas de cima dos terrenos (EDELMIRO).

As FETs tiveram papel central na estruturação do loteamento, como veremos a seguir. No entanto, exerceu ainda um papel de fortalecimento das ações comunitárias, em particular, nos trabalhos dos mutirões das mães. Lair detalha com gestos como confeccionava os acolchoados: “Roupa velha. Colocava o tecido no chão, ia ajeitando as roupas e passava um cordão no meio assim atravessado. Eu tenho um guardado lá em casa”. Iracema acrescenta outras ações exercidas pelas mulheres nas FETs: “era os clubes de mães, era o mutirão da comida, era o sopão que se fazia na vila”.

FF 9 – Mutirão das Mães

Fonte: Acervo do autor. Mutirão das mães confeccionando o acolchoado. Gessi a 1ª à esquerda.

6. DO HABITAR COLETIVO À CIDADANIA

Os eventos e acontecimentos que ancoram as lembranças nas falas dos moradores e revelam uma memória forte e organizadora das condições de habitabilidade, nucleiam-se na organização do território imaginado, nos mandamentos da terra prometida e na construção da cidadania. Sinalizam uma gradativa transição do habitar coletivo na vila para uma relação mais ampla de cidadania, de inserção no território formal canoense.

6.1 Organização do território imaginado

Saulo nasceu na vila em 1993. Tem lembranças de sua infância, de quando corria pelas ruas. Fala que a canalização dos valos e o asfaltamento nas ruas “foi uma coisa revolucionária”. Na sequência faz uma revelação:

> [...] também tenho por histórias que meus pais contam quando eles vieram Eram vazios os terrenos. Eu fico pensando: “Como assim né”, por que não dá pra imaginar, tanta casa que já tem. Tem até duas casas por terreno, assim, e a gente fica sem eu não consigo imaginar. Não vejo um campo livre nas quadras como eles me contam [...] é isso, o povo todo unido pra crescer, melhorar as casas e tudo (SAULO).

Saulo, que rememora sua infância fascinada com as mudanças ocorridas na vila, quando seus pais lhe contam de como era o território antes e durante a sua ocupação, fica estupefato. Liga as transformações que presenciou nas ruas à luta do povo unido para melhorar as casas. Ou seja, refere-se às transformações que houve nas condições de habitabilidade.

Este processo da ampliação das condições de habitabilidade, para além da conquista da terra, foi rememorado em articulação com a AMVUO, um instrumento coletivo construído no início dos anos oitenta. Aos poucos, a organização tornou-se condutora e força social dirigente de todo o movimento social.

A fundação da AMVUO é relatada por Juvila no contexto de um convencimento do advogado Dr. Jacques que “[...] fez a proposta de abrir uma associação, que assim nós, só nós com a nossa força não íamos chegar a lugar nenhum [...] posso entrar com uma ação em favor de vocês”. Juvila diz mais: “será que vai melhorar, pensando comigo. Estava tão desanimada da vida, mas não tinha para onde ir”. Judite também se lembra de o Dr. Jacques ter ido à sua casa para convidar seu marido para a reunião: “Eu ficava em casa com as crianças. [...] o Dr. Jacques foi lá em casa fazer o convite

para meu marido ir e participar de alguma coisa, ele trabalhava de carpinteiro". As mulheres ficavam em casa com as crianças e os assessores externos convidam os maridos. O dia da fundação foi pouco recordado factualmente. Nas falas, somente Juvila disse ter participado. Ela recorda que na reunião de fundação da AMVUO o Dr. Jacques "botou uma cadeira em baixo das bananeiras do seu Otacílio".

Até a vitória da posse, a AMVUO aparece nas falas ligada às ações do Clésio, seu presidente. O local que congrega os posseiros, inclusive na vitória da posse, é a capela Divino Mestre, onde se instala o sino. Dizem apenas que as reuniões de articulação e organização ocorriam no local, referência implícita às ações da AMVUO. Dejair recorda que, nas saídas para depor nos processos, "ia sempre uma turma grande, nunca ia sozinho". O nome do Clésio foi referenciado por Dejair e Judite como o que liderava a ida nas audiências. Jandira e Juvila lembram que esteve preso várias vezes com o acompanhamento vigilante dos moradores até que o soltassem. Natal, em vários momentos, o referenciou como articulador das lutas na cidade.

Clésio Aires de Oliveira liderou a AMVUO como presidente entre 1981 e 1986, quando passou a presidência para uma mulher: Marilene Michel. Em novembro de 1983, foi eleito presidente da União das Associações de Moradores de Canoas – UAMCA, tendo como bandeira principal unificar as lutas das áreas de ocupação.

FF 10 – CLÉSIO AIRES DE OLIVEIRA

Fonte: Acervo do Autor. Clésio Aires de Oliveira em atividade da AMVUO (1982).

Dejair, faz uma síntese do período que segue à decisão da partilha dos lotes e situa a AMVUO como força de organização e estruturação da vila:

> A associação começou a se organizar mais. Vieram outras pessoas para contribuir. Me lembro também que veio o Tuia, que era um arquiteto, um engenheiro, veio pra fazer a medição dos terrenos e das ruas, inclusive tu participou junto né, da medição (DEJAIR).

Natal, que chega na ocupação no período da ampliação da ocupação, lembra de um início marcado pelo improviso e depois veio a configuração planejada com a ação das FETs e do agrimensor:

> É a gente ia botando assim um do lado do outro, calculava mais ou menos a passo ali e botava uma casa ao lado do outro, daí depois que veio a coordenação das Frente de Trabalho com as lutas [...] daí acertava as casas, colocava uma linha, a linha era a rua. Daí depois veio o cara fazer a medição das ruas (NATAL).

Como vimos anteriormente, estas falas demonstram que a AMVUO acabou assumindo o papel dirigente da força social dos posseiros. Edelmiro foi encarregado pela AMVUO como um dos ajudantes do agrimensor na marcação dos terrenos: “participei das medidas das ruas aí, de ponta a ponta, desde a primeira até a última”. Sintetiza sua ação contando um fato pitoresco envolvendo Osvaldo, um dos coordenadores de quadra:

> Outra coisa foram as ruas: mas o Ivo e o Egídio, foram lá na terra deles lá, e trouxeram um monte de estaqueta para marcar as ruas [...] Cambuí, tudo de Cambuí. Daí depositaram lá no Seu Osvaldo [...]O agrimensor, ele só vinha sábado depois do meio-dia. Aí pegamos lá sábado de manhã fomos lá buscar as estaquetas, chegamos lá e pedimos as estaquetas: ô seu Osvaldo cadê as estaquetas! “Olha, não tinha lenha e fiz fogo com as estaquetas”, eh, eh! Queimou nossas estaquetas, daí tivemos que fazer estaquetas com uma madeira mais comum para terminar o serviço (EDELMIRO).

O agrimensor realizou tecnicamente o local onde foram fincadas as estaquetas, demarcando os terrenos e as ruas. As FETs construíam valas seguindo a demarcação das estaqueta. Criava o desenho dos limites entre os terrenos, assim como, o espaço do leito das ruas. Eram os denominados valinhos, na expressão de Adegildo. O poder público municipal realiza sua primeira intervenção, com a abertura das ruas, no governo Giacomazzi (1986), como lembra Natal: “[...]botaram as patrolas aí e abriram as ruas com a máquina. Isso bem depois, já estavam abertos os valos das ruas”. Com esta ação, as valas, nas testadas e nas divisas dos terrenos, haviam cumprido sua função demarcatória destes espaços no loteamento.

Lucy recorda da área comunitária reservada para a sede da Associação, a qual foi invadida na “época que a Marilene era a presidenta”. Foi construído um centro

público comunitário, na época do Programa Favela, no local onde era reservado para a praça. O equipamento foi depredado e invadido. Edelmiro recorda que o motivo foi a não implementação dos serviços previstos em decorrência de decisões do governo Collor. Natal fala de que os moradores se revoltaram porque o governo pretendia ter, entre outros serviços, uma cela de prisão.

Diva lembra que a ocupação ocorreu no contexto de sua chegada em 1993 e que a AMVUO retomou a sede na justiça. Em seguida, negociou com o governo municipal a instalação do posto de saúde. Os moradores reconstruíram o prédio em mutirão. Houve a ajuda solidária de bancários, no contexto do Programa Fome Zero.

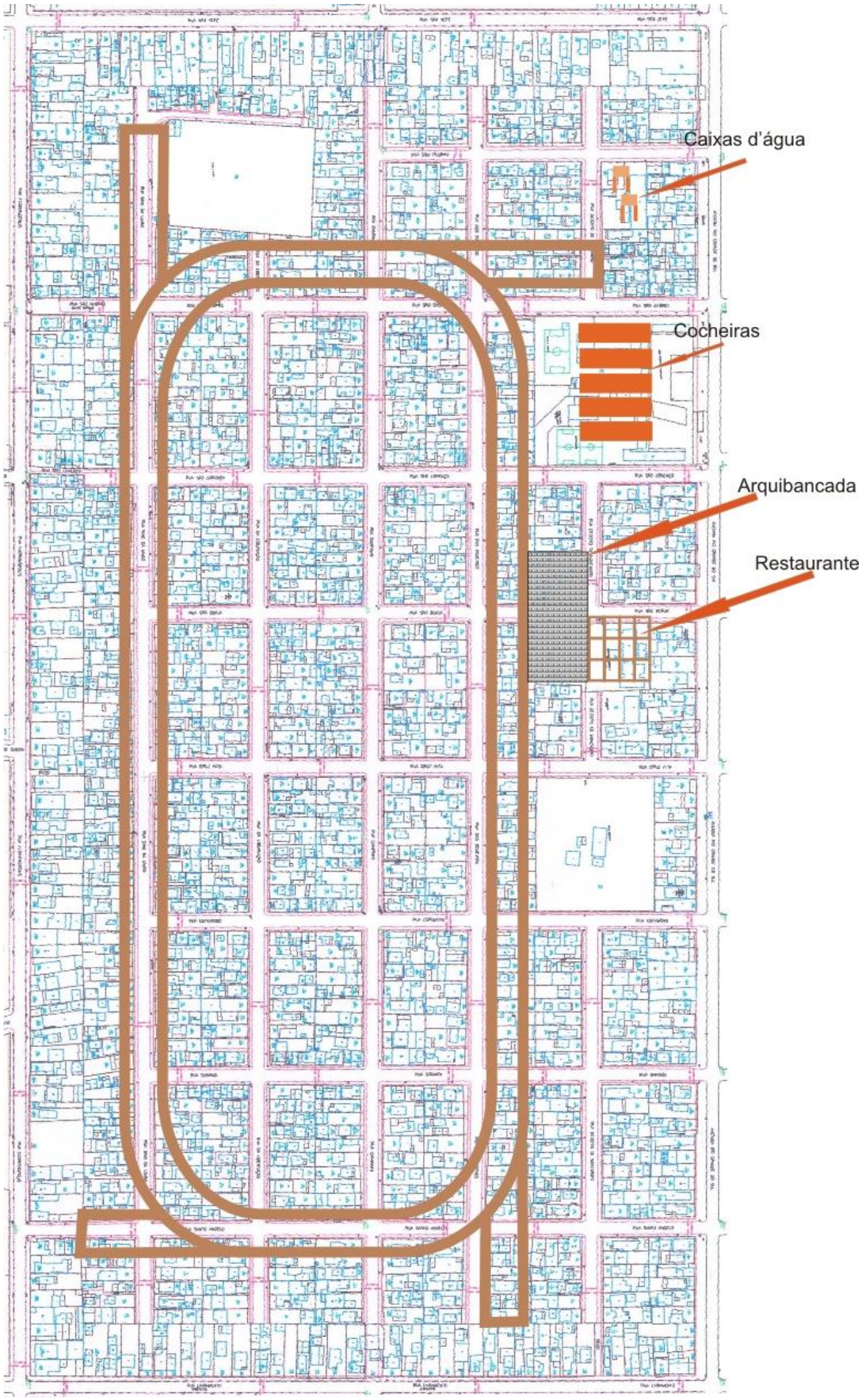
> [...] a associação entrou com um pedido para a devolução da área e foi aceito. E depois a associação convidou os moradores para reconstruir o posto que era aquele prédio que era da associação. Daí logo em seguida veio, dentro do governo, aquela ação do Betinho, que é o Fome Zero, e ai eu lembro que o Banco do Brasil se solidarizou e veio oferecer uma ajuda aqui para a associação e eles, junto com o povo, reconstruíram o posto. E daí lá o governo do Dick, aceitou a sugestão dos moradores para se tornar um posto de saúde (DIVA).

No processo de organização das lutas pela urbanização do loteamento, na memória de Adegildo, a paisagem estruturadora são os valinhos, construídos pelas FETs. Para as lideranças e os apoiadores externos, como o agrimensor, com certeza, foi o mapa. Para Edelmiro, as estaquetas cravadas nos cantos das quadras e dos lotes. Foram linhas por onde foram surgindo os cercados na testada dos terrenos. Com a chegada do poder público, as ruas começam a ter visibilidade real.

Saulo nasceu posteriormente à estruturação do loteamento. Ao ouvir relatos de seus pais das casas pontilhando o território sem ruas, tem dificuldade de construir uma imagem de como era, pois não viveu o processo. Não tem uma memória factual do ocorrido. Sua memória factual do cercamento das casas, no atual contexto de violência na comunidade, é o de proteção. Para os que viveram na resistência e na conquista de todo o território, a cerca era empecilho a ser superado pelas suas intervenções coletivas. Na narrativa de Saulo a cerca é sinal de segurança em seu lar. A cerca que foi empecilho para o aceso à terra, em seguida delimitação do terreno e, para moradores mais recentes como Saulo, proteção segura da habitação.

A rememoração de Juca, anteriormente descrita, localiza eventos e espaços em diferentes tempos cronológicos. Diz: “Na minha memória eu sei tudo conforme era”. O autor construiu, em parceria com Juca, uma imagem do território, nos tempos do Jóquei Clube, na década de sessenta e, nos atuais dias do ano de 2014.

FF 11 – Mapa da Vila União dos Operários



Fonte: Paisagem de JUCA com os equipamentos do hipódromo no atual mapa da vila

6. 2 Mandamentos da terra prometida

A forma como ocorreu o processo de rememoração dos eventos e acontecimentos no GF2 é emblemática de um compartilhamento de memórias factuais. Este grupo foi escolhido dentre os moradores que tiveram forte protagonismo entre os anos de 1984 a 1986, ou seja, o período em que se estrutura o loteamento com oitocentos e trinta e dois lotes. As memórias trazidas pelas narrações nuclearam os quatro pilares que oportunizaram a construção da força social do movimento de acesso à moradia e às condições e habitabilidade na Vila União dos Operários. São processos que exigiram o envolvimento e a participação de todos os que residiam na área. Portanto, são os pilares que geraram coesão e força social. Geraram relações de pertencimento e, por extensão, identidade coletiva.

O primeiro pilar, já referenciado e fortemente ancorado nas memórias das narrativas, inicia com a surpresa da vitória da posse, passa pela Romaria da Terra e culmina com a decisão coletiva de partilha dos terrenos. São rememorações que indicam o projeto de ocupação coletiva e total do território. Antes, as ações coletivas indicavam um projeto de resistência na posse da terra.

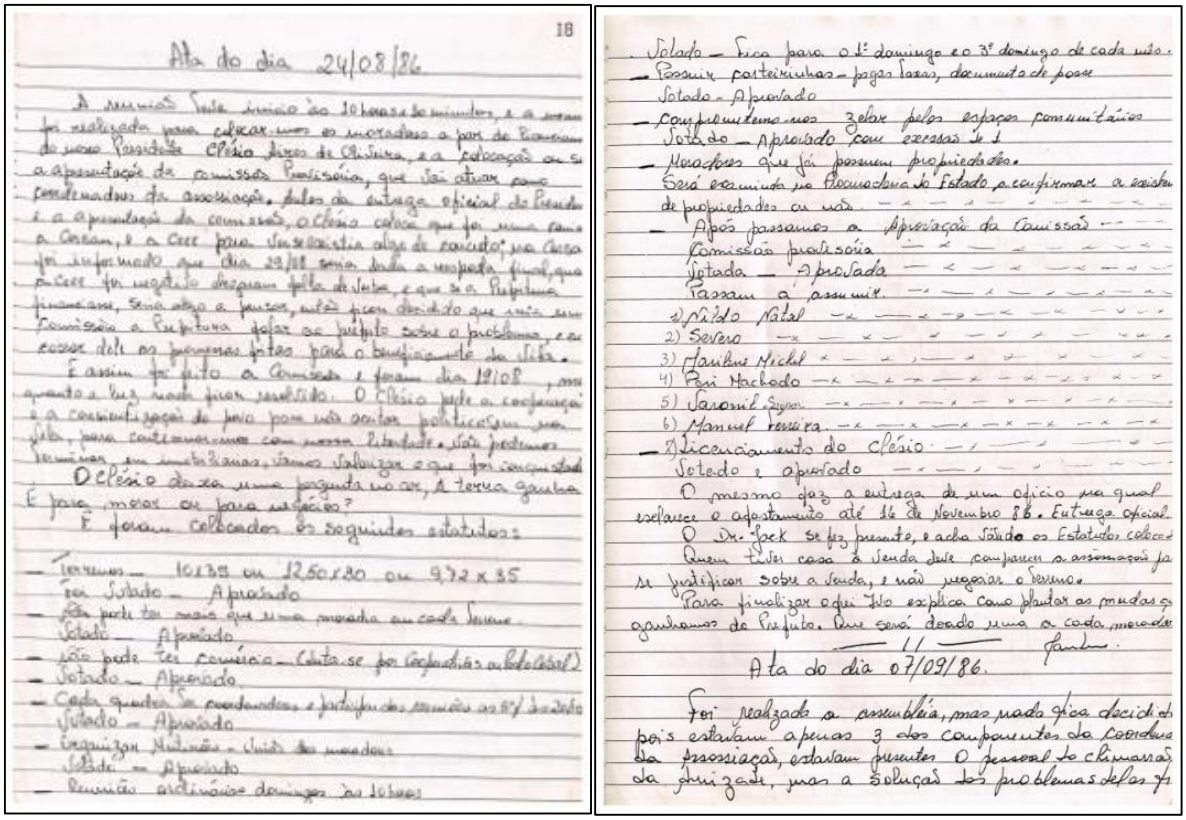
O segundo grande acontecimento foram as ações estratégicas voltadas a superação dos empecilhos articulados e colocados pelos proprietários: as várias cercas, a intimidação da brigada, as propostas de programas públicos de moradia. Ações respaldadas pelo poder público, na fala de Dejair, com o “conchavo lá na prefeitura”. O projeto da conquista rememorado não surge como um fato dado, mas construído e conquistado com ações, estratégias e decisões coletivas.

O terceiro pilar trata das ações que foram empreendidas pelas FETs como força interna que esteve a serviço do projeto que consolidou a conquista do território. Estas ações respaldaram a estruturação do loteamento e fortaleceram as condições de habitabilidade através dos mutirões: o rancho, a produção de alimento e de agasalho. Foram respostas aos pleitos do movimento social, expressos no slogan recordado por Juvila: “Nós estamos morrendo de fome, queremos emprego”. As ações do mutirão dos clubes de mães, articuladas em torno da capela Divino Mestre passam gradativamente para a AMVUO, a qual amplia o leque que visam as condições de habitabilidade.

O quarto pilar está ligado, portanto, ao processo de fortalecimento da AMVUO como articuladora das lutas. Esta amplia sua força dirigente para além da sua diretoria, com os coordenadores de quadra. E, constitui balizas de orientação: os mandamentos do morador. É emblemático que ao rememorarem as muitas ações das FETs, Iracema exclame: “Era muita partilha e muito entre ajuda”. Segue a fala de Juca: “Uma coisa muito importante também, que a irmã falou, que isso aqui foi muito pra frente também, foi a união”. Ocorre uma exclamação geral: “a união”. Juca ancora a força da união na ação da “Coordenação” e Iracema e Lucy na observância dos “mandamentos” do morador”. A função dirigente da AMVUO como coordenação, inclui a diretoria e os coordenadores de quadra. Sua força social pela ação das lideranças e pela observância das regras fundantes. Estas uma decorrência da decisão da partilha dos terrenos, do ato de gratuidade de acesso a um terreno para cada morador. Esta memória forte denomino-a de memória organizadora! Como lembra Natal:

> Nós mesmos, nós, a associação, criamos, nós se reuníamos na igreja, se reunia o pessoal da vila aqui, e seguíamos as regras disso. A regra era pegar e dividir em terreno na época, e doar, não era pra vender, e na época foi tudo doado esses terrenos, não era pra dar e era um terreno por cada morador, não podia ficar com dois terrenos, era um só pra cada pessoa (NATAL).

FF 12 – Mandamentos do morador



Ata do dia 24/08/86

Fonte: Acervo doa autor. Ata da AMVUO de 24/08/1986. Aprovação dos Mandamentos.

Outras regras foram rememoradas articuladas com sua função social. Aluízio recorda: o terreno era “só pra moradia, comercio não pode. Não pode ter outro terreno. O coordenador era autorizado a cogitar, não pode ter comércio. Juca e Lair também lembram do argumento utilizado: “Quem tinha comercio, tinha condição de ter outro lugar para morar, né”. Aluízio vínculou os mandamentos com a ação dos coordenadores de quadra, o que volta em outras falas.

Iracema recordou que, no terreno, “atrás da casa plantava uma horta”. Natal também lembra que “cada uma era incentivado a fazer nos fundos um terreno plantado, plantar seus frutos”. Não apenas a horta comunitária era espaço para o cultivo de hortaliças e legumes, mas o espaço dos terrenos para a horta caseira. Na fala de Diva, espaços em que se cultiva o “canteirinho”. Roseline lembra os cursos na horta comunitária recomendado o lixo doméstico como adubação orgânica: “seu lixo doméstico, faz um canteirinho”.

Edelmiro rememora outro mandamento: “[...] reserva dos espaços comunitários: tinha que reservar a horta, a igreja, o posto de saúde, a associação”. Juca reforça a decisão do espaço comunitário da horta para outras necessidades futuras.

Estas regras seguiram inspiração no decálogo bíblico, a constituição do tribalismo igualitário hebraico, após fuga do Egito e reconquista da terra prometida (Êxodo, 20,3-17), estimulados pela ação dos assessores externos (BAVARESCO, 1988). Este foi o período da participação da cidadania brasileira no processo constituinte, onde se construía as emendas populares. Como vimos anteriormente, a AMVUO foi coautora de uma na área da habitação e uso do solo urbano.

Voltando ao tema, foram rememorados acontecimentos em que os mandamentos tinham eficácia para acomodar os moradores mais antigos, como no caso do Juca que havia fechado uma área de três terrenos no período da resistência na posse e teve que doar dois para amigos. Aluízio, que foi coordenador de quadra, recorda que a sua não observância impedia acessar benefícios administrados pela AMVUO, como o Tíquete do Leite: “Tu não ganhas ticket do leite [...] enquanto não concordar de tirar a casa de cima do terreno, podia ser irmão, ali na minha quadra aconteceu”.

Edelmiro relembra de um morador cuja casa situava-se no espaço da rua, impedindo o acesso da quadra inteira à água e à luz, o que gerou uma ação coletiva:

> [...] o Pedrinho que morava na esquina aqui de casa, em frente ao Adelino e a casa dele ficou dentro da rua, isso quer dizer, era uma casa mais ou menos boa, de madeira, daí quando tava para vir agua e luz, eu sei que aquela quadra se tivesse alguma casa fora dos padrões da vila, aquela casa não entrava agua e nem luz. Daí os próprios moradores vizinhos pressionavam pra eles trocar, e colocar a casa no lugar certo. Daí chegou um dia de domingo e o finado Orlando foi o que fez a frente, e fomos lá. Eu peguei o Pedrinho: "Olha, só que vocês mudem minha casa sem desmanchar". Arrumamos um macaco emprestado, pranchão de madeira, levantamos a casa do homem e levamos pro fundo do pátio, uns 5 metros pra trás, daí botamos no lugar, eh, eh, fizemos mutirão, né, eh, eh (EDELMIRO).

Houveram intervenções mais dramáticas, que atingiram os pioneiros da vila, como o Otacílio, morador que acolheu em seu pátio o evento da fundação da AMVUO lembrada por Juvila e Judite. João relata o drama da redução da chácara do Otacílio:

> Do seu Otacílio, quando eu cheguei ali tinha só um lotezinho. A memória dos vizinhos é que ele tinha ocupado uma grande área de terra né, daí depois a associação foi pressionando, pressionando, pressionando e ai conseguiu deixar ele só com um lotezinho mas que ele tinha feito uma pequena chácara ali né, que tinha cercado com uma quantidade bem grande de terra pra ele que ele tinha se adonado, mas daí foi sendo convencido que mais pessoas precisavam sair da condição de aluguel pra ter seu cantinho pra morar e ele foi cedendo os espaços e acabou ficando só com um lote.(JOÃO).

As regras permitiram um processo coeso na estruturação do loteamento, conduzido pela direção da AMVUO, gerando pertencimento e coesão social. Como veremos mais adiante, uma vez consolidado o loteamento, a forma de conquistar as demais condições de habitabilidade teve outra dinâmica, onde a participação dos moradores passou a ser mais esporádica e nem sempre coesa. Permaneceram mutirões de impacto, como a do embelezamento com a pintura dos postes, ocorrida por ocasião dos 20 anos da vitória da posse.

Foto 13 – Mutirão de embelezamento

Fonte: Acervo do autor. Coordenadores de quadra no mutirão do embelezamento (novembro/ 2003).

6.3 De posseiro (ocupante) à cidadão

Os moradores entrevistados, ou seus pais, acessaram os terrenos pela forma da ocupação, mas também pela aquisição monetária do direito da posse do ocupante. Adegildo, Adélia, Dejair, Gessi, Jandira, Juca, Judite, Juvila e Lair são ocupantes no período da resistência, ou seja, antes da vitória judicial da posse. Aluízio, Edelmiro, Iracema, Natal e os pais de Rosaline e do Saulo, no período da estruturação do loteamento. Lucy foi convidada para ser zeladora da horta comunitária. Diva, recebeu da AMVUO um terreno em que houve substituição do morador posseiro. Somente Jair, João, Luciane e Paula adquiriram monetariamente o direito de posse de ocupantes. Independente destas formas, todos se consideram posseiros. Não apareceu nenhuma fala que os diferenciasse nessa questão da ocupação pela forma gratuita ou onerosa.

Que lembranças qualificam os posseiros como invasores ou como ocupantes? Adegildo, ao rememorar seu primeiro contato com o Bergental, diz que gritava serem "uma turma de preguiçoso que me invadiram a propriedade". No contexto da disputa judicial, Adegildo lembra, também, de que eram chamados pelos proprietários de "invasores". O mesmo reafirma Juca. Natal é quem expressa o contexto que fundamenta sua qualificação de ocupantes, e por extensão, de posseiros: "Era uma área vazia, nós não estávamos invadindo, estávamos ocupando a área".

Vamos retomar o que rememoraram no contexto da audiência judicial: "não éramos baderneiros", "não tínhamos onde morar" e "nós sem dinheiro ganhamos". Expressões que traduzem o "autêntico estado de necessidade de sobrevivência", expresso na sentença do juiz relator do processo de novembro de 1983. Na visão dos proprietários e seus defensores, um processo de invasão, de usurpação da propriedade particular. Na perspectiva dos moradores, a ocupação do território como garantia de acesso à moradia e às condições de habitabilidade.

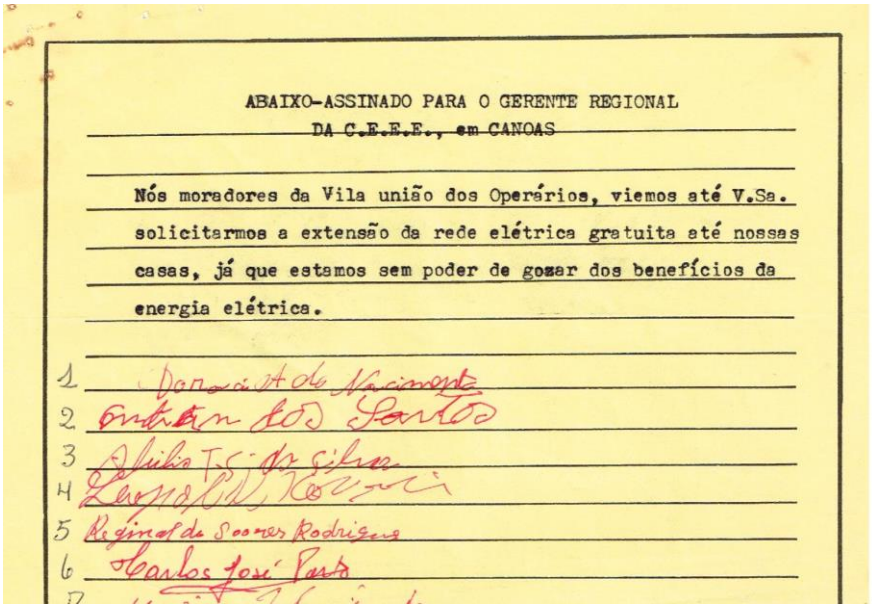
Esta concepção se reforça como identidade no contexto do avanço ocupacional em todo o território, já apresentado nos quatro pilares: (1) vitória da posse com a decisão da partilha para reforçar no território o que o juiz lhes garantiu; (2) a saga de luta pela conquista do território vencendo os novos empecilhos acionados pelos proprietários; (3) as ações das FETS voltadas a demarcação organizada do território, reforçada pelos mutirões das mães (alimento e vestuário), além da sacola básica; (4) a liderança ampliada com a coordenação e quadras e os mandamentos do morador. O envolvimento dos moradores neste processo criou uma dinâmica de coesão social,

de sentimentos de pertencimento por um período continuado, que enquadrou suas memórias como moradores da vila e, por extensão, reforçou a identidade social de posseiros.

Portanto, se ocorreu uma crescente formação de uma identidade coletiva que nasce lá nas ações de resistência e é consolidada neste processo de ocupação do território, neste período também se inicia um processo de transição para uma identidade que a denomino de cidadã. Esta migração tem um aspecto de arrefecimento das dinâmicas de envolvimento que houveram ao longo da segunda metade da década de oitenta. No lugar, uma nova dinâmica que se inaugura com as lutas pela ampliação das condições de habitabilidade. Vamos às falas destas lutas.

Lucy, Iracema e Natal trazem lembranças ancoradas nas ações de luta para garantir o acesso à água encanada e à luz elétrica. Lucy lembra que houve manifestações públicas de "trancamento da Avenida Rio Grande do Sul". Iracema relata que as mães com suas crianças realizaram várias caminhadas até a prefeitura. Natal recorda que foi no período do prefeito Giacomazzi que se iniciaram as lutas "[...] na CORSAN e na CEEE para conseguir a água e a luz. Na CORSAN a gente fez várias comissões, a gente sempre ia em comissão. [...] reunimos lá mais que uma vez, nós fomos várias vezes". Eram feitos abaixo-assinados com a participação de todos os moradores. Natal destaca o que foi entregue à CEEE.

FF 14 – Abaixo-Assinado



ABAIXO-ASSINADO PARA O GERENTE REGIONAL
DA C.E.E.E., em CANOAS

Nós moradores da Vila união dos Operários, viemos até V.Sa. solicitarmos a extensão da rede elétrica gratuita até nossas casas, já que estamos sem poder de gozar dos benefícios da energia elétrica.

1 Dona [illegible] do Nascimento
2 [illegible] dos Santos
3 Julia T. C. da Silva
4 [illegible]
5 Regina da Soares Rodrigues
6 Carlos José Pinto

Fonte: Arquivo do autor. Cabeçalho do abaixo-assinado dirigido à CEEE (10/06/1985)

Jair, João, Paula e Diva que chegaram no território após os anos noventa, reforçam em suas lembranças ancoragens que demonstram um processo de renovação na direção da AMVUO. Assim como, referenciam eventos onde a conquista de melhorias passa pela mobilização pontual dos moradores em espaços de participação possibilitados pelo poder público. Dentre esses, a regularização da vila.

Jair destaca como veio a se envolver nas lutas da comunidade, após o acidente que o deixou tetraplégico, na condição de cadeirante. Foi após a solidariedade recebida que se tornou militante pela qualificação de serviços públicos na vila.

> Eu me surpreendi com a quantia de visita que eu recebi, a quantia de ajuda que eu recebi. Cadeira de rodas eu podia escolher. Então isso foi um fato que me marcou. Por isso que eu volto a falar, a união dos operários é, o nome é certinho, união dos operários. [...]e a partir desse momento assim eu me envolvi mais com a vila. [...] eu tenho um objetivo assim sempre participar das coisas que vivo, claro, sempre não é possível né pra ir em toda a cidade. Então já participamos do conselho municipal da saúde que foi uma conquista para os moradores, procuro melhorar a questão da saúde aqui na vila, mas cada vez aumenta mais o nosso comprometimento (JAIR).

João recorda que foi convidado pelo Alcindo, colega de trabalho na empresa DHB, a iniciar sua militância na AMVUO. Foi coordenador de quadra, conselheiro no OP do governo estadual e qualifica as lutas pela habitabilidade na vila como um processo permanente em que está engajado.

> A gente conseguiu naquele primeiro ano recursos pra começar o processo de regularização fundiária aqui da vila, onde foi feito o primeiro Levantamento Topográfico aqui da vila, foi também conquistado o dinheiro da primeira canalização [...] então desde lá pra cá a gente vem nessa batalha de tentar cada vez melhorar mais a vila, regularizar os terrenos, organizar a vida das pessoas, e tem sido uma batalha permanente (JOÃO).

João, ao rememorar as lutas e as conquistas mais recentes que ampliam as condições de habitabilidade, através do OP, constata que nem todos participam. Embora todos sejam beneficiados, muitos não valorizam este instrumento de participação.

> [...) a pavimentação que está acontecendo aqui na vila ela não caiu do céu, não veio de graça pra nós, tem uma luta por trás disso, que a luta dos moradores no orçamento participativo. [...] Mas né, se tu chegar em muitas casas e perguntar quantas vezes eles foram na plenária do orçamento participativo, vai encontrar muitas pessoas que nunca foi [...]. Nunca foi e muitas nem sabem o que que é orçamento participativo né, que é uma ferramenta pra colocar as pessoas a opinarem e dizer né, o que que é mais importante e prioritário, pra sua vila (JOÃO).

Paula fala das crianças nas escolas, com os benefícios do uniforme e do material escolar gratuitos que garantem igualdade e segurança às crianças, acabando com o ambiente de disputa pela moda:

> Uma que, os pais que não tem condições também, se fosse comprar os pais não teriam condição de comprar uniforme para as crianças [...]. Porque eles fazem diferença, se o coleguinha com um chinelo de cada cor já vê diferença. Se o coleguinha está com aquela mochila rasgada ou diferenciada, tem aquele coleguinha que pune aquele colega porque ta diferente dos outros (PAULA).

Diva rememora que foi a associação de moradores que trouxe o primeiro projeto de qualificação para jovens e adolescentes, antes da horta comunitária. Ela foi educadora e o Alcindo coordenador de um projeto com recursos do governo federal. Fala também de recursos federais acertados com o Senador Paim e o deputado Marco Maia para “os moradores aqui da vila ter uma cancha de esporte, que possa valorizar o esporte não só dos jovens, mas de todos os moradores”.

João lembra de uma campanha de arborização na vila. Com a conquista do asfalto nas ruas, destaca o cuidado para que o lixo não vá para as bocas-de-lobo e ocasione o entupimento das canalizações. A Diva rememora a conquista do galpão de reciclagem na vila, mas que é preciso “não só conscientização, mas uma motivação maior para que os moradores separem, continuem separando seu lixo”.

A AMVUO, em sua diversidade de projetos, mobiliza públicos específicos: jovens, catadores, praticantes de esporte. Os novos dirigentes da AMVUO participam em espaços de políticas públicas, tais como o OP e o Conselho Local de Saúde junto da Vila. A luta mais geral, a da regularização fundiária com a escritura dos terrenos, é a que sepulta a qualificação dos moradores como posseiros. Com a escritura de seus lotes e a legalização o loteamento, passam a ser proprietários e formalmente cidadãos canoenses.

FF 15 – Regularização Fundiária

Fonte: Arquivo do autor. Assembleia que aprovou o projeto da regularização Fundiária (2011)

7 NOMINAR, HOMENAGEAR E A MENINA DOS OLHOS

Apresenta-se, neste capítulo, o processo em que os moradores dão nomes às ruas e, parcela dos moradores católicos, à padroeira de sua nova comunidade. Desse modo, cristalizam-se lembranças de eventos e acontecimentos considerados importantes no território. Em seguida, o reconhecimento dos batalhadores e pioneiros em celebrações e homenagens. Por fim, a horta comunitária com seus serviços, a menina dos olhos da vila, a qual também abriga o ponto de cultura local.

7.1 Nominar ruas e a santa padroeira

Derrubadas todas as cercas, ocupados todos os lotes e demarcados todos os valinhos das quadras, segue a luta pela qualificação das ruas e pela instalação das redes da luz e da água residencial. No momento em que os posseiros residem nos lotes, passam a ter um local geográfico que os identifica. Portanto, o lote além da porção de terra, é portador de uma localização. A localização é possível pelo endereço: rua e número.

Foi exatamente na identidade da rua que os moradores decidiram nominar eventos e acontecimentos de sua saga até o momento. Na fala dos moradores, Natal diz que cada nome de rua tem uma história. Juca, Lair e Natal rememoram que os nomes foram aprovados em uma assembleia no tempo em que o Clésio era presidente da AMVUO. Mas, para além da aprovação, quais as razões que levam cada rua a receber um nome particular? O que esses nomes evocam?

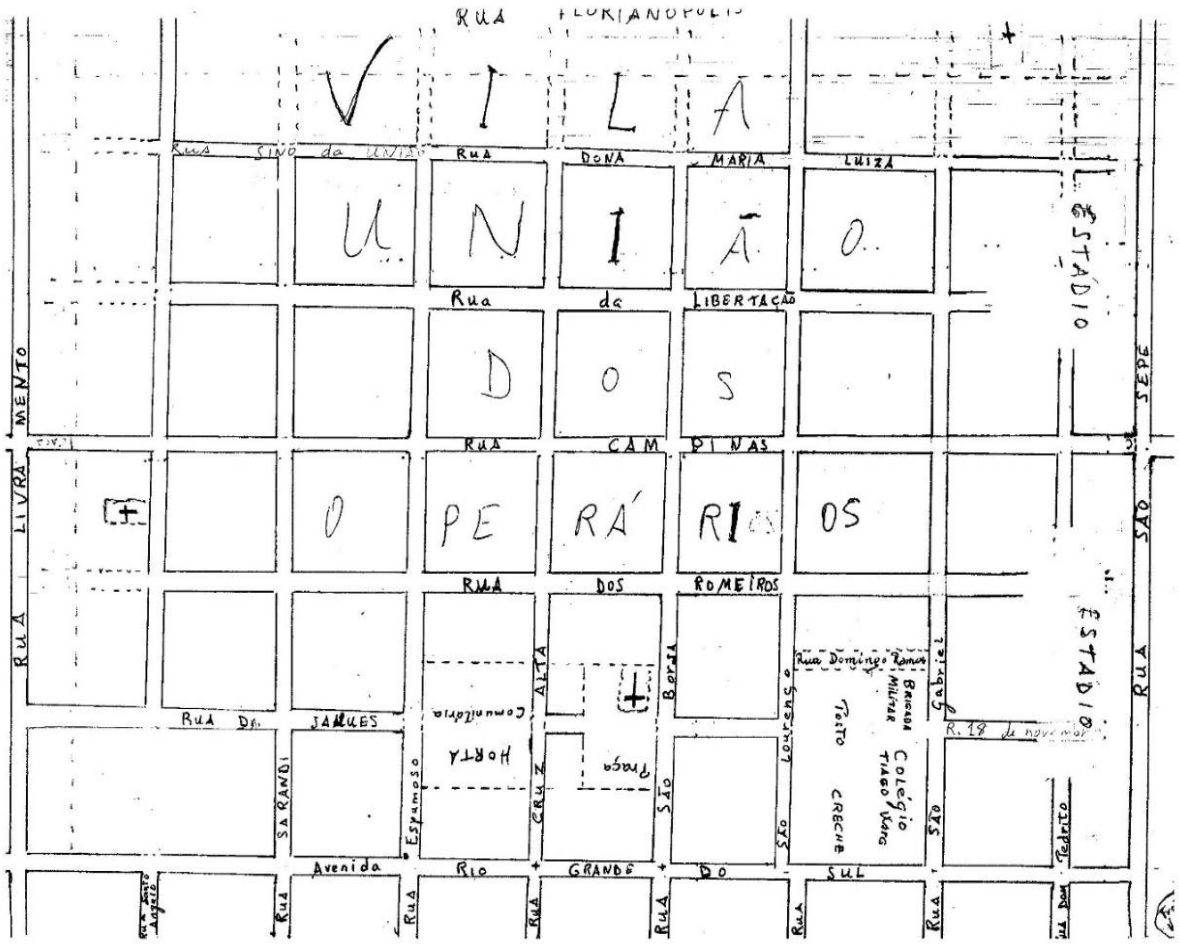
Começando pela rua Sino da União. Segundo Edelmiro, foi por causa do sininho. Qual sininho? Juca, expressando uma risada, rememora que muito correu por causa daquele sino. Edelmiro, que acompanhou o agrimensor na medição das ruas e terrenos em toda a vila, lembra que esta rua tinha outro nome e que depois decidiram pelo nome Sino da União por causa do “sino que tocava na igreja para avisar que os jagunços estavam chegando”. Realmente, em um esboço de que podemos conferir na figura seguinte, aparece o nome de Dona Maria Luiza.

A Rua Dezoito de Novembro, que segundo Natal e Lucy foi para lembrar o dia da vitória judicial da posse, neste mesmo mapa aparece com o nome de Rua Dr. Jacques. Natal também recorda que a Rua dos Romeiros, foi para recordar a Romaria da Terra e a Rua da Libertação, pela libertação que significou a vitória da posse.

A decisão de nominar as ruas com eventos e acontecimentos marcantes do movimento social de luta pelo acesso à moradia e às condições de habitabilidade constitui-se como uma estratégia social de construção de identidade da luta dos posseiros. Foi também uma forma de manter a história destes eventos para as rememorações das gerações futuras no território.

A nominação é um acontecimento que ancora memórias fortes e organizadoras. Percebe-se uma perspectiva militante na seleção dos eventos e acontecimentos marcantes do período da resistência e do início da estruturação do loteamento. O autor dessa investigação, ao comparar com outros registros de fontes documentais, identifica a grafia do Frei Volmir, o qual foi desenhado em 1985. A partir de 1986, com a saída do Frei Volmir de Canoas, o autor deste trabalho assumiu esta tarefa.

FF 16 – Primeiro mapa com nome de ruas e espaços comunitários



Fonte: Acervo do autor. Esboço de 1985, identificado como sendo de produção do Frei Volmir.

Diva recorda que as vilas conseguiram eleger o vereador Oli Borges, moradores das áreas de ocupação, o qual apresentou o projeto que legalizou o nome das ruas, legitimando a escolha feita pelos moradores com seu significado e que por isto não pode ser esquecido:

> Sino da União para lembrar a chamada; depois a Libertação pra lembrar que o povo se libertou do aluguel, daquela pressão [...] A rua dos Romeiros lembrando a romaria da terra [...] 18 de Novembro lembrando o dia da posse né, que o povo ganhou junto ao juiz que deu de presente[...]e a gente não deixa ninguém esquecer que foi através do Oli que manteve o nome dessas ruas, lembrando toda a luta do povo organizado marcando o nome das nossas ruas (DIVA).

Na Assembleia da AMVUO que definiu os nomes, encontram-se os mesmos nomes que foram consolidados pelo projeto do vereador Oli Borges. Na justificativa do projeto deste vereador, foi ampliando o significado referente à rua Libertação, como sendo as inúmeras libertações conquistadas na vila e da rua Dos Romeiros como tendo sido a Romaria da Terra que passou no local de seu leito, a celebração da vitória dos pobres sobre os interesses especulativos dos enricados (ANEXO 18, Projeto de Lei de 2003).

A comunidade católica construiu uma capela no morro onde se situava a arquibancada do jóquei. Também foi o local onde ficavam os jagunços para controlar os movimentos dos moradores e o local em que se iniciou a Romaria da Terra, na fala de Natal. Lembra mais: neste local decidiu-se construir uma capela, onde foram lembrados vários moradores que a construíram em mutirão, dentre estes, o Orlando. Lucy cita a família Severgnini. Ainda em construção, Iracema e Edelmiro rememoram o fato de que foi carneada uma vaca no seu interior e a buchada foi jogada nas pedras em frente ao prédio. Antes de ser inaugurada, houve o debate da escolha de seu nome que significa uma referência de proteção. Edelmiro, o próprio autor da sugestão vencedora, rememora este evento, justificando a escolha de Nossa Senhora dos Romeiros:

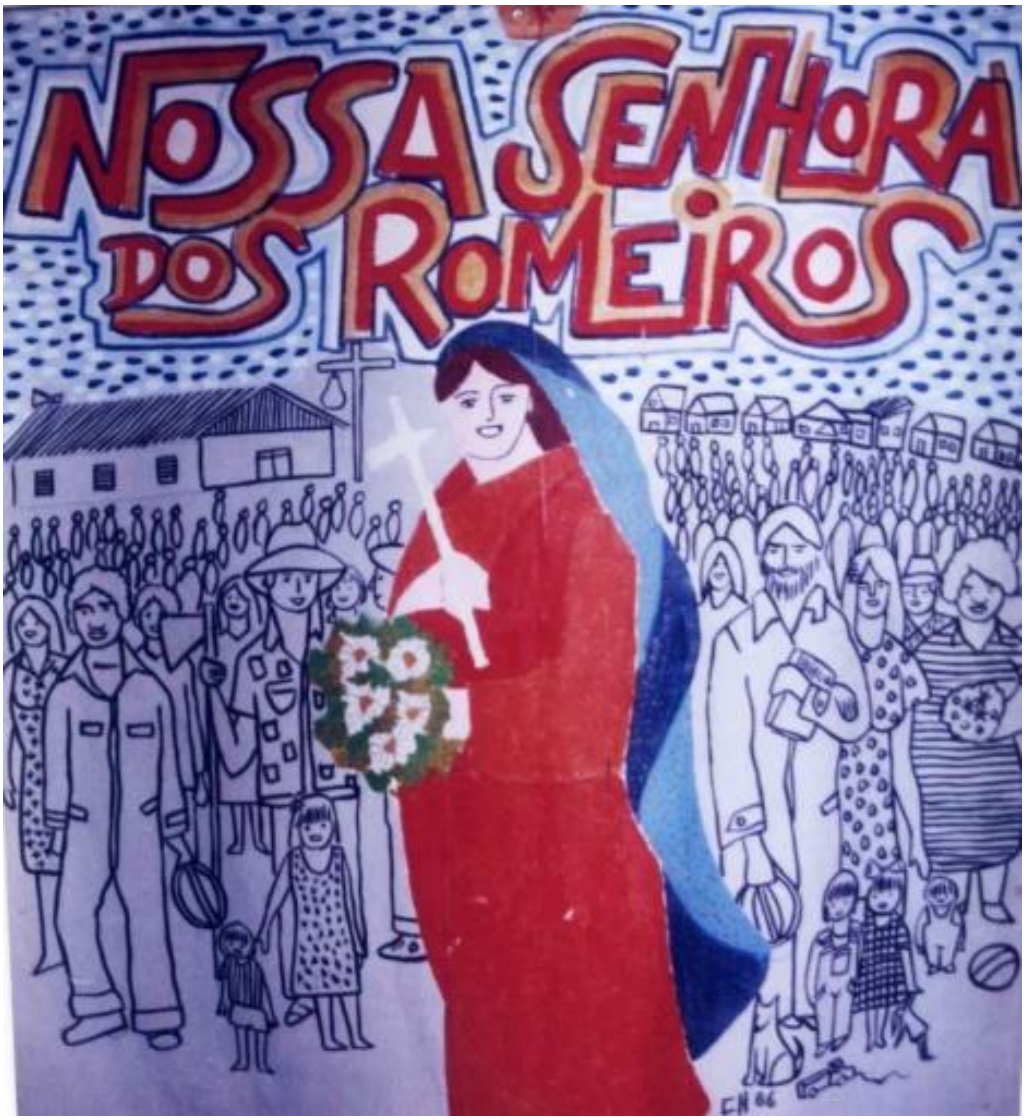
> Mas por que Nossa Senhora dos Romeiros? É porque aqui, nesse morro que está construindo essa igreja, começou a procissão da Romaria da Terra [...] E aqui, nós que ficamos morando aqui na vila, todos somos Romeiros, por que aqui, 99% de nós viemos de fora, nem somos naturais daqui. Então nós somos romeiros também. Então por isso que eu sugiro Nossa Senhora dos Romeiros. Daí fomos na assembleia e foi o mais votado, e ficou Nossa Senhora dos Romeiros (EDELMIRO).

No período da resistência o nome do padroeiro da Capela Divino Mestre, sugerido pelo Irmão Antônio, reforçava no campo do simbólico, a unidade real dos

cristãos das várias igrejas e denominações, em um contexto onde a unidade na luta era fator determinante na garantia da resistência na posse. Consolidada a ocupação de todo o território e com a gradativa autonomia da AMVUO no processo de condução as lutas, ocorre um processo de diferenciação dos espaços de prática religiosa de cada denominação. Dejair ao sintetizar toda a caminhada da capela Divino Mestre, coloca que quando a AMVUO passou a ter seu local próprio, a Igreja Católica fincou pé naquele espaço e ficou.

No momento da regularização, em 2011, registram-se lotes com templos de cinco denominações cristãs diferentes: Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Igreja Batista da Filadélfia e Guardiões do Reino e três comunidades da Igreja Católica (Nossa Senhora Aparecida, Divino Mestre e Nossa Senhora dos Romeiros).

FF 17 – Nossa Senhora dos Romeiros



Fonte: Acervo do autor. Pintura de Frei Cristiano Chagas (1987).

7.2 Homenagear os conquistadores

Juvila diz que procura não lembrar para viver mais, apoiada pela sentença de Jandira que “lembrar do passado é sofrer duas vezes”, revelando a dimensão do sofrimento na rememoração. Gessi expressa um sentimento bom ao perceber a gratidão dos filhos, quando lhes conta e mostra fotos da luta e as conquistas do passado. Contar e ouvir as histórias, as lembranças de eventos e acontecimentos, alegres ou triste, realiza-se o processo de transmissão da memória.

Saulo ouviu do pai que lhe contou sobre o campo vazio. João ouviu dos vizinhos, dentre outras histórias, rememorando os barraquinhos erguidos de noite, os jagunços derrubando casas, a lama e o barro nas ruas, a chácara do Otacílio reduzida a um só lote, o sino que convocava para organizarem-se. Diva, ouviu da vizinha Iracema, a saga de seu marido Edelmiro e filhos na marcação das ruas.

Diva acrescenta a comunidade como transmissora de memória, tanto na catequese para crianças e adolescentes, como na festa anual da comunidade. Não só lembrando de eventos da história da comunidade, mas também relacionados à conquista da terra na vila.

> Mas que a minha lembrança vem através da comunidade, da igreja católica, ai eu fui dar catequese e ai a gente como comunidade, achou assim que Essa luta jamais deveria ser esquecida, então o que que foi que a gente fez nós como catequistas, escrevemos o que nos contaram como que foi [...] o início da comunidade, o início da luta [...] todos os anos no dia, no segundo domingo de dezembro a gente comemora a caminhada da comunidade Nossa Senhora dos Romeiros, contando a história desde o início, desde a Romaria da Terra, e depois a necessidade deste povo formar uma comunidade[...] eles escolheram um título para uma padroeira, e não era conhecido, foi criado aqui, Nossa Senhora dos Romeiros, por um dos primeiros moradores aqui da vila, Seu Edelmiro. Então quando eu cheguei aqui eu achei muito bonito essa história, e assumi essa história como minha, agora faço parte dessa história e junto com os jovens que eu catequizava a gente todo ano a gente recontava essa história e estamos até hoje recontando para que os novos que estão chegando saibam como tudo começou” (DIVA).

Diva recorda de uma festa que houve na vila, organizada pela AMVUO, por ocasião dos 20 anos, em 2003 (58,07). Jair se refere à fala de Diva em contar a história, como um grande patrimônio, o qual lhe aumenta o compromisso militante.

> Eu acho que nós temos assim um grande patrimônio, as pessoas da vila união dos operários, desde os conquistadores até os descendentes que hoje estão aqui, que nem a Diva sempre coloca, continuar contando a história, na igreja, pra catequese, então nosso compromisso cada vez aumenta mais pra nossa vila [...]cada vez aumenta mais o nosso comprometimento (JAIR).

Vê-se que a família, os vizinhos, a igreja e a associação são transmissores de, eventos e acontecimentos que ancoram a memória dos moradores. Transmitem o patrimônio, o conjunto das ações de conquista da terra e das condições de habitabilidade, através dos conquistadores e seus descendentes. Mesmo sendo um ator coletivo, existem referências a algumas pessoas que exerceram funções sociais relevantes, as quais tiveram destaque nas rememorações.

Juvila define a ação do Irmão Antônio como de apoio e de orientação e o Adegildo de incentivo. Foi ele que ensinou o canto entoado com emoção por todos do GF1: “A terra é de Todos, disse Deus a Adão. Toma e cultiva, tira dela o teu pão”. Judite menciona que ele ajudava a ler a Bíblia, a cantar e a rezar bastante. Fala que por ocasião da violência dos proprietários no período da resistência, mudou-se para próximo da capela Divino Mestre e plantou com o marido uma horta, onde colheu muito feijão e daí “lembrava do Irmão Antônio e da música dele”.

O Frei Sérgio foi a primeira pessoa que Juvila procurou após ficar viúva para ajudá-la frente a violência dos jagunços. Segundo Dejair, foi o Frei Sérgio que rezou a primeira missa no local onde hoje se situa a esquina da Rua Sino da União com a Santo Ângelo, quando ainda não havia capela. Citado pela Juvila com sua lambretinha, o qual de forma pitoresca, era identificado pelo Ervino com porte de Açougueiro: “ele sempre deu muito apoio”. Dejair o coloca como articulador do grupo de jovens da São José em que participava com a sina da família da Juvila, em 1979. Ainda mais, afirma: O Frei Sérgio participou muito das ações no início da vila”.

Demais Freis são citados em momentos diferentes. Tanto no período da resistência como na estruturação do loteamento. Juvila menciona o Frei Egídio nas ações de derrubadas de cerca. Juca, Lair e Natal recordam do Frei Ivo e do Frei Volmir almoçando seguidamente em suas respectivas casas. Judite lembra que a Matilde, irmã do Antônio sempre o acompanhava. Menciona também o Orlando, missionário leigo, em eventos ligados ao sino e, Jandira, na luta pela água. É de Jandira a lembrança da Irmã Iracema enfrentando a brigada e, de Natal, referente ao plantio na fase da roça comunitária.

O Dr. Jacques era amigo do Irmão Antônio desde o início da vila, na fala de Dejair. Chegaram juntos na vila, nas rememorações de Juvila e de Judite. Dejair diz que entrava nas reuniões na justiça no início, junto com o Clésio. Segundo Juvila, foi este advogado que fez a proposta de fundar da AMVUO. Judite fala que foi à sua casa “com um chapéu bem grandão” para o convidar seu marido para as reuniões. Foi

lembrado pelo Adegildo e Jandira no dia da vitória da posse. Natal rememora que foi o advogado que orientava e estava presente nos conflitos das derrubadas das cercas, dando carteiraço a favor dos posseiros. Nas falas do casal Juca e Lair, orientou pela derrubada das cercas após a vitória da posse, com o objetivo de aumentar a população no território e consequente reforço na luta. Juca acrescenta que prometeu tirá-los da cadeia caso fossem presos e que cumpriu a palavra nas quatro vezes em que foi preso, em decorrência de enfrentamentos com os proprietários.

Quando o Natal rememorava a ação planejada do território, não lembrou o nome do agrimensor. Os demais presentes no GF2 mencionam, em coro: Tuia. Edelmiro descreveu que vinha sempre aos sábados após ao meio-dia. Flávio Madruga, gerente da CEEE, foi o único gestor público lembrado como facilitador no atendimento das demandas dos moradores por estarem em um loteamento irregular. Natal, no processo de luta pela rede de energia elétrica no território, lembra que costumava dizer que seu “interesse era vender o produto, a luz elétrica”.

Quanto aos presidentes da AMVUO, foram rememoradas ações do Clésio e da Marilene. Jandira fala que “perdemos um grande homem que era o Clésio. Tanto prenderam ele, que quase ficamos loucos”. Juvila diz que Clésio foi preso muitas vezes e que permaneciam até o amanhecer e não saíam de lá até que o soltassem. Dejair rememora que o Clésio representava os moradores na justiça. Presença forte na derrubada das cercas e na organização do loteamento, nas falas de Juca, Lair e Natal, foi ele que conduziu a assembleia que deu o nome às ruas, que liderou a ação das FETs e das lutas pela conquista da rede elétrica. Foi chamado pelo Bergental para considerar a proposta de aceitarem o projeto habitacional, lembra Natal. Por fim, Lucy lembra que quando a Marilene era presidente da AMVUO, foi ocupada a área destinada para a sua nova sede.

Nos anos noventa, por ocasião dos 15 anos de fundação, a AMVUO organizou a primeira exposição de fotos e homenagens aos batalhadores e aos pioneiros (ANEXO O, BOLETEIM DA AMVUO, 1995, n.º 1, p.4). Outros eventos com exposição e homenagens foram realizados: (1) em 2000, em comemoração dos 20 anos da AMVUO (ANEXO O, 2000, n.º 3); (2) em 2003, por ocasião das comemorações dos 20 anos da vitória judicial da posse da terra; (3) em 2005, por ocasião das Boda de Prata da AMVUO, com uma campanha entre os moradores para colher fotos e recolher atas, listas de presença, fichários e demais documentos (ANEXO O, 2005, n.º 2).

Os apoiadores externos tiveram um papel decisivo de animação, incentivo e apoio técnico nas ações coletivas dos posseiros. Mas também de protagonismo em propor estratégias e garantir proteção jurídica como na derrubada das cercas; de articular eventos como a realização da Romaria da Terra que reforçaram a decisão dos posseiros pela partilha dos lotes. Enfim, sua presença como atores sociais é bem forte no período da resistência e no início da estruturação do loteamento. A partir da década de noventa, a AMVUO reconhece-os como batalhadores, ao lado dos pioneiros e rende-lhes homenagem.

Em 2003, a AMVUO solicita ao vereador Oli Borges a oficialização do nome da vila e das ruas. Em dois Projetos de Lei, a Câmara de Vereadores aprova esses projetos. O nome da Vila União dos Operários é oficializado pela Lei 4.796/03. E, a Lei 4.813/03, oficializa o nome das ruas: Sino da União, Libertação, Dos Romeiros e Dezoito de Novembro (ANEXO P - Lei 4.796/03 e Lei 4.813/03).

Por ocasião dos trinta anos da AMVUO, por iniciativa do vereador Ivo Fiorotti, a Câmara Municipal de Canoas prestou homenagem oficial em um Grande Expediente a uma parcela destes batalhadores e pioneiros. Foram homenageados os apoiadores: Ir. Antônio Cechin, Dr. Jacques Alfonsín, Engenheiro Artur (Tuia) e o ex-Gerente da CEEE, Flávio Madruga. A moradora Juvila Cassol Lopes foi homenageada representando a primeira leva dos posseiros. Também foram homenageados os ex-presidentes da AMVUO: Flávio Dalmolin e Alcindo Rodrigues Pereira.

FF 18 – Homenagem de 30 anos da AMVUO

Fonte: Acervo do Autor. Grande Expediente na Câmara de Vereadores em 2010.
Da esquerda para direita: Irmão Antônio Cechin, Juvila, Artur (Tuia), Dr. Ari, Gilnei, Alcindo, Nildo Natal, Vereador Ivo Fiorotti, Dr. Jacques, Flávio Madruga e Flávio Dalmolin.

5.4 A menina dos olhos da vila

Das falas ancoradas em diversos eventos correlacionados às representações das dinâmicas que promovem o habitar no loteamento conquistado, Diva fala da horta comunitária: é “a menina dos olhos da vila”. As lembranças dos moradores demonstram as diversas funções sociais deste espaço comunitário desde seu nascedouro até os dias atuais.

Natal conta como conseguiu resolver a falta de luz residencial quando chegou à vila logo após a vitória da posse, lembrança relacionada ao campo aberto onde foi fechada a horta:

> [...] tinha o seu João que morava na Rio Grande do Sul [...]ele não tinha condições de ter luz na casa dele porque não tinha condição [...] eu coloquei dois relógios, um para ele e outro pra mim, e levava dentro do campo lá pra casa, que ai depois aqui foi feito, foi fechado na época, a horta comunitária aqui também né (NATAL).

Ao lembrar do grande contingente que chegou na vila no período da ampliação da ocupação para todo o loteamento, Natal destaca que pegavam um “lugarzinho para morar e um pedacinho para plantar, para aumentar a renda”. Cita a origem da horta comunitária nas primeiras ações das FETs. Junto com as lembranças de Iracema, descreveram detalhes da primeira plantação da horta, seu manejo e das dificuldades por ocasião da colheita: a produção desaparecia.

> A primeira plantação aqui da horta foi assim, né. Foi lavrado aqui, conseguiram um trator, não sei de onde. [...] foi lavrado aqui. Daí fizemos uma reunião onde é a igreja ali, conduzida pelo professor Antônio, nas frentes de trabalho. Vamos plantar a horta ali. Bom daí o quê, o quê vamos plantar? Vamos plantar na época, vamos plantar milho e mandioca. Daí decidimos plantar uma verga de milho uma verga de mandioca [...] plantemos, capinemos. Chegou a hora de colher, começou a desaparecer as plantas aqui, eh, eh (NATAL).
> O trator era vermelho. [...] a produção desaparecia (IRACEMA).
> O pessoal vinha e, era fome também ne, pegava aqui e levava pra comer, não tinha comida na época. E aí foi a primeira plantação que foi feita aqui [...]. Daí conseguimos por umas caçambas de casca de arroz, foi feito um poço ali, pra fazer adubo apodrecer com a casca de arroz [...] E funciona assim até hoje né: só adubo orgânico (NATAL).

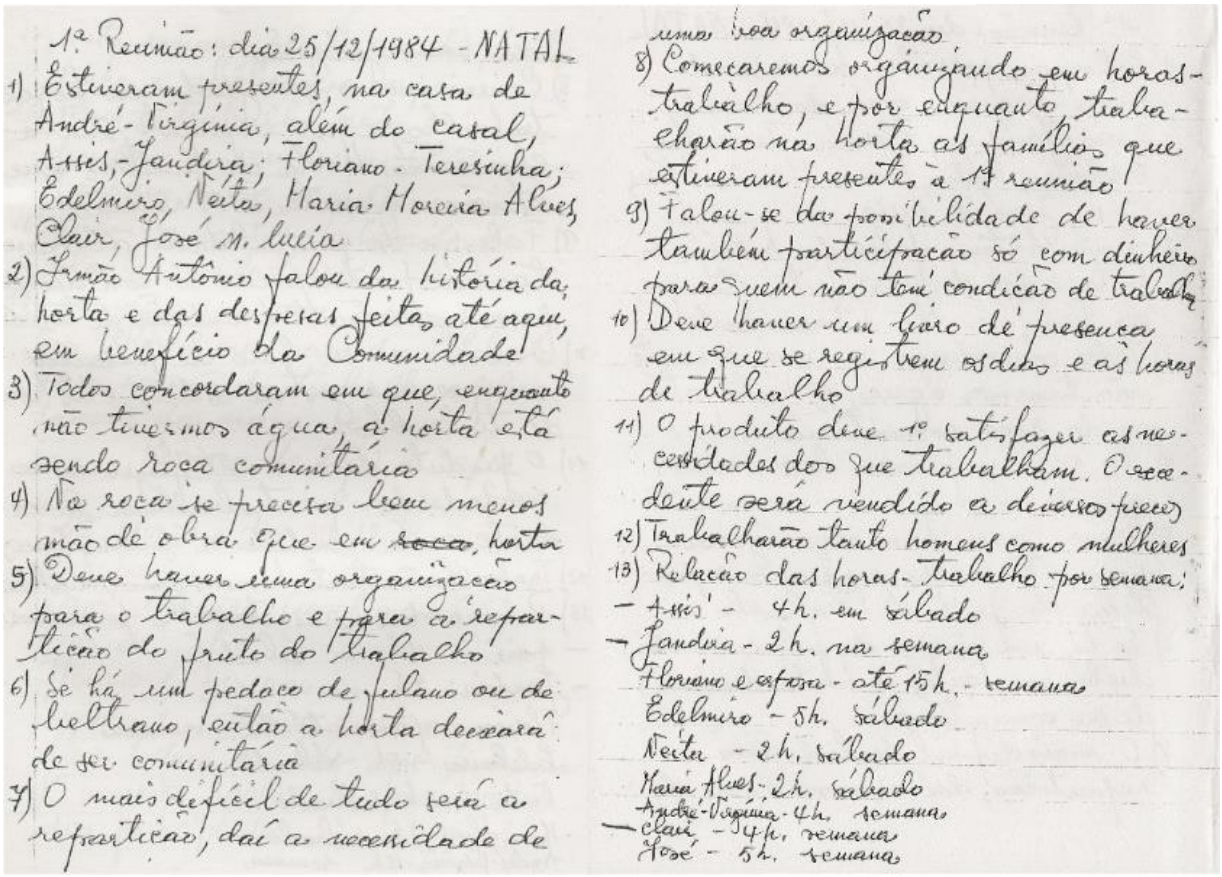
Juca fala que o desaparecimento do produto era para gerar renda: “alguns queriam levar para vender”. Ninguém fala do desaparecimento dos produtos como sendo roubo, o que demonstra uma certa solidariedade com o contexto de grave falta de alimentos nas famílias e de fome. A questão da utilização do adubo orgânico representa uma forma de manejo baseada na produção agroecológica.

Edelmiro, chega na vila em 1984. Lembra que houve uma decisão dos moradores em assembleia pela reserva dos espaços comunitários, incluindo a horta: “Foi em reunião decidido que tinha que reservar os espaços comunitários, tinha que reservar a horta, a igreja, o posto de saúde, a associação ... isso daí foi reservado na época como espaço comunitário, o que eu me lembro”.

Lembra-se, ainda, do grupo que realizou uma reunião no dia do natal na casa da Dona Virginia, para começar a plantar de forma comunitária. Sua rememoração detalha o caráter socialista da produção e repartição, a qual não deu certo. Houve uma reavaliação, mantendo o caráter associativo no conjunto, porém com o trabalho individual nos canteiros:

> Eu peguei um caderninho e marcava: Natal trabalhou 3 horas no dia, marcava. Cada um marcava a hora que fazia. Depois quando dava o produto, a gente repartia conforme o que a pessoa trabalhou, porcentagem. Mas daí não deu certo. Não deu certo porque aqueles que trabalhavam pouco queriam receber igual aos outros. Ai então vai terminar a horta desse jeito? Daí fizeram uma reunião e decidimos: cada um plantasse seu canteiro, daí, daí deu tudo certo (EDELMIRO).

FF 19 – Primeira reunião da HOCOUNO



1ª Reunião: dia 25/12/1984 - NATAL
1) Estiveram presentes, na casa de André - Virgínia, além do casal, Assis, - Jandira; Floriano - Teresinha; Edelmiro, Neiva, Maria Horcia Alves, Clair, José M. Lúcia
2) Irmão Antônio falou da história da horta e das despesas feitas até aqui, em benefício da Comunidade
3) Todos concordaram em que, enquanto não tivermos água, a horta está sendo roça comunitária
4) Na roça se precisa bem menos mão de obra que em ~~roça~~, horta
5) Deve haver uma organização para o trabalho e para a repartição do fruto do trabalho
6) Se há um pedaço de fulano ou de sicrano, então a horta deixará de ser comunitária
7) O mais difícil de tudo será a repartição, daí a necessidade de uma boa organização
8) Começaremos organizando em horas-trabalho, e por enquanto trabalharão na horta as famílias que estiveram presentes à 1ª reunião
9) Falou-se da possibilidade de haver também participação só com dinheiro para quem não tem condição de trabalhar
10) Deve haver um livro de presença em que se registrem os dias e as horas de trabalho
11) O produto deve 1º satisfazer as necessidades dos que trabalham. O excedente será vendido e deixará preço
12) Trabalharão tanto homens como mulheres
13) Relação das horas-trabalho por semana:
— Assis - 4h. em sábado
— Jandira - 2h. na semana
Floriano e esposa - até 15h. - semana
Edelmiro - 5h. sábado
Neiva - 2h. sábado
Maria Alves - 2h. sábado
André - Virgínia - 4h. semana
— Clair - 4h. semana
José - 5h. semana

Fonte: Acervo do autor. Folhas que retratam os encaminhamentos da 1ª reunião da horta (25/12/84)

Aluízio recorda que não era só canteiro: “cada um pegava um pedaço que podia capinar”. Indicou, em suas falas, as várias tentativas de ocupação da horta. Ele mesmo foi mobilizado para conter uma tentativa fracassada com a intervenção da brigada.

Edelmiro, por sua vez, conta das várias tentativas e da ação dos moradores para guarnecê-la, inclusive com um fato pitoresco que a Irmã Iracema sonhou e saiu gritando pela rua:

> Eles estavam prometendo invadir a horta, e eu vinha tirar guarda a noite em cima das caixas d’agua com espingardinha nas mãos, e o sino. Qualquer coisa, dava um tiro e batia o sino. E a irmã sonhou que, que tava invadindo e saiu gritando pra todo mundo. Encheu a horta e não tinha nada, eh, eh [...] “Tentaram invadir umas três, quatro vezes, essa vez foi a última vez que tentaram, que a polícia prendeu os caras, depois não tentaram mais [...] Eu cansei de ficar com a espingardinha em cima da caixa d’agua ali, ficava até meia noite, depois ficava outro (EDELMIRO).

Lucy recorda que sua chegada na vila teve um papel significativo em relação à horta: “estou aqui na horta desde oitenta e seis, oitenta e sete. [...] iniciei como zeladora”. Lucy ainda reside na horta. Hoje, além de zeladora, coordena os projetos da entidade. Para Diva, que chega na vila em 1993, importou sublinhar as vantagens de constituir legalmente a Associação da Horta Comunitária União dos Operários:

> [...] sendo uma entidade, ai ninguém vai poder ocupar. Foi em 97 parece, 1997 que foi, a horta se tornou uma entidade: Associação da Horta Comunitária. [...] todos esses equipamentos que nós temos aqui nesta horta comunitária que pra mim é a Menina dos Olhos aqui da nossa vila esses equipamentos foram todos conquistados com projetos que a associação foi buscar porque a gente trabalhou bastante e que a gente ta vendo aí que tá crescendo e que a horta tá sendo conhecida em toda Canoas por causa da organização dos projetos (DIVA).

A HOCUNO é a “menina dos olhos” da vila União dos Operários pelas suas múltiplas ações e projetos, mas também porque foram conquista dos moradores. Ou seja, pelo protagonismo. Na mesma direção vai o relato de Jair, destacando ações preventivas à violência voltadas aos jovens e de acesso à profissionalização:

> Eu vejo a importância do trabalho da nossa horta, dos projetos com a juventude... porque tudo começa lá na rua, as amizades, e os jovens tem que ter preocupações, então ai que entra essa parte bem forte nossa aqui que são os projetos, inclusive através da horta nós encaminhamos já pelo terceiro ano, os jovens pra fazer curso no SENAI, pelo Programa Novos Horizontes, esses jovens já saem de lá com expectativa de emprego e uma profissão. Já falei antes da cancha coberta também que ta sendo feito aqui, projeto de esporte, então a violência tem que ser combatida nem tanto pela repressão, eu acho que a repressão é o último recurso, mas a prevenção (JAIR).

As parcerias com outras instituições da cidade também são destacadas por Diva, em relação às escolas no entorno, no projeto da compostagem e reciclagem do lixo: “A gente começou aqui na horta uma compostagem, foi feito o projeto, na escola falava, nos nossos projetos a gente falava sobre a separação de lixo”. Paula, que chega na vila em 1996, fala que foi com a Lucy que começou os trabalhos na Pastoral da Criança e que passou a ser conhecida como a “tia da pesagem”:

> Nós mal tinha alimento pra distribuir pras família, as vezes a gente dava um pouquinho de arroz, um pouquinho de massa, e tinha que fazer com aquilo dali uma sopa, e pedia uma doação pra uma família, ia nos mercado, e fazer sopa praquelas criança. A nossa alegria era ver todas aquelas crianças em volta daquela mesa, e comendo aquela sopa com vontade, que a gente via que eles queria aquela sopinha. E eles viam a gente na rua e diziam: “Olha lá a tia da pesagem” (PAULA).

Paula relatou que seus filhos utilizaram a creche ‘tia Lucy” da horta. Nos últimos dez anos, ela tem atuado mais intensivamente nos projetos desta instituição, desse a Pastoral da Criança até mais recentemente nas ações voltadas ao esporte e à cultura: “Trabalho no Ponto de Cultura também, trabalho no teatro, trabalho na aula de ginástica”.

A HOCOUNO é um exemplo do processo de constituição de ONGs, na sequência dos processos de luta dos movimentos sociais. Na Vila, é um espaço que amplia o leque de respostas às condições de habitabilidade dos moradores. Abaixo uma amostra visual que a justifica em ser “a menina dos olhos da vila”.

FF 20 – HOCOUNO

Fonte: Arquivo do autor. (1) Canteiros, estufa e prédio da creche Tia Lucy; (2) Entrada do prédio onde se desenvolvem as atividades do Ponto de Cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação considerou que as lembranças que povoam as representações factuais dos moradores da Vila União dos Operários, ao realizarem este trabalho de memória, estão de fato ancoradas em eventos e acontecimentos da saga ocupacional. Esta ancoragem está muito forte e viva nas lembranças dos narradores, os quais foram atores deste movimento que ocorreu no território. Ao final da análise das narrativas dessas rememorações, o autor considera oportuno realizar uma síntese aproximada deste movimento social.

Em todo o trabalho de pesquisa e nestas considerações finais, o autor procurou ser o mais fiel possível às lembranças dos narradores e, para tanto, seguiu o itinerário investigativo explicitado. Situando-se como moradores da vila no presente de 2014, os narradores interpelados pelo pesquisador, rememoram neste futuro do passado, uma saga de duas décadas e meia como posseiros. Mas, também, no presente iniciam e vislumbram um futuro, como proprietários.

A abordagem interdisciplinar desta pesquisa, possibilitou compreender a riqueza de informações contida nas lembranças dos eventos e acontecimentos ancorados nas memórias. Possibilitam traçar uma visão de conjunto. Os elementos conceituais da sociologia permitiram a compreensão deste processo como um movimento social de luta pelo acesso à moradia e pelas condições de habitabilidade na Vila União do Operários, inclusive em sua dimensão mais ampla, no contexto das lutas pela terra no Brasil do último quartel do século XX. O trabalho de memória pode realizar-se em uma investigação participativa, onde o próprio investigado foi participe do processo de construção científica. As rememorações foram o resultado de suas lutas e vivências. E, pelo trabalho de memória, pode-se textualizar uma leitura do ocorrido. Enfim, essa perspectiva transdisciplinar permitiu uma investigação deste escopo.

Procurando textualizar uma síntese do que foi evocado nas reuniões com os grupos focais, articulando esta transversalidade, memória social e conceitos sociológicos, pode-se iniciar dizendo o seguinte: foi um movimento sem início planejado, organizado, sendo uma ocupação iniciada por famílias em busca de um lugar para viver e habitar. Essas famílias iniciaram uma saga coletiva de ocupação e resistência para residir em um pedaço de chão. Desde então, criam-se dinâmicas que coesionaram os moradores tanto na resistência na posse como na ocupação de todo o território. De forma planejada, organizaram ações coletivas de superação das

necessidades internas e de crescente conquista das condições de habitabilidade junto aos órgãos públicos, até culminarem com a legalização do loteamento.

Com o tempo e a vida em comum, passam-se de relações familiares para relações coletivas, que formaram uma identidade social com regras próprias e ações comunitárias de estruturação do loteamento. Estas regras foram se fragilizando na medida em que seus moradores tiveram seus mínimos necessários conquistados no território, como qualquer cidadão da urbe canoense.

Nesse sentido, famílias recém-chegadas das lidas da roça para a cidade ou ainda, fugindo do aluguel na própria zona urbana, que se tornava insuportável para a subsistência; estas famílias, aos poucos, deixaram de lidar individualmente na construção de seus barracos ou mínimos necessários para o tão sonhado e almejado lar, como a luz elétrica e a água potável; famílias que encontraram solidariedade advinda dos demais ocupantes no local; trabalhadores e trabalhadoras que receberam a doação solidária de materiais para construção de seus barracos, advinda de seus empregadores e demais benfeitores em suas relações de amizade.

Mas nem tudo se resumiu à solidariedade! Na medida que cresceu a presença de casebres no território, os proprietários empreenderam ações intimidatórias para a desocupação. Os ocupantes buscaram ajuda solidária de apoiadores externos como agentes de pastoral e advogados ligados aos direitos humanos, os quais, lhes apresentaram a proposta de unirem-se em uma Associação de Moradores. Fundaram formalmente a Associação de Moradores da Vila União dos Operários, num misto de desconfiança e esperança. De forma predominantemente individualizada, superaram os primeiros empecilhos colocados pelos donos do território, tais como a construção de valas e a colocação de um cercado com oito fios. Conviveram em um cenário de temor e medo por mais de três anos, fruto de ações intimidatórias dos proprietários para que desocupassem o local. Estas ações passaram da intimidação ao incêndio de barracos e, em situações de confronto aberto, com a prisão de ocupantes. Apoiadores externos motivaram a ida de alguns para a mansa e pacífica ocupação da Santo Operário. No entanto, um expressivo número resistiu e permaneceram na posse.

Habitando a parte leste do território, mais ou menos próximos, os moradores criaram instrumentos de comunicação coletiva. O toque do sino passou a ser a principal forma de convocação coletiva para resistirem a todas as formas de intimidação e violência. Fortaleceram-se as convicções de fé e os laços comunitários,

através de reuniões, momentos de reza inter-religiosa, cantos, leitura da Bíblia e celebrações. Ações conjugadas entre os apoiadores externos e os atores locais permitiram um processo de articulação mais ampla com outras vilas da cidade, emergindo como uma força social comunitária reconhecida na cidade. Esta força comunitária teve reforço com a fundação da União das Associações de Moradores de Canoas. Neste espaço mais amplo, demandas comuns foram viabilizadas. Dentre outras, a situação de carestia e desemprego formatou uma ampla articulação de desempregados em manifestações públicas, resultando na conquista das Frentes Emergenciais de Trabalho. Do ponto de vista da política de trabalho e emprego, um paliativo. No entanto, para os moradores das ocupações urbanas, foi uma resposta real para a fome. Para a organização social, a possibilidade de realizarem trabalhos comunitários estruturadores no território.

Pouco confiantes na obtenção de vitórias significativas em ações no judiciário, são surpreendidos positivamente com a sentença de um grupo de juízes que decidiram pela sua permanência na posse. Passaram por um grande momento de celebração, festa, Romaria da Terra e debates sobre seu futuro, em particular, a respeito da ocupação do território, gerando um cenário de rebuliço, tanto na festa como pelo que veio a seguir desta. A decisão de partilharem o espaço com quem precisasse de um lugar para morar exigiu coragem e ações estratégicas visando a derrubada de cercas e acolher os recém-chegados. Da resistência na posse da terra construíram uma ação organizada proativa de ocupação total do território. Os posseiros se constituíram como força social hegemônica no território, ao largo do poder público. Do improviso na acolhida aos recém-chegados, os posseiros planejaram o território como um loteamento: oitocentos e trinta e dois lotes, trinta e seis quadras, cinco ruas e vários espaços comunitários. Destacaram o papel de incentivo e de colaboração dos agentes externos: Dr. Jacques (advogado), Tuia (agrimensor) e agentes de pastoral religiosos (Ir. Antônio, Freis e Irmãs).

A decisão coletiva de compartilharem a área e a superação dos empecilhos empreendidas pelos proprietários foi respaldada pelo trabalho comunitário das Frentes Emergenciais de Trabalho, com suas diversas ações: a demarcação do loteamento (fazer os valinhos para demarcar ruas e quadras) e a reorganização das casas nos lotes. Estas também incrementaram e fortaleceram os mutirões das mães na confecção de acolchoados, na produção de pães nos fornos comunitários e na proteção aos subnutridos com o controle da pesagem e o apoio nutricional através da

multimistura. O rancho oportunizou momentânea garantia de alimento às famílias desempregadas. A produção de hortaliças e legumes na roça, posterior horta comunitária, foi uma iniciativa de produção alimentar no local.

Os dez mandamentos foram constituídos como regras de organização e convivência social. Foram legitimados coordenadores de quadra como extensão da direção da AMVUO na gestão da observância dessas regras, com força social. Foram coercitivas. Penalizavam quem não as observa, como no caso da correta colocação dos barracos nos lotes. Famílias deixavam de acessar benefícios, quando seus membros desrespeitavam os mandamentos.

Resumindo, foram estes os elementos estruturantes do movimento ocupacional, os quais emergem das representações factuais: (1) a decisão de partilhar a área conquistada, após a surpresa da vitória judicial da posse, através de um loteamento planejado; (2) as estratégias coletivas de superação dos empecilhos colocados pelos proprietários: as sucessivas cercas, as ações coercitivas da brigada militar e as propostas de programas habitacionais; (3) as FETs e os mutirões das mães suprindo as necessidades básicas de saúde, alimentação e vestuário, bem como, força de trabalho voluntário na estruturação do loteamento; e, (4) os mandamentos e os Coordenadores de Quadra que garantindo coesão social de direção para a AMVUO e força de coerção na correção de desvios no território.

Durante um período de cerca de meia década, todos os moradores posseiros referenciaram-se necessariamente na força social decorrente destes quatro elementos. Convivendo, participavam e comungavam desta “cultura ocupacional”. Essa dinâmica social enquadrou a identidade coletiva dos moradores, como ocupantes do território. Foi o auge de um processo que teve início no momento em que no período da resistência os posseiros decidiram constituir ações organizativas comuns, tal como a estratégia de proteção e comunicação através do sino e o fortalecimento dos laços comunitários através das celebrações, reuniões e os primeiros mutirões nos clubes de mães. As ações como a nominação das ruas com eventos e acontecimentos coletivos denotam a dinâmica da cultura e da identidade comuns, bem como uma preocupação de manterem espaços de memória visando o futuro.

Em todo movimento social, o caminho para o auge de um processo é também o início de sua contradição. Uma nova dinâmica ganhou força na medida em que os moradores foram transformando seus barracos em estruturas residenciais

qualificadas, com construções mais cômodas e amplas. Os moradores qualificam os lotes, com cercados, ajardinando-os com árvores, e flores. Empreendem novas ações comunitárias de serviços que atendem necessidades básicas de alimentação e vestuário, não apenas de forma coletiva na AMVUO. Na segmentação das denominações religiosas, diversificam-se novas ações comuns de atendimento de necessidades, tanto espirituais como de solidariedade nas carências. A nova comunidade católica que se organizou, nomina sua santa com a representação factual do posseiro como romeiro.

Observou-se que, após a ocupação de todo o território, as estratégias de articulação da AMVUO iniciaram uma outra lógica, qual seja, a de atender os mínimos necessários de cidadania. as ações sociais de luta pelas condições de habitabilidade na perspectiva de garantir o que é socialmente necessário em relação aos níveis de subsistência: rede de abastecimento de água, rede de energia elétrica com iluminação pública, recolhimento do lixo, asfalto nas ruas, escolas, posto de saúde, estrutura de esporte e de lazer e, por fim, a regularização fundiária com as escrituras.

A legalização do loteamento e o acesso à propriedade catapultam o espaço irregular da vila para a organização formal da cidade. Na realidade, a escritura coroa a transição do posseiro ao cidadão. A partir deste momento, o habitante da vila União dos Operários, não é mais posseiro, mas sim, proprietário do seu lote. Este habita do mesmo espaço urbano formal, com serviços e equipamentos públicos, do conjunto dos cidadãos canoenses.

Memórias organizadoras, memórias factuais, identidade social e trabalho de memória foram categorias que permitiram descrever e compreender este processo de construção identitária que desembocou em narrativas sobre o passado, o presente e o futuro da Vila União dos Operários. As lembranças produzidas ao longo da pesquisa que conduziram esta investigação confirmaram a hipótese de que as experiências prévias de lutas pela terra e pelas condições de habitabilidade povoam abundantemente a memória coletiva dos entrevistados.

No entanto, as rememorações do processo de luta social na formação do loteamento não foram uniformes para o conjunto dos narradores. Uma parcela significativa dos que hoje estão se beneficiando da regularização fundiária e a escrituração de seus lotes, além do asfaltamento das ruas e o acesso local a toda esta gama de equipamentos públicos, chegaram posteriormente ao período áureo da formação da identidade de ocupante. Este contingente abrange quarenta e dois por

cento das famílias, as quais chegaram após os eventos e acontecimentos ocorridos no período da ocupação de todo o território. Isto sem falar dos membros das famílias posseiras que nasceram e cresceram no território. No entanto, também nas narrativas desses moradores mais recentes, nota-se lembranças que rememoram histórias contadas pelos moradores mais antigos. São lembranças muito vivas que, por tabela, estão ancoradas em eventos e acontecimentos do processo ocupacional.

Os desdobramentos futuros da Vila União dos Operários, portanto, estão em aberto.

REFERÊNCIAS

ALFONSIM, Jacques Távora. A função social da cidade e da propriedade privada urbana como propriedade de funções. In: **Das legalidades injustas às (i) legalidades justas: estudos sobre direitos humanos, sua defesa por assessoria jurídica popular em favor de vítimas do descumprimento da função social da propriedade**. Porto Alegre, Armazém Digital, 2013, pp. 49-107.

ALVAÍDES, Natália Kerche & SCOPINHO, Rosemeire Aparecida. De sem-terra a sem-terra: memórias e identidades. **Psicologia e Sociedade,** Ano 25, nº 2, 2013, pp.288-297. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/seerpsicsoc/ojs2/index.php/seerpsicsoc/article/view/3585>. Acesso em: 15 fev. 2015.

BARBOUR, Rosaline. **Grupos Focais**. Tradução de Marcelo Figueiredo Duarte, Porto Alegre, Artmed, 2009.

BAVARESCO, Volmir. **A Ocupação da terra na vila União dos Operários**. 1988, 79 p. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BELLATO, Roseney; ARAÚJO, Laura Filomena Santos de; FARIA, Ana Paula Silva de; SANTOS, Elizabeth Jeanne Fernandes; CASTRIO, Phaedra; SOUZA, Solange Pires Salomé de; MARUYAMA, Sonia Ayako Tao. **A história de vida focal e suas potencialidades na pesquisa em saúde e em enfermagem**. Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2008;10(3):849-56. Disponível em: <http:// www.fen.ufg.br /revista/ v10/ n3/ v10n3a32.htm>. Acesso em: 17 fev. 2015.

BETTO, Frei. **Catecismo Popular**, São Paulo, Ática, 1991.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança dos velhos**. 17ª ed. São Paulo, Companhia da Letras, 2012.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: Ensaios de Psicologia Social.** 3ª ed. São Paulo, Ateliê Editorial, 2013.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CECHIN, Antônio. **Empoderamento popular: uma pedagogia da Libertação.** Porto Alegre, ESTEF, 2010.

CORRÊA, Raphael Millet Camarda. Memória constituinte e movimento social: lições de um museu popular. **Revista Estudos Hum(e)anos**, n. 2, 2011/01, pp.70-101. Disponível em: <http://revista.estudoshumeanos.com/memoria-constituinte-e-movimento-social-licoes-de-um-museu-popular-por-raphael-millet/>. Acesso em: 15 fev. 2015.

D'ALESSIO, Márcia Mansur. Intervenções da Memória na Historiografia: Identidades, Subjetividades, Fragmentos, Poderes. **Projeto História**. São Paulo, v. 17, pp. 269-280, 1998. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/ view/ 11150>. Acesso em: 27 jul. 2013.

DALLAGNOL, Wilson. **As Romarias da Terra no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, CPT, 2001.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. 7ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1975.

FERNANDES, Luciane Alves; GOMES, José Mario Matsumura. **Relatórios de pesquisa nas Ciências Sociais: características e modalidades de investigação.** ConTexto, Porto Alegre, V.3, nº4, 1º semestre de 2003, pp. 1-23. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/necon/sumario4.htm>. Acesso em: 15 fev. 2015.

FIOROTTI, Ivo. **A Irrupção do novo nos Clubes de Mães**. 1987, 82 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FIOROTTI, Ivo. Os conflitos nas comunidades eclesiais de base, in: BAVARESCO, Agemir (org.) **Igreja, rede de Comunidades**. Editora São Miguel, Caxias do Sul, 1988, pp. 14-18.

FIOROTTI, Ivo. **A Cidadania na Sociedade Civil Brasileira**. 1995, 92p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciência Política). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FOLLMANN, José Ivo; PINHEIRO, ADEVANIR APARECIDA. Afrodescendentes em São Leopoldo: memória coletiva e processos de identidade. **Ciências Sociais Unisinos,** São Leopoldo, Vol. 47, N. 2, p. 141-152, mai/ago 2011. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/cienciassociais/article/view/csu.2011.47.2.05>. Aceso em: 17 fev. 2015.

FONTOURA, Joaquim Alencastro. **Minha vida em poesia.** Canoas, AOSOL, 2004.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA, **De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul** - censos do RS- 1803-1950. Porto Alegre, 1981.

GOHN, Maria da Glória. **História dos movimentos e lutas sociais – a construção da cidadania dos brasileiros.** São Paulo, Edições Loyola, 1995.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e lutas pela moradia**. São Paulo, Edições Loyola, 1991.

GOHN, Maria da Glória. **Os sem-terra, ONGs e cidadania.** 3 ed. São Paulo, Cortez, 2003.

GOHN, Maria da Glória. **O protagonismo da sociedade civil:** movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. São Paulo, Cortez, 2005.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais – paradigmas clássicos e contemporâneos.** São Paulo Edições Loyola, 1997.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. Quatro proposições sobre memória social. In: _____. **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contracapa, 2005, pp. 11-26.

GUI, Roque Tadeu. **Grupo focal em pesquisa qualitativa aplicada: intersubjetividade e construção de sentido**. *Rev. Psicol., Organ. Trab.*, Jun. 2003, vol.3, nº 1, p.135-159. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/rpot/article/view/7071>. Acesso em: 15 fev. 2015.

HALBWACHS, Maurice. A memória individual e memória coletiva. In: **A memória coletiva.** Trad. por Laís T. Benoir. São Paulo: Centauro, 2006. pp. 29-142.

JACOBI, Pedro. Movimentos reivindicatórios urbanos, estado e cultura política: reflexão em torno da ação coletiva e dos seus efeitos político - institucionais no Brasil. In: LARANJEIRA, Sônia (org.). **Classes e Movimentos Sociais na América Latina**. São Paulo, editora Hucitec, 1990, pp.220-244.

JORGE, Jairo. **Radicalizar a Democracia**. Porto Alegre, Tomo Editoria, 2014.

KOWARIK, Lúcio. **A Espoliação Urbana**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

LÉTOURNEAU, Jocelyn. **Ferramentas para o pesquisador iniciante**. Tradução de Ivone C. Benedetti, São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MACHADO, Odilon Kieling. **As CEBs no Rio grande do Sul: O caso do bairro Mathias Velho – Município de Canoas (1975-1988).** 2012, 222f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

MARKOVA, Ivana. *Les focus groups*, In: MOSCOVIVICI, Serge & BUSCHINI, Fabrice. **Les méthodes des sciences humaines**. Paris, Press Universitaires de France, 2003, pp. 221-242.

MEDEIROS, José João de. **História de nossos Prefeitos.** Canoas: Prefeitura Municipal de Canoas, 2005. (Série Documento, 6)

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 32ª ed. Petrópolis, Vozes, 2012.

NASCIMENTO, José Renato Carneiro do. **História e cidade: compondo lugar de moradias na ocupação "Che Guevara" percursos pela história, memória e antropologia.** 2008, 129 p. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/4308/1/Dissertacao_HistoriaCidadeCompondo.pdf. Acesso em: 15 fev. 2015.

OLIVIERA, Francisco de. Os protagonistas do drama: estado e sociedade no Brasil. In: LARANJEIRA, Sônia (org.). **Classes e Movimentos Sociais na América Latina**. São Paulo, Editora Hucitec, 1990, pp.43-66.

PENNA, Rejane (Coord.). Canoas – para lembrar quem somos: **Mathias Velho**. Canoas, Gráfica Editora La Salle, 2000.

PERALTA, Elsa. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. **Arquivos da Memória**, Antropologia, escala e memória, n. 2, Nova Série, 2007, pp. 4-23. Disponível em: <http://www.academia.edu/917013/Abordagens_Te%C3%B3ricas_ao_Estudo_da_Mem%C3%B3ria_Social>. Acesso em: 15 fev. 2015.

PEREIRA, Pilato. **O irmão dos pobres – Antônio Cechin: uma biografia.** Porto Alegre, ESTEF, 2009.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos** – Revista da Associação de Pesquisa e Documentação Histórica, v. 3, n. 2, 1989, pp. 3-15. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/0>. Acesso em: 15 fev. 2015.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v.5 n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/ reh/article/view/1941/0>. Acesso em: 15 fev. 2015.

ROSA, Marcelo C. Biografias e movimento de luta por terra em Pernambuco. **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP**, volume 21, nº 1, 2009, pp. 157-180. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702009000100009>. Acesso em: 15 fev. 2015.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena – Experiências e Lutas dos Trabalhadores na Grande São Paulo.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

SANTANA, Marco Aurélio; THIESEN, Icléia. A política e a cidade: memória, espaço e identidade no sul Fluminense (1980/1990). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo, RS. **Anais do XXIV Simpósio Nacional de História** – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. São Leopoldo, Unisinos, 2007. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0942.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2015.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Movimentos sociais; um ensaio de interpretação sociológica**. Florianópolis, Editora da UFSC, 1987.

SCHERER-WARREN, Ilse & KRISCHKE, Paulo J. (org.). **Uma revolução no cotidiano? Os novos movimentos sociais na América Latina.** São Paulo, Editora Brasiliense, 1989.

SCHMIDT, Maria Luísa; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, São Paulo, 4 (1/2), 1993, pp. 285 -298. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34481>. Acesso em: 15 fev. 2015.

SCHIVITZ, Sady Fontoura. **História de nossos Prefeitos.** Canoas: Prefeitura Municipal de Canoas, 2003. (Série Documento, 4)

SILVA, João Palma da. **As Origens de Canoas: conquista, povoamento, evolução.** 4ª ed. Canoas: La Salle, 1989.

SUZIN, Luiz Carlos (org.). **Memória para o futuro: Nos passos de Ir. Antônio Cechin.** Porto Alegre, ESTEF, 2009.

TURINO, Célio. **Ponto de Cultura: o BRASIL de baixo para cima**. 2ª ed., São Paulo, Editora e Livraria Anita Ltda., 2010.

VIEGAS, Danielle Heberle. **Entre o(s) passado(s) e o(s) futuro(s) da cidade: um estudo sobre a urbanização de Canoas/RS (1929-1959).** 2011, 186f. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://tardis.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/ 3965/ 1/ 000430524-Texto%2BCompleto_-0.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2014.

VIEIRA, Sezefredo Azambuja. **Perfis Canoenses 1**. Canoas: SMEC, 1994.

VIEIRA, Sezefredo Azambuja. **História de nossos Prefeitos.** Canoas: Prefeitura Municipal de Canoas, 2004. (Série Documento, 5)

YATES, A. Frances**. A Arte da Memória.** Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

FONTES DOCUMENTAIS:

AMVUO. **Ata de Fundação,** 25 de maio de 1980.

AMVUO. **Livro de Presenças e Anotações**, de 1981 a 1984.

AMVUO. **Livro de Atas**, de 1985 a 1989.

AMVUO. **Compromisso Público**, 1985.

AMVUO. **Abaixo Assinado à CEEE**, 1985.

AMVUO. **Boletins da AMVUO**, de 1994 a 2014.

AMVUO. **Proposta de Emenda à Constituição**, 1986.

AMVUO. **Declarações de Reconhecimento de Posse Alheia**, de 1986 a 1990.

TRIBUNAL DE ALÇADA. **Acórdão n.º 100287119**, 18 de novembro de 1983.

5ª VARA CÍVEL DE CANOAS. **Processo de reintegração de posse,** julho de 1980.

5ª VARA CÍVEL DE CANOAS. **Ação Reivindicatória,** junho de 1987.

ENTREVISTAS:

ALVES, Jandira; GONÇALVES, Dejair; LOPES, Juvila Cassol; OLIVEIRA, Adegildo de; OLIVEIRA, Judite de; SILVA, Eva Reis da; SILVA, Maria Gessi Lopes da; VIEIRA, Maria Adélia da Rosa. **Entrevista Grupo Focal 1**. Canoas, 01 de julho de 2014.

BELLEBONI, Saulo; DORNELES, Luciane Mazurik; FIOROTTI, Ivonete Maria de Almeida; MACHADO, Paula Regina Pereira; SEVERO, Roseline dos Santos; SILVA,

Jair; TEIXEIRA, João Delci. **Entrevista Grupo Focal 3**. Canoas, 10 de janeiro de 2015.

CARISSIMI, Iracema; CONCEIÇÂO, José Antônio da; CONCEIÇÂO, Lair Silva; MICHEL, Aluízio; OLIVEIRA, Lucy Dalva Lopes da; PEREIRA, Edelmiro Aires; ROSA, Nildo Natal Barbosa. **Entrevista Grupo Focal 2**. Canoas, 26 de agosto de 2014.

APÊNDICE A – Exposição visual

O produto do projeto técnico da Exposição Visual é formado por 10 banners. Esses banners trazem fotos, documentos e extratos de falas dos moradores participantes dos Grupos Focais. Ilustram os principais eventos e acontecimentos do movimento social de luta pelo acesso à moradia e às condições de habitabilidade da Vila União dos Operários.

Esta exposição ocorreu no dia 24 de novembro de 2014, durante a Primeira Semana Cultural realizada pelo Ponto de Cultura da Horta Comunitária União dos Operários. A semana foi uma parceria da HOCOUNO com a Escola Estadual Tereza Francescutti, a Casa do Poeta e Associação Canoense de Escritores. Em março de 2015, os banners também foram expostos na Semana Cultural da escola Municipal de Ensino Fundamental David Canabarro, em comemoração ao trigésimo aniversário dessa instituição. Para novembro de 2015, os banners estarão na Exposição da escola municipal Rubem Carlos Ludwig, por ocasião do seu vigésimo aniversário. Também já está acertada a participação na Exposição da escola municipal Thiago Wurth, por ocasião da Exposição que ocorrerá no início de 2016, por ocasião do aniversário de 35 anos dessa escola. Estas três escolas municipais são as que recebem alunos da maioria das famílias da vila União dos Operários e seu entorno. Abaixo fotos da abertura da Semana Cultural na HOCOUNO. Nas páginas seguintes, apresentamos as miniaturas dos 10 banners da exposição. Abaixo, registros das falas de abertura da Exposição no Ponto de Cultura da HOCOUNO.

Banner 1

VILA UNIÃO DOS OPERÁRIOS
Zona do Jockey Club
MATHIAS VELHO - CANOAS - RS
AMVUO
Associação dos Moradores
Vila União dos Operários
EXPOSIÇÃO 01
UNIÃO DOS OPERÁRIOS
VILA MATHIAS VELHO
NÃO PAGUE ALUGUEL
SINTA-SE FELIZ CONSTRUINDO SEU PRÓPRIO LAR
1000m²
SOC. TERRITORIAL SÃO CARLOS LTDA
iniciadas
AS OBRAS DO HIPÓDROMO DO JOCKEY CLUB DE CANOAS NA VILA MATHIAS VELHO
terrenos ao alcance de todos
SEM JUROS
SEM ENTRADA
Soc. Territorial São Carlos Ltda
" Quando nós chegamos aqui, eu pagava aluguel. Aí eu fiz duas pecinhas, ali perto de onde está a igreja agora, a Divino Mestre. Fizemos um pedaço redondo para plantar. E aí chegou o Air, o Berghental e disse assim pro meu marido: 'vocês sabem que não podem morar aí. Isso aqui vai ser tudo desmanchado. Vocês vão ter que sair, isso aqui tem dono'.(...) E ali começou a chegar gente, e eles começaram a ficar violentos. Daí eu falei: nem parece ele, ele era tão gentil. E aí começou a luta, começou a vir mais gente pra cá, começou a fazer casinhas, até as abelhas que tinham na macega a gente enfrentava. Teve uma que pisou num enxame de abelha que tinha numa moita. A gente teve que enfrentar as abelhas". (Juvila Cassol Lopes)
Ata de Fundação - Associados Fundadores
1ª manifestação em frente a Prefeitura de Canoas
1ª sede da AMVUO
Desocupação, reconstrução e posse da sede da AMVUO a partir de 1994
UNIÃO DOS OPERÁRIOS

Banner 2

UNIÃO vence a violência...
EXPOSIÇÃO 02
UNIÃO DOS OPERÁRIOS
ATA DO DIA 20 DE FEVEREIRO DE 1982
PRESIDENTE
Casa e cocheira do Otacílio
Mutirão de Construção das Casas
Valas e cerca dificultando o avanço da ocupação
Conflito fez sua primeira vítima
O conflito entre posseiros e guardas, na antiga zona do prado, fez sua primeira vítima, o carpinteiro de nome Pedro Valmor Guterres de 25 anos de idade, casado, pai de um bebê de quatro meses. Ele mora há duas semanas no local e foi alvejado com um tiro de arma de caça, calibre 20, disparado por um dos guardas que tentavam expulsar alguns ocupantes da área.
Pedro foi levado ao Hospital Nossa Senhora das Graças, onde foi medicado e ficou sob observação. Não teve de ser operado.
A HISTÓRIA
Segundo Pedro, ele e outros posseiros se reuniram para impedir a ação agressiva dos guardas. No enfrentamento, um destes perdeu a calma e disparou sua arma.
Conforme outros envolvidos, naquele dia, domingo, os guardas já haviam agido com violência contra os moradores. Após essa primeira agressão, eles procuraram a Brigada Militar, que tem uma guarnição ali perto, pediram providências e não foram atendidos sob a desculpa de que a viatura estava fora. Além disso, disseram que tinha determinações para não entrarem na área do antigo prado. Isto revoltou os posseiros, que afirmam que a Brigada só intervém para proteger a ação dos "jagunços" de Air Berguental, administrador da propriedade.
CANOAS, 4.5.84 O Timoneiro PÁG. 15
" Me lembro que andavam derrubando muito as casas.... me lembro que um dia estava chegando do trabalho de tardezinha e o seu Berghental dizia: 'Isso é uma turma de preguiçoso que invadiram a propriedade ai'. E nós diziamos: 'Nós somos trabalhadores, precisamos apenas de uma moradia' (...) ali que a batalha começou a ficar mais violenta".
(Adegildo de Oliveira)
Assembléia dos Moradores

Banner 3

... a FÉ encoraja!
EXPOSIÇÃO 03
UNIÃO DOS OPERÁRIOS
1° SINO - 1981
"Eu me lembro uma vez que tinha uma reunião lá na Nossa Senhora da Luz. E as mães tinham se reunido. E todas fomos pra lá. Daí as crianças, os guris, derrubaram a guarita do guarda: se lembra dona Juvila? Nós chegamos e estavam aquelas latas. E os guris, pensei: agora, pronto, vão nos pegar? Derrubamos a guarita! E os guardas jogavam pedra, por que os meninos iam linchar eles. E nós bem tranqüilas na reunião na Nossa Senhora da Luz!
(Jandira Alves)
Reza das Capelinhas em 1984
derrubada da guarita 1984
Missa da Vitória da Posse 1983

Banner 4

Lembranças da sessão de julgamento (18 de novembro de 1983)

Gessi: "(...) a gente ganhou mais pelo silêncio que fizemos. A gente mostrou pra eles que nós não éramos mal-educados, não éramos baderneiros. E, a gente estava querendo o que a gente merecia".

Adélia: "E na hora da reunião estava empatado: metade e metade. Metade a favor e metade contra. E daí então a decisão do juiz, que decidiu por nós ficarmos por que não tínhamos onde ficar".

Juvila: "Disse assim (...) tá chegando o Natal. Como é que a gente vai colocar essa pessoal pra rua? Eu dou meu voto a favor'. Daí ele ficou olhando assim como quem diz: Ele sobrevieram! Nenhum pio"

Dejair: "(...) sai do trabalho e fui pra Divino Mestre. E o pessoal passou o tempo todo rezando. Cada um com sua religião, porque eram várias religiões. E cada um rezava a sua maneira de forma organizada. E quando o pessoal chegou, que já era noite, foi uma festa".

Banner 5

Solidariedade na
ROMARIA da TERRA
EXPOSIÇÃO 05
UNIÃO DOS OPERÁRIOS
CPP
OS INJUSTOS
ISSO E O QUE EU TENHO
TORRES,
TRABALHO PARA TODOS
QUE TODOS TENHAM VIDA
7ª Romaria da Terra
6 de março de 1984
"Mesmo que a gente tinha ganhado, mas também tinha que olhar para os outros. Porque tinha tanta gente que precisava. Daí veio a Romaria da Terra, divisão de terra(...) a finalidade da Romaria da Terra foi o consentimento dos moradores pra depois começar a dividir um pedacinho de chão". (Juvila Cassol Lopes)
"Como já tinha a Associação organizada, o pessoal na Assembléia decidiu dividir (...) a terra em terrenos, em lotes, par amais moradores poderem morar". (Dejair Gonçalves)
Celebração das CEBs
na praça onde hoje é a UBS União - 1988
Ato solidário com a
Romaria Conquistadora da Terra - 1987
Prado: Proprietário faz proposta a posseiros
" No começo eram 97 famílias que ganharam na justiça (...) tinha umas que queriam dividir em chácara, pra alguns ficarem com chácara (...) aí decidimos dividir em terreno que tinha mais força, tinha muitas pessoas trabalhadoras na época, que era uma época de crise, desemprego, tinha muito pouco trabalho na época, o governo não se interessava muito pelos pobres naquela época, aí foi decidido dividir em terreno pra aumentar o pessoal, pra ter mais força"
(Nildo Natal Borba Rosa)
Capela Divino Mestre
e sede da AMVUO
1985
Assembléia que
rejeitou o Projeto
João de Barro
fev/1985

Banner 6

Planejar e lutar pelos
SERVIÇOS PÚBLICOS
EXPOSIÇÃO 06
UNIÃO DOS OPERÁRIOS
RUA FLORIANÓPOLIS
RUA SINO DA UNIÃO
RUA DA LIBERTAÇÃO
RUA CAMPINAS
RUA DOS ROMEIROS
RUA 18 DE NOVEMBRO
RUA LIVRAMENTO
RUA SÃO SEPÉ
GRANDE DO SUL
DOS
18
HORTA COMUNITÁRIA
PRAÇA COMUNITÁRIA
" No começo eram 97 famílias que ganharam na justiça. Daí foi decidido numa reunião lá na Divino Mestre (...) tinha alguns que queriam dividir em chácara (...) decidimos dividir em terreno (...) era uma época de crise, desemprego, tinha muito pouco trabalho na época, o governo não se interessava muito pelos pobres naquela época. Aí foi decidido dividir em terreno pra aumentar o pessoal pra ter mais força. Sai pela Campinas no meio da vila, sai colocando as casas e sai alastrando para os lados (...) e a gente conseguiu com o pessoal que era desempregado uma Frente de Trabalho(...) a semana toda o pessoal ficava fazendo as valas, acertando as casas (...) colocava uma linha, a linha era a rua (...) depois veio um cara fazer a medição das ruas, o professor que agora não lembro o nome, o Tuia (...) o Dr. Jacques que era nosso advogado, ele que informava tudo o que podíamos fazer (...) já tinha os valos, daí foi uma luta na CORSAN e na CEEE pra conseguir a água e a luz, a gente teve várias comissão na CORSAN, várias comissões pra conseguir a água (...) o Madruga marcou uma reunião lá em Porto Alegre, e nós fomos lá pra reunião, se reunimos lá mais que uma vez, nós fomos várias vezes lá. Foi feito o projeto pra botar a luz aqui (...) aí começou a avançar. Isso foi uns 5 anos pra frente da ocupação que veio essa luz, e antes de vir a luz, a gente pegava e ia, eu mesmo que tinha luz ali en casa que tinha a 350 metros da Rio Grande do Sul até lá em casa". (Nildo Natal Borba Rosa)
ABAIXO-ASSINADO PARA O GERENTE REGIONAL
DA C.E.E.E., em CANOAS
Nós moradores da Vila união dos Operários, viemos até V.Sa. solicitarmos a extensão da rede elétrica gratuita até nossas casas, já que estamos sem poder de gozar dos benefícios da energia elétrica.
COMPANHIA ESTADUAL DE ENERGIA ELÉTRICA
Canoas, 22 de agosto de 1991.
Ilmº. Sr.
Clésio Aires de Oliveira
M.D. Presidente da Associação Moradores da Vila União dos Operários
CANOAS
Prezado Senhor:
Em atenção à solicitação contida na correspondência nº 058/91 datada de 15.08.91, informamos como segue:
Eletrificação da Vila União dos Operários
Etapa "A" - Início: 09.10.85 Fim: 10.12.86
Etapa "B" - Início: 21.10.86 Fim: 10.12.86
Etapa "C" - Início: 15.10.86 Fim: 10.12.86
Inauguração: Dia 13.12.86 às 16 horas na Sede da Associação.
Sem mais, subscrevemo-nos
Cordialmente
Roque Flávio Madruga Borges
Gerente Regional
C.D.I. Secret.
MRJL
CORSAN ATENDERÁ A UNIÃO OPERÁRIO
A Companhia Rio Grandense de Saneamento-CORSAN sensibilizou-se com os pedidos da Associação de Moradores da Vila União Operário e autorizou as ligações domiciliares nas ruas periféricas daquela vila. A informação foi prestada pelo presidente daquela entidade, Clésio Aires de Oliveira, adiantando que à Associação a Corsan delegou poderes para autorizar as ligações. Quem desejar usufruir do benefício deverá dirigir-se à Associação para pegar a autorização, que será fornecida após inspeção do local a ser servido. Após, o futuro usuário irá à Corsan para encaminhar o pedido. Clésio calcula que em breve mais de 300 residências com frentes para as ruas, Livramento, Florianópolis, Cristo Operário e Rio Grande do Sul, passarão a contar com abastecimento de água potável.

Banner 7

HOCOUNO
Associação da Horta Comunitária União dos Operários
EXPOSIÇÃO 07
UNIÃO DOS OPERÁRIOS
Medição para Casa da Zeladora 1986
"Eu me lembro da primeira reunião que foi feita. Foi no dia de Natal aqui na casa de Dona Virgínia, pra começar a plantar na horta. Daí nós começamos só em um grupo. Tudo no mesmo grupo. Eu peguei um caderninho e marcava. Natal trabalhou 3 horas no dia. Cada um marcava a hora que fazia. Depois, quando dava o produto, a gente dividia conforme a pessoa trabalhou, em porcentagem. Mas daí não deu certo. Porque aqueles que trabalhavam pouco queriam receber igual aos outros. Aí então vai terminar a horta desse jeito. Daí fizeram uma reunião e decidiu que cada um plantasse seu canteiro. Daí deu certo".
(Edelmiro Pereira)
Ponto de Cultura
o pulmão da vila
Nova Fachada 2005
Projetos de Capacitação de Jovens: floricultura, informática, mecânica, elétrica e jardinagem
Ampliação da Creche -2003
Laboratório de Informática 2007
PONTO DE CULTURA
Horário de Atendimento: Segunda à Sexta-feira: 14 às 20h
Ponto de Cultura 2011
Sementeira e Estufa

Banner 8

Das necessidades
aos SERVIÇOS e LUTAS
EXPOSIÇÃO 08
UNIÃO DOS OPERÁRIOS
Fármácia Popular
da PACRI - 1987
"Vim aqui em 1984 (...) começamos a organizar as pessoas que eram muito pobres (...) daí conseguimos formar a Pastoral da Criança, primeiro o Clube de Mães, a Pastoral da Mulher (...) o Forno Comunitário, íamos pedir farinha nos moinhos e nos colégios em Porto Alegre (...) para terem pão para darem alimento às crianças (...) o mutirão das mulheres que se reuniam semanalmente pra fazer acolchoado de roupa velha, faziam tudo que era roupinha para as crianças e partilhavam, não era para uma. Faziam pra quem precisava mais e era muita visita as famílias.(...) No clube de mães era a Bíblia, lá se refletia e depois se trabalhava.
(Irmã Iracema Carissimi)
Clube de Mães
Projeto Marcenaria
com Jovens - 1988
1º Forno Comunitário
1985
Pesagem na
Pastoral da Criança
1986
Passeata por
mais vagas nas escolas
1988
Últimas Canalizações
Rua Cruz Alta - 2009
1ª sinalização das
Ruas - 2003
Aprovação das Leis
do nome da Vila e Ruas
2003
Asfalto da
Rua Sino da União
"Quando cheguei já tinha pouca casa com vala a céu aberto. Pequei a luta pela regularização e pelo asfalto nas ruas. Atuo bastante aqui na horta comunitária ajudando nos trabalhos de organização da horta, no plantio das verduras, da ginástica e das crianças. Ajudo na Pastoral da Criança, na pesagem e na partilha dos alimentos. Que bom esta cancha coberta que conquistamos. Nossa vila é unida na luta". (Paula Machado)
1ª praça da vila - 1898
(onde atualmente é a UBS União)
Conquistada em 2012,
construída em 2014

Banner 9

A luta pela
REGULARIZAÇÃO
EXPOSIÇÃO 09
UNIÃO DOS OPERÁRIOS
OP Estadual 2011
moradores conquistam
recursos para regularização
Secretária Any Ivanzi
na representação do projeto
de aplicação dos recursos
Secretário Luiz Busatto no AMVUO
Processo iniciado em fev/2003 e
obertado em julho de 2004
Moradores buscam
posse de terras
União dos
Operários pode
ser oficializada
Permanência dos
moradores foi
consolidada
com importantes
conquistas
LEMBRANÇAS
Votação OP 2009/10.
Conquista de recursos para a regularização
fundiária - setembro de 2009
Tinha chegado a pouco tempo na vila. Lembro que aceitei fazer uma reunião na minha casa. Fui escolhido coordenador de quadra. Conheci o Orçamento Participativo no governo Olívio Dutra, quando conquistamos recursos para a regularização da vila. Fui delegado no OP e estive em toda a negociação com o Secretário Busatto. Teve a parceria com a UNITITTER para juntar os documentos para o processo de Usucapião. Abortaram isto em 2004 e, lembro da Rose, a estagiária da faculdade que nos trouxe a notícia que tinham entrado com o processo na justiça sem o aval da prefeitura. Foi assim que a quadra 8 teve sua sentença de Usucapião. Com o OP do governo Jairo Jorge, a Associação conquistou no OP em 2009 a Regularização Fundiária. Foi a obra mais votada na cidade daquele ano. O prefeito, ao nos entregar os números dos 83 processos que hoje tem de Usucapião, entregou as escrituras da quadra 8. Acho que foi esta minha participação que fez com que me reconhecessem pra trabalhar no OP do governo Jairo Jorge". (João Delci Teixeira)
Lei 4.796, de 15.10.03
Lei 4.813, de 25.11.03
Comissão de Obra e
reunião de apresentação dos
números dos processos judiciais
de USUCAPIÃO
Regularização
Fundiária
CAIXA
Escrituras
aos moradores
da Quadra 8
Apresentação
do projeto
Urbanístico

Banner 10

AMVUO: lideranças e agentes externos
EXPOSIÇÃO 10
UNIÃO DOS OPERÁRIOS
Presidentes da AMVUO
1980 - José Garibaldi e Adão Antunes
1981/87 - Clésio Oliveira
1987/89 - Marilene Michael
1989/90 - Dorival
1990/94 - Clésio Oliveira
1994/96 - Ivo Fiorotti
1996/98 - Edir Oliveira e Alcindo Pereira
1998/00 - Alcindo Pereira
2000/04 - Ivo Fiorotti
2004/06 - Flávio Dalmolin
2006/08 - Ivo Fiorotti
2008/12 - Nildo Natal Rosa
2012/16 - Alcindo Pereira
Festejos dos 20 anos da Posse da Terra (nov/2003)
Da esquerda para a direita: Clésio Aires de Oliveira, Senador Paim, Flávio Dalmolin, Alcindo Pereira, Vereador Oli, Frei Irineu, Ivo Fiorotti e Marilene Michael.
(os nomes em vermelho assumiram a presidência da AMVUO)
Homenagem dos 30 anos da AMVUO na Câmara (maio/2010)
Da esquerda p/direita: Ir. Antônio Cechin, Juvila Lopes, Artur (tuia), Dr. Ari (dentista), Gilnei (enfermeiro), Alcindo Pereira, Nildo Natal, Ivo Fiorotti, Dr. Jacques, Flávio Madruga, Flávio Dalmolin.
Posse diretoria AMVUO - 1994
Diretoria AMVUO 1996
Ir. Antônio Cechin
Posse diretoria AMVUO - 2000
Diretoria AMVUO 2004
Dr. Jacques Távora Alfonsim
Posse diretoria e Coordenadores de Quadra 2006
Diretoria AMVUO 2014
Pe. Frei Sérgio Dal Moro

APÊNDICE B: Degravação do Grupo Focal 1

00:00 -

Local: Ponto de Cultura da HOCOUNO – Rua Dezoito de Novembro, 400
Vila União dos Operários - Bairro Mathias Velho - Canoas/RS
Data: 01 de julho de 2014
Participantes: Adegildo de Oliveira (Adegildo)
Eva Reis da Silva (Eva)
Dejair Gonçalves (Dejair)
Jandira Alves (Jandira)
Judite de Oliveira (Judite)
Juvila Cassol Lopes (Juvila)
Maria Adélia da Rosa Vieira (Adélia)
Maria Gessi Lopes da Silva (Gessi)
Filmagem e degravação: Ivan de Almeida Fiorotti
Produção e Edição: Ivo Fiorotti
Duração: 1h2min18seg

00:16 - Ivo: Bom dia a todas e todos.
00:19 - Vários: Bom dia!
00:20 - Ivo: Eu agradeço aqui a presença, né, de todos vocês... Dona Judite, o Dejair, dona Gessi, Jandira, a Adélia, a Juvila, dona Eva e o Adegildo...que vocês são moradores aqui da vila União dos Operários, que chegaram aqui lá no final dos anos setenta, início dos anos oitenta. Então, vocês estão colaborando com meu estudo de Memória Social, no curso de mestrado no UNILASALLE... e ai então gostaria que vocês contassem às lembranças que vocês têm aqui do início. Eu até sugiro aqui... acho que a mais antiga aqui é a Dona Juvila...se não me falha a memória de vocês aqui. Chegou alguém antes da dona Juvila?
01:07 - Judite: Eu acho que não!
01:08 - Ivo: Não, né...quem sabe a Juvila começa a ...
01:12 - Judite: Eu não sei, eu não lembro bem...
01:12 - Gessi: Eu cheguei em oitenta e um.
01:14 - Ivo: Oitenta e um...
01:15 - Gessi: Oitenta e um eu cheguei.
01:17 - Adegildo: É, foi nesse ano que cheguei também...
01:21 - Ivo: Pode ser o Adegildo, dona Juvila...quem gostaria de começar? Ele já estava aqui dona Juvila?
01:27 - Juvila: Eu não lembro, ele morava lá perto da Florianópolis.... Lá na...
01:34 - Adegildo: na Sino da União...
01:36 - Juvila: sino do...
01:35 - Adegildo: Sino da União.
01:37 - Juvila: Sino da União...
01:39 - Dejair: Setenta e nove a Juvila já estava aqui.
01:40 - Ivo: Que sabe a senhora começa Dona Juvila. Lembra assim no início, na chegada assim, um pouco.
01:47 - Juvila: Quando nós chegamos aqui ... eu pagava aluguel, dai eu fiz duas pecinhas ali ... perto da, da... onde está a igreja agora... a Divino Mestre, aí ... fechemos um bom pedaço assim porque eu ia planta, fizemos um pedaço redondo assim e a ai chegou... o o o.... Airto, o Ailto... o Bergental e disse assim pro meu marido: “Vocês sabem que vocês não podem morar ai? ... que isso aqui vai ser tudo desmanchado, vocês vão ter que sair, porque isso aqui tem dono!”. Dai meu marido disse assim pra ele: “Olha, já morei 12 anos num terreno que não era meu e nós saímos, por isso é que nós estamos aqui. Mas na hora que vocês precisarem, nós saímos também.... igual”. Mas.... e ali começou a chegar gente, chegar gente e eles começaram a ficar violentos! Eu disse: Mas, não parece ser aquele que teve aí tão... tão gentil né ... e ai que começou a luta né, que começou a vir mais gente pra ali, aí a gente começou a ajudar uns fazer casinhas e outros fazer... e vai... e foi assim né... até as abelhas que tinha nas macega nós enfrentava. Uma vez, uma senhora saiu assim e ela ... pisou num enxame de abelha que tinha num... numa moita, meu Deus do céu, a gente se viu louco.. além de enfrentar tudo a gente tinha que enfrentar as abelhas. Aí o seu Adegildo também tem bastante pra contar, uma vez quando eles vieram pra desmanchar a casa do seu Adegildo... eu lembro seu Adegildo com uma, um marco de porta na mão, dizendo assim: “Não... eu vou fazer minha casa”. É o que eu tô lembrando no momento, isso aí... dai ele morava ele na frente, e os pais nos fundos, né...

04:02 - Adegildo: É, meio de ladinho né..hum hum ... é que realmente a gente não tinha onde morar, né... Então a gente ...
04:11 Juvila: É, não tinha onde morar?
04:14 - Adegildo: Pagava aluguel não dá.. o salário era pouco. E a gente tava batalhando por lugarzinho para sobreviver né. Eh, futuramente vinha a família, e sobreviver da onde, porque o aluguel era caro. Eu trabalhava de carpinteiro, ganhava um salário bem.... um salário humilde, um salário bem baixo, né...pra pagar aluguel, dar estudos pros filhos e tudo. Então a gente tinha, ahn, o objetivo da gente era conseguir um lugarzinho pra morar e botar as crianças em um colégio, né.... e começa para futuramente termos as crianças formadas né, e ficar melhor. Então essa dai foi a batalha mesmo, uma batalha muito... muito forte. Me lembro que andavam derrubando muito as casas, né... me lembro de um dia vinha chegando do trabalho de tardezinha.... e o seu Airto Bergental dizia: " Isso é uma turma de... de preguiço que me invadiram a propriedade ai". E nós: "Não, nós somos todos trabalhadores, precisamos apenas de uma moradia". E dai o Dr. Jaques tirou xerox das nossas carteiras, tudo carteira assinada, com salários pequenos mas estavam assinadas, nós trabalhávamos e batalhava, né. E dai foi ali que a batalha ficou mais e.... O juiz logo, logo começou a ver que não era preguiçoso que tava ali, era gente que queria realmente condições para morar, né.... Mas foi assim, muito uns... um tempo difícil, né.... Eles metiam a caçamba nas casas e davam uma olhada assim e a gente tava trabalhando, a mulher foi buscar as crianças no colégio, eles olhavam assim que não tinha ninguém na casa, metia assim e derrubavam a casa, com uma ... uma retroescavadeira ou com a caçamba também. Então a gente chegava e a casa tava destruída... i a gente tinha que fazer de novo, a casa... a casinha pra evitar que molhasse alguma coisa que tinha dentro de casa, né....momentos muito difícil.... eu acho que alguém tem uma história também... lembra de alguma coisa também, eh...
06:47 - Juvila: Só o Ivo que pode fazer isso aí... porque eu pensei assim que nunca iria falar sobre isso de novo.... porque eu fiquei tão ruim, tão ruim que uma vez eu sai e estava trabalhando na Petrobras, dai um sábado eu sai de manhã, eu não sei por onde eu andei... só sei que eu andei muito, atravessei a rua Santo Operário, atravessei uma pinguela que tinha, não sei, eu fui lá pela Harmonia, depois eu não sei como é que eu voltei, eu estava tão mal, eu acho que era depressão,...
07:24 - Adegildo: desorientada....
07:25 - Juvila: ... desorientada, de tanta coisa que a gente passou.... uma vez eles meteram os cavalos em cima da gente aí... e o Frei....o teu irmão que, como é que o....
07:40 - Dejair: o Egídio...
07:43 - Juvila: O Egidio.... ele tirou foto....
07:47 - Jandira: o Egídio...
07:49 - Juvila: o Egídio. tirou foto e quando pegaram ele, ele já tinha tirado o filme da maquina e dado pra Sueli... a Sueli era um toquinho de nada e ficou com aquilo na mão, quando eu ia lá, elas iam atrás, eu sei que logo escureceu e nós fomos pra casa, e ela me disse "Mãe, olha o que o Egidio me deu pra eu segurar ",. Ah aí eu pensei :Meu Deus, eles vão vir buscar isso aqui... dai eu não dormi a noite toda... Eles vão vir aqui e fazer o que bem entendem, e agora? Ah, nem me fala... Por isso que eu fiquei muito ruim, muito ruim mesmo.... por isso que hoje eu, olha não participo mais... eu procuro não lembrar pra mim viver mais!
08:42 - Vários: (risos)
08:42 - Judite: É verdade, é verdade...
08:45 - Jandira: Lembrar do passado é sofrer duas vezes.
08:49 - Juvila: É, não é fácil, não foi fácil.
08:52 - Gessi: Só que uma coisa boa assim, que tu passa pros teus filhos, né...
08:55 - Jandira: É...
08:56 - Gessi: .. e depois se eles for que nem a gente é... foi né, e é ainda, não foi ainda .... e aí vão lembrar e vão dize: "Bah, minha mãe e meu pai batalharam pra nós termos um lugarzinho pra morar, né". Que nem nós, nós viemos de Sobradinho, né. O Vicente comprou aquela casinha ali, ah não me lembro o nome do homem... dai nós viemos na mudança e tinha, na Florianópolis tinha alguma coisa pra passar o caminhão... mas era uma coisa tão ruim, que ela afundou...
09:30 - Adegildo: uma madeira de eucalipto...
09:31 - Gessi: ah é daí pra tirar o caminhão dali... era pouca coisa, mas essas poucas coisas eram pesadas. E quando chegamos na casa, eu quase morri chorando... Eu não acredito que vou ter que agüentar, dai briguei com meu marido. Tu me trouxe pra cá, pra morar nessa casinha aqui? Ele disse "É o que eu pude comprar né". Porque ele foi pra me buscar e eu disse que se era pra ir pagar aluguel eu disse que não vinha... pagar aluguel eu não vou! Então que tenha duas telhas, que dê pra mim guardar as quatro crianças ali, eu fico na rua, mas... eu vou dizer : Essas quatro telhas aqui são minhas! E dai ele ficou dois meses sem ir em casa, e eu lá trabalhando na lavoura né, fiquei com muitas plantas pra colher. Dai quando ele foi com o caminhão, dai sim...dai a gente veio, né. Mas eu lembro que a

gente ía para as reuniões e as crianças ficava sozinha... eu tava lá, mas a minha preocupação era em casa, né.... já pensou se eles vão lá e derrubam a casa com as crianças, né....
10:34 - Gessi: Mas a gente venceu por quê? Porque a gente tinha fé, né.... muita fé , né gente... tinha e tem até agora, graças a Deus., né. Eu também sou uma que me afastei do trabalho da comunidade... mas participo igual das missas....é muito, é muita coisa, mas ....a gente fez coisa boa, eu acho. Se os filhos lembrar depois... eles só tem a agradecer aos pais. Eu tenho um livro lá em casa, de vez em quando eu mostro pra eles... “Ah Mãe, não acredito que você participou de tudo isso”... eles eram bem pequeninhos, né...
11:10 - Ivo: Que livro é que a senhora tem... que livro que a senhora tem ?
11:14 - Gessi: Um livro que é da comunidade... eu me esqueci de trazer... que foi feito, sabe qual é né, Deja ...
11:20 - Dejair: É, eu sei...
11:20 - Gessi: ... é um livro alto assim...
11:23 - Dejair: Eu não to bem lembrado do nome, lá... mas tem, a comunidade tem lá, é....
11:27 - Adegildo: No arquivo...
11:28 - Gessi: ... eu tenho guardado...
11:28 - Dejair: Foi escrito, não lembro...
11:31 - Gessi: ...aparece bem nós, eu, Dona Jandira, Dona Adélia, comadre...
11:38 - Dejair: Eu me lembro quando eu vim pra cá, eu participava lá na São José Operário. E, eu fazia parte do grupo de jovens lá, né. Em 1979 o frei Sergio, o Sérgio Dal Moro, ele convidou o grupo de jovens daquela época pra vir fazer uma visita aqui dentro. Foi.... em setenta e nove que a senhora perdeu o seu esposo né, dona Juvila?.
12:12 - Juvila: É, em setenta e nove... acho que fazia uns 8 meses que eu morava aqui e perdi meu marido... fiquei só com as meninas. A mais velha tinha 16 e a Iza tinha 6.
11:27 - Dejair: E ai o frei Sergio, então, pediu pra gente vir aqui visitar a casa da Dona Juvila. Que fazia pouco tempo que ela tinha perdido seu esposo e as filhas estavam meio sozinhas, né... pra eles terem um pouco mais de participação junto com as outras pessoas, e ai logo em seguida nós viemos, né, e fizemos uma missa, que hoje é ali na esquina da Sino da União com a Santo Ângelo..... exatamente... ...foi logo em seguida, foi em setenta e nove.
13:09 - Juvila: ... é eu fui lá pedir apoio pro Frei Sergio, por que eu estava sozinha e com essa bagunçada toda ai e as meninas. Até hoje ele fala... que não esquece de ver eu subindo as escadas e as meninas tudo atrás, ali ... que era ali na.... onde tem a BAND, ai ....
13:28 - Ivo: na Antena.
13:29 - Juvila: ... ai foi que o frei Sergio passou a vir sempre com o grupo de jovens, as gurias começara a participar o grupo de jovens... dai a gente conheceu mais o Dejair, foi em setenta e nove....
13:41 - Dejair: Dai a gente teve né, contato com a Dona Juvila e as demais pessoas e foi ai que começou a surgir a comunidade Divino Mestre, né... não bem como comunidade, mas o pessoal começou a se organizar, a fazer a capela, um galpãozinho, né... porque naquela vila ainda não tinha nada ali.
14:07 - Gessi: Tinha um pé de arvore, bem ali...
14:09 - Dejair: É exatamente, é...
14:10 - Gessi: ... reunia debaixo aí...
14:10 - Dejair: Não tinha nada, né... Até quando as pessoas tinham que se, se... reunir.... se reuniam na casa do Seu... o o...
14:21 - Jandira: seu Otacílio!
14:22 - Judite: seu Otacílio, né..
14:22 - Dejair: é, seu Otacílio.
14:25 - Judite:... tinha reunião na casa dele.
14:26 - Dejair: ... ai depois o pessoal resolveu construir aquela, a associação, nem era capela, era uma associação.... dai reuniu um pouco de madeira de um, um pouco de telhado do outro, e assim foi construindo.... e que ficou a Capela Divino Mestre . Dai o pessoal aproveitou o espaço, além de fazer as reuniões da associação, para fazer oração e foi indo. Dai foi e aí Igreja católica que sentou o pé ali e ficou ali.
15:05 - Juvila: Eu lembro que... naquela época eu perdi meu marido, dai o vizinho da frente morava lá na Livramento... meu marido foi enterrado e ele cedia a luz pra nós, e ele cortou minha luz. Dai fui lá: o vizinho, o senhor não sabe que é eu que pago a luz, não era meu marido. “Não”. O senhor cortou por quê? “É, que a gente botou a vender a casa aqui e dai fica xarope”. Ai eu consegui lá no ... eu trabalhava na freiras, lá na Espírito Santo... dai eu consegui, o cara do Conselho de pais e mestres lá era um dos diretor da CEEE...aí a Irmã disse assim “Vê o que tu podes fazer por ela”... dai olhamos ali ... tinha uma casinha bem pequeninha, era de um senhor que morava sozinho, do lado desse senhor que cedia a luz pra mim, dai ele perguntaram se podiam colocar um poste ali, dai ele disse : “Pode”,

dai eu coloquei 5 vara de eucalipto, dai ele disse assim: “Bota 5 vara de eucalipto, que seja cinco metros acima do chão”. Dai eu tinha que comprar as varas acima de 5 metros> Dai eu coloquei, pedi pra um senhor vir fazer pra mim, e coloquei ali.... Aí... agora não le... pra, para arrematar isso aí não me lembrei de agora, o que que é, qual é a finalização que estava falando.
16:44 - Ivo: A senhora estava falando da luz que tinha cortado...

16:46 - Juvila: Ah... Dai, daí conseguiu colocar a luz. Dai ele disse “Primeiro dia que estou de plantão a noite, de dia eu não posso por que não tenho licença, mas de dia eu ligo a sua luz, e quando eu ligar ninguém mais desliga” Dai eu agradeci ele e disse assim. Eu nem lembro o nome dele, acho que era Luiz. Lá adiante na Florianópolis tem um poste... no chão lá... eu posso pegar aquele poste? “Pode, ta lá, pode”. Aí eu peguei meu machado, minhas cunhas que eu tinha esta coisas assim... e eu me lembro que foi a Comadre Gessi que ajudou, a arrastar... Cortemo, cortemo no meio, lascamos e arrastamos. A senhora também?
17:40 - Adélia: Não.
17:41 - Juvila: Eu sei que foi a Gessi que me ajudou e foi mais umas 4 ou que me ajudou...., arrastemo, finquemos o machado assim na ponta do poste, depois de cortado os paus, e levamos e era os esteio da Divino Mestre.
18:00 - Judite: E não era telha, era Zinco, né.
18:03 - Juvila: Era zinco
18:03 - Judite: Era zinco.... era zinco
18:06 - Ivo: E como é que foi ganho ali, como foi conquistado, lembram como é que foi?
18:12 - Judite: Bem no começo eu não me lembro, por que eu morava na beira da Florianópolis.
18:17 - Dejair: Eu lembro que a Nedi conta sempre, que o pai dela, seu Almir, morava na Livramento e ajudou a comprar umas madeiras.
18:25 - Juvila: É, eles compraram uma dúzia de tabuas pra rodear bem onde ficava o altar. Dai aquelas tabuas a gente puxou por debaixo da cerca que já estava fechada. Debaixo da cerca, lá por trás, foi levado.
18:37 - Ivo: Fala um pouco desta cerca.
18:39 - Juvila: Ahn...
18:40 - Ivo: Como era essa cerca?
18:42 - Juvila: Eram oito fios de arame farpado. Os moirões eram dessa grossura.
18:48 - Ivo: E essa cerca foi colocada depois que a senhora chegou?
18:50 - Juvila: Sim, depois que nós já estávamos morando, para não entrar mais ninguém. Por que fazer buracos que nem eles fizeram não resolvia... o pessoal trazia nas costas... passavam pelos pátios dos vizinhos do lado.
19:01 - Judite: Eles fecharam com a cerca...
19:02 - Judite: E ai quando a gente ia trabalhar...
19:04 - Ivo: Buraco a senhora fala, seriam valos?
19:07 - Judite: No chão...
19:08 - Juvila: La naquela entrada que tinha na Florianópolis eles fizeram um valo com as escavadeira... um valão daí não entrava caminhão, não entrava carroça, não entrava nada com mudança.
19:17 - Jandira: Nem eram valos, era um baita buraco.
19:20 - Judite: Nesta época morava na Florianópolis...
19:22 - Juvila: Dai eles fecharam tudo e .....
19:26 - Dejair: E na ponta da Dezoito de Novembro que o pessoal colocou o pé ali...
19:29 - Juvila: Na ponta da dezoito de novembro...
19:32 - Dejair: dai fizeram um buraco e colocaram um cano... dai conseguiram manter aquele espaço ali.
19:38 - Ivo: Quem.... quem colocou o cano ?
19:40 - Dejair: O pessoal da vila né...não sei como conseguiram esse cano.
19:43 - Juvila: Na Dezoito de Novembro, não eles fecharam e a saída e era só aqui nessa rua aqui do... onde tem esse bar aqui... tinha dois guardas.
19:54 - Ivo: ... na Espumoso, né.
19:55 - Dejair: Tá, mas ali ninguém entrava né Juvila... ah, aí depois o pessoal ...
19:59 - Juvila: Entrava com identificação que morava aí no campo. ...Sozinho e sem nada.
20:02 - Todos: (Risadas).....
20:05 - Adegildo: E se identificava..., ah, ah...
20:07 - Judite: Mudança não entrava...
20:07 - Juvila: Ai quando nós íamos trabalhar de manhã,
20:10 - Adegildo: tak...

20:10 - Juvila: ....eu tinha uma torquês na bolsa..... eu cortava o ultimo fio de arame e passava.
20:16 - Judite: .....e passava....
20:16 - Ivo: Cortava o ultimo em baixo...
20:17 - Juvila: Ah, Ah,... eles viviam concertando a cerca... todo mundo cortava.
20:21 - Adegildo: A gente cortava e eles consertavam...
20:23 - Ivo: Vocês falaram... vocês falaram do Berguental, ... vocês falaram que tinham outras pessoas da turma deles que ficavam aqui ?
20:31 - Juvila: Sim, os policiais eram a turma dele , ah, ah, ah
20:36 - Dejair: Os capangas dele, em ultima instância. .....
20:39 - Juvila: Era a gangue dele né....ah, ah
20:41 - Dejair: Mas, a polícia entra um pouco mais tarde, em 1981...
20:47 - Gessi: E´...
20:49 - Dejair: Né... Eu me lembrei quando... a vila começou a crescer um pouco mais, o quê que eles fizeram. ... eles devem ter feito um conchavo lá na prefeitura, né .... e .... e pegaram aqui onde era o Thiago Wurth, pegaram os pavilhões..
21;09 - Adegildo: As baias que tinha aí .....
21:10 - Dejair: ...reformaram e o quê que fizeram... fizeram um posto de saúde, né, uma creche, e o colégio Thiago Wurth, e a brigada montada.
21:19 - Judite: Do lado...
21:20 - Dejair: Né... e qual era a finalidade? A brigada, era, a finalidade era manter as pessoas afastadas para não vir mais pra cá, que já estava quase meia vila.
21:29 - Juvila: Ai eles correram a cerca aqui da, da....
21:33 - Dejair: Dentro da vila né... Atravessada ...
21:35 - Juvila: ... Dentro da vila, aqui, depois que por último que daqui pra lá a gente não podia passar ..... na Romeiros,aqui assim, ó... Até esta foto que tem ali, eu acho que é, é a derrubação daquela tal cerca que tinha ali. Tem nessa foto que temos.... É, eles tentaram de todos os jeitos, mas a gente não tinha pra onde ir mesmo.
21:58 - Jandira: Tinha que ir lá naquela guarita que tinha ali?
22:01 - Juvila: A guarita que tinha ali... passava, quando a Sonia casou .. Claro a noiva não ia poder ir a pé lá .... lá na São José. Então eu nem sei o quê que era... o fuca do Ataliba eu acho.
22:16 - Dejair: o Ataliba que tinha o fuca...
22:17 - Juvila: ...aí pegou ela de fuca pra sair... tudo bem, e pra entrar?
22:24 - Muitos: (risadas)
22:24 - Juvila: ....e pra entrar, a Sônia casou ... Aí ela fez a volta com o fuca e nós fomos a pé ...e nós cortamos uns 3 fios de arame, eu acho. Não, dai já na época, já, eles já tinham feito tipo uma roleta, eles colocaram um poste ... um moirão lá, outro aqui, a gente tinha que fazer assim (gesto de zigue-zague) pra passar na Dezoito de Novembro.
22:49 - Eva: ... na roleta...
22:51 - Judite: ... na roleta...
22:53 - Muitos: (risadas)
22:55 - Juvila: Rancho não chegava na casa da gente. Ai tinha uma casinha ali na frente onde que era a Regina, uma casinha de madeira, tinha um senhor muito legal, eu acho que era pai daquele moço que mora nos fundos lá, nem sei, nunca procurei saber ... dai o rancho ele mandava colocar tudo em cima da caixa do poço ... dai depois a gente vinha buscar de sacola ... que a gente fazia compra. Bah, quanto sabão caia, coitado, ficava sem agua também, que caia dentro do poço.
23:24 - Muitos: (risos)
23:27 - Judite: que coisa séria...
23:28 - Juvila: Olha, vou dizer uma coisa ....por isso que eu enlouqueci eu acho, Deu me livre, tai o...
23:34 - Jandira: É, mas era tão bom, nós era unido!.
23:37 - Juvila: .. tá louco.
23:38 - Jandira: ... nós era unido!
23:39 - Adegildo: A união fez a força!
(breves falas ao mesmo tempo de irreconhecível expressão)
23:45 - Jandira: Tinha que marcar um dia pra colocar todo mundo junto pra conversar. Coisa mais boa. Agora ninguém, né .... E raro quando um vizinho vai na casa do outro. Não sobra mais tempo.
24:02 - Judite: Sobrava tempo naquela época, agora a gente sente falta.
24:04 - Jandira: Era a coisa mais boa do mundo. Quando a gente fazia pão e a gente repartia aquele pão.... né
24:15 - Juvila: Mas o pão vinha muito depois, a gente já tinha a capela... forno
24:20 - Jandira: Eu me lembro uma vez que tinha uma reunião lá na Nossa Senhora da Luz,...

24:22 - Judite: Tinha um forninho comunitário...
24:23 - Jandira: e as mães tinham se reunido, e fomos todas pra lá. Dai as crianças, os guris, derrubaram a casinha, a guarita do guarda...
24:34 - Muitos: (risos)
24:36 - Jandira: ... te alembra dessa parte aí? .... Nós chegamos e tavam aquelas latas, as crianças e os guris, pensei: Agora vão pega nóis!.... derrubemos a casa do guarda.... E os guardas jogavam pedra, por que os guris iam linchar eles. E nós bem tranqüilas lá na comunidade Nossa Senhora da Luz.
27:57 - Judite: Os guardas eram pagos pelo Bergental, eu acho...
25:00 - Dejair: É, é... a vantagem é que o guarda não usava arma, né.
25:05 - Juvila: ... ele não usavam não..
25:06 - Dejair: ...usavam uns cassetetes....
25:10 - Jandira: Tinha unas cachorros....
25:11 - Dejair: Eu me lembro dessa historia que derrubaram a guarita.
25:15 - Adegildo: Quando foi derrubado a casinha, do guarda... te lembra
25:18 - Ivo: Tem uma foto .... depois de derrubada, as crianças em cima dos destroços.
25:23 - Adegildo: Festejando, ah, ah.
25:24 - Vários: (risos)
25:28 - Juvila: Parece que foi a gente que mandou... Mas eu acho que até as crianças estavam revoltadas!
25:32 - Ivo: Com toda essa violência, como vocês se organizavam? Como é que vocês faziam isso?
25:43 - Jandira: Um ajudava o outro.
25:44 - Ivo: Mas como vocês faziam isso?
25:46 - Juvila: Como é que avisávamos uns aos outros?
25:47 - Ivo: Isso
25:48 - Juvila: Eu tinha um pé de cabra e um pedaço de... de... de trilho de trem ... batia naquilo lá e era melhor que o sino.... Acordava todo mundo... era assim.
26:01 - Vários: (risos)
26:06 - Ivo: A senhora falou sino...
26:09 - Juvila: Depois que veio o sino, mas antes, até nós termos a capela, nós comemos o pão que o diabo amassou. Nós tinha que ter um trilho do trem, né .....
26:20 - Judite: Qualquer coisa um vizinho corria na casa do outro... vamos lá porque ...
26:25 - Juvila: Eu tenho ainda aquele ferro lá em casa...
26:28 - Ivo: E aí vocês se juntavam e dai?
26:29 - Juvila: Dai a gente se juntava e ia ver o que era.
26:31 - Adegildo: Que dai todos juntos intimidávamos eles. Eles estavam em 4 ou 5, contra uma pessoas ... e chegava em mais gente, e mais gente, estávamos mais organizados, eles estavam em poucos.
26:50 - Jandira: É que naquela época o pessoal era mais unido, éramos bem mais unidos .
26:58 - Ivo: O que vocês lembram do... do processo na justiça?
27:03 - Juvila: Eu só sei que eu lembro que eu perdi meus dentes quando nós voltamos do FORUM...
27:08 - Muitos: (risos)
27:12 - Juvila: .... eu gritei tanto naquele ônibus que eu cheguei sem voz. Aquela agonia lá.
27:19 - Judite: A dona Juvila e a gurias...
27:25 - Dejair: Já estava mais organizado, tinha a associação formada, né.27:
27:31 - Ivo: Quem sabe então vocês contam um pouco do que vocês se lembram da associação ... alguém participou do dia da fundação da associação?
27:39 - Juvila: Eu
27:41 - Ivo: A senhor conta um pouquinho... o quê que lembra do dia da fundação.
27:45 - Juvila: Mas eu não lembro ...
27:48 - Judite: Tu participou né, Adegildo ....
27:50 - Gessi: .. participei.
27:51 - Juvila: Eu lembro do Dr. Jaques .. o advogado veio ali e fez a proposta que abrir uma associação, que assim nós, só nós com a nossa força não ia chegar a lugar nenhum. .. ai eu pensei: que é essa associação que tinha visto falar nisso ai... ai ele disse assim: " Eu vou trazer um senhor aqui que vai registra todos vocês, pegar o nome, que tem carteira assinada, que tiver o número da carteira e vamos assinar o livro .."
28:28 - Adegildo: Uma ata...
28:30 - Juvila: .. da ata das reuniões. Já tinha, disse ele, mas era um caderno! Ai, vamos fazer isso ai, que daíe eu posso eu posso entrar ... com uma ação a favor de vocês... mas aí nós já estava sofrendo há muito tempo ... será que vai melhorar, pensando comigo ... estava tão desanimada da vida, mas

não tinha para onde ir criatura ... com seis, sete filhos, tá louco ... e tinha mais o Carlinhos ainda. .. Tá louco ... Ai começou a vir, veio um escrivão, parece que era, não sei quem era, era um .... escrivão, oficial de justiça parece que era ...
29:24 - Gessi: O Irmão Antônio também né...
29:24 - Juvila: ... para legalizar a associação na casa do seu ...
29:28 - Ivo: Otacílio.
29:29 - Juvila: .... seu Otacílio ....
29:30 - Juvila: Ahn, ahn ... o cara botou uma cadeira em baixo das bananeiras do seu Otacílio, ele começou....
29:32 - Judite: Eu lembro muito pouquinho que ...que o Dr. Jacques um dia bateu lá na minha casa, nós morava ali no pai morava, saiu a missa ali, mas nós morava pra frente... na beira da Florianópolis ali, né ... nós pagava alugueli, né... depois já começou as invasões ali, nós viemos e se coloquemos ali, né...
29:54 - Juvila: ... com frestas assim e buracos (rindo)
29:55 - Judite: .... é que uma semana eu fiquei com cinco filhos em baixo de uma lona, ali entendeu, embaixo de uma lona..... pra depois até que meu marido conseguiu em uma obra que ele era carpinteiro, né ... conseguiu umas madeirinhas e fizemos uma casinha ali.... já era invasão também na beira da Florianópolis, também né .... Aí me lembro que o Dr. Jaques foi lá em casa uma época, com um chapéu bem grandão assim, ele e esse oficial de justiça, acho que era... também pegaram a carteira do meu marido com número e tudo e convidou eu pra em uma reunião, mas só que não lembro onde que era a reunião, eu sei que ele foi, né.... Eu ficava em casa com as crianças, né... e ele foi, eu tinha cinco, bem pequeninos, né .... eu me lembro que ele foi, essa parte eu me lembro, o Dr. Jacques foi lá em casa fazer o convite pra meu marido ir e participar de alguma coisa, ele trabalhava de carpinteiro... da posse da terra também, lembro ...
30:47 - Ivo: E vocês lembram de algum momento que foram convidados para ir testemunhar na justiça, coisa assim, teve alguma...
31:00 - Jandira: Sim .... Pra ir pra na reunião?
31:01 - Ivo: É na justiça....
31:03 - Juvila: Na justiça .... eu não lembro.....
31:11 - Gessi: A gente foi em tanta coisa, que agora a gente não lembra...
31:14 - Juvila: eu sei que uma vez a gente se concentrou na frente do Fórum, porque era o julgamento do nosso processo .... mas a gente não chegava a entrar
31:21 - Ivo: Mas foram lá....
31:22 - Juvila: .... Nós era...
31:25 - Adélia: Eu nem sabia se eu fui ....
31:25 - Juvila: ...nós não éramos ninguém, né, daí a gente não entrou....
31:29 - Adegildo: Nós éramos invasores...
31:32 - Muitos: (risos)
31:33 - Ivo: Quem é que entrava?
31:34 - Juvila: Eu sei que a gente ficou lá na frente do ... nós era isso aí...
31:38 - Ivo: Quem é que entrava ai no Fórum...
31:39 - Juvila: Ahn ...
31:40 - Dejair: Quem entrava era o Clésio que entrava ....
31:42 - Judite: Eu acho que era o Clésio né...
31:43 - Dejair: O pessoal quando ia, o Ivo, o pessoal não ia ...
31:47 - Juvila: Naquela época era o seu José, me parece...
31:47 - Dejair: ...uns três sozinho, ia sempre, sempre uma turma grande, até pra medida de segurança no banco de sobra, ... e se um ou dois, três ficassem preso lá, tinha os outros na rua pra, né ... eu lembro disso aí, que o pessoal sempre ia, mas ia , conseguia um ônibus ou condução e ia uma turma grande.... nunca ia sozinho, um ou dois, assim sabe, pra depor lá....
32:11 - Ivo: Certo.
32:15 - Dejair: E o Dr. Jaques Junto, né ...
32:17 - Judite: Sempre junto, é....
32:18 - Dejair: ... e ai já nesse meio tempo ai, começou a participação do Irmão Antônio também né. O Antônia vinha ...
32:25 - Adegildo: ... Foi nessa ... é..
32:28 - Judite: e da Matilde .... eles nos ajudaram muito.
32:31 - Jandira: E o finado Orlando também ajudou a gente pra...
32:33 - Dejair: É, e aí o doutor já tinha, já tinha outros.....

32:36 - Ivo: O que vocês lembram um pouquinho assim da ... do Irmão Antônio que vocês mencionaram ... da Matilde, Orlando, contém um pouquinho no que eles ajudaram ....
32:47 - Jandira: O Frei Orlando foi pra botar agua pra nós....
32:51 - Juvila: ....é mas essa parte foi mais tarde.
32:56 - Ivo: Ta, mas eu falo mais do inicio ainda, que eram mais a Matilde e o Antônio....
33:00 - Dejair: Eram a Matilde, o Antonio e os freis que vinham, vocês.... tinha o Frei Volmir.
33:06 - Juvila: Quem deu muito apoio pra nós foi o Frei Sérgio.
33:09 - Dejair: Ahn...
33:10 - Juvila: O Frei Sergio que do apoio, ele não perdia uma reunião da associação lá no seu Otacílio. Ele vinha de bota, de chapéu e um jaquetão assim.... até o seu Ervino um dia disse assim “Mas quem é esse cara ai?” E eu disse: Esse ai é o Frei Sergio! Ele disse “Parece um açougueiro”.
33:29 - Muito: Risos
33:30 - Jandira: Parece o quê?
33:31 - Juvila: um açougueiro...
33:33 - Jandira: Ah meu Deus ...
33:34 - Judite: Ele tinha um fuquinha né, dona Juvila...
33:37 - Juvila: Ele tinha uma ramiseta, daquelas, zzzz....
33:40 - Ivo: Uma motoneta.... lambretinha daquelas...
33:42 - Juvila: lambretinha é....
33:44 - Dejair: É ele participava ativamente aqui dentro, Frei Sérgio...
33:48 - Juvila: Depois começou, daí eu não sei por meio de ....como é que o Frei Antônio, o Irmão Antônio começou iniciar ai, agora quando ele começou ai ele também deu muito apoio, ele melhorou muita coisa, a gente tinha como se escorar, onde ele orientava a gente, ele ....muito bom.
34:10 - Adegildo: Incentivou... a palavra mesmo é incentivo.
34:13 - Juvila: Só que a entrada dele ai eu não me lembro.
34:16 - Ivo: Tinha uma musiquinha que ele sempre cantava, lembram?
34:21 - Judite: (cantando) “A terra é de todos, disse Deus a Adão” ... essa musiquinha nós cantávamos muito nas reuniões com Frei Antônio.
34:27 - Judite: Ele mesmo fazia as músicas pra nós cantar….
34:29 - Ivo: Lembra ainda...
34:30 - Dejair: toma e cultiva tira dela o teu pão...
34:31 - Ivo: ... Vê se vocês conseguem cantar...
34:35 - Todos cantam: A terra é de todos, disse Deus a Adão, toma e cultiva, tira dela o seu pão....
34:44 - Juvila: Essa música é dele, né...
34:46 - Judite: Nós fazíamos os encontros com a Matilde e o Antônio e nós cantava... isso eu adoro até hoje esta música.
34:52 - Dejair: Eu acho que essa música é dele... ele que compôs.
34:57 - Juvila: Tinha uma outra que era dele... agora não lembro.
35:00 - Judite: E o primeiro ano que nós viemos morar ali, que ái..... já estava medindo, tantos metros pra um, tantos metros pra outro,..
35:14 - Ivo: Certo... bem mais tarde.
35:15 - Judite: ... mas eu lembro que eu e meu marido, viramos as leivas das terras e fizemos uma horta, uma horta meio grandinha, que eu colhi tanto assim de feijão carioquinha, nós plantemos.... meu marido foi no mercado comprar um quilo, e nós experimentamos plantar um pouco, plantamos e deu feijão, ai eu lembrava do Irmão Antônio e da música dele...
35:39 - Adegildo: A terra é boa mesmo....
35:43 - Vários: Risos...
35:46 - Judite: viu que a terra era boa mesmo. E nós colhemos bastante feijão que ficamos comendo por bastante tempo. Milho verde nós plantamos e colhemos, vimos que a terra era boa, dai era só plantar.
36:02 - Dejair: O Ivo, o Irmão Antônio, quando o Irmão Antônio veio pra cá, ele já participava da Santo Operário, por que a Santo Operário...
36:10 - Juvila: Pois é Deja, dá licença.... Eu acho que a primeira vez que ele veio a primeira vez que ele veio aqui, ele veio para pedir apoio, para nós ajudar invadir.... lá...
36:17 - Dejair: Eu também acho que foi...
36:18 - Juvila: ... que era ali a...
36:22 - Adegildo: Santo operário...
36:23 - Juvila: ...a rua das carroças, que eles chamavam …. Que era aqui perto do ALT...
36:24 - Ivo: Maria Isabel....
36:26 - Vários: é, é, e´...

36:28 - Juvila: Aí acho que foi para pedir apoio pra ele invadirem lá, que o que ele queria ... acho que foi ai a primeira vez que veio, não lembro bem, não lembro...
36:38 - Judite: Eu não lembro a chegada dele, mas eu lembro que quando nós ia nos renuir ali, embaixo das folhinhas de zinco, ali, o que a gente fazia era, primeira coisa era ler a bíblia, se renuir e rezar bastante... eu sei que
36:54 - Juvila: Mas espera aí, eu acho que ele vinha com o Dr. Jaques no começo.
36:58 - Judite: É, eu acho que começou com o Dr. Jacques....
37:01 - Dejair: Ele era amigo do Dr. Jaques já naquela época.
37:09 - Juvila: Quem sabe não era ele o escrivão?
37:14 - Ivo: Se nós olharmos o dia da fundação da Associação Santo Operário, dia 25/05/1980, de manhã, e no mesmo dia foi fundada a associação daqui, a tarde.
37:32 - Adegildo: Tem uma ligação então.
37:35 - Jandira: Ah ...perdemos um grande homem que era o Clésio…. Tanto prenderam ele, que quase ficamos loucos....
37:43 - Juvila: Quantas vezes prenderam ele e nós amanhecíamos na delegacia, até que não soltavam ele nós não saiamos de lá.
37:50 - Ivo: Aqui temos o livro de presença que vocês assinaram, e tem todas as assinaturas de vocês, normalmente todo mundo assinava quando estavam nas reuniões, ou tinha gente que não assinava?
38:00 - Jandira: Tinha gente que não assinava.
38:05 - Ivo: Eu tenho aqui a reunião do dia 06/11/1983.... e depois a seguinte no dia 03/12/1983.... e o dia da posse foi o dia...
38:18 - Dejair: Dezoito ....
38:20 - Ivo: .... dia 18/11... Então essa daqui foi provavelmente a reunião que preparou a ida, né.....
38:26 - Dejair: Isso...
38:26 - Ivo: ....eu vou ler o nome das pessoas que assinaram.
38:30 - Jandira: Vocês se alembram do Mochila?
38:31 - Judite: Mochila!?
38:33 - Jandira: Mochila...
38:37 - Ivo. Pode falar...
38:39 - Jandira: Ajudou nós também aqui
38:41 - Dejair: O Mochila era um vereador na época...
38:43 - Vários: .... Vereador...
37:45 - Vera: ... quantas vezes ajudou?
38:47 - Dejair: Ele era vereador, então vinha pra cá...
38:54 - Jandira: eu conheço por Mochila....não lembro o nome dele.
38:57 - Ivo: Vou ler os nomes, então: Maria Sueli Lopes, Maria Gessi da Silva, Anadir da Silva, Jaques Alfonsín, Adão Soares, Dormario Vieira, Frei Ivo Fiorotti, Francisco Vaz, João Vaz, Alcides Rodrigues,
39:20 - Judite: Pai da Beni, da beninha...
39:20 - Ivo: …José Batista, Vicente da Silva, Fernando Teixeira da Silva, Osmina da Silva, João Lopes, Dora, Doraci Brum, Darci Brum.... aquele que morava na frente da Anália .... Rufino Antunes de Oliveira, Enio Hubber, Natanael Machado, Ervino da Silva, Otacílio Pereira de Azevedo, Alan Castro, Clésio Aires de Oliveira, esses que assinaram no dia da preparação, que eu me recordo que eu estava nesta reunião...
40:09 - Adegildo: É que as vezes tinha reunião e tinha gente que não podia participar...tinha que saí

40:14 - Ivo: Eu me recordo que foi num dia de semana...
40:18 - Dejair: A ida....O ônibus...é
40:18 - Ivo: .... nós fizemos pra preparar o ônibus, aquela historia, depois então na volta já veio mais gente que assinou. Só que eu tenho visto que muita gente não assinava..
40:33 - Judite: ... sim não assinava, é...
40:34 - Ivo: ... vocês se lembram qual é o motivo que as pessoas não assinavam?
40:38 - Judite: Ah ...as pessoas saiam e é que nem agora...
40:42 - Jandira: ...a gente ia lá escutava e em seguida saia....
40:44 - Juvila: ... a gente ia lá escutava e saía...ah, ah...
40:46 - Judite: ...saía... é escutava e saía...
40:48 - Dejair: As pessoas não gostavam muito de assinar também, também, tinham medo.
40:51 - Ivo: Mas tem outras aqui que tinha um dia que teve a assinatura de todos vocês.
40:56 - Judite: É tinham medo....
40:56 - Juvila: Mas eu me lembro que se era dia de semana eu não ia por que estava trabalhando.

41:05 - Ivo: Bom, mas isso daí é só para introduzir o assunto, o meu interesse é que vocês contem tudo que lembram daquela ida a POA. Quem foi daqui? Gessi, Juvila, Adélia e Jandira.
41:26 - Dejair: Eu não fui por que eu trabalhava.
41:31 - Ivo: Tu podias falar um pouquinho onde tu trabalhavas?
41:33 - Dejair: Quando eles fizeram aqui a creche e o posto de saúde, eles fizeram o núcleo CEBEM, Centro de Bem Estar ao Menor, que era junto com a creche, e como eu tinha vindo de Cachoeira do Sul, e eu havia trabalhado pra CEBEM de lá, eu trouxe uma carta de referencia, e dai eu usei isso na prefeitura para conseguir ali, e consegui. E na época eu peguei como Auxiliar de serviços diversos, não tinha uma função especifica.
42:14 - Ivo: Então vamos ver primeiro as quatro que estiveram, e depois os que não estiveram, se tem alguma coisa que elas não contarem e que vocês lembram, vocês podem contar também, então, vocês quatro, o que lembram?
42:33 - Jandira: Era assim, se passar um mosquito pela gente, se ouvia, era um silencio.
42:41 - Adelia: A gente rezava lá.
42:46 - Jandira: A oração era acima de tudo.
42:50 - Ivo: Mas por que isso?
42:52 - Jandira: Era pra segurarmos no que nós tínha. O dia que nós fomos nessa reunião, eu briguei.... Briguei com a vizinha, que ela acendeu uma vela pro Padre Réus para ajudar que nós perdesse... Ela morando lá na frente da Igreja e acendeu uma vela pro Padre Réus para que nós perdêssemos questão?
43:14 - Judite: Ué, ué....
43:15 - Jandira: Daí eu falei: Vem cá, tu não tá morando, não está te servindo aqui? ... Que Deus a tenha lá onde estiver .... Daí falei, tu reza pro Pe. Réus pra perder a questão, mas “Se Deus quiser, nós não vamos perder, nós vamos ganhar sim.” Enquanto estavam brigando eu estava rezando. Ah, ah, ah.... Tem gente que disse: “Por que tu não vai lá brigar também ?” Mas, eles brigam de um lado e eu brigo do outro ... Eu tô em comunicação com Deus pra nós não perdermos isso daqui. Porque a fé é quem manda.... Até porque nós não precisa puxar uma arma de fogo pra tirar a pressão dos cara.... Através da nossa fé.... e a Irmã Iracema com um punhado de sal... (gesto de atirar algo...). Ah, ah,.... se lembra aquela vez que chegaram aí e queriam tirar nós...
44:15 - Judite: A Irmã Iracema não acompanhava nós ainda naquela época....
44:21 - Jandira: Teve juiz aí.... camburão... gente de .... pra tirar nós?
44:26 - Ivo: Bem ....Dona Jandira, isto foi em outro momento.... vamos ver naquele dia lá...
44:30 - Jandira: é a da audiência!
44:31 - Ivo: É da audiência...pode falar outros também, dona Gessi...
44:39 - Jandira: Tu não falou nada (dirigindo-se a Adélia)... pode falar...
44:39 - Gessi: Eu lembro que a gente entrou, e sentou ali, ninguém conversava.... era só escutando, o coração estava batendo forte, mas a cabeça estava lá em cima. Acho que eles ficaram meio com pena né, por que a gente ganhou mais pelo silencio que fizemos, a gente mostrou pra eles que nós não éramos mal-educados,né.... não éramos baderneiros, como se diz, e a gente estava querendo o que a gente merecia.
45:13 - Jandira: Graças a Deus...
45:15 - Adélia: E lá na hora da reunião estava todo empatando, né, metade.... Metade a nosso favor e metade contra. E dai então a decisão foi do juiz, que decidiu por nós ficarmos por que não tínhamos onde morar.... nessa parte ...
45:35 - Jandira: Baderneiro...
45:36 - Adélia: Tinha uns que era no lado do Bergental e outros a nosso favor... daí tava empatado, né... daí o juiz que decidiu....
45:44 - Ivo: Se lembram quantos juízes de cada lado, vocês viram?
45:47 - Adélia: Era... não eles estavam empatando os juízes assim. Daí o juiz mesmo, ahn...
45:54 - Ivo: Sim ...Eram todos juízes, né...só uma
45:56 - Dejair: Eram sete juízes,
45:57 - Adélia: é, é.... eu sei que dai ... é ...tava um empate
45:58 - Dejair: ... e estava empate, três a três... Nove, nove...eram nove juízes, nove né
46:04 - Adélia: Eu sei que daí um deles, no final que deu a força pra nós....
46:08 - Ivo: o presidente, né.
46:09 - Adélia: Eu acho que foi, né.. é
46:10 - Adegildo: O voto do presidente nos salvou né...
46:12 - Adélia: ...é, que ele ia dar pra nós que não tínhamos onde morar.
46:15 - Ivo: Lembram alguma coisa que ele falou?

46:20 - Adélia: Ele disse que ia nos dar força pois não tínhamos onde morar. Eu não sei se tinha mais coisa, né, eu me lembro dessa parte.... ele foi a nosso favor.
46:31 - Dejair: Eu me lembro que o pessoal comentava ali ...
46:34 - Juvila: Ele disse assim: “Já que a decisão ficou pra mim...” Se levantou e eu... É hoje que nós perdemos! “Tá chegando o natal, como é que a gente vai botar essas pessoas pra rua? Eu dou meu voto a favor “.
46:59 - Vários:(risos de contentamento)
47:02 - Juvila: ...ai ele ficou olhando, quem diz assim ”Eles sobreviveram” .... não tinha pio lá dentro.... não tinha...
47:10 - Jandira: Não tinha ... um mosquito passava e dava pra se notar...
47:17 - Ivo: E os outros podem falar também ....
47:21 - Dejair: Não é, esse detalhe ....
47:23 - Adegildo: Eu me recordava desse detalhe, né ... por que daí com esse voto do presidente ali, nos abriu uma sessão e ele nos tranquilizava, né ... por que se ele dissesse que a desocupação era imediata, né, não tínhamos a quem recorrer.
47:43 - Adélia: ....é, o advogado ...
47:44 - Juvila: Quinze dias ... antes do natal nós tínhamos que sair.
47:48 - Dejair: É, mas te assim ó Ivo ...tem também um detalhe, além desse pessoal que foi pra lá, tem um pessoal que não foi, por que estavam chegando do serviço e que iam lá pra Divino Mestre...

47:59 - Juvila: ...se concentravam....
47:59 - Djair: ... eu trabalhava, saí daí e fui pra Divino Mestre ...
48:03 - Adegildo: Esperar... aguardar
48:03 - Dejair: ...e o pessoal tá cheio, né ... e o pessoal passou o tempo todo rezando.... rezavam o terço, todos rezavam as orações da igrejas deles, por que eram várias religiões eram vários cultos, e cada um rezava a sua maneira, mas organizada, né , organizada né... e quando o pessoal chegou de ônibus que já era noite, já era noite, né ....
48:31 - Judite: .. é, eram umas seis horas, quase umas seis horas....
48:35 - Dejair: ... e foi aquilo, foi uma festa, um festerê....
48:38 - Juvila: O pessoal bem quietinho ...vamos chegar numa tristeza .... era tanta alegria...
48:43 - Jandira: .... aí desceu...
48:44 - Juvila: Ahn, ahn ...não, não chegou a....
48:46 - Ivo: O que aconteceu mais na volta com o ônibus, lembra o que aconteceu?
48:51 - Adélia: Sim. Vinham cantando, né...
48:52 - Ivo: Isso, o que mais? o ônibus chegou até o lugar aí?
48:55 - Jandira: Pegaram o Dr. Jacques botaram nas costas e ...
48:57 - Adélia: essa parte aí não me lembro e o ônibus veio até aqui... acho que veio é ...
49:01 - Juvila: Entrou ali, entrou ...
49:03 - Ivo: É ... não quebrou no caminho e tivemos que vir a pé um pedaço, não?
49:09 - Juvila: Aí, Eu não lembro.
49:10 - Gessi: Não lembro...
49:12 - Jandira: essa parte não lembro ...
49:13 - Adélia: Eu acho que não.
49:15 - Gessi: faz muito anos né...
49:17 - Juvila: Talvez fosse, por que a gente voltou de noite.
49:20 - Jandira: É, era de noite.
49:22 - Dejair: Exatamente ...
49:24 - Juvila: A audiência foi das quatro até as cinco horas, e ...
49:27 - Gessi: ...já era escuro é ...
49:28 - Dejair: ...vocês chegaram já era noite, era novembro, escurece tarde...
49:31 - Ivo: Vocês não lembram que ai.... Lembram que ali pela doze, quebrou o ônibus e nós tivemos que vir a pé?
49:41 - Juvila: Não me lembro.
49:42 - Adélia: Essa parte não lembrei!
49:43 - Jandira: Essa parte não lembrei.
49:45 - Gessi: Ah é!!! ... lembrei, viu.
49:47 - Juvila: Acho que não foi desta vez, eu acho ...
49:48 - Ivo: foi, foi ...
49:49 - Gessi: Foi, desta vez, viemos tudo a pé!
49:53 - Juvila: ... é que o Ivo pergunta as coisas pra mim, ele sabe de tudo ....

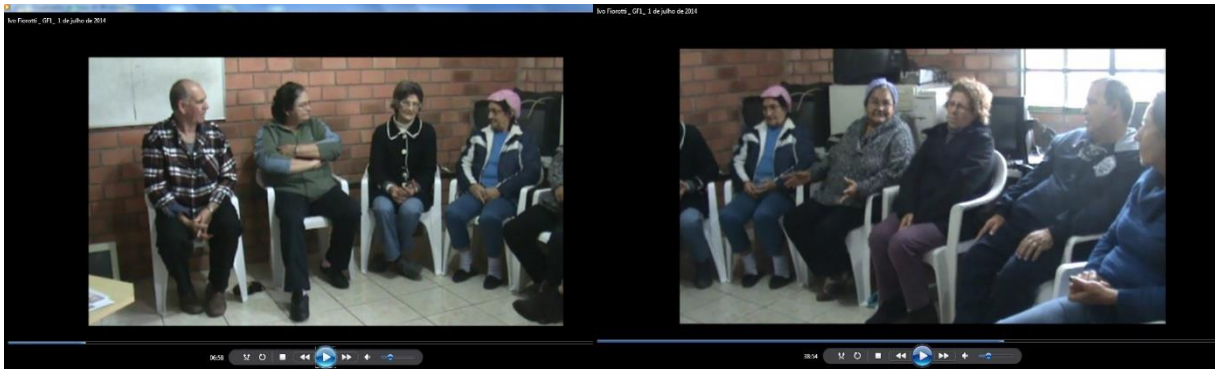
49:57 - Vários: risos
50:00 - Ivo: Só esta parte, só esta parte porque tava junto... Eu lembro por que depois eu escrevi um artigo numa revista que era publicada... e ai recordo que a gente...
50:10 - Judite: Mas quebrou na doze? ... eu não lembro porque esta vez não fui junto...
50:13 - Adegildo: Sim, sim mas...ficou mais...
50:16 - Ivo: .... Mas tá bem, são vocês que estão contando, né... são vocês...
50:21 - Jandira: é todos ficavam em silêncio...mas depois, que rebuliço, meu deus do céu....
50:28 - Ivo: Continuando, daí ganharam a posse para ficar aqui, e ai o que aconteceu?
50:33 - Jandira: Dai eles perguntaram o que íamos fazer com tanta terra ... não foi Juvila?
50:37 - Ivo: Quem perguntou?
50:40 - Juvila: é, ai começaram a conversar, a gente né... É, o que vão fazer com tudo isso? Vocês vão fechar uma chácara pra cada um? O que vocês vão fazer? Eu não lembro quem, sempre vinha alguém ...; perguntar. Tendo um lugar para morar pra mim tá bom.
51:06 - Adélia: O Bergental, lá depois da reunião eles perguntaram o que nós tínhamos que nós sem dinheiro ganhamos e eles sem dinheiro perderam. Essa parte ... eu me lembro, só não me lembro quem foi que falou isso. Acho que foi lá o berguental que falou isso. Que nós sem dinheiro ganhamos e eles sem dinheiro perderam.
51:25 - Judite: Cada um tinha as suas famílias e suas famílias são colocadas, né... e seus filhos nenhum paga aluguel.
51:30 - Adegildo: Eu não lembro do processo, mas não lembro quantas pessoas tinham. Por que no processo o Dr. Jaques tinha feito o número das carteiras para colocar no processo.
51:42 - Judite: Sim, para mostrar que tinha um tanto que era trabalhador.
51:46 - Dejair: Noventa e duas famílias, né...
51:48 - Juvila: Noventa e poucas...
51:49 - Adegildo: é, acho que não chegava a cem...
51:51 - Dejair: Setenta e ... noventa e sete...
51:54 - Ivo: No processo constam 97 famílias, essa a parte final, noventa e sete...
52:01 - Dejair: 97 famílias né?
52:05 - Ivo: É, acho que sim, por que normalmente se botava ou o nome do homem ou o nome da mulher, então contava por família ... são 97 chefes de família. Vários: isso, é
52:13 - Dejair: Isso ...
52:15 - Ivo: Tá mas a dona Juvila começou e a Adélia começaram a perguntar o que iam fazer com as terras, por que a área aqui era grande, ninguém falou o que era essa área aqui, ninguém falou ainda..... O que era aqui antes de vocês chegarem.
52:31 - Jandira: Aqui era o prado.
52:33 - Judite: Era um campo de criar cavalo, boi.
52:37 Dejair: Como se diz, um jóquei é ...
52:39 - Gessi: Isso....
52:40 - Vários: é, é
52:42 - Juvila: As raias que tinham ali, aqueles valos de raias que tinham ali eram nosso refúgio de .... dos cavalos passarem por cima da gente, ia pro buraco... foi a vez que
52:55 - Ivo: Então essa área que tinha aqui era grande né, e eles entraram com um processo, e ai, a discussão como é que foi a ideia que seguiu aqui a organização da vila.
53:10 - Juvila: .... que a gente tinha ganhado, mas também tinha que olhar os outros, por que tinha tanta gente que precisava... dai veio a romaria da terra, divisão de terra, por isso que teve as romarias aqui, mas agora o restante, a finalidade, como é que começou a gente ali, eu já não sei. Mas foi a finalidade da romaria da terra foi com o consentimento dos moradores pra depois começar a dividir um pedacinho pra cada um....Mas dai na época eu já estava trabalhando, pouco participei mais.
53:56 - Dejair: Como já tinha a associação organizada, o pessoal na assembleia decidiu dividir a vila, a vila não, a terra em terrenos, em lotes, né, pra mais moradores virem morar... o pessoal precisava de um espaço pra morar, conseguiram, então.
54:24 - Judite: Tinha mais gente que precisava também, a gente nunca pensou só pra gente, a gente pensava também nos outros.
54:31 - Dejair: Dai já entra mais a parte da organização, dai a associação começou a se organizar mais, vieram outras pessoas para contribuir, me lembro também que veio o Tuia, que era ... um arquiteto, um engenheiro, veio pra fazer a medição dos terrenos e das ruas, inclusive tu participou junto né, da medição....
55:00 - Ivo: Deixa então eu perguntar algumas coisas, para ver o que vocês lembram disso, só pra ir terminando né, acho que foi muito bom, bastante proveitoso, por exemplo, vocês falaram aqui que o lugar onde vocês foram construindo um lugarzinho pra fazer as reuniões, as orações e tal vocês

chamam isso de Divino Mestre. Porque vocês lembram do por que do nome, e por que foi escolhido esse nome?
55:35 - Juvila: Por que ali era reunida todas as religiões, não tinha definição de religião, então a gente se reunia ali, cada um fazia sua oração da sua religião...eu era quase padre ali, também
55:54 - Judite: Deus era um só pra nós, e tinha uns que tinham suas religiões.
55:58 - Juvila: Dai foi pedido Nossa Senhora de Fatima, e outras Nossas Senhoras, daí não ... e quem escolheu esse ai foi o Irmão Antonio que dai ele explicou pra nós, olha vai ser Divino Mestre que é o santo de todas as religiões ... assim ele acolhe todos ... não é especifico Nossa Senhora, então Divino Mestre, que ele é o divino mestre de todas as religiões, né ... que era a coisa mais boa, cada um com sua religião ... Seu Moisés então quando abria aquele bocão dele, ele fazia uma oração, meu Deus do céu, era coisa mais boa.
56:52 - Judite: Seu Moisés com a gaitinha que ele tocava.
56:55 - Juvila: Ahn, ahn
56:57 - Ivo: Que vozeirão né.
56:59 - Juvila: Um vozeirão, bah.
57:02 - Judite: Seu Moisés ... É, ele era de outra religião né e ele ajudava.
57:04 - Juvila: é, Assembleia de Deus.
57:06 - Jandira: E o finado Baldemar, se lembram dele?
57:11 - Ivo: Valdemar...
57:12 - Jandira: .... eu dizia que ele era advogado dos pobres, eh, eh...
57:15 - Judite: Advogado dos Pobres
57:19 - Ivo: Dize que ele era um bom cortador de cerca.
57:21 - Jandira: É .... e pra trovar, não tem....
57:27 - Ivo: Certo, outra coisa que vocês falaram aqui, que batiam no trilho e depois falaram de um sino, vocês lembram quem trouxe o sino?
57:38 - Gessi: E o sino foi roubado uma vez, também né.
57:40 - Ivo: Isso... falem tudo que lembram.
57:42 - Judite: Quem trouxe o sino foi o finado Orlando.
57:46 - Jandira: Orlando...
57:47 - Judite: Acho que foi ele quem conseguiu trazer o sino pra cá.
57:52 - Gessi: Eu lembro que foi roubado um sino, né ... quando já tinha o sino e a gente via movimento, a gente batia.
58:03 - Juvila: A ideia do sino foi do Irmão Antonio, agora quem trouxe o sino eu não lembro....
58:09 - Judite: Eu sei que foi cravado um poste, bem alto né, para colocar o sino na pontinha... Poste de eucalipto.
58:17 - Gessi: Não foi tu Ivo? Não?
58:20 - Dejair: Mas dai depois que roubaram o sino, se conseguiu outro sino. Daí o quê que fizeram? fizeram uma cruz bem mais alta, e botaram o sino lá na ponta. E o berguental na época tentou varias vezes vir tirar o sino e não conseguiu tirar.
59:36 - Vários: eh, eh, eh...
58:40 - Juvila: ... ele não alcançava.
58:43 - Dejair: E ele pessoalmente veio aqui tentar e não conseguiu.
58:47 - Ivo: Não, então tiveram vários sinos né, alguém lembra mais alguma coisa assim?
58:51 - Dejair: Esse sino hoje está lá na Divino Mestre.
58:57 - Ivo: Me recordo que no final de 1982 teve um encontro na São José, que a gente veio em caminhando lembra? Era um encontro de CEB's, e não tinha sino, dai a gente trouxe também um sino, que já tinha, teve vários, agora no início, alguém lembra alguma coisa assim que teve um acontecimento junto com a chegada do sino ?
59:22 - Juvila: Eu não lembro.
59:25 - Adegildo: Eu não recordo... também estava trabalhando, coisa assim. Não recordo desse momento.
59:30 - Dejair: Essa procissão que teve lá na São José, como é ...se não me engano foi semana santa.
59:42 - Ivo: Se fazia muito isso, mas teve uma vez que no final de um encontro de CEB's lembram? "Saber unir para reivindicar", tem uma foto que eu tenho ainda, lembra?
59:51 - Juvila: Só sei que o primeiro encontro de CEB's foi na São José, não existia esse negócio de CEB's na época.
59:59 - Ivo: Vocês participaram né.
01:00:02 - Vários: sim...
01:00:04 - Ivo: Acho que mais ou menos ta bem, não sei se mais alguém quer colocar mais alguma coisa desse inicio? Acha importante?

01:00:17 - Dejair: Tem... acho que tô lembrando...
01:00:19 - Ivo: Da situação da época assim, era difícil pagar aluguel. Teve algum movimento que vocês participaram, e se conseguiu alguma coisa a mais, neste período até 1984?
01:00:37 - Juvila: Alguma coisa tipo a Frente de Trabalho que tu quer saber ?
01:00:40 - Ivo: O que a senhora recorda disso?
01:00:44 - Judite: Teve uma frente de trabalho.
01:00:44 - Judite: A frente de trabalho, foi uma época que eu estava desempregada, geralmente estavam todos desempregados, não tinha serviço pra ninguém.
01:00:50 - Ivo: Foi nessa época?
01:00:56 - Judite: Meu marido também estava desempregado.
01:00:57 - Dejair: Época das vacas magras.
01:00:59 - Juvila: Dai eu era uma das coordenadoras, eu trabalhava ali, vinha da prefeitura que mandava, acho que era da prefeitura em convenio com as firmas, ai o pessoal ... naquela época já estavam mais em paz, dai eles ficavam por ai, tapando buracos, mas tinha que trabalhar a semana para ganhar o rancho. Dai aquela semana que essa turma trabalhava, ai entrava outra ... era de quinze em quinze dias, que vinha.
01:01:31 - Dejair: era de semana....
01:01:34 - Ivo: isso já foi na organização da vila, né.
01:01:35 - Juvila: Hum, hum... ai trabalhava na organização da vila.
01:01:39 - Adegildo: Fazia os valinhos ...
01:01:40 - Ivo: Mas se recordam como é que conseguiam essas frentes de trabalho?
01:01:43 - Juvila: Quem conseguia isso ai eu não lembro.
01:01:46 - Ivo: Não lembra? Não foi feito algum movimento, alguma coisa assim?
01:01:49 - Adegildo: Na prefeitura, né?
01:01:51 - Ivo: Não sei, o que vocês lembram disso?
01:01:54 - Juvila: Eu não me lembro.
01:01:56 - Adegildo: Parece que teve um movimento na prefeitura pra frente de trabalho.
01:02:01 - Juvila: Se teve um movimento lá não sei....
01:02:04 - Ivo: Num período forte de desemprego né.
01:02:07 - Juvila: foi um período, foi ... eu não sei, mas eu acho que teve sim um movimento de ir prefeitura, não foi só daqui da vila não, o pessoal estava com muita dificuldade ...
01:02:25 - Judite: Teve uma ajuda da prefeitura...
01:02:29 - Dejair: Tinham outras vilas que faziam também....
01:02:32 J- uvila: Nós estamos morrendo de fome, queremos emprego! ... acho que era assim!

* * * * * * * * * * * * *

Trabalho de memória no Grupo Focal 1



APÊNDICE C - Degravação do Grupo Focal 2

00:00

Local: Ponto de Cultura da HOCOUNO – Rua Dezoito de Novembro, 400
Vila União dos Operários - Bairro Mathias Velho - Canoas/RS
Data: 26 de agosto de 2014
Participantes: Aluízio Michel (Aluízio)
Edelmiro Aires Pereira (Edelmiro)
Iracema Carissimi (Iracema)
José Antônio da Conceição (José Antônio)
Lair Silva Conceição (Lair)
Lucy Dalva Lopes de Oliveira (Lucy)
Nildo Natal Borba Rosa (Natal)
Filmagem e degravação: Ivan de Almeida Fiorotti
Produção e Edição: Ivo Fiorotti
Duração: 1h33min14seg

00:15 - Lucy: Meu nome é Lucy, estou aqui na horta desde oitenta e seis, oitenta e sete ... iniciei como zeladora e me inseri na comunidade como catequista, depois entrei pra pastoral, fui líder da pastoral, fui membro também da associação de moradores, fui secretária ... e continuo hoje coordenando os projetos aqui da comunidade.
00:42 - Iracema: Meu nome é Iracema Carissimi, eu vim aqui em oitenta e quatro ... e nós começamos a organizar as pessoas que eram muito pobres, então nós começamos a organizar e ver as pessoas mais pobres para poder ajudar e aí apareceu ... conseguimos formar a pastoral da criança, primeiro o clube de mães, a pastoral da mulher, depois da pastoral da mulher, então veio a pastoral da criança, onde que se atendia as crianças doentes que estavam numa situação muito desagradável aqui na vila, na ocupação do começo.
01:21 - Natal: Meu nome é Natal, tenho prazer de ser morador da vila União dos Operários aqui, trabalhei no começo na Frente de Trabalho, aqui, e sempre no movimento da Associação de Moradores, já fui presidente, sou vice-presidente agora da Associação de Moradores aqui ... e sempre batalhando pela melhoria da vila.
01:47 - Aluízio: Eu sou Aluízio Michel, eu vim morar aqui em oitenta e cinco ... até inclusive na época que o Ivo era frei ... inclusive ... eu fui, eu fui na época vice-presidente, me botaram na associação ... e ... e fui coordenador de quadra, depois de quarteirão, quer dizer coordenador, é isso, quando a associação era lá em cima ... e participo desde da época, assim...seguido né , tenho participação e ainda continuo, inclusive aqui na horta com o alemão ... e tenho ... me sinto bem aqui, eu me realizei aqui, moro há vinte e cinco anos aí, inclusive agora com o ... já temos o usucapião, o IPTU e tudo e estou pagando .... e ... e outro dia veio aquele, como é o ... aquele papel que eu paguei, é um papel da .... como é que dedicado, como é o usucapião, né ... é a escritura diz a moça, que já está em mão, e no mais ... Temos asfalto lá e ... me sinto bem aqui.
03:18 - Ivo: Tá, segue, seu Edelmiro...
03:22 - Edelmiro: Me chamo Edelmiro Pereira ... sou desde oitenta e quatro moro na vila ... e participei de todas as reuniões da associação no início... e participei das medidas das ruas aí, de ponta a ponta, desde a primeira até a última ... e moro aqui na vila e sempre que eu sou chamado para participar de uma reunião estou disposto sempre, nunca fui membro da diretoria da associação porque não quis, já me convidaram muitas vezes, pra mim eu não tinha condições, então ...e sou uma pessoa feliz, tô morando na vila, porque hoje eu tenho meu cantinho pra morar, eu só pagava aluguel no primeiro, e o aluguel me judiava bastante ... essa é a minha apresentação.
04:18 - José Antônio (Juca): Meu nome é José Antônio ... na época, em setenta e nove, fui um dos primeiros a entrar aqui dentro ... e naquela época todo mundo me conheciam por “Gordo” ... e fui coordenador da Frente de Trabalho, onde foi tudo foi marcado a pá, as ruas, medindo os terrenos e tudo ... aqueles que tinham uma parte maior, nós tirávamos e dávamos aos outros, tudo organizado ... anoitecia sem casa, amanhecia com casa ... nós passávamos, nós passava a noite eu e minha esposa ... não sei se pode né, na época fui preso quatro vezes, por causa daqui dentro, onde minha esposa também foi agredida por, naquela época pela brigada ... nós tudo hoje em dia nós somos felizes pois temos nosso cantinho para morar ... onde muitos não sabem disso, mas foi uma grande luta, mas graças a Deus estamos ai, para lutarmos pelos nossos direitos.
05:29 - Lair: Meu nome é Lair Silva Conceição, esposa do seu José ... e a gente veio pra cá por que a gente pagava aluguel, viemos morar nos fundos da casa da minha cunhada que dava frente, de frente

pra dentro do prado, antigo prado ... e ali começou as pessoas virem, né, que a gente entrou a nossa casa, entrou outra lá no lado, foi crescendo, só que daí depois veio as pessoas querer tirar nós, né ... mas a gente lutou, a gente brigou, a gente apanhou, sabe, por causa das outras pessoas, lutamos e vencemos, né, graças a Deus, tivemos as nossas reuniões ali na igreja, que não era igreja, era um galpão..
06:14 - José Antônio: Era capela...
06:16 - Lair: ... era um galpão né, depois que foi formado a igreja ali na Divino Mestre, e a gente não dormia de noite, correndo atrás da ... dos capangas dos donos daqui, que queriam impedir as pessoas de colocar as casas aqui ... mas graças a Deus a gente venceu.
06:37 - Ivo: Muito bem ... eu gostaria que vocês contassem tudo que vocês lembram, de fatos, acontecimentos, muito mais do que vocês darem opinião sobre o fato, vocês relatarem os fatos, coisas que aconteciam na época e gostaria que começasse, se for possível, a partir do momento em que se ganhou a posse na justiça, dia dezoito de novembro de mil novecentos e oitenta e três, nós ganhamos a posse na justiça, acho que o Juca estava lá naquele dia, se recorda seu João? Vocês estavam trabalhando eu acho ...
07:15 - Lair: Eu me lembro...
07:16 - Ivo: ...a senhora acho que estava, né. Os demais vieram meio que depois, né. Então a partir dessa data, o que que vocês, como é que foi organizada a vila, que tinham algumas pessoas que moravam ao redor, né ...como é que foi surgindo, como é que foi o início da organização? Tudo que vocês lembram, podem ir contando.
07:45 - José Antônio: É o início foi comum, foi quando foi colocado né o ... o sino na igreja, na igrejinha lá em cima, nós por exemplo morávamos lá na beirada de lá na Sino da União ... ai quando batia o sino lá, todo mundo se reunia, para tomar as decisões, e fazer, naquela época o falecido Clésio era vivo, pra gente marcar, pra remarcar os terrenos, pra ... abrir as ruas ... era tudo assim.
08:20 - Ivo: Alguém recorda como é que foi esse início, assim, como é que de repente o pessoal resolveu fazer ruas, quadras, ocupar toda a vila, como é que foi .... alguém recorda?
08:30 - Natal: É que noventa, quando foi o começo né, eram 97 famílias ganharam na justiça, né ... daí foi decidido numa reunião lá na Divino Mestre, onde se reunia lá na igreja, não tinha associação, não tinha sede, não tinha nada ... e a igreja católica apoiava nós aqui na .. na ocupação aqui, né ...e ali na igreja Divino Mestre ali, que era uma casinha que tinha, de madeira, a gente se reuniu e lá e foi decidido dividir em terreno ... tinha uns que dividiam em chácara, em chácara ali pra cada um ficar com chácara ... e o espaço que tinha ali dava, né ... ai nós decidimos dividir em terreno que tinha mais força, botando mais gente, tinha muita gente trabalhador na época que ... que era uma época de crise, emprego, trabalho ... os trabalho era muito pouco tinha na época, os governos não se interessava muito pelos pobres da época ... ai foi decidido dividir em terreno para, pra aumentar o pessoal pra ter mais força ... ai a estratégia nossa lá .... sair pela Campinas, no meio da vila, a rua Campinas, sair botando as casas ali pra se alastrava para os lados ... ai sai comecemos com essa tese ai de fazer essa ocupação desse jeito.... ai tinha uns jagunços que vinham ai botar fogo nas casas, desmanchar as casas, dar tiro aqui no ... nos moradores que estavam ocupando aqui ... daí tinha um sino, um sino lá na capela, que roubaram o sino, ficamos sem sino, né ... ai depois conseguimos um trilho de trem, e aquele trilho de trem conforme ia indo a ocupação, aquele trilho de trem ia indo juto, pela Campinas a fora ... ai batiam aquele trilho ali ... vinha o Professor Antônio né, que dava força para nós, que também que era da igreja católica ... vinha batendo uma, uma lata né, chamando o pessoal e o pessoal vinha, todo mundo, vinha o jagunço, pegar e botar fogo na casinha, vinha pra enfrentar ali ... Também tinha uma, uma época que era também na ... na cancha aqui da ... tinha uma cancha onde corriam carreira ... a brigada então começou, um trator lavrar que eram os jagunços e a brigada marchando ... marchando na frente do trator ali, né e o trator lavrando de atrás ... tinha uns cassetetes enfiado dentro da manga, das roupas que usavam da farda, daí fechou o pau ali e começamos a bater, a brigada batendo no pessoal, ali ... eles queriam lavrar pra não deixar o pessoal avançar pra frente ... na casa que era do falecido Clésio ali, escondido eu fiquei atrás ali, né peguei um tijolo e dei no meio da turma dos brigadiano, ali ele começou a vir, eh, eh.... Aquela vez eu acho que o Juca, prenderam o Juca ali também, né ...
11:36 - Lair: Foi naquela época que eu apanhei dos brigadianos....
11:38 - José Antônio: Naquela época quem tava na frente do trator que estava me empurrando era essa aqui ...que tomou uma paulada, um cassetete do brigadiano, naquela época ...
11:42 - Natal: Tinha uma senhora que estava grávida também ...
11:44 - José Antônio: ... e o que pulou em cima do trator, que nós tínhamos até a foto, mas com aquele negócio de ... que nós íamos pra Porto Alegre, pegaram minhas fotos tudo... muita foto foi extraviada na associação ...
11:54 - Lair: eles consumiram....

11:55 - José Antônio: ... eu tinha tudo, tudo as fotos tudo, deles lavrando, deles derrubando as casas....
12:03 - Ivo: Quem mais? Daí a partir da Campinas foi avançando ..
12:07 - Natal: Foi avançando para os lados ....
12:09 - Ivo: E o que fazia para conseguir marcar...
12:12 - Natal: Ahh ...
12:13 - Ivo: ... os terrenos, as ruas, o que se fazia lá, para poder saber?
12:17 - Natal: Depois ... é a gente ia botando assim um do lado do outro, calculava mais ou menos a passo ali e botava uma casa ao lado do outro ... daí depois que veio a coordenação das Frente de Trabalho com as lutas ... que a gente, no tempo da, na época foi o Giacomazzi, que eleito, foi o primeiro prefeito eleito aqui em Canoas pelo povo ... que antes aqui em Canoas não tinha eleição, era tudo indicado pelo militarismo ... aí foi feita, e a gente conseguiu ... com as, com o pessoal que era desempregado, fazer uma Frente de Trabalho, cada quinze dias trabalhava uma turma ... uma turma de, toda semana era uma turma que trabalhava diferente uma da outra, era quatro turmas que nós tínhamos aqui na época ... recebia um rancho, no final da semana, o cara trabalhava a semana toda fazendo as valas, acertando as casas de cima dos terrenos, né, como o Juca tinha falado ali, daí acertava as casas, colocava uma linha, a linha era a rua ... daí depois veio o cara fazer a medição das ruas, aí, pata o ...
13:25 - Lucy: o agrimensor...
13:27 - Natal: ... o agrimensor, como era o nome dele, que agora não me lembro, o Tuli, oo
13:30 - Vários: Tuia
13:32 - Natal: É, Tuia ... veio aí, daí foi passando as ruas com um aparelho pra nós ...
13:42 - Ivo: Acho que aí o seu Edelmiro ...
12:43 - Natal: ... e as casas, né e as casas era assim uma em cima do terreno do outro, daí a gente pegava a turma da Frente de trabalho e trocava as casa, as vezes inteira, passava pro lado, ne ...o Juca tinha uma carroça e ajudava muito a nós a pegar o material....
13:58 - Lair: O Juca era coordenador da Frente de trabalho.
13:58 - Natal: Coordenava a Frente de Trabalho, era o Juca....
14:00 - José Antônio: As primeiras ruas que foram abertas, foi a .... a Santo Ângelo e a Sino da União, depois a Campinas. Inclusive na época dessa reunião que teve, que queriam fechar em chácara, tinha muitos que queriam ficar com um terreno de 10 ou 12 por 50.
14:21 - Lair: Eles queriam 2 terrenos...
14:22 - José Antônio: Dai foi onde teve a decisão, foi feita uma reunião, tudo, para ficar os terrenos com 10x30 ou 10x35... que a maioria dos terrenos, hoje.
14:32 - Ivo: 12x30 e 10x35...
14:33 - José Antônio: é, é ...
14:34 - Vários: é... é
14:37Ivo: Foi feito um estudo ou alguma coisa para chegar nessa metragem, vocês se lembram?
14:42 - José Antônio: É, foi feito mais ou menos.... só que daí na época, foi feito aquela cerca ... quando eles viram que o pessoal invadiram, o senhor (Edelmiro) deve se lembrar ... que eles fizeram aquela cerca atravessada aqui no meio, que era onde tava o Dr. Jaques na igreja ... tava lá na Igreja lá em cima.
15:00 - Iracema: (muito baixo, Inaudível.....)
15:06 - Edelmiro: Essa parte, que eu me lembro, a metragem.... por que que ficou uma quadra 12,5 por 30? Pra respeitar a rua Campinas, a Campinas foi respeitada, então pra fechar a metragem, tiveram que fazer uma lateral da Campinas, 12x35...
15:25 - Natal: Doze e meio
15:26 - Edelmiro: 12,5x35 ... era trinta ...é porque, e as outras ruas daí fechavam o terreno certo por 10x35, isso ai eu me lembro bem.
15:42 - José Antônio: A Campinas era o eixo.
15:43 - Edelmiro: Isso...
15:44 - Ivo: Isso, e sobre a posição dos terrenos, vocês lembram alguma coisa em relação a isso ... por que os terrenos daqui são diferentes da Mathias, né?
15:56 - Natal: A posição dos terrenos foi o seguinte ...foi feito, nesse sentido dos terrenos de frente pra Campinas e a ... e frente pra Romeiros, por causa da ... caber 10, caber 20 terrenos cada quarteirão pra essa medida, senão não caberia os vinte terrenos no quarteirão.... ai daria terreno de 10x50 ... ai nos calculemos fazer 20 terrenos, aumentar mais terreno para dar para mais moradores morar .... na época podia ser 350m², não podia ter terreno com menos de 350m², e ai nós tínhamos que seguir mais ou menos as normas do município ... dai foi feito essas medidas.
16:40 - Ivo: Quem é que orientava vocês sobre essas normas do município?

16:44 - Natal: Quem orientava era, a gente buscava recursos sempre com o Dr. Jaques que era nosso advogado, ele que informava todas, o que a gente podia fazer aí ... as melhorias que nós podíamos fazer ... o Dr. Jaques ele era um grande orientador nosso, aqui ...ele orientava tudo que podíamos fazer ... até na época da última cerca que nós derrubemos, ali né, ele participou junto... que perseguimos da brigada, a brigada fechou uma parte pra eles plantar lá, nós tiramos a cerca ... nós tínhamos ganhado a posse, né ... ai chegou na brigada lá, a brigada quis barrar lá, daí ele largou dizendo... deu um carteiraço, dizendo que era advogado que tinha, mostrou os papelama que tinha... que não era deles, que era nossa a área, a área, que nós havíamos ganhado na justiça....na época eles...
18:37 - Ivo: Certo ...a senhora dona Lair, queria contar uma coisa, pode falar... da cerca
18:43 - Lair: Se não falar na hora, não lembro... ah o Dr. Jaques que disse pro Juca se... disse pro Juca se o Juca tinha, podia fazer a frente pra arrancar a cerca ... dai ele se combinou com alguns homens ai de dentro, e eles iam tirar a cerca de noite ... a cerca estava toda em volta ... daí eles tiraram, mas colocaram de novo e eles tiraram de novo.
18:06 - Ivo: E o Valdemar, lembra....
18:09 - José Antônio: É que é assim ó: os terrenos ficaram diferentes, não sei se tem alguém aqui que esta lembrado ... que foi comentado também ... que as quadras da Mathias que é escriturada, as quadras são de 100 metros ... aí os terrenos teriam que ficar, que era o caso, 10x50, não sei se alguém ta lembrado, que teve essa reunião, lá na igreja também ... aí se ficasse 10x50 ia ficar muito grande os terrenos, aonde daí foram invertido aqui pra ficar com 35 ... pode ver, por isso que são diferentes das quadras escrituradas lá da Rio Grande do Sul.
18:48 - Lair: E da Florianópolis, também, por isso que eles colocaram uma cerca nos fundos também de lá...
18:51 - Edelmiro: Essa parte da dimensão da metragem do terreno, foi para caber mais moradores... mais moradores.
18:57 - José Antônio: é isso mesmo, por isso ficou diferente...
19:00 - Lair: Dr. Jaques disse que se a gente lutasse, tinha poucas casas .. se a gente lutasse pra entrar no mínimo umas cem casas, a gente já ganhava a posse ... e a gente lutou e ganhou muito mais.
19:13 - Ivo: Sim, ta. Mas, a organização dos terrenos lá foi depois da...
19:20 - Lair e José: Depois das casas ...sim... foi depois.
19:21 - Ivo: ... da vitória. E teve a decisão de trazer mais gente. E ... vocês recordam como que foi essa história, por que as ruas não tinham nome, né...
19:34 - Natal: ... não, não tinha.
19:35 - Ivo: ... como é que os nomes que elas tem hoje, como é que foi isso? Foi ideia de alguém? Significa alguma coisa?
19:44 - Edelmiro: Eu sei que a Sino da União é por causa do sininho, né. Mas a Sino da União tinha outro nome. Depois resolveram tirar o nome e botar Sino da União, né. Isso eu me lembro bem, era por causa do sininho da igreja que era tocado para avisar o pessoal que os jagunços estavam chegando ..é ...
20:00 - José Antônio: Muito corri por causa daquele sino ... eh, eh
20:02- Natal: Cada rua dessas aí tem uma história, né ...
20:04 - Ivo: Lembram o porquê ...
20:06 - Natal: Cada rua tem história .... a rua dos romeiros, foi por a primeira romaria que foi feito, foi aqui dentro aqui ... aí colocaram Rua dos Romeiros.
20:14 - Ivo: certo ...
20:14 - Natal: A Dezoito de Novembro, foi o dia que ganhemos a ...
20:19 - Lucy: A posse da terra...
20:19 - Natal: ... a posse da terra ... aí foi que botemos que Dezoito de Novembro o nome da rua ... e a Campinas já existia, já o nome que era, a Campinas já existia, a Campinas o nome que era a continuação, né ....
20:33 - Lair: Até eles tinham o problema de tirar aquelas casas lá de cima de lá pra passar...
20:34 - Edelmiro: e a libertação ...
20:36 - Natal: ... a Libertação, a libertação foi o dia que ganhou a posse, aí foi inscrita, botaram o nome de libertação...
20:43 - Lair: Foi a primeira rua, a primeira que foi... que foi preenchida de casa, né ...
20:48 - José Antônio: A sino da União...
20:49 - Lair: Foi a primeira que começou a entrar as casas, até a primeira casa foi a nossa....
20:53 - Ivo: Vocês se recordam em que momento se decidiu os nomes?
21:00 - José Antônio: Eu, se eu não me engano, se não tô ... ah, o negócio dos nomes das ruas e tudo foi na época que o Clésio que era o presidente.

21:08 - Natal: Exatamente, quando o Clésio era presidente ...
21:10 - José Antônio: Sim, ele que fez essas coisas ... o negócio dos nomes e essas coisas, eu não estava nesse dia, eu trabalhava na Ceasa então, eu não ...eu não participei.
21:18 - Lair: Começou com o Clésio ...
21:19 - Ivo: Isso foi aprovado em assembleia ou foi alguma outra coisa?
21:22 - Natal: É, tudo era aprovado tudo em assembleia ...
21:24 - José Antônio: tudo era em reunião lá na igreja...
21:25 - Natal: Tudo era em assembleia para decidir....
21:27 - Lair: Era o Clésio, era o ... era o Clésio, era o Doutor aquele nosso advogado ...
21:33 - Natal: o Dr. Jacques ...
21:34 - Lair: o Dr. Jaques, e mais outra turma também...
21:36 - Lucy: o Irmão Antônio ...
21:Lair: ... aquele que faleceu também, da dona Ilda, o João ...
21:41 - Lucy: Seu João ...
21:42 - Natal: Que a época da nossa luta aqui, tinha o ... o Dr. Jaques era o nosso advogado a nosso favor né, tinha o professor também que ajudava nós que era da igreja católica, e fora isso tinha os freis né ... tinha o frei, aquele como era o nome daquele, o ...
21:59 - José Antônio: Como era o nome daquele que ia almoçar lá em casa ...
22:00 - Natal: Ah ...
22:01 - Iracema: Valdivino ...
22:02 – Ivo e Vários: Volmir ...
22:05 - Natal: Volmir ... na época era o Frei Volmir, que ele usava o cabelo comprido ... daí ele falava como o que a gente tinha que fazer, e ajudava muito nós aqui, daí depois saiu o Volmir veio o Ivo ... foi, veio o Ivo....
22:18 - Iracema: O Ivo tava junto....
22:19 - Natal: ...veio o Ivo pra cá ...
22:20 - Lair: O Ivo também almoçou lá em casa...
22:21 - Natal: Os capuchinhos, os freis Capuchinhos.
22:22 - Ivo: Eu estava antes, daí eu sai um ano e voltei ...
22:23 - Natal: Foi ali pra Natal, né!
22:29 - Ivo: Sim, mas na época eu fui a Passo Fundo, em oitenta e quatro ...eu cheguei aqui em 81, né.
22:33 - Natal: Em 1983 tu tava aqui ...
22:35 - Ivo: Em oitenta e quatro, depois em oitenta e cinco voltei...
22:38 - Natal: Em oitenta e três tu tava aqui... eu me lembro que quando cheguei em oitenta e três era tu tava acompanhando ...
22:41 - Ivo: Sim, eu acompanhei o dia da posse na justiça.
22:43 - Lair: Quando eu cheguei aqui eu tava com 4 meses de gravidez do meu filho mais velho.
22:49 - Ivo: Tá, mas o que importa é que vocês lembram né, o importante pra mim é o que vocês lembram, eu vou perguntando alguma coisa ... vocês falaram, por exemplo, a rua Romeiros por causa da Romaria, o que vocês lembram da romaria?
23:03 - Edelmiro: Eu me lembro que foi reunido em cima do morro, ali onde é a igreja hoje, foi cravada a cruz e dali saiu a procissão da romaria ... daqui pra outra né, como é ..
23:16- Ivo: Santo Operário ...
23:17 - Edelmiro: ... isso eu me lembro.
23:20 - Ivo: Vocês se recordam, do momento assim, da situação geral, por que que aconteceu a romaria?
23:28 - Lucy: Que a romaria é sempre para fortalecer o pessoal que tá buscando melhorias, buscando ajuda né, então sempre a romaria vai lá nos assentados, vai naquele povo que ta precisando de apoio né, de força, então como tava sendo, recém que tava sendo ocupado nesse período, então nada mais justo que vir fortificar o movimento aqui, aqui neste espaço que estava ... iniciando, que estava precisando de apoio.
24:01 - Natal: E na ... e na época ali onde está a igreja ali, era o lugar alto, o lugar mais alto da vila aqui ... é onde está a igreja católica, ali. Então nós na época fizemos uma reunião ali com o ... se reunimos ali em cima eu com o Professor Antônio uma turma aí, decidimos aqui é o lugar mais alto, vamos fazer uma igreja aqui, vamos botar uma igreja no lugar mais alto ali, nós decidimos lá... na reunião ali com o professor Antônio.
24:30 - Ivo: Lembra do Orlando?
24:31 - Natal: Ah ...
24:32 -Ivo: Seu Orlando.
24:32 - Lucy: o Orlando.

24:33 - Natal: O Orlando também estava junto, o Orlando tava na reunião também, tava o Orlando e mais outros dos antigos...
24:37 - Lucy: O pessoal do Alfonso, do seu Antônio...
24:41 - Ivo: Severgnini ...
24: 42 - Lucy: ... o Severgnini...
24:43 - Natal: Tinha uma turma grande aí ... que bem em cima da cerca eles fizeram foi para impedir pra nós descer lá pra baixo ...
24:49 - Ivo: E esse lugar alto, era o quê ali?
24:51 - Natal: Onde era ...
24:52 - Lucy: a bancada.
24:53 - Natal: ... a bancada do Jóquei Clube aqui ...
24:55 - Juca: Era o pavilhão, ali era o pavilhão onde era a arquibancada da ... igual é lá no do Cristal, a mesma coisa era ali...
25:01 - Natal: Onde olhava as carreiras ...
25:02 - José Antônio: ... dai passava por cima ... e embaixo depois foi um colégio ...
25:08 - Lair: tinha o colégio...
25:13 - José Antônio: ... o colégio daqui era ali, embaixo daquilo ali. Aquela cerca que o, que o Natal tava falando lá que foi derrubada, aquela lá eu tinha essa foto que foi extraviada também,
25:24 -Natal: tinha uma porteira ali ...
25:25 - José Antônio: .... e com a marreta e a carroça que eu tinha, eu aparecia direitinho arrastando ela pra lá, levei ela.
25:31 - Iracema: Aquela, aquela cerca eu acho que foi a força de todo o povo das comunidades.
25:37 - José Antônio: é ...todo mundo tava lá.
25:39 - Ivo: Alguém se lembra que dia foi esse?
25:41 - Iracema: Dia de ramos ... mas foi uma missa aqui na comunidade romeiros e daí depois todos nós saímos com ramos.
25:51 - Aluízio: Rezaram a primeiro a missa foi ali.
25:54 - Iracema: Nem estava pronta a igreja.
25:57 - Aluízio: Foi rezada a primeira missa, eu acho a céu aberto.
26:00 - Natal: Mas a primeira cerca que fizeram aqui bem onde é a igreja aqui, a Divino Mestre aqui, atravessaram toda a vila com a primeira cerca pro pessoal não avançar, né ...ali anoiteceu com a cerca e amanheceu sem a cerca ... eu mesmo levei arame, levei moirão e fechei meu pátio, não tinha nada aberto, eh, eh.
26:21 - José Antônio: Acho que foi a segunda vez, porque na primeira vez ...
26:24 - Natal: Na segunda vez, exatamente ...
26:26 - José Antônio: Na primeira vez foi assim ó, eles fecharam a cerca ... ai foi feita uma lá na igreja, eu sentei no ultimo banco da igreja ...
26:34 - Lair: Na Divino Mestre ...
26:35 - José Antônio: ... perto da porta ... naquela época eu era bem ... graças a Deus hoje eu estou liberto, e ... e o Dr. Jaques tava sentado lá na frente e disse: “Vocês tem que tirar aquela cerca, aquela cerca não pode ficar”, se alguém tá aqui pode até ..
26:49 - Natal: é verdade, é verdade ...
26:50 - José Antônio: “Aquela cerca não pode ficar”, ela saia daqui e ia quase em frente a minha casa na Sino da União. “Essa cerca não pode ficar, tem que tirar” ... ai eu peguei e perguntei pra ele, aquela época era meio desaforado, também. Eu disse: tá doutor, me diz uma coisa ... e se eu ir lá e cortar aquela cerca, tirar aquela cerca e eles me prenderem, o quê que vai acontecer? “Eu vou lá te tirar”. E ele cumpriu todas as quatro vezes que fui. Eu peguei uma troquesa, eu afiei uma troquesa, peguei o Divino, né, que era Divino o nome daquele que morava em frente...
27:24 - Lair: Era divino o nome do rapaz lá ...
27:25 - José Antônio: ... o Rufino, o seu João que é falecido ...
27:28 - Ivo: o Valdemar ...
27:30 - José Antônio: ... o Valdemar, e tinha mais uns outros ...
27:32 - Ivo: O Geraldo...
27:33 - José Antônio: “Quem é que vai fazer a frente?” ... não o Geraldo não tava nesta vez ... O Geraldo tava na vez da martelada do ... do ..., tá, deixa contar a história primeiro.
27:43 - Ivo: Isso ... é importante este caso.
27:44 - José Antônio: Aí ... vamos cortar essa cerca ... mas, quem é que vai ser o primeiro? Não, pode deixar pra mim. Vocês só vem atrás derrubando os moirão. Tá, fomos lá na frente, que lá a cerca volta tinha. Fomos lá e eu comecei. Mas, uma troquesa que era um ... era toc, toc, eu fui cortando, fui cortando e eles foram derrubando os moirão ... fomos, fomos. Tá, fomos todo mundo embora. No outro

dia quando eu botei a cara pra fora lá tava os jagunços do Bergental, tudo ali fazendo a cera tudo de novo. Fizeram toda a cerca, vocês estão lembrados disso. Fizeram toda a cerca de novo. Se reunimos de novo: O quê que vamos fazer, doutor? "Não, vocês têm que consumir com a cerca" ... então, foi daí acho que a ... vamos de novo. Anoiteceu, eu acho que era uma 10 horas, me lembro, nós viemos na casa do Clésio, nos reunimos na casa do Clésio que era no meio do campo e viemos ... eu me atraquei na troquesa de novo, cortando. E era o Rufino botando o moirão nas costas, o outro o arame, o seu João levando moirão, cortemos tudo, arranquemos os moirões tudo e carregamos tudo. Só que eu tinha um traçador ... em casa. Eu e o Rufino se atracamos e cortamos tudo e fizemos lenha.
29:00 - Aluízio: em casa ...
29:01 - José Antônio: O seu João amontoou tudo em casa. No outro dia chamaram a brigada e levaram o seu João e os que tinham o moirão inteiro. Mas também a cerca não foi feita mais, acabou a cerca
29:13 - Natal: Acabou a cerca.
29:15 - José Antônio: ... não teve mais a cerca.
29:16 -Lair: Eles foram lá em casa, nós falamos: nós temos fogão a lenha ...
29:19 - José Antônio: Essa é lenha ...
29:20 - Lair: ...as lenhas nós compramos pra fazer o fogo ... nós tinha fogão a lenha.
29:26 - Aluízio: É, e era vara redonda?
29:28 - José Antônio: Era ...
29:29 - Natal: tudo de eucalipto ...
29:31 - José Antônio: De eucalipto.
29:32 - Aluízio: Já pensou... vara verde, inclusive.
29:33 - José Antônio: Não era seca ...
29:34 - Natal: seca, seca...
29:36 - Ivo: Ta bom, vamos pensar o que vocês se lembram agora, como era o dia a dia das pessoas ... como as casas haviam sido feitas, o que vocês lembram assim do dia a dia, como é que as pessoas se organizavam no dia a dia, não só pra luta, como é que as pessoas viviam?
29:59 - Edelmiro: Que, que eu me lembro bem, que a maior parte era desempregado na época ... então daí foi feita a Frente de Trabalho que falaram já ... daí aquelas pessoas desempregadas trabalhavam 3 ou 4 dias na semana.
30:11 - Ivo: Essa Frente de Trabalho veio assim de graça, como é que foi, se recordam como foi?
30:16 - Edelmiro: Não me recordo como é que foi planejado ela.
30:17 - José Antônio: Foi feito pela prefeitura ...
30:20 - Natal: Essa Frente de Trabalho foram organizado aqui pelo pessoal aqui, o Clésio, o presidente da Associação aqui né, na época eu estava junto, eu era coordenador da Frente de trabalho também, ai nós conversamos com o Prefeito aí ... com o prefeito a gente foi uma vez lá em POA, conseguimos com o governo do estado ...
30:42: - Ivo: com o governo do estado...
30:43 - Natal: com o governo do estado conseguimos os ranchos. E a prefeitura pegava e recolhia esses ranchos, uma sacola com comida, né ... e vinham todos os sábados trazer aqui na vila, recolhia do estado lá e trazia aqui pra vila, pra nós distribuirmos. Os coordenadores distribuíam pro pessoal que trabalhava. O pessoal trabalhava por comida, não tinha ... não tinha nada para comer, a necessidade tão grande. Fazia umas casinhas, umas barraquinhas, uma tabuinha daqui e de lá, e um ajudando o outro. Fazendo uns barracos né, no começo aqui era tudo barraco, não era casa, casa para morar ... barraco, tábua e telha.
31:20 - Ivo: E tinha, tinha rancho para todo mundo, todo mundo. Que trabalhos fazia, vocês lembram?
31:26 - Natal: Não ... os trabalhos eram assim. A gente pegava, organizava os terrenos e as casas em cima dos terrenos. E na rua a gente abria, não tinha rua cara ... não tinha rua nenhuma, a gente abria um valo, para as aguas saírem. Abria os valos na rua, marcava a rua e fazia os valos depois na rua. E as Frente de Trabalho era este trabalho: abrir valo, acertar as casas nos terrenos, montar uma casinha pros outros, um ajudava o outro ... e o desemprego era grande na época, não tinha emprego. Como eu falei antes ...
32:00 - Ivo: Nas Frentes de Trabalho, trabalhavam, só homens?
32:02 - Natal: Trabalhava só homens nas Frentes de trabalho.
32:06 - Ivo: As mulheres não.
32:07 - Natal: As mulheres que trabalhavam nas frentes de trabalho, trabalhavam na organização das, elas cuidavam das crianças, cuidada das crianças ...
32:18 - Iracema: Nos fornos comunitários.
32:19 - Natal: Isso, nos fornos comunitários, isso, a irmã participava na época.
32:22 - Ivo: Pode ir contando mais.

32:23 - Iracema: No forno comunitário, também ah ... por que as mulheres não tinham, então era sempre em grupo. É muita partilha, viu. Então em quatro famílias se reuniam em cada ... de manhã tinham dois grupos a tarde mais dois. Íamos em mutirão pedir farinha nos moinhos lá pra Porto Alegre, é. Elas mesmo iam como agente, e se conseguia farinha e voltava e se partilhava ... a farinha elas faziam o pão, onde elas tinham pão em casa pra dar alimento pras crianças.
32:57 - Lair: Elas fizeram, né...
33:58 - Iracema: Iam buscar lenha ...
33:00 - Lair: Elas faziam pão, as mulheres.
33:02 - Iracema: Iam buscar lenha ...é, é
33:03 – Lucy: na Massey Ferguson, né ...
33:07 - Ivo: Como vocês enfrentavam o frio?
33:08 - José Antônio: No frio era fogo. Nós passava entre 4 ou 5 homens naquela época, 3, 4 ou 5 homens e ficava a noite toda, eles vinham, eles tinha uma caçamba, eles colocavam fogo nas casas, nós passávamos a noite toda, e outros fazendo as casas.
33:28 - Ivo: Isso, mas neste período, das frentes de trabalho.
33:30 - Natal: As frentes de trabalho era assim, tinha uma turma ... cada mês trabalhava uma turma ...
33:36 - José Antônio: era por semana ...
33:37 - Natal: Era por semana, né, eram quatro turmas, tá. Tinha dois coordenadores, um coordenador coordenava, cada coordenador coordenava uma semana... Eram quatro coordenadores aqui na vila: uma era o Juca, outro era eu, outro era o ... era o falecido que morava ali na esquina, o, esqueci o nome dele, mas eram 4 coordenadores, depois eu me lembro ... que coordenava, e cada um coordenava uma turma, daí cada turma trabalhava de segunda a sexta, pelo rancho de comida,
34:13 - José Antônio: ganhava a cesta, né...
34:15 - Natal: É ... então cada semana quem trabalhava, tinha direito a trabalhar 1 semana no mês.
34:20 - Ivo: Ia fazendo rodizio.
34:21 - Natal: Rodizio, a palavra é rodizio, cada semana tem uma turma né, era uma base de 50 pessoas na semana né, na época.
34:30 - José Antônio: Era bastante gente.
34:31 - Natal: Era umas 50 pessoas a cada semana que tinha.
34:35 - Lair: O Juca trabalhava na SEASA naquela época.
34:37 - Ivo: Como as pessoas no dia a dia iam vivendo? Tinha os ranchos da Frente de trabalho, daí tinha o frio do inverno, o que tinha?
34:46 - Natal: No frio do inverno, não tinha casa, não tinha roupa.
34:49 - José Antônio: Eles nos ajudavam muito com roupa.
34:51 - Iracema: Eu acho que vinha muito de fora ...
34:54 - Lair: Vinha de fora, as pessoas traziam de outras vilas, traziam muitas roupas, muitas coisas pra gente.
24:57 – Vários: (inaudível)
35:00 - Iracema: Como o mutirão por exemplo das mulheres que se reuniam semanalmente pra fazer acolchoado de roupa velha, faziam tudo que era necessário, roupinha para criança, e partilhava, não era pra um ... faziam pra quem precisava mais, né, e era muita visita as famílias.
35:20 - Ivo: Então não faziam pra vender, faziam ?
35:21 – Natal e outras vozes: pra dar....
35:24 - Iracema: Para dar pros que mais precisavam. Uma coisa muito importante também que foi pra nós, que sempre que nos reuníamos, era com a bíblia. Primeiro de começar a trabalhar no clube de mães, era a bíblia. Lá se refletia e depois se trabalhava. Acho que muito colchoado foi feito, tinha doações também das irmãs que iam passando, tanto de Canoas, quanto de Porto Alegre, então davam o pano, os freis também ajudavam muito, pra buscar os retalhos e roupas.
36:01 - Lair: Eu ainda tenho acolchoado guardado de lembrança, de retalhos, de retalhos, de roupa velha ... eu sentava no chão ....
36:04 – vários: (inaudível)
36:10 – Lair: Roupa velha....colocava o tecido no chão, ia ajeitando as roupas e passava um cordão no meio assim atravessado ... eu tenho guardado lá em casa.
36:19 - Iracema: Era muita partilha e muito entre ajuda.
36:25 - José Antônio: Uma coisa muito importante também, que a irmã falou, que isso aqui foi muito pra frente também, foi a união ...
36:30 - Iracema e outros: A união
36:31 - José Antônio: ... foi a união. Se, se o pessoal, eu me lembro, tem amigos meus até hoje, o Lucio, sogro do meu guri, as pessoas eram assim ó, se um não tivesse o que comer, os outros faziam e comiam todos juntos, nas casas. Era assim, é uma coisa que cresceu pela união que o pessoal tinha,

se desse um problema com um cara da ponta de cá, o outro saia correndo, ia lá e ajudava, não tinha esse negócio de cada um por si. Depois, agora que cresceu, o pessoal ficava mais, mas na época que foi a invasão, era uma benção a união do pessoal.
37:12 - Lair: E quando até uma época do morador lá, o Divino, tomou conta de dois terrenos até, daí ele já tinha dividido os terrenos, daí chegou uma pessoa que não tinha pra onde ir. Daí o Juca conversou com ele e disse: “Olha seu Divino, tem que ceder um dos teus terrenos ai pra esse outro que precisa”. Daí ele pegou e disse que não, que ele não ia doar aquele terreno, que aquele terreno ele tinha pegado e ele ia ficar com os dois terrenos. O Juca combinou com os outros vizinhos da frente e foram lá e tiramos a cerca dele e colocamos o vizinho. Daí ele ficou quieto, era capaz de apanhar né, era assim que nós fazíamos. Então combinamos então, vizinho de lá, vizinho da frente, vizinho do lado, e vamos lá e tirar a cerca de noite enquanto estiver dormindo e vamos colocar a pessoa ali dentro. E daí ele vai fazer o quê? Foi assim que funcionava.
38:05 - Natal: E na época...
38:07 - Lair: tinha que ser valente ... tinha que ser valente.
38:08 - Natal: ... e na época também assim, oh ... na época quando foi decidido aqui, era para doar os terrenos. Não podia vender, era proibido vender estes terrenos
38:14 – Vários: (inaudível)..
38:16 - Iracema: Tinha os mandamentos, né....
38:17 - Natal: não podia vender.
38:19 - Ivo: E quem é que criava essas regras, essas leis?
38:22: Vários: ... nós mesmos ....
38:23 - Natal: Nós mesmos, nós, a associação, criamos, nós se reuníamos na igreja, se reunia o pessoal da vila aqui, e seguíamos as regras disso ... a regra era pegar e dividir em terreno na época, e doar, não era pra vender, e na época foi tudo doado esses terrenos, não era pra dar e era um terreno por cada morador, não podia ficar com dois terrenos, era um só pra cada pessoa.
38:55 - Iracema: e atrás da casa plantar uma horta, né.
38:57 - Natal: ... cada um era incentivado a fazer nos fundos um terreno plantado, plantar seus frutos.
39:02 - Ivo: Se lembram como era na época, chamado essas regras aí? Tinha várias regrinhas né, como se chamava isso?
39:08 - Lair: Isso ai eu não me lembro.
39:09 - José Antônio: Isso daí era coordenação.
39:12 - Ivo: Sim, mas como se chamava essa, que não podia vender o terreno?
39:15 - Lucy: ... mandamentos ...
39:16 - Ivo: Ahn ...
39:17 - Lucy: Não eram os mandamentos do morador
39:20 - Natal: Eu não me lembro isso aí agora como se chamava.
39:23 - José Antônio: Quando eu tinha ... quando eu vim pra ali, que não tinha quase casa, eu fui o primeiro mesmo, eu fechei 3 terrenos ... Fiquei no do meio. O que aconteceu depois? Veio a minha irmã, eu dei um pra ela, daí eu tinha outro pro lado que eu tinha meus cavalos. Ai tinha um magrão que morava na frente com uma tirinha de terreno que tava, que sobrava um pedaço de cada terreno e ele tava ali. Ai eu ficava com muita pena dele, e eu ainda era o coordenador daquilo ali né ... daí cheguei e chamei ele: O magrão, tu tens condições de fazer uma cerca? A minha cerca, era tudo, olha a cerca que eu fiz: tudo de tabuinha de caixa de tomate. A cerca e ali onde tinha aquele terreno sobrando que eu botava os cavalos, eu tinha um galpão ali e tudo. Daí chamei ele, digo: O magrão, tu ta apertado ai, faz o seguinte, tu tem condições de fazer uma cerca de estaqueta. Diz ele: “Não, tenho, capaz”. Então faz uma cerquinha que esse terreno é teu ... nunca vendi outros, peguei 3 terrenos e fiquei com 1, e os outros 2 eu dei.
40:31 - Lair: E o Juca trabalhava três vezes, trabalhava não, biscateava três vezes por semana na CEASA, segunda, quarta e sexta ... Daí trazia fruta, trazia verdura e trazia ainda umas caixas, ele tirava madeirinhas das caixas, e daquelas caixinhas ele fez um quartinho pra minha guria ....
40:50 - José Antônio: Caixa de tomate... essa era a situação que nós tinha ...
40:51 - Lair: ... de caixa de tomate, fez uma ripa e colocou as tabuinhas assim e fez um quarto pra minha guria, ela era pequeninha, e por que já tava vindo o outro né ... e minha casa era um cômodo só ... então a gente foi fazendo assim, assim que a gente foi vivendo.
41:08 - Ivo: Muito bem, então assim começou a se organizar... Fala seu Aluízio.
41:10 - Aluízio: Comercio não podia ter né, era proibido o comercio. Dizia assim ó: só moradia, comercio não pode, não pode ter outro terreno, o coordenador era autorizado a cogitar ... não pode ter comercio.
41:29 - José Antônio: É, no começo foi assim mesmo.
41:31- Lair: Quem tinha comercio, tinha condição de ter outro lugar pra morar, né.
41:34 - Aluízio: É, era proibido.

41:37 -Ivo: Vocês se recordam de algumas outras regras que foram se criando?
41:41 - Aluízio: ... é, eu inclusive ...
41:42 - Ivo: Vocês já falaram aqui de um terreno cada um, tinham outras regras que foram sendo criadas ou não?
41:45 - Aluízio: Eu ajudei, no caso, como coordenador de quadra lá, eu ajudei ele assim a tirar a casa de cima do terreno, daí tu não ganha aquele ticket de leite ... se tu não, através da associação, enquanto não concordar de tirar a casa de cima do terreno, podia ser irmão, ali na minha quadra aconteceu ...
42:10 - Lucy: na mesma casa ...
42:11 - Aluízio: ... é na mesma casa, botar a quadra direito, e ia lá ajudar, as vezes ficavam bravo comigo, mas eu dizia “Mas é lei, tu precisava dar o terreno”.
42:20 - Edelmiro: Essa parte de tirar o terreno, tava no meio da rua, isso daí foi mais tarde um pouco já ...
42:31 - Aluízio: Mais tarde ...
42:32 - Edelmiro: Por que eu me lembro bem, do Pedrinho que morava na esquina aqui de casa, em frente ao Adelino que a casa era dele, e a casa dele ficou dentro da rua, isso quer dizer, era uma casa mais ou menos boa, de madeira, daí quando tava para vir agua e luz ... eu sei que aquela quadra se tivesse alguma casa fora dos padrões da vila, aquela casa não entrava agua e nem luz ... daí os próprios moradores vizinhos pressionavam pra eles trocar, e colocar a casa no lugar certo. Daí chegou um dia de domingo e o finado Orlando foi o que fez a frente, e fomos lá eu peguei e Pedrinho, olha: “Olha, só que vocês mudem minha casa sem desmanchar”. Arrumamos um macaco emprestado, pranchão de madeira, levantamos a casa do homem e levamos pro fundo do pátio, uns 5 metros pra trás, daí botamos no lugar, eh, eh, fizemos mutirão, né, eh, eh.
43:35 - Ivo: O senhor falou ai da água e da luz, como é que foi, como é que se conseguiu aqui agua e luz, recordam?
43:43 - Lucy: Eu lembro que a Nina participou, e lembro que eles trancavam a rua, botavam uns ... uns troncos enormes ali para reivindicar a luz né ... em oitenta ....
43:56 - Lair: Oitenta e cinco.
43:57 - Lucy: ... Em 85, eu sei que vim aqui...
44:00 - José Antônio: Na Rio Grande do Sul, né ....
44:01 - Natal: a luz ... a luz é o seguinte.
44:02 - Lucy: colocavam uns pranchão, pedra e coisas....
44:05 - Ivo: Mas isso daí acho que foi o asfalto da RS ....
44:06 - Lucy: Não, o asfalto foi bem depois, mas também foi feito, eu lembro que eu tinha visitado a Nina, e nós estávamos todos juntos ali.
44:15 - Iracema: Pra agua foi uma muita luta de uma grande turma ... ir lá na prefeitura, e falar que tinha crianças e levar as crianças, lembro que tinha um monte de crianças que estavam aqui na vila ... e lembro que não entravamos mas mesmo assim tínhamos que pedir a agua em mutirão.
44:36 - Lair: A primeira coisa que eles fizeram aqui dentro, era a creche que era do lado do Thiago, uma creche...
44:42 - Natal: na época ...
44:43 - Lair: Daí os caras puxavam a agua da Rio Grande do Sul, né.
44:46 - Natal: Na época que o Giacomazzi assumiu, né, nós fomos lá na prefeitura para ele botar agua aqui pra nós aqui, com o pessoal da CORSAN ... ai foi que se decidiram: botar uma torneira lá perto da Rio Grande do Sul, ali, tinha umas torneira ali pra gente pegar agua, e a gente pegava agua de balde, lá naquelas torneiras ...
45:04 -José Antônio: Aí no ciclista ...
45:05 - Natal: Lá naquelas torneiras ...
45:05 - José Antônio: Lá no ciclista ...
45:06 - Natal: É ... aí depois conseguimos passar com as maquinas nas ruas para fazer as ruas nas laterais, botaram as patrolas aí e abrir as ruas com a máquina... isso bem depois já, já tinha abrido os valos das ruas, aqui... daí foi uma luta na CORSAN e na CEEE para conseguir a água e a luz. Na CORSAN a gente nos fez várias comissão, a gente sempre ia em comissão na CORSAN ... várias comissões pra conseguir colocar a agua, daí através na prefeitura, até que conseguimos botar agua ... A luz, a luz eu era eletricista né, sou ainda, daí como eu entendia mais um pouco desse negócio de luz, eu era vice presidente do Clésio na época ... da associação ... daí nós íamos pra ir falar na CEEE aqui né ... daí um conhecido meu o velho Madruga que já era meu amigo na época, era o presidente da CEEE aqui de Canoas ... daí conversei com o Madruga lá e falou “Vamos ver o que nós fazemos”. Marcou uma reunião lá em POA, e nós fomos lá pra reunião, se reunimos lá ... mais que uma vez, nós fomos várias vezes lá ... foi feito o projeto pra botar a luz aqui né ... daí quando na prefeitura souberam, que era o Lagranha na época de ... prefeito, era o Lagranha ... souberam que botaram luz, ficaram

contra o presidente da CEEE, ameaçaram até tirar ele da CEEE ... e ele: “Eu não quero saber se é área de ocupação ... eu estou vendendo o meu produto, e o meu trabalho é vender produto. O produto é meu e eu que vendo ... e eu vendo pra quem eu quiser ... não quero saber quem são, eu vendo produto, eu tô aqui pra vender meu produto que é nosso” ... que era luz né. Aí aprovaram o projeto lá e daqui a pouco, ele veio aqui, agora ele é aposentado, né ... ele agarrou veio aqui e olhou todas as ruas aqui né ... aí se acomodaram, agora vai começar ... já veio a licitação da firma que vai fazer, que era a EBE ... trabalhei nessa empresa também ... veio aqui e começaram a fazer a rede e botaram luz aqui pra todos aqui ... ai começou a avançar, isso foi mais de uns ... 5 anos pra frente, isso aí, depois da ocupação ... que veio essa luz ... e antes de vim luz, a gente pegava ali, eu mesmo tinha luz ali em casa que vinha a 300, 350 metros lá da Rio Grande do Sul até a minha casa ... eu puxei luz ali ... tinha o seu João que morava na Rio Grande do Sul ali e agarrou e ... não tinha, passava luz em frente à casa dele, e ele não tinha condições de ter luz na casa dele porque não tinha condição de fazer a entrada de luz ... daí como era eletricista consegui né, a caixa, eu coloquei pra dois relógios um pra ele e outro pra mim, e levava dentro do campo lá pra casa ... que ai depois aqui foi feito, foi fechado na época, a horta comunitária aqui também né.
48:15 - Ivo: Essa fase eu achei lá nos arquivos da associação uma carta, do gerente regional da CEEE, economista Flavio Madruga ...
48:25 - Natal: Flávio Madruga, exatamente
48:26 - Ivo: ... em que ele comunica o Clésio, eh ... que o Clésio havia solicitado para ele as etapas da colocação da luz aqui. Ele diz que tem 3 etapas: início da primeira dia 09/10/85, com fim de 10/12/86: segunda 21/10/86 com o fim de 10/12/86. E diz aqui: inauguração no dia 13/12/1986, as 16h ...
49:02 - Natal : Exatamente...
49:08 - Ivo: vocês se recordam alguma coisa desse dia da inauguração? (Natal foi concordando)
49:11 - Natal: Eu me recordo.
49:12 - Ivo: O que vocês se recordam?
49:14 - Natal: Foi feito ali na igreja católica, N. Sra. Aparecida, aqui...
49:17 - Ivo: Nossa Senhora dos Romeiros ...
49:18 - Natal: Nossa Senhora Aparecida não, N Sra. dos Romeiros, foi feito ali a inauguração ... ai no dia da inauguração apareceu um monte de políticos, ali... Vereador, dizendo que tinha conseguido a luz aqui e nós não deixamos eles falar .... por que eles não tinha ajudado nós , na época.... não ajudavam nós ... ai pegaram e sabe o que fizeram ? Foram ali e quebraram o para-brisa do carro do Flávio Madruga, que era o presidente da CEEE, presidente regional da CEEE, aqui ... quebraram o vidro dele na época ... saímos da reunião e vimos o carro dele quebrado a pedrada aí ... o cara que tinha ajudado nós, foi causo né, foi causo do que na hora que ele falou, ele citou o nome do Clésio e meu nome que tinha ido a POA com ele várias vezes né, pra conseguir a luz pra cá, e acho que os políticos ficaram bravos, acho e , e na saída quebraram o vidro do carro dele.
50:17- Iracema: Tinha né, aqui, era quatro tabuas e muita gente fazia até as casinhas de lata de óleo assim, abria e colocava na parede, para ficar dentro. Muita criança, chão batido e numa noite, um dia foi uma senhora, era para dar à luz ... teve um parto ... daí pouca gente tinha assim que sabia fazer o parto. Daí fomos em quatro mulheres lá, ela não tinha nada, nada , era chão batido, pegou a camisa do marido e colocou assim no chão, e ela na cama, e a cama muito fraquinha mas sempre uma vela e uma bíblia ... ela tinham muita fé, a cama caiu ... e a criança ficou em cima da camisa do marido ... e agora ta bem gorda e bonita a menina. E os homens, a turma das mulheres sempre se reunia mesmo ... como falamos, era uma pobreza muito grande. Mas a união fazia muita força. Eles mesmos falavam ... era os clubes de mães, era o mutirão da comida, era o sopão que se fazia na vila... as crianças, né
51:41 - Lair: É, a gente não falou do sopão né, que pegava o sopão, tinha que pegar de panela, de baldinho.
51:48 - Iracema: Tinha as crianças, as crianças também se reuniam pra comer, fazia sempre com brinquedos ... não tinha muita coisa pra fazer, tinha muitas crianças reunidas.
52:02 - Lucy: Dai depois a gente também começou, como juntava muita criança, seguindo essa sequência da história, tinha os mutirões das crianças né. Porque ali no salão se reunia cento e poucas crianças. Não é como uma catequese normal, era aquela criançada ali que fazia trabalhinho e depois se refletia o evangelho, tinha uma das mães que ficava lá fazendo o sopão né, e as crianças comiam ali pelo meio dia, se organizavam e iam pra escola. Na parte da tarde vinha outro grupo também de cento e poucas crianças, o que tinha muito na vila no início de oitenta e seis quando eu cheguei aqui, em oitenta e sete, era muita criança, muita criança. Então se ocupava né ... também a gente ganhava uns alimentos que vinham ... tinha um dia que vinha alimentos de fora, acho que era da CEASA, o quê que era ... se partilhava aqueles alimentos e enchia, eu não sei se o pessoal lembra: enchia de carrocinha ali pra buscar para as comunidades. O povo já estava organizado, era organizado em

comunidades ... toda a rede, e levava alimentos pra ajudar né ... foi é, teve longos anos de desemprego em massa né, se ajudava muito.
53:26 - Iracema: E era em mutirão que ia nos moinhos, no supermercado ...
53:32 - Lucy: A gente conseguia também muito na escola ... na Anchieta lá de POA né.
53:38 - Edelmiro: Depois que a Horta estava feita, a gente já tava plantando, ai ... só tinha um fio de arame em volta da Horta, não tinha fechado ... ai eles estavam prometendo invadir a horta, e eu vinha tirar guarda a noite em cima das caixas d'agua com espingardinha nas mãos, e o sino ... qualquer coisa, dava um tiro e batia o sino ... e a irmã sonhou que, que tava invadindo e saiu gritando pra todo mundo, encheu a horta e não tinha nada ... eh, eh ...saiu acordando todo mundo, enchemos a horta de gente e era sonho da irmã, eh, eh, eh ...
54:21 - Ivo: O que vocês lembram assim, já que estamos falando da horta, o que vocês lembram, por que vocês aqui falaram que chegaram à conclusão que tinha que deixar o terreno mais pequeno para caber mais gente, e por que que se reservou essa horta, como é que foi?
54:39 - Edelmiro: Eu sei que, o que eu sei assim mais ou menos é que já foi em reunião decidido que tinha que reservar os espaços comunitários, tinha que reservar a horta, a igreja, o posto de saúde, a associação ... isso daí foi reservado na época como espaço comunitário, o que eu me lembro.
55:00 - José Antônio: Foi falado nessa época dessa reunião que saiu, quando começaram a marcar os terrenos, foi falado que essa área era para ficar, assim o que ele ta falando mesmo ... que era uma parte que iria ficar reservada para uma coisa para fizesse fazer para a comunidade ... que nem inclusive, como vão fazer agora a coisa ali né, pra fazer, pra fazer essa ...
55:24 - Ivo: Se conseguiu manter a promessa né.
55:26 - Natal: E na época o pessoal que morava aqui, a maior parte era do interior ... e ai na horta, cada um pegava um canteiro e plantava aqui na horta, o pessoal veio do interior e não tinha lugar pra plantar, cada um pegava um lugarzinho pra morar e pegar um pedacinho aqui pra plantar pra aumentar a renda, não tinha emprego né.
55:49 - Ivo: Ela já começou com canteiro no início?
55:51 - Natal: Começou, não, não foi com canteiro que começou.
55:52 - Edelmiro: Não, ela começou como comunitária ... ela tem umas 30 e poucas pessoas, se não me engano ... eu me lembro da primeira reunião que foi feita, foi no dia do natal aqui na casa da Dona Virginia, pra começar a plantar horta, daí nós começamos só em grupo, tudo no mesmo grupo ...
56:15 - Natal: Mas a primeira plantação ...
56:17 - Edelmiro: ... eu peguei um caderninho e marcava: Natal trabalhou 3 horas no dia, marcava. Cada um marcava a hora que fazia. Depois quando dava o produto, a gente repartia conforme o que a pessoa trabalhou... porcentagem. Mas daí não deu certo. Não deu certo porque aqueles que trabalhavam pouco queriam receber igual aos outros ... ai então vai terminar a horta desse jeito? ... daí fizeram uma reunião e decidimos ... daí cada um plantasse seu canteiro, daí ... daí deu tudo certo, daí.
56:45 - Iracema: Isso mesmo ...
56:47 - Natal: A primeira plantação ...
56:48 - José Antônio: Tem alguns que queriam levar para vender ...
56:49 - Natal: A primeira plantação aqui da horta foi assim né. Foi lavrado aqui, conseguiram um trator ... não sei de onde ...
56:54 - Iracema: Vermelho era ....
56:55 - Edelmiro: Da Massey e Ferguson ...
56:56 - Natal: ...é, é, ...foi lavrado aqui, daí fizemos uma reunião onde é a igreja ali ... o professor Antônio ...
57:05 -Ivo: As Frentes de Trabalho ...
57:06 - Natal: É, nas frentes de trabalho, vamos planta a horta ali ... bom, daí o quê, o quê vamos plantar? Vamos plantar na época, vamos plantar milho e mandioca ... daí decidimos plantar uma verga de milho e uma verga mandioca, uma verga de milho e uma verga de mandioca, e plantemos aqui ... daí plantamos, capinemos, cuidemos, né ... chegou perto da hora de colher, começou a desaparecer as plantas aqui ... eh, eh, eh.
57:30 -Iracema: desaparecia ...
57:31 Natal: eh, eh, eh ... Daí um dia a irmã aqui foi lá: "o Natal vai colher lá um milho lá e ... que sobrou lá". Ah, Irmã, eu não vou ter tempo, a senhora vai lá e pega um pessoal e vai lá e recolhe o que sobrou ... mas sobrou pouca coisa na época, aí. O pessoal vinha e, era fome também né, pegava aqui e levava pra comer, não tinha comida na época. E ai foi a primeira plantação que foi feita aqui. Daí conseguimos por umas caçambas de ... casca de arroz, foi feito um poço ali ... pra fazer adubo apodrecer com a casca de arroz pra depois fazer adubo, pra adubar. Quer dizer, naquela época a gente tinha já decidido já não botar, só adubo orgânico aqui nessa horta. Não botar nada nem um tipo de adubo, nem veneno

aqui na sua horta, aqui, naquela época. E funciona assim até hoje né: só adubo orgânico. Não, nenhum tipo de adubo e nem veneno.
58:23 - Lair: Na hora, nas reuniões que teve, quando já tava tudo organizado, né já ... bastante casa e tudo. As ruas já tava tudo pronta, foi falado de fazer uma horta comunitária e uma área de lazer. Só que essa área de lazer agora que tá começando, depois de todos esses anos. Era as duas coisas que era pra fazer aqui nessa horta: era pra dividir e fazer a área de lazer pras crianças e a horta comunitária ... era pra ter feito assim!
58:48 - Ivo: Onde era a área de lazer, alguém recorda?
58:52 - Edelmiro: Na época foi feito uma pracinha aqui no posto para fazer uma área de lazer, na época assim ... depois terminou a pracinha e ficou uma área de lazer.
59:01 - Ivo: E recordam por que que terminou a pracinha?
59:03 - Lucy: Porque faltava espaço pra construir um posto de saúde.
59:08 – Lair: Posto de Saúde...
59:09 – Lucy: Por que ali foi invadido numa época que a Marilene era a presidenta. Então ali não sei o que houve que sumiu e deu um rebuliço muito grande, eu participei bastante porque fazia parte da associação, e naquele rolo, naquela briga ali, sumiu a pasta com toda a documentação e quem invadiu ali, que ocupou ali o espaço ficou como dono por que sumiu toda a papelada.
59:36 - Lair: E o posto de saúde também era um prédio do...
59:40 - Lucy: Só sei que a dona Iracema apanhou ali também.
59:43 - Lair: Na época do prado ali tinha um pavilhão né ...
59:47 - José Antônio: Era o restaurante do prado ...
59:49 - Lair: ... e ai foi invadido também, foi invadido. Por isso que fizeram um posto rapidamente.
59:52 - Lucy: Era na esquina da Espumoso com a Campinas...
59:56 - Natal: com a Romeiros....
59:56 - Lucy: ... com a Romeiros.
59:57 - Ivo: Vocês não recordam de ... teve, teve alguns projetos aqui, como o Natal já falou, né, quando o Giacomazzi assumiu, daí a prefeitura vinham aqui, algumas pessoas da prefeitura vinha aqui falar, aqui né. Vocês recordam quem eram essas pessoas? Daí foram oferecidos alguns projetos, onde a população decidiu o que queria, não recordam nada disso?
01:00:20 - Lair: Me recordo disso vagamente ...
01:00: 21 - Ivo: Recordam do Fala Favela, do Governo Sarney... do Ticket do Leite ....como é que foi essa história?
01:00:23 - Lucy: Fala Favela do Sarney ...
01:00:34 - Edelmiro: Naquela época participava mais quem fazia parte da associação ...
01:00:41 - Natal: Naquela época que foi chamado lá o Clésio lá, para considerar uma proposta, de fazer um loteamento aqui para fazer o Faval favela, nem era o Fala favela, era outro nome que tinha.
01:00:52 - Ivo: Não, esse foi o João de barro ... a Jandira, esse a Dona Juvila já contou outro dia. Esse foi logo depois que se ganhou a posse. O Bergental veio com a proposta do Loteamento João de Barro, tivemos uma assembleia aqui.
01:01:08 - José Antônio: Isso, foi feito lá onde é o Thiago Wurth.
01:01:09 – Vários: Isso, isso ....
01:01:09 - Ivo: Isso, isso... Mas não é isso, recordam que tinha uma arquiteta, o nome dela se não me engano é Iara, recordam?
01:01:17 - Natal: Me lembro...
01:01:19 - Ivo: Que ela veio e a gente fez uma votação, o que nós queríamos, um tipo de um centro social ...
01:01:26 - Iracema: Creche ...
01:01:27 - Ivo: Que era pra ser construído aqui, que depois foi ocupado né, ai depois então como não teve, a comunidade sacrificou a pracinha e foram construídos os prédios lá. Foi isso?
01.01.39 - Natal: Foi isso.
01:01:41 - Ivo: E ai o que aconteceu depois, recordam alguma coisa?
01:01:44 - Lucy: Dali do posto eu sei que ...
01:01:45 - Ivo: os prédios dali ...
01:01:46 - Lucy: que os prédios foram depredados, o pessoal invadiu ali.
01:01:49 - Lair: Invadiu ...
01:01:50 - Ivo: Mas por que eles chegaram a invadir?
01:01:52 -Lucy: Por que ele tava sem uso né, tava esperando chegar o material a ser liberado, e depredaram todo o prédio que tinha ali, e reconstruíram depois.
01:02:01 - Lair: o pessoal passava aí e pegava uma porta ...

01:02:04 - Edelmiro: Eu sei que assim, tava meio em seguida iam vir os móveis pra funcionar. Daí quando o Collor de Melo assumiu, suspendeu tudo essas coisas ai, daí o pessoal invadiu, o pessoal quebrava janela, quebrava janela ... invadiram e levaram tudo.
01:02:21 - Natal: Na verdade o pessoal pegava e quebrava por que aqui fizeram uma coisa contra os moradores aqui da vila, fizeram uma cela pra prender o pessoal ali, fizera uma delegacia e fizeram uma cela ali, aqui não tem ladrão. Como é que vão fazer cela aqui se não tem ladrão? Tem que fazer aqui é posto de saúde, essas coisa aí. Foram ali e começaram a quebrar ... era umas pessoas que começaram a quebrar.
01:02:49 - Lucy: foi a gota d'água ...
01:02:51 - Natal: É, foi a gota d'agua. Eles largaram e prometeram de fazer essas coisas e fizeram por conta ... queriam fazer uma cela pra prender os moradores aqui.
01:02:59 - Ivo: Nós aqui já estamos chegando num outro período né. Eu gostaria assim, se vocês contassem uns fatos, alguma coisa que vem na mente de vocês, a lembrança de vocês, em relação a esse período mais inicial aqui, no início da horta, da marcação dos terrenos, coisas assim que não foram contadas ainda que veio na cabeça de vocês, algum fato, alguma situação... pode ficar a vontade.
01:03:24 - Edelmiro: Vou falar sobre a agua ... eles colocaram uma bica d'agua pro outro lado da RS. Daí nós em reunião com a Associação, te lembra, fizemos uma reivindicação pra passar pro lado de cá, tinha muito movimento ali na RS e as mulheres iam com as crianças pra buscar agua lá do outro lado ... daí passaram a bica, ele chamava de bica pro lado de cá né, ficava no meio da quadra aqui, foi uma coisa que eu me lembrei. Outra coisa foram as ruas: mas o Ivo e o Egídio, foram lá na terra deles lá, e trouxeram ... um monte de estaqueta pra, pra marcar as ruas, era umas estaquetas do mato que era, como era ... madeira forte lá ...
01:04:13 - Ivo: Cambuí ...
01:04:15 - Edelmiro: Cambuí, tudo de Cambuí, daí depositaram lá no Seu Osvaldo. Seu Osvaldo era coordenador de quadra e ficou lá depositado. Ai no domingo foi com os guris buscar de braçada pra medir, o agrimensor, ele só vinha sábado de meio dia, sábado depois do meio-dia. Ai pegamos lá sábado de manhã fomos lá buscar as estaquetas, chegamos lá e pedimos as estaquetas: o seu Osvaldo cadê as estaquetas. Olha, não tinha lenha e fiz fogo com as estaquetas, eh, eh. Queimou nossas estaquetas, daí tivemos que fazer estaquetas com uma madeira mais comum para terminar o serviço. Então o seu Osvaldo queimou nossas estaquetas de marcar as ruas.
01:04:58 -Ivo: Seu Aluízio o que que lembra?
01:05:00 - Aluízio: Eu na horta me lembro, num fim de semana eu vim pra casa, e tu tava lavrando ali, tu tava assim, meio barbudo, e disse: quem é aquele cidadão lá e perguntei pros outros. Não, aquele ali é o Freio Ivo ... ele ta lavrando ai, e ele tava de chinelo de dedo, e lavrando, eu não conhecia, ele tava trabalhando um eito cá pra plantar mandioca. Ai eu fiz lá um terreno, só que era meio ruim pra capinar naquele tempo, assim, eu me lembro ... então cada um fazia, não era por canteiro, era cada um pegava um pedaço que podia capinar ... e o Ivo lavrando, arrumou um Tobatta não sei onde, com um chapéu, chapéu de pano, de palha assim, e eu: quem é aquele cara? ... não, aquele ali é um padre, um frei ...é um capuchinho.
01:06:04 - Edelmiro: Hein Aluízio, quando você viu ele, eu lembro que tu perguntou pra nós ... tu chegou assim e disse "Quem é esse marginal que tá aí?"
01:06:14 - Vários: ah, ah, ah,eh, eh ...
01:06:16 - Aluízio: Antes de eu ver ele lá onde capinava ... eu vi ele de bicicleta, não sei se conversemos e tudo ... e era o mesmo frei. E depois, o ... pela primeira vez eu vi ele lá na Comunidade ali, como é que é a comunidade que é uma capela ... é uma capela lá,
01:06:38 - Ivo: Na Rua da Barca ...
01:06:40 - Aluízio: ... como e que tu foi que tu arrumou .. na rua da Barca. Ai ele ajudou a arrumar, dai tinha um outro cara ali em cima, o Silvério ou Santino, disse olha, que temos que arrumar a carteira... que até hoje nós tinha uma cantina lá ... ai o Ivo indagava como é que, o frei né, dizia como é que foi e tudo e ele tava sempre junto e acompanhava né ... e dia de festa o Ivo era o, vendia o churrasco ali, brincando um pouco, ele era o caixeiro, ele que recebia o churrasco. Um dia eu conheci o falecido pai dele, ele disse: "Olha esse aqui é o meu pai". Ai um dia eu tinha um pedaço de terra ai, ai lá horta...
01:07:28 - Ivo: Eu ia filar almoço na casa dele.
01:07:29 - Aluízio: Eu convidava o Ivo ... digo Ivo, qualquer coisa. Não tinha assim uma ajudante. Digo: Frei Ivo, frei ... tu me ajuda aquela terra lá e colocar. Ele largava tudo e ia lá ... e eu acabei, depois houve uma invasão, eu e a Marlene, na época que me colocaram de vice, não tinha muita prática ... e o Ivo tava parado, montando uma caixa, naquele tempo uma caixa de luz ali pra...pra luz, ele tava ajeitando de eletricista. Se lembra até, né? Não te lembra, mas sim tu tava arrumando a caixa e eu tava de enxada, e a Marlene como é que não me avisou que tava invadindo ... ai tava um ferreiro, e ele ajudava nós, ai ele tava trabalhando ele bem perto do Ivo aqui né, eu tava com a enxada, aquele enxada

era pra eu me defender, daí uma vez eu tava lá adiante perto, ele: “Aluízio vem correndo que eles tão invadindo” e eu larguei e não sei o que, e aquele cabelo, andava com um cabelo assim ... aquele cabelo daquele jeito pulando o valo lá, e fui lá e os caras correram e veio a brigada ... e os caras com a alicate iam cortar os arames vindo aqui, e queriam invadir, já com uns rolinhos de arame, ai correram ali perto da tua casa (apontando para o Natal) e prenderam, eu sei que um disse assim: “olha não sei se foi Deus, ou se foi” ... só por, prenderam um cara que ia passando, ai eh, eh ... sem ser o culpado, acharam que ele era o invasor, o cara pegou e prenderam o cara e depois ...
01:09:12 - José Antônio: Mas estavam invadindo aonde?
01:09:13 - Ivo: A horta.
01:09:15 - Aluízio: Invadiram metade da, quer dizer, tentaram invadir....
01:09:19 - José Antônio: Quem é o cara que foi preso?
01:09:21 - Aluízio: É, que o cara foi preso só não soube ...
01:09:23 - José Antônio: Fui eu ...
01:09:24 - Aluízio: Diz que o cara não tinha nada a ver ...
01:09:27 - José Antônio: ... por que eu fui cortar a cerca, que passava na beira da bica, eu fui com um facão lá e atorei os fios de arames todos lá, que é onde fica a rua, onde é a rua, eu cortei toda aquela cerca...
01:09:40 - Ivo: Não, mas o Seu Aluízio ta contando um fato mais recente, na ocupação da horta.
01:09:41 - Edelmiro: Mais recente, mais recente, era na ocupação, agora eu me lembro.
01:09:43 – Vários: (inaudível)
01:09:49 - Aluízio: Eu sei que o cara passou e a brigada prendeu o inocente ...
01:09:51 - Ivo: O Aluízio chegou bem mais tarde.
01:09:57 - José Antônio: Ah, invadir a horta.
01:09:59 - Natal: Falando em fechar os terrenos também, a gente ia lá do lado da...
01:10:02 - Lair: Eu me lembro de invadirem a horta.
01:10:03 - Natal: La da ... Metalúrgica Lies ....
01:10:05 - Edelmiro: Tentaram invadir umas três, quatro vezes, essa vez foi a última vez que tentaram, que a polícia prendeu os caras, depois não tentaram mais.
01:10:11 - Aluízio: É que eu tava ali .... duas vezes foi, até na parte de lá, ai nós vigiava de noite ... vigiava de noite.
01:10:21 - Edelmiro: Eu cansei de ficar com a espingardinha em cima da caixa d’agua ali, ficava até meia noite, depois ficava outro.
01:10:25 - Aluízio: Foi na mesma época então que tu tava ali.
01:10:26 - Edelmiro: Eu ficava lá com o sininho. Como eu contei hoje da irmã que sonhou e acordou todo mundo, Eh,eh ... encheu de gente a horta.
01:10:43 - Ivo: O senhor não falou nada sobre a comunidade Romeiros.
01:10:45 - Edelmiro: Não, não, a comunidade não.
01:10:48 - Ivo: O que o senhor lembra?
01:10:50 - Edelmiro: A comunidade nós estávamos ... se reunimos, até onde a gente tava construído, já, já tinha começado a construção. Para construir a capela foi na base de mutirão, sempre base de mutirão. Nós chegava do serviço de noite, trabalhava de dia, e ajudava a noite e ia construir a igreja. Ficava até a meia noite e depois cada um ia dormir pra trabalhar no outro dia. Daí nos reunimos em reunião para escolher o nome do padroeiro da igreja, porque não tinha um nome, ai cada um podia escolher um nome, era uma porção de bastante gente, umas 40 pessoas eu me lembro ... cada uma escolhia um nome, mas tinha que justificar o porquê que queria aquele nome ... um pedia São Pedro, tinha que justificar, Santo Antônio, qualquer santo. Eu botei assim: eu prefiro que seja Nossa Senhora dos Romeiros. Nunca se ouviu falar em N. Sra. dos Romeiros, mas eu prefiro que seja Nossa senhora dos Romeiros. Mas por que N. Sra. dos Romeiros? É porque aqui, nesse morro que está construindo essa igreja, começou a procissão da Romaria da Terra. Parece que era a 10ª Romaria, não era a primeira, acho que era a 11ª o mais certo ... mas onde começou a procissão da Romaria da Terra foi aqui. E aqui, nós que ficamos morando aqui na vila, todos somos Romeiros, por que aqui, 99% de nós viemos de fora, nem somos naturais daqui, então nós somos romeiros também, então por isso que eu sugiro N. Sra. dos Romeiros. Daí fomos na assembleia e foi o mais votado, e ficou N. Sra. dos Romeiros.
01:12:38 - Ivo: E a única que existe no mundo.
01:12:38 - Edelmiro: é, eh, eh
01:12:39 - Natal: E é mesmo.
01:12:43 - Ivo: Com esse título, a gente não conhece. Já pesquisei na internet, um monte de lugares.
01:12:47 - Edelmiro: E eu a princípio nunca tinha ouvido falar também.
01:12:53 - Lair: É de Deus...

01:12:56 - Iracema: E a Romeiros, a capelinha tinha metade da parede, e ainda usaram pra matar uma vaca lá dentro, né, eh, eh
01:13:03 - Natal: Exatamente, mataram uma vaca do cara ... uma vaca que o cara tirava leite.
01:13:07 - Edelmiro: É, quando tava construindo, tava só as paredes erguidas... carnearam uma vaca lá e levaram a carne, largaram a buchada e a cabeça da vaca, e o couro ... na frente, por cima nas pedras, a vaca ... eu escutei o tiro, dois, deram um tiro nela antes para tontear ela, para depois sangrar ... o tiro eu escutei.
01:13:26 - Ivo: O Natal conhece ele ... depois ninguém era ...
01:13:30- Edelmiro: Despois, despois ...eu fiquei sabem o que que era, custou muito descobrir quem era ... fiquei sabendo também.
01:13:33 - Lair: O pessoal tudo no começo ... você quer falar irmã ...
01:13:40 - Iracema: Não ... no começo assim, a gente lá de casa, nós tínhamos uma casinha de madeira, né. Então éramos só as duas irmãs ... nós espiávamos assim e se enxergava a cabeça, digo ...agora vamos bater lá no seu Edelmiro. Nós éramos só as duas irmãs, mas eles ficavam quietinhos lá .... Mataram.
01:13:58 - Lair: Eu no começo também, a gente morou na Sino da União lá, tinha pessoas novas né, então o Juca tinha cedido o terreno do lado pro senhor que ele falou, e esse senhor foi embora, e a gente colocou outra pessoa, né... que é a Jandira que ela trabalha no, na prefeitura já faz muitos anos, e ela é uma pessoa muito tímida e muito nervosa, e ai o Juca tava na Ceasa, meio, quase perto do meio dia, chegou uns capangas do Bergental lá e disse “A senhora da licença”, que é perto do meu pátio né, que ela não tinha feito uma cerca na frente, ela tinha feito pra ela sair de dentro do meu pátio, daí eu disse “Licença pra que?”, daí eles já me conheciam que era a mulher do Gordo né, eu também era metida, daí eles perguntaram , eu disse “Licença pra que? Pra vocês entrarem no meu pátio” “Mas isso daqui não é da senhora” “Quando, quem disse que não é? Quem que falou pra vocês que não é meu pátio, aqui quem manda sou eu”, eles disse “Ah, mas a gente tem que vim ali nos fundos, pra tirar essa pessoa que ta ali” “Não, vocês não vão entrar aqui dentro”, daí eles fizeram pressão assim, eu disse “Vocês não entram, se entrar eu pego um pau, alguma coisa, não entra aqui dentro”, ai eles saíram e disse ‘Então a gente vai chamar reforço” e eu disse “Pode, pode chamar reforço”, e veio mais dois homens, e entraram daí, entraram lá por uma cerca da casa dela, entraram no pátio, quando eu olhei eles estavam, uns três ou quatro dentro do pátio dela e ela tentando, NE, convencer que ela tinha ganhado aquele terreno, que o vizinho do lado tinha cedido, que ela também não tinha um lugar pra ela morar, e eu ouvi aquela conversa, ai entrei no pátio dela e disse “Que que houve?”, dai ela disse “Não, eles querem que eu saia daqui.”, daí eu disse “Que?” falei pra eles “Que que é que tu ta falando? Sair daqui? Vocês que vão sair daqui logo”, eu disse assim pra ela NE: “O Jurandira pega essa inchada ai e pega esse machado, pode pegar”, daí ela disse assim “Ah, mas eu tenho medo”, “Não, pode pegar, pega aqui e gruda, nem que tu tenha que fechar os olhos, mas tu gruda”, eu disse pra ela (Risadas do Natal), e eu levantei aquilo ali pra eles e disse assim “Vocês se some daqui”, gritei assim pra eles “Vocês se some daqui”, daí eles saíram “Ah, a gente não vai fazer nada por que vocês são mulher”, “Pode saindo, e nós vamos bater em vocês” e saímos atrás deles até o portão e eles saíram né, e disse que iam chamar mais gente e não voltaram nunca, não voltaram, o Juca chegou da CEASA de tarde né, “Não, deixa eles vim de novo de tarde, deixa eles vim”, nunca voltaram mais, não voltaram mais, daí naquilo no outro dia fucei ali na tela, tinha uma tela aqui né, na, perto do Thiago Wurth...
01:16:27 - José Antônio: Era fechado a tela lá.
01:16:29 - Lair: Fecharam a tela e ficaram pro lado de dentro, não tinha colégio, tinha essas árvores de, essas árvores né, essas árvores todas ali, eles ficava no meio das árvores cuidando lá, daí quando eu passei ali pra ir no mercado do Raimundo aqui, quando eu passei na frente eles mexeram comigo, e disseram assim “Ah lá, aquela lá é a mulher do Gordo, que são valente que faz e acontece, manda o Gordo vim se entender com nós, e não sei o que”, falaram um monte de coisa, e eu cheguei em casa e falei pro Juca, e o Juca saiu e veio ...
01:16:55 - José Antônio: Eu tava almoçando.
01:16:57 - Lair: O Juca tava almoçando, nem terminou e veio correndo, daí ele disse pra ele “Quem é que queria falar com o Gordo ai? Eu tô aqui”, falou pra eles, eu sei que no fim deu uma brigaiada assim daquelas NE. Daí depois nós saímos no campo e daí o Juca já saiu neles, daí uma senhora já veio, a Dona Brandina né, acho que era uma baixinha...
01:17:14 - Ivo: Dona Brandina.
01:17:15 - Lair: ... Daí já veio com um facão, o cara já veio caiu e ela dizia “ô gordo, ô gordo, deixa pra mim, deixa pra mim” e já grudou o facão nas costas do cara, já saímos tudo correndo e o cara se mandou, nós sempre colocamos todo mundo a correr, sempre, sempre, não que eu fui metida a valente, mas a gente queria...

01:17:33 - Ivo: Como é que o pessoal da cidade tratava assim os moradores daqui da União dos Operários?
01:17:38 - Lair: Eles eram contra ...
01:17:40 - José Antônio: Invasor.
01:17:42 - Ivo: Invasor... E vocês se chamavam de que aqui?
01:17:46 - Natal: Ocupante, nós ocupava. Era uma área vazia né, nós não tava invadindo, tava ocupando a área.
01:17:54 - José Antônio: Quando eu vim pra cá eu morava lá na Rua Berto Círio, quer dizer, eu me criei aqui, 56 anos tá fazendo em setembro que eu nasci e me criei na Rua...
01:18:08 - Natal: Sarandi.
01:18:09 - José Antônio: ... Sarandi, eu sou daqui do tempo que era prado, isso aqui era coisa muito linda.
01:18:13 - Ivo: Fala um pouquinho dessa época.
01:18:14 - José Antônio: Isso aqui era assim ó, era a mesma coisa que o Cristal lá, quem conhece o Cristal.
01:18:20 - Lucy: Quem conhecia né.
01:18:21 - José Antônio: Aqui era mais bonito que lá, isso era uma arraia em volta assim ó, de areia tudo iluminado. Nas quintas-feiras, começava às oito da noite e ia até a meia-noite com as carreta, tudo que dá num prado aquilo, tudo tinha aqui, aonde é a igreja aqui era um, aquele barranco ali era coisa mais linda aquilo ali, ai depois passava daquilo era tudo arquibanqiiada, arquibancada, e depois em cima assim, nós subia pela coisa assim, nós subia pra cima daquela coisa, e embaixo tudo era pavilhão e depois na frente onde é o posto de saúde era um restaurante que era do falecido Seu Ênio que era dono daquela chácara que era do Pociano ali, não era Pociano, como é que era, do pai do Poxoxa, o Seu...
01:19:16 – Lucy e Natal: Candioto.
01:19-17 - José Antônio:... Candioto, aquilo ali do seu, que era dono do, e lá que era as arvore do lado de lá era dos arremate, depois atrás onde era as caixa d'água era as cocheira, que nós trabalhava, nós era guri, nós trabalhava limpando as cocheira, e, mas era as quinta-feira assim então, meu Deus do céu, isso aqui nós tudo, vinha vento, carreta...
01:19:36 - Ivo: Quinta-feira à noite?
01:19:38 - José Antônio: Todas as quinta-feira...
01:19:41 - Ivo: A noite.
01:19:41- José Antônio: ... A gente descia daqueles carros...
01:19:42 - Lucy: Era só a burguesia.
01:19:44 - José Antônio: ... É, era só burguês...
01:19:44 - Natal: Era de helicóptero que eles vinha.
01:19:45 - José Antônio: ... Era aquelas, aquelas barata, baratão, aquelas, caro, a Sinca, só aqueles carro antigo, por que na Mathias não tinha esses balão que tem, tem gente que pensa que tinha esses balão, o único balão que tem é só o da igreja la em cima, essa rua era reta, tu saia na Rio Grande do Sul e tu enxergava o carro passar atrás da igreja la, era reta, não tinha...
01:20:11 - Lair: Tudo chão.
01:20:13 - José Antônio: ... Tudo chão, não tinha luz, não tinha água, só tinha no prado aqui por que vinha por aqui por Harmonia aqui e vinha luz pra ca, não tinha, as enchentes que dava o nosso terreno ali vinha até o meio teve enchente que ficou não lembro se 8 ou 9 família na nossa casa que morava.
01:20:35 - Ivo: Aqui não enchia d'água.
01:20:37 - José Antônio: Aqui não, ai vinha o pessoal tudo pra cá e se acampava aqui, fazia barraca, ai vinha os copo com comida, com coisa. Ai uma época que eu nunca me esqueço, tinha uma reta aqui, na Romeiros era uma reta, que eles tinham uma cancha reta...
01:20:51 - Ivo: Sim.
01:20:52 - José Antônio: ... E um argentino veio de avião e viu aquilo aqui e pensou que era um deserto, e chegou aqui e deu naqueles fios ali, ele foi descer nessa raia aqui pensando que era reta e caiu ali, o cara tinha uma maleta, nunca me esqueço, era um piazão, tinha uma maleta assim e todo mundo via aquilo ali assim, e ele não largava aquela maleta, e ia meio sangrando, meio né, e aquilo disso que tava cheio de dinheiro, cheio de dólar, ai já veio o exército, isso aqui era tudo campo, eu tenho foto, eu tenho foto, de lá nos fundo onde morava a Maria minha irmã, que pega ali e pega minha casa que era lá na Sino da União, 570, tudo campo, mas ali mas Deus o livre.
01:21:42 - Lair: Ali perto do valão, ali naquele valão ali era tudo de tábua...
01:21:48 - José Antônio: Uma ponte.
01:21:59 - Lair:... A ponte, e quando descia ali escorregava por que era só barro preto, era um barro assim gosmento, parece que tu passavas e tu resvalava assim, até quando a gente ia pro colégio, as

pessoas diziam assim “Aquela ali ta com o calçado sujo, o garrão, só pode estar morando no garrão, só pode estar morando no garrão por que ta sempre encardido né”. Todo mundo chamava nós de garrão, as pessoas chamavam nós criança de garrão, só pode ser garrão...
01;22:15 - Vários: barro preto...
01:22:16 - Lair: ... barro preto, era um barro preto, preto, preto, tu caminhava no barro e escorregava, era uma gosma, preto, preto mesmo, horrível.
01:22:25 - José Antônio: A minha primeira casa que eu fiz aqui eu vim da, eu morava na Rua Berto Cirio, eu já era casado, já era casado, e morava na Berto Círio daí sempre tive vontade de ter uma casinha né, a minha irmã comprou por que na frente Florianópolis pra frente tem terreno ali que é escriturado né, mas por que aquilo la fazia parte do prado, mas fazia parte do prado porque era assim ó: a Associação do Jóquei Clube de Canoas, cedeu pros funcionário os terreno ali, então muita gente abandonou aquilo, não quis né, daí a irmã comprou...
01:23:03 - Ivo: tanto que ainda hoje, os usucapião ali são contra o Jóquei Clube, os 40 metro ali.
01:23:10 - Natal e Ivo: Livramento, Florianópolis e São Sepé.
01:23:12 - José Antônio: ... Ai a minha irmã, eu morava la, dizia minha irmã “Bah, tem tudo aqueles terreno”, um dia eu vim passar na casa dela e fiquei olhando pra dentro do prado ali né, nos fundo da casa dela, fiquei olhando assim, “Bah que vontade de meter uma cassa aqui” “Ah por que tu não mete?” “Ah eu vou fazer então”, ai eu peguei uma carroça, uma bicicleta, e naquele tempo 500 cruzeiros era umas marrom que eu tinha, era o único dinheiro que eu tinha, ai eu peguei e fui lá na Sádia e negociei com um cara, dei a carroça, eu dei a bicicleta e aquele dinheiro que eu tinha por uma casinha, a casa era tão grande, mas tão grande, que nós tiremo o telhado que era de telha francesa, metemo uns pau embaixo assim e entre quatro nós peguemo a casa, levantemo e o caminhão entrou de ré embaixo. Trabalhava na transportadora Rasa naquela época, e trouxemo e viemo pela Rio Grande do Sul aqui, viemo, viemo, cheguemo e agora pra nós entrar? Só tinha aquela entrada que hoje é a .... como é que eu vou dizer, aquela rua que começaram a asfaltar ali como é...
01:24:24 - Lair: Livramento.
01:24:25 - Ivo: Dom Pedrito..
01:24:26 - Natal e Lucy: Dom Pedrito. ...
01:24:27 - José Antônio: Dom Pedrito, e pra cá ali tinha um portão muito grande que era onde entrava os caminhão de cavalo, pra dentro do prado ali é a entrada...
01:24:36 - Ivo: Tinha até as cocheiras ali.
01:24:38 - Lair: Tinha até as colunas . ...
01:24:39 - José Antônio: É, tinha duas colunas grandes ali, e agora como que vou entrar ai? E naquela época, agora tem que entrar, e viemo dentro daquele caminhão. Cheguemo ali entremo, ai demo sorte que ninguém falou nada, não apareceu ninguém ... ai nós entremo la pela raia do prado eu tenho a foto da raia do prado que tinha la que era o areião...
01:24:58 -Lair: Só tinha nossa casa lá. ...
01:24:58 - José Antônio:: Tinha um areião assim, e fui, cheguemo la, lavantemo aquela casa, o caminhão saiu debaixo, larguemo aquela casinha, ai chegava visita la em casa nós saia pra rua e a visita entrava pra dentro de casa por que não podia ficar dentro de casa. (Risadas do natal), e ai comecemo a construir, depois fizemo uma casinha maior e...
01:25:17 - Lair: E quando nos fundos da minha cunhada era virado pro prado. ...
01:25:18 - José Antônio: Sim, daí ficou pra dentro do prado, foi a primeira casa que entrou.
01:25:22 - Edelmiro: Mas aqui na Romeiros a cancha reta dispois né.
01:25:25 - José Antônio: Na romeiros era cancha reta que entrou, ele fazia curva assim e tinha a reta.
01:25:30 - Edelmiro: Aqui eu assisti, quando eu vim pra ca o Prado já não existia mais, mas tinha a cancha reta ainda.
01:25:35 - José Antônio: Sim, ali era particular.
01:25:37 - Edelmiro: É, mas já tinha....
01:25:38 - José Antônio: Teve, na Sino da União também teve, mas era particular....
01:25:40 - Edelmiro: Era até na Sino da União que eu assisti carreira ali, o prado já tava...
01:25:45 - Ivo: O último foi a Sino da União.
01:25:46 - Edelmiro: Já tava demolido, já não tinha mais nada.
01:25:48 - José Antônio: Era na frente da minha casa, era do Seu Décio.
01:25:53 -Ivo: Mas o importante...
01:25:53 - Edelmiro: Mas aqui passava o, no fundo...
01:25:55 - Ivo: Podia emprestar pra fazer cópias dessas fotos né.
01:25:57 - Edelmiro: Nos fundo do meu pátio tem, tem o trilho do, aqui é era a cancha reta, no fundo no fundo, passava ali atrás da igreja ...

01:26:10 - José Antônio: É .... Eu hoje se tiver que fazer um desenho de todo o prado que era o prado, eu faço.
01:26:13 -Ivo: Importante.
01:26:15 - José Antônio: Desenhar o prado, a raia do prado como é como que era a cocheira como é que era, a imagem como é que era, restaurante, tudo.
01:26:21 - Ivo: Isso seria importante se tu pegar uma folha e colocar a sua memória né.
01:26:24 - José Antônio: Só que eu não sou bom de caneta...
01:26:28 - Edelmiro: De desenho (risadas).
01:26:30 - José Antônio: A minha memória eu sei tudo conforme era, e nós corria, era guri e corria de areia ai, era coisa boa.
01:26:38 - Lair: Quando começou mesmo a briga pela posse das terras, eu já tinha feito uma casa maior né, nós já tinha feito a duas peças, nós já tinha feito as duas peça de, a meia água que a gente diz né, a maia água de duas peça, bá e eu feliz por que tinha duas peça na minha casa, 'um quarto meu já, dos meus filho junto ali, já tinha ganhado o outro, o segundo filho, e dai foi quando o Juca aumentou com essas caixinha, quando eu tive essas duas peça o Juca montou umas caixinha da SEASA, fez um quartinho pra menina por que não dava pra botar duas cama no meu quarto né, nós tinha que colocar o berço do nenê e tinha que ter o quartinho pra guria, foi aonde o Juca dividiu foi isso, puxou pros fundo e fez ai minha casa já tava bem maiorzinha né.
01:27:20 - José Antônio: Acho que a irmã tava junto, se lembra ainda daquela vez do rapaz que levou um tiro de espingarda, nas partes né, aquele que levantou ele fui eu, aqui ó, na esquina.
01:27:32 - Edelmiro: Mora ali ainda.
01:27:33 - Natal: Mora ali ainda? Não lembro o nome daquele cara...(resmungos que eu não se entende)
01:27:37 - José Antônio: Tinha um outro magrão também que morava perto da casa dele ali...
01:27:38 - Ivo: Onde ?
01:27:38 - Natal: Na esquina da romeiros do lado de lá, ali bem na esquina ali.
01:27:45 - José Antônio: Foi no mesmo dia que os guardinhas mexeram com ela.
01:27:50 - Edelmiro: (resmungos que não se entende)
01:27:53 - Natal: É.
01:27:53 - Lair: No dia que eles colocaram, no dia que veio um amigo nosso nos pediu pra nós se podia colocar casa bem no meio da, não sei o nome daquela rua, acho que era...
01:28:01 - José Antônio: Campinas...
01:28:02 - Lair: pediu se dava pra botar casa, "Da sim", ai veio o caminhão com a casa dele, eles montaram tudo assim, eles montaram a casa inteira dele, as paredes inteira.
01:28:15 - Ivo: Tu diz esse do lado.
01:28:17 - Natal: Quem vai daqui, do lado de la da Romeiros, a esquerda.
01:28:19 - Ivo: Na esquina.
01:28:20 - Natal: Bem na esquina.
01:28:22 - Ivo: Esse senhor ele é meio traumatizado né.
01:28:25 - Edelmiro: É.
01:28:26 - Ivo: Difícil a gente conversar com as pessoas.
01:28:28 - Natal: Difícil, muito difícil, foi ele que levou um tiro aquela vez que foram enfrentar os jagunços, que vieram aqui de a pé, que os jagunço vieram e ele veio acompanhar nós e veio na frente, ele tava construindo ali na época, e foi com machado, dai os jagunço deram um tiro de espingarda nele.
01:28:47 - Lair: É, foi de espingarda.
01:28:48 - José Antônio: Eu sai correndo de la de casa e atravessei o...
01:28:52 - Ivo: Mas tá bem, vê como é que é né, quando a gente vê com a memória a gente passa dia e noite né, mas só pra terminar aqui por que já passou das 11 horas, se alguém acha, ou lembra-se de alguma coisa, rapidamente, sobre a organização da vila ainda né, depois a gente encerra daí essa parte.
01:29:08 - Lair: Eu queria só falar de um negocio que veio um amigo nosso pedir pra colocar casa e o Juca disse que podia né, podia colocar que nós ajudava ele, "Mas e se prender, se fizer alguma coisa?", o Juca "Não te preocupa, família, aqui o pessoal são tudo família, tudo unido", ai ele disse, ai foi num sábado de tarde e ele veio com a casa mas veio com as parede já inteira né, as parede tudo inteirinha, e ai tinha dois brigadiano, dois brigadiano a cavalo, na frente la cuidando já, ai o Juca, o brigadiano chegou pro Juca e disse assim "Bah, não pode colocar mais casa ai gente, por favor me ajuda", dai o Juca "Ah não te preocupa, bah só nós 2 aqui, vou ter que ir la na brigada, la na brigada pegar reforço mais brigadiano, olha ai, olha o tumulto do pessoal que ta ai na volta", ai o Juca disse "Não não, pode descansar que eu não deixo descer a casa, eu seguro aqui e a casa não vai descer", e o brigadiano pegou o cavalo e se veio né, e o Juca disse "Pode ir descansado", quando ele veio pra cá pra pegar o

reforço, o Juca disse “Vamo pessoal, vamo descer a casa”, dai pegaram os pilar e correram um monte de homem, um monte de mulher, pegaram e colocaram os pilar correndo assim, já pegaram as parede, já emendaram as parede, já colocaram martelo la, e martelo aqui, quando os brigadiano chegaram la, a casa já tava levantada, tava em pé, dai o Juca, dai eles “Bah, mas eu disse pra ti cuidar”, dai o Juca “Não, mas como é que eu vou cuidar com esse povo todo na volta?”, já tinha levantado a casa já...
01:30:32 - José Antônio: Se tu não conseguiu. ...
01:30:33 - Lair: Se tu não conseguiu como é que eu vou conseguir? Ai levantaram e fizeram a casa, foi na rapidez assim por que era muita gente sabe.
01:30:40 - José Antônio: Tu sabe quem é o falecido, aquele que morava na esquina da Sto. Ângelo, não da Sarandi com a Campinas, como é que era o nome dele, o...
01:30:49 - Lair: Tem o Vilson e o Nilson.
01:30:50 - Ivo: Ah, o Duran, Vilson Duran.
01:30:52 - José Antônio: Não era o Vilson, era o irmão dele, era o outro do lado.
01:30:55 - Ivo: Mas o Duran né.
01:30:57 - José Antônio: Era na esquina com a do lado. Só que naquela época tinha o valão, a casa tava la na Sto. Ângelo, do lado de lá do valão lembra ...
01:31:06 - Natal: Lembro, o valão que tinha...
01:31:12 - Lair: Foi rapidinho... Juca: Tava do lado de lá, tiramos tudo do lado de lá. Foi rápido.
01:30:13 - Natal: Na época que eu vim pra cá, carreguei a minha casa, a minha casa não, as minhas coisas, minha mudança eu carreguei dentro da granja aqui do, o caminhão conseguia chegar até aqui dentro da cancha aqui do, da Romeiros aqui, carreguemo na mão pra la, o material que eu consegui que eu morava de favor na Estância Velha, ai conseguimo com uma amiga minha que me deu uma casa da Niterói pra desmontar e esvaziar o terreno dela, eu desmontei la pra fazer minha casa, fazer uma casa 3x4, não, 2,5x4 deu a casa, 2,5x4... deu a casinha minha ali, de alvenaria, mas descarregava tudo longe ali, dai eu conseguia trabalhar numa firma la na Perfil, daí eles me emprestaram o caminhão pra eu vir trazer a mudança ai quando eu cheguei ali, vamos ter que ir de noite, de tardezinha, daí não tão deixando ele entrar, o Jovani que montava os caminhão disse “Vamo dar um jeito, encosta na frente de casa, clarear e entremo com o caminhão” . Aí fiquemo só no bico da casa do Jeovane que morava ali na Santo, na Sarandi, do lado da Rio Grande do Sul. Ai o Jeovane pegou, deu uma aliviada daí nós peguemo e entremo, daí eles desceram quando os Jagunços e a brigada tavam junto, a brigada na Rio Grande do Sul ali, desceram lá pra baixo e nós entremo, a casa que erguemos ali de noite nos pilar, que era lá da ..... eu peguei e trouxe também junto, ai carreguemo tudo em carrinho de mão e carreguemo tudo de noite pra lá.
01:32:47 - Ivo: (Agradece a participação e o pessoal se retira).

Trabalho de Memória do Grupo Focal 2

APÊNDICE D - Degravação do Grupo Focal 3

00:00

Local: Ponto de Cultura da HOCOUNO – Rua Dezoito de Novembro, 400
Vila União dos Operários - Bairro Mathias Velho - Canoas/RS
Data: 10 de janeiro de 2015
Participantes: Ivonete Maria de Almeida Fiorotti (Diva)
Jair Silveira (Jair)
João Delci Teixeira (João)
Luciane Mazurik Dorneles (Luciane)
Paula Regina Pereira Machado (Paula)
Roseline dos Santos Severo (Roseline)
Saulo Belleboni (Saulo)
Filmagem e degravação: Ivan de Almeida Fiorotti
Produção e Edição: Ivo Fiorotti
Duração: 1h06min15seg

00:15 - João: Meu nome é João Teixeira, eu cheguei aqui na vila em 1992 né, e conheci o, comecei a me interessar pelo trabalho da vila aqui quando eu nem morava aqui dentro da vila ainda né, eu ouvia o vereador Ivo falando, é quando eu morava aqui na Cruz Alta, eu morei quando vim de Porto Alegre pra Canoas, eu fui morar aqui no número 67 na Cruz Alta, do outro lado da, logo no meio da esquina tem o número 67 ali que eu morava na época, então eu ouvia os megafone da igreja, eu ouvia o Ivo, eu não sabia que era o Ivo, eu só ouvia, pra mim era um padre, pra mim era o padre, porque eu ouvia o megafone da igreja falando sobre as organização, convidando o povo pra se reunir pra alguma atividade né, e falando sobre aquele que não tinha um pedacinho de terra que quisesse né, uma época que tava, isso era em 88, porque eu vim pra cá em meados de 88 quando eu vim morar na Cruz Alta, ai eu ouvia até quando eu tava com a minha esposa “Olha o padre por que né, nunca vi um padre se preocupar em organizar a comunidade né, mas esse é uma pessoa que né”, olha chamando as pessoas que não tenham terreno se organizar e ter um né, fugir do aluguel e tal né, ai, moramos de aluguel, em 92 nós morávamos de aluguel, daí já ali na Livramento, e uma hora pra outra o dono pediu a casa pra nós, ai nós entramos em pânico, onde é que nós iriamos morar, daí a senhora que era dona daquele terreno que nós moramos hoje nós moramos hoje, ela era professora ali no Colégio Tereza Francescutti, e a vizinha do lado dela era minha , a gente congregava na mesma comunidade evangélica que nós congregávamos, ai ela falou pra nós “Tem um terreno do lado do meu que uma senhora que vender”, ai me disse que trabalhava no Tereza Francescutti e fui lá e negociei com ela e comprei a propriedade dela e vim morar ali no início de 92, a vila ainda tava em regularização, terrenos já estavam medidos tudo, delineados, as ruas tudo certinho, mas ainda tinha os valos abertos, na frete dos terrenos, pra mim acessar minha propriedade eu tinha que passar em cima de tabuas, um pequeno pontilhão, pra poder acessar os terrenos, que não tinha canalização, bem mais tarde foi dita, foi canalizado, as ruas todas eram sem asfalto, né.

(02:59) Naquela época, a vizinhança comentavam muito dos fatos anteriores, tentativas que as pessoas ocupavam durante a noite, os terrenos que no dia seguinte já tinha mais barraquinhos colocados, e que muitas vezes ao jagunços vieram aqui pra tentar tirar, colocar medo nas pessoas né, colocavam cerca de arame na volta pra tentar impedir que mais pessoas viessem mas isso era derrubado e as pessoas iam, conseguiam se organizar, também eu ouvi muito, já dentro do processo de organização, entrando famílias pro cadastramento.

(03:25) E também ouvi muito sobre os lotes que eram ocupados e que eram muito baixos e quando chovia alagava tudo, daí as pessoas que iam pro trabalho tinham que sair com dois calçados, um pra ir até a parada do ônibus né, e outro pra né, entrar no ônibus e poder ir pro trabalho, que o barro era demais, a agua era demais, tinha que botar o saco plástico nos pé, né, e colocar um chinelo com saco plástico pra poder ir pra parada do ônibus e chegar lá e trocar o calçado e botar outro pra ir pro ônibus mais ou menos pra organizar, que a condição de trafegabilidade, a locomoção das pessoas era muito precário pra época devido a condição que tinha aqui a vila de tratamento, de barro, então isso é um pouco da memoria que eu tinha, que eu lembro de algumas pessoas antigas, principalmente do pessoal do quarteirão ali que eu moro, que era o Seu Otacílio, quem era uma das pessoas bastante antigas da época, Seu Otacílio, que segundo quando eu cheguei ali tinha só um lotezinho, a memória dos vizinhos é que ele tinha ocupado uma grande área de terra né, daí depois a associação foi pressionando, pressionando, pressionando e ai conseguiu deixar ele só com um lotezinho mas que ele tinha feito uma pequena chácara ali né, que tinha cercado com uma quantidade bem grande de terra pra ele que ele tinha se adonado, mas daí foi sendo convencido que mais pessoas precisavam sair da condição de

aluguel pra ter seu cantinho pra morar e ele foi cedendo os espaços e acabou ficando só com um lote e, então eu cheguei a conhece o Seu Otacílio e sua esposa, Dona Sueli, e acompanhei a vida deles no finalzinho que eles estavam doentes, e eu acompanhei eles né, na situação, dando assistência pra eles no final da vida deles, então é essa a memória que eu tenho da vila aqui né, era muito difícil, ainda nos anos 90 quando eu vim pra vila ainda era muito difícil a **c**ondição de morar aqui né, mosquito se a gente hoje ainda é um pouco difícil mas nem se compara aquela época aqui, a gente pra 5 horas da tarde tinha que fechar tudo, senão a noite os mosquito arrebatava a gente né, que por causa das condições de muito valo aberto então era a proliferação de mosquito e rato era coisa terrível, então é um pouco da memória que eu tenho da vila, das lutas que foram né, logo em seguida quando eu vim pra vila né, eu já conhecia o Alcindo, porque nós já éramos colegas de trabalho, nós trabalhamos juntos na DHB, trabalhamos 9 anos nessa empresa e o Alcindo era meu colega, e o Alcindo já tava envolvido com a associação de moradores, ai um dia o Alcindo foi lá em casa me convidar pra participar da reunião da associação de moradores, ai foi onde eu vim realmente pra associação de moradores e conheci o Ivo, comecei a entrar em contato com o Ivo, e daí pra frente, é, logo em seguida é, o governo Olívio Dutra é, ganhou o Governo do Estado, e eu fui trabalhar como conselheiro pra ficar como conselheiro do Governo do Estado, a gente conseguiu naquele primeiro ano recursos pra começar o processo de regularização fundiária aqui da vila, onde foi feito o primeiro Levantamento Topográfico aqui da vila, foi também conquistado o dinheiro da primeira canalização lá da... da... o nome das ruas eu não me recordo se foi na Libertação, teve uma rua que foi a primeira colocada canalização primeiro com Orçamento Participativo do estado né, e também foi feito o primeiro Levantamento Topográfico aqui da vila no processo de regulamentação fundiária da vila, então desde lá pra cá a gente vem nessa batalha de tentar cada vez melhorar mais a vila, regularizar os terrenos, organizar a vida das pessoas, e tem sido uma batalha permanente, e até hoje estamos nesse processo de regularização ai e tentando né, adiantar o final, ta indo pra finalização desse processo de regularização, mas essa batalha é uma batalha bastante longa, bastante permanente, então é um pouquinho que eu lembro desse processo.

08:19 - Diva: Então meu nome é Diva Fiorotti, eu tenho lembranças bem antes de eu chegar aqui na década de 90, eu, lá em SP, lá em Campinas (SP) onde eu morava, eu já conhecia quando ocuparam aqui, foi uma luta assim que foi levada pras comunidades de base e a gente conheceu a organização da ocupação através da comunidade eclesial de base, das CEB's, e aí o que me chamou muita atenção a todos nós lá em SP, foi assim, que Canoas foi o berço das comunidades eclesiais de base, e que tinha uma experiência que nesta vila, a experiência das famílias que ocuparam mas que eles acharam com a ajuda né da igreja, eles acharam que deveria partilhar os terrenos com os moradores, que não ficasse né, com cada um ficasse com sua chácara mas que fosse um terreninho pra cada pessoa. E ai eu lembro que foi passado pra mim uma experiência que viveram aqui na horta comunitária que era a mãe crecheira, nunca tinha ouvido falar, então o que que era a experiência da mãe crecheira, porque através da palavra de Deus, elas começaram uma comunidade, ai veio a Romaria da Terra, daí eles falaram que essa experiência da mãe crecheira era por causa da necessidade que não tinha creche pra todo mundo, então as mulheres que organizavam no clube de mães, mas elas precisavam trabalhar e uma das mães ficava com essas crianças, e isso era mãe crecheira, foi aqui a primeira mãe crecheira que eu conheci foi a Lucy aqui dentro da horta.

(10:15) Mas quando eu cheguei aqui em 93 a gente chegou aqui no auge da, duma ocupação onde era, onde é o posto, onde é o posto, e daí as pessoas ocuparam porque daí era um prédio que ia ser pra, ia ser pra uma atividade, daí o governo Sarney acabou e veio outro governo e não deu continuidade daí o pessoal depredou e daí depois, ai as pessoas se organizaram e entraram, mas daí a associação já era forte, ai a associação entrou com um pedido para a devolução da área, e ai foi aceito, e depois a associação convidou os moradores para reconstruir o posto que era aquele prédio que era da associação, daí logo em seguida veio a, dentro do governo, aquela ação do Betinho, Betinho que é o Fome Zero, e ai eu lembro que o Banco do Brasil se solidarizou e veio oferecer uma ajuda aqui para a associação e eles re... junto com o povo reconstruíram o posto e daí lá o governo do Dick, aceitou a sugestão dos moradores para se tornar um posto de saúde.

(11:46) Mas que a minha lembrança vem através da comunidade, da igreja católica, ai eu fui dar catequese e ai a gente como comunidade, achou assim que essa luta jamais deveria ser esquecida, então o que que foi que a gente fez nós como catequistas, escrevemos o que nos contaram como que foi, escrevemos né um texto, e colocávamos para as catequistas contar pras crianças como que foi o início da comunidade, o início da luta, tanto é que os dois que participaram comigo eles participaram, inclusive meu filho, todos os anos no dia, no segundo domingo de dezembro a gente comemora a caminhada da comunidade Nossa Senhora dos Romeiros, contando a história desde o início, desde a Romaria da Terra, e depois a necessidade deste povo formar uma comunidade. Depois mais bonito que eu achei foi que uma comunidade mariana, devota de Maria, e da assembleia, da comunidade, eles escolheram um título para uma padroeira, e não era conhecido, foi criado aqui, Nossa Senhora

dos Romeiros, por um dos primeiros moradores aqui da vila, Seu Edelmiro, então quando eu cheguei aqui eu achei muito bonito essa história, e assumi essa história como minha, agora faço parte dessa história, e junto com os jovens que eu catequizava a gente todo ano a gente recontava essa história, recontava essa história, e estamos até hoje recontando para que os novos que estão chegando saibam como tudo começou, e eu tenho muito orgulho sabe, de ter criado meus filhos nessa história, nessa comunidade Nossa Senhora dos Romeiros, cresceram, começaram a participar, deram catequese e hoje eles tem essa visão da importância da luta, da ocupação, da opção pelos pobres, de que todo mundo é igual, todo mundo tem direito, mas só tem direito com a luta organizada.
14:10 - Jair: Meu nome é Jair Silveira, eu sou morador da Vila União dos Operários a 19 anos, mas é difícil falar da vila sem falar da cidade, eu cheguei a primeira vez em Canoas em 76, eu sou de uma família de, tenho 7 irmãos, e na época eu vim de, sou de Carazinho do interior, se falava muito em Canoas, que tava tendo muito emprego, e no interior é difícil emprego né, ai o pai resolveu: "vamos fazer a primeira mudança e sair do interior e vamos pra cidade grande, pra Canoas". Chegando em Canoas foi uma época que emprego tinha bastante, mas a própria infraestrutura da cidade não atendia a demanda de tanta gente vindo pra cá numa mesma época, então ficamos aqui até 82, e meu pai resolveu voltar pro interior, ai voltamos né, na época eu tinha 8 pra 9 anos, ficamos mais um tempo no interior e meu pai resolveu novamente pra nós, vamos pra Canoas de novo, vamos insistir um pouco mais em Canoas, voltamos pra Canoas, ai naquela época surgiu as invasões né, e o meu pai sempre foi um cidadão com um pouco de medo né, e a invasão daqui foram muito difíceis as ocupações né, doídas, com os gestores públicos e ter o direito dos moradores, aquela história toda que nós temos hoje orgulho de falar. Então ficamos mais um tempo aqui e o pai disse "Não, eu não vou ficar nessa briga por causa de terreno, vou voltar pro interior", ai aquilo me chateou né, eu queria ficar em Canoas, eu gostei de Canoas, me chateou, mas pessoa de menor, sou de menor tem que acompanhar os pais né, voltamos pro interior, ai em 88, eu já tinha já idade né, ai agora eu vou fazer por mim, não esqueci de Canoas nunca, voltei pro interior mas sempre com Canoas na lembrança e no desejo de vir pra Canoas, mas como o destino nos, não é sempre como a gente planeja né, vim pra cidade grande de novo mas não consegui morar em Canoas mais uma vez. Fui morar em Porto Alegre. Porto Alegre fiquei dois anos e acabei morando em São Leopoldo, mas sempre com o desejo de morar em Canoas, e ai a minha irmã já morava na Vila união dos Operários, e disse então "Tu vem morar comigo". Fiquei um tempo com ela e hoje estou aqui a 19 anos, hoje sou morador da Rua Santo Ângelo, tenho 43 anos, tenho um filho de 18 anos, só que a minha profissão na época não me permitia viver muito a cidade, viver a vila. Eu era caminhoneiro então viajava bastante, eu apenas morava na Vila União dos Operários mas não vivia o dia a dia da vila, e o destino mais uma vez mexeu bastante com a minha vida foi quando me acidentei na estrada com o caminhão. Faz 12 anos que posso dizer que eu vivo mais a Vila agora.
(17:05) Me orgulho disso, eu acho o nosso maior patrimônio, eu acho não, tenho certeza, são as pessoas e ainda as pessoas e a boa relação que se tem aqui na vila com as pessoas. O nome União dos Operários assim, parabéns pros moradores que escolheram esse nome, porque é bem de acordo com a nossa realidade. E um fato que me marca assim, um fato negativo até, foi logo depois do meu acidente, que alguns gestores na época foi feito, chegaram a soltar foguete pra pavimentação da Rua Santo Ângelo, fizeram vários eventos, soltaram foguetes, discurso e aquela história toda...
17:41 - Diva: Hum ... hum...
17:44 - João: Eu lembro dessa história. ...
17:45 - Jair: E a minha decepção foi que a rua continuava do mesmo jeito, eu saia de cadeira de rodas, cheio de pedras, barro, poeira, então o povo não aguentava mais aquilo, o que mais precisa numa cidade é saúde né, ai essa foi uma decepção que eu tive com a vila. Mas daí com a cidade eu conheci o vereador Ivo, sua família, seus amigos, e então pensamos assim vamos trabalhar mais juntos durante que estejamos nos unindo mais, pra tentar mudar essa situação, e foi quando trocou a gestão do município né, nosso atual prefeito começou aquele olhar diferenciado pras vilas, porque é aqui que nasce as demandas, os problemas e as soluções, só que depende de quem ta lá na ponta com a caneta na mão, entender a sua, demanda do povo, e o povo. Me recordo então que em 2010, nossa rua ganhou pavimentação, sem ainda ser pelo orçamento participativo, que é uma marca forte aqui em Canoas, foi uma questão bem de dedicação do prefeito entender que nossa necessidade também era a infraestrutura melhorada e melhorou. Outro fato positivo que me marcou é o processo de regularização fundiária foi quando os moradores da quadra 8 receberam sua escritura, e essa briga é muito antiga né Dona Diva, desde a ocupação e um dia vamos ter nossa escritura, e com o apoio de todos, o empenho de todos, nosso processo ta indo lote por lote, quadra por quadra.
(19:23) Então hoje eu posso dizer que eu vivo a Vila União dos Operários, vivo Canoas, vivo a Vila União dos Operários da maneira com as minhas condições eu procuro participar e colaborar, pra que cada vez tenhamos melhorias pra todos depois, saúde, educação, nós temos um posto de saúde aqui que atende muito bem, tem uma demanda grande, tem as nossas creches como a Dona Diva falou, as

creches, a rede escolar, a nossa vila é bem contemplada também, nosso transporte público melhorou bastante, então hoje não só porque eu sou uma pessoa com deficiência, sou um cidadão que vive a vila e as minhas limitações não me proíbem de estar no dia a dia na vila União dos Operários, eu tenho orgulho de ser morador da vila União dos Operários, não trocaria por outro bairro da cidade, muito menos por outra cidade, então isso é uma parte das minhas lembranças da cidade e da vila União dos Operários.
20:18 - Diva: Me veio na lembrança também, da parte, que depois que nós ficamos nosso coração aqui nessa vila, nós participamos muito das lutas por projetos, e esses projetos trouxeram muita ... eh, muita ajuda para os jovens adolescentes, eu lembro que a horta foi, tinha assim várias gente tentando ocupar, tentando ocupar, depois ai teve ideia, então eu acho que foi até do Ivo mesmo que vamos formar uma associação, ai sendo uma entidade ai ninguém vai poder ocupar, foi em 97 parece, 1997 que foi, a horta se tornou uma entidade, Associação da Horta Comunitária, ai nós tínhamos duas entidades que tinha, que podia buscar recursos, e ai foi a associação dos moradores, trouxe o primeiro recurso federal para os jovens, jovens e adolescentes com o Alcindo e eu, a gente participou, eu como educadora e ele como coordenador do projeto, daí a gente foi sempre atrás de projeto, daí a associação da horta foi buscando, ai a Ulbra se interessou pela nossa organização, veio se colocar como ...
21:46 - João: parceira...
21:47 - Diva: ... parceira, e assim e tudo isso, todos esses equipamentos que nós temos aqui nesta horta comunitária que pra mim é a Menina dos Olhos aqui da nossa vila esses equipamentos foram todos conquistados com projetos que a associação foi buscar porque a gente trabalhou bastante e que a gente ta vendo ai que ta crescendo e que a horta ta sendo conhecida em toda Canoas por causa da organização dos projetos é, um dos projetos assim com o objetivo de dar condições aos jovens isso eu acho muito importante lembrar...
22:29 - Jair: A gente vai lembrando né Diva.
22:33 -Saulo: Bom meu nome é Saulo Belleboni, moro na vila desde os, desde 1993, nasci aqui, e de lembranças principais que eu tenho da vila desde que, desde que comecei a correr por essas ruas foi o asfaltamento das ruas, foi uma coisa que mudou completamente de um tempo pra cá, fora também a canalização, fechar os valos que foi uma coisa revolucionaria. Muitas ruas asfaltadas, tanto tempo, hoje tu vê que poucas ruas que faltam asfalto, valos é praticamente eu acho que só o da Curitiba lá, o que todo mundo chama de valão, que já ta sendo feito esse trabalho né, e o transporte público também melhorou muito, também tenho por histórias que meus pais contam quando eles vieram se mudar, não tinha muitos terrenos na volta não tinha casas, eram apenas vazios os terrenos, eu fico pensando “Como assim né”, por que não dá pra imaginar, tanta casa que já tem, tem até duas casas por terreno assim, e a gente fica sem, eu não consigo imaginar, não vejo um campo livre nas quadras como eles me contam, então é, a princípio assim o que eu me recordo assim é sobre isso que marcam, foi o asfaltamento das ruas, o transporte público melhorou demais ... e é isso, o povo todos unido pra crescer, melhorar as casas e tudo.
24:15 - Paula: Eu sou a Paula Regina Pereira Machado, vim morar aqui em 1996, ai conheci a Tia Lucy, e comecei a trabalhar com ela na Pastoral da Criança. Fui levar a Sabrina, era pequenininha, tinha um mezinho, e comecei junto com ela nessa luta, ai comecei a participar da Pastoral da Criança, virei líder, virei coordenadora também, então junto com tia Lucy eu tô junto com ela 10 anos nessa luta. Bom, quando nós comecemos na Pastoral da Criança, nós mal tinha alimento pra distribuir pras família, as vezes a gente dava um pouquinho de arroz, um pouquinho de massa, e tinha que fazer com aquilo dali uma sopa, e pedia uma doação pra uma família, ia nos mercado, e fazer sopa praquelas criança, a nossa alegria era ver tudo aquelas criança em volta daquela mesa, e comendo aquela sopa com vontade, que a gente via que eles queria aquela sopinha, e eles via a gente na rua e dizia “Olha lá a tia da pesagem”, “Oh lá a tia lá”, “O tia quando é que vai ter pesagem?”, e daí nós fiquemos sempre junto da Tia Lucy, ai um fato que me marcou bastante na pastoral, fora os outros que a gente já viveu todos, é quando uma criança chegou em mim e disse assim, eu disse “Escolhe um brinquedinho que tu quer”, “O tia eu não quero brinquedinho, eu quero aquele alimento que ta naquela mesa ali pra mim levar pra casa e dar pra mamãe fazer comida pra nós, é aquilo que eu quero, eu não quero brinquedo, eu quero o alimento”, e eu sempre fui contando pra Sabrina e pro Mateus esse tipo de coisa, que a gente tem que dar valor a cada coisa q tem na casa da gente, se tu tem um arroz e feijão hoje pra comer, ergue as mão pro céu e agradeça, muitas pessoas não tem isso pra botar na mesa, vive da Bolsa Família, fazendo aquele dinheirinho dá certo no final do mês, e a gente vê muitas criança reclamando das coisa. Eles têm que pensar que a vida não é luxo, é viver humilde, unido, um ajudando o outro, é assim que a gente tem que viver na vida.
(26:13) Esse trabalho nosso, meu e da Tia Lucy, cada vez vai crescendo mais, ai eu fui trabalhar com a Tia Lucy na creche, trabalho com a tia Lucy na creche também, cuido das crianças. Trabalho no Ponto

de Cultura também, trabalho no teatro, trabalho na aula de ginástica também, sempre tô envolvida nesses projetos junto com o Ivo aqui, com a comunidade.
(26:32) Quando eu soube de Canoas, Mathias, eu era pequena, tinha uns 9 anos, que meu vô Setembrino era do tempo dos Trensurb, da Maria Fumaça antiga, meu avô que veio pra cá primeiro, e ai quando ele veio pra cá conhecer Mathias, era uns valão, não tinha casa nenhuma, era só agua e agua, e ele sempre contava pra gente como é que era aqui, ai eu vinha na minha tia Barbara visitar ela ...a gente vendia muito sacolé no colégio pra ajudar a tia quando a gente foi morar com a tia ali, e ai cada vez foi melhorando mais, ai quando eu me casei, que eu vim morar aqui, a gente não tinha nem asfalto na rua, aqueles valão tudo aberto, aqueles mosquito, aquelas coisarada, hoje em dia a gente tem asfalto na nossa rua, lá na Rua dos Romeiros, temo asfalto, e cada vez melhorando mais, ai quando a gente veio morar aqui na Romeiros, a gente ficava apavorado com aquelas pessoa lá do Sapo, que era conhecido como Sapo lá pra baixo, porque quando chovia alagava as casa das pessoa, a agua entrava pra dentro, as pessoa ficava tudo apavorada.
(27:42) E também fiz muitas amiga na pastoral, a Dona Neita, que era as companheira, já se foi, foi uma guerreira na pastoral da criança, no clube de mães também com a gente, que eu também passei pelo clube de mães, a Neiva também, outra guerreira nossa junto também, a Terezinha também que nos deixou, já se foi também, que lutou muita na comunidade, nas festa, na igreja, tudo né, foram fatos que marcou muito a gente né, coisas que a gente viveu, e que tem um valor muito importante pra mim, amizade, amizade vale tudo pra gente hoje em dia. Um amigo sincero pra gente viver né, porque as vezes tu tem um amigo, mas não tem um amigão praquelas horas todas né, essas gurias que passaram por nós ai, e outra também que sempre tava sempre lutando, que era nossa coordenadora na época, que hoje em dia não é mais, é a Gorete também ... sempre lutando, com aqueles problema nas perna dela de saúde, e ta lá sempre lutando ... nunca deixando a pastoral da criança de lado, que hoje em dia a coordenadora é a Janete né, não é mais ela, e ela ta lá na casa dela sempre lutando pelas criança também. Eu acho que é um pouco de tudo que a gente vive né, a gente aprende, eu acho que é isso.
28:58 - João: Ela falando em valão eu lembrei-me de história que eu ouvi também, de épocas que, épocas que houveram dois grande alagamentos em Canoas, enchentes em Canoas que tomou, alagou muito essa parte da Mathias aqui, e que o único bairro da vila que, do bairro aqui da Mathias Velho que não alagava era aqui na União dos Operários né, então tinha um cidadão ali que agora já é falecido, Seu Arlindo Porto, ali da, da Rua Santo Ângelo, e ele disse que chegava muita gente de canoas, as vezes pra comprar alimento tinha que ir lá no início da Mathias, perto da estação do trem que a única padaria que funcionava e as poucas pessoas que moravam aqui iam entregar tinha que entrar de canoas, chegar de canoas, de caíque aqui de dentro pra levar e comprar comida e trazer né, pras pessoas que aqui era o único lugar que as pessoas se abrigavam que era uma parte alta, ai hoje a gente olhando não dá pra imaginar isso né, mas essa parte aqui da vila era uma parte alta que não chegava agua, alagava em volta aqui mas essa parte não alagava porque era a parte mais alta que tinha... duas ocasiões que deu grandes alagamentos em Canoas que a água inundou tudo né.
30:11 - Paula: É, diz que lá na entrada da Mathias lá, era agua pra mais de metro e nós aqui no sequinho, eu me lembro bem, eu me lembro dessa parte.
30:21 - João: São recordações que a gente ouve é, de histórias que aconteceram aqui que hoje a gente ouve falar e nem, a gente fica até assim: “Poxa, como é que pode né”, porque naquela época segundo idade das pessoas não existia esses valos de contenção ai, que distribuem a agua da vila não existia então, qualquer coisinha, qualquer chuva que dava considerável já tomava conta da cidade né ... então depois que foi feito esses valos de contenção ai que, que não aconteceu mais esses problemas de grande alagamentos que aconteciam.
30:55 - Roseline: Bom, meu nome é Roseline né, hã, eu moro aqui, eu nasci aqui né na comunidade, hã, são poucas lembranças assim que eu tenho em mente agora no momento, hã. Como eu nasci aqui, a minha mãe né, ela viveu muito aqui na comunidade né, ela necessitou também, hã, dos trabalhos daqui, hã, eu e meu irmão ela nos deixava ali na, aqui na tia Lucy mesmo, hã, e pra ir, pra ir trabalhar né. Meu pai é caminhoneiro, então ele não conviveu muito aqui com a comunidade, ele não convive muito né. Mais as poucas das lembranças que eu tenho né, são essas, e aquelas que me contaram ao longo da minha caminha, da minha caminhada aqui pela comunidade. Essas hã de que as pessoas hã, se juntaram pra ocupar, pelo seu pedaço de terra hã, eu também como nasci aqui, convivo muito aqui, eu vi as mudanças acontecerem aos poucos né. Uma das coisas que marcou bastante foi o asfaltamento né, das ruas né, hoje eu tenho asfalto na frente da minha casa, tem calçamento. E também sobre os valões né, como a minha casa é de esquina então na minha também tinha, e hoje não tem, e graças a Deus né, diminuiu bastante a infestação de mosquitos (risos), hã, foram poucas coisas, foram essas as lembranças que eu tenho né, hã, mas o transporte também mudou bastante, a vida da comunidade mudou bastante, a vila ta melhor no caso, e é isso.

32:59 - Luciane: Bom, meu nome é Luciane. E antes eu morava em Nova Santa Rita, não conhecia, conhecia a Mathias assim só pelos noticiários, e daí quando eu casei eu vim pra cá, fiquei um ano na mãe e depois vim pra cá, dai eu não conhecia nada aqui, dai minha sogra falou que ela morava aqui que também tinha que passar, tinha um, uma pontezinha né pra entrar na casa dela, e daí assim eu vim pra cá e as vizinhas, eu comecei a fazer amizade, e daí as pessoas começaram a me falar, como é que era antes, que não tinha luz, que não tinha agua, que tinha que buscar agua noutros lugar né, que era uma dificuldade pra pegar ônibus, não tinha ônibus, e também achei muito interessante essa história da quase "guerra" ,digamos assim que eu nunca tinha visto assim, daí assim, eu não conheço muito né, mas pelo que eu cheguei a conhecer é isso.
34:17 - Jair: Recordando também que a vila União dos Operários sempre foi conhecida como antigo prado, onde além das corridas de trabalho, tinha muito futebol né, e eu pequeno ainda, domingo era uma festa porque eu ia olhar os jogo de futebol. Foi, fui crescendo e ai eu pensei "Pô, mas eu posso ganhar um troquinho com isso né", ai eu fui pegar as caixas de picolé pra vender picolé nas canchas de futebol. Nossa, pra mim domingo era o melhor dia da semana né, então ai nos fins de semana eu vendia picolé, juntava meu troquinho pra comprar a merenda escolar do Tereza Francescutti durante a semana, que naquela época pra receber merenda do prefeito era muito difícil né, ou você levava de casa, na cantina da escola, que hoje é muito bom não vender merenda né, que comprava produto industrializados, então me recordo que domingo vender picolé pra ter o dinheirinho da semana pra ter a merenda da escola e até ajudar a comprar o material, então a nossa vila aqui é muito forte na questão dos campos esportivos, devido a isso também foi muito embate forte contra a invasão né, vou acabar o campo, vou pra casa ali, chegava em casa, então me recordo muito bem essa parte do esporte aqui na vila, sempre teve e ainda tem né, e agora vamos ter nossa cancha né, pras criança não precisar mais jogar bola na rua, o asfalto é bom e necessário e mas se torna, já não dá mais pra jogar bola na rua, então mais uma conquista nossa vai ser a cancha coberta aqui na horta.
35:48 - Diva: Agora aqui me veio também na memória, me contaram, que assim, assim que eu cheguei, ainda não tinha asfalto, em 93, eu vim gravida né, ai as os vizinhos né, mais a Dona Iracema, então ela que contava que na época que ela veio aqui, os guri tudo pequeno, então ai não tinha ruas, ai foi muito bonito que ela falou assim que a, o grupo da associação disse assim, oh: "não, então nós vamos formar as ruas", então a única vila que em as ruas retinhas é a nossa, porque assim, eles junto com os colaboradores né, solidários, então as meninos da Dona Iracema junto com a associação aos domingos, então eles iam marcando as ruas, e as casas que estavam em cima da rua, eles conversavam, conversavam, conversavam, e juntaram e tiraram a casinha do meio da rua né, isso eu achei muito bonito, que eles juntavam e tiravam a casinha, e pra manter a rua retinha, né a rua correta, agora, acho que hoje em dia tem uma ou duas casas que não conseguiram tirar do meio da rua, que é aqui na nossa Cruz Alta aqui que eles colocaram e não tiraram, e também naquele beco...
37:08 - Saulo: Da São Lourenço com a Florianópolis... tiraram uma já.
37:10 - Diva: É no beco, tinha, eles só deixaram um pedacinho, que era o beco que era, que o pessoal disse q ia acontecer muito, muita violência, aquelas...
37:20 - Paula: É, eles desmancharam aquela casinha tudo...
37:22 - Diva: E outra coisa importante que ela me contou, como assim, o pessoal vieram pra cá, pra arrumar os seus barracos mas não tinham o que comer, então ai teve uma organização ai que não sei do governo, e quem trabalhasse no, ajudando abrir os valos, ganha..., frente do trabalho, ganhava uma cesta básica, também foi uma organização muito forte, porque liga a fome...
37:51 - Paula: Fome...
37:53 - Diva: Fome era muito forte na época, não bastava ter só a terra, só a moradia, tinha que comer...
38:00 - Paula: Isso não tinha na época...
38:01 - Diva: Não tinha na época, então essas frentes de trabalho ajudou muitas famílias a se alimentarem, juntamente com a organização da abertura das ruas, o marco da abertura das ruas, as ruas largas com o espaço para as futuras calçadas né, e as ruas retinhas, e é a vila mais organizada que tem aqui é em Canoas, e que a gente ouviu falar lá em São Paulo, e essa organização da ocupação da vila é conhecida a nível de América Latina, também a gente viu escrito isso que o advogado, o nosso advogado ai que na época sempre esteve presenta, o Jaques, ele vinha, falava, lutava, e nunca cobrou nada, e até hoje o que precisar ele ainda está presente.
(39:01) Ah, outra coisa também que a horta comunitária ela sempre foi esse é ... eh, alvo de querer ocupar né, então ai eu lembro que era os menino da dona Iracema junto com a Lucy, a Lucy já morava aqui que eles faziam plantão a noite pra não ocuparem a vila, pra não ocupar a horta comunitária, porque a horta comunitária foi segurada para ser um equipamento coletivo, um equipamento público e que todo mundo tivesse direito, mas com organização. Ai tem o pessoal que veio da roça, tem seus canteirinhos, vem aqui se associa, planta, troca suas, seus produtos...
39:55 - Paula: Vende pras pessoas que vem comprar...

39:57 - Diva: Que vem comprar aqui, a horta comunitária é muito importante dentro dessa vila assim como a nossa comunidade, como o salão Negrinho Santo, assim como o posto de saúde, as escolas que foi tudo luta e organização da associação dos moradores junto com os moradores.
40:20 - João: É interessante e são muitas conversas, o que foi falado os filhos né, muitas pessoas falam, os mais antigos da vila, sobre a luta, as pessoas que moravam mais distante, na Sino da União lá, que quando, que tem a rua Sino da União né, foi colocado que batiam os sinos aqui quando as coisas achavam que tava ficando quente aqui, né.... a vila, a pressão pra tentar colocar medo nas pessoas, né, então os que moravam mais longe na época da organização pra poderem se unirem aqui na igreja pra que, combinarem a estratégia de enfrentamento, se tocava o sino ne, todo mundo já sabia: "Oh, tem problema da vila, ta acontecendo alguma coisa, vamos lá pra ver o que que é". Daí todo mundo afluía aqui pra igreja né, pra ali junto com tratar a estratégia de enfrentamento... ao que né, jagunços, bandidos proprietários que faziam pressão pra tentar tirar as pessoas, as famílias que já estavam aqui né então isso ai a gente ouve muito dos moradores mais antigo, é que aquela rua lá foi colocado o nome Sino da União referente a esse fato né, que as pessoas né, ouviam o sino tocar e já sabia, era um sinal que alguma coisa errada tava acontecendo de pressão tentando tirar as pessoas daqui e eles precisavam fazer um enfrentamento né, ai eles afluíram aqui na igreja né pra juntos se organizarem e poder e enfrentar aqui a pressão que viviam né, os antigos ...
42:01 - Jair: Era o meio de comunicação publico, hoje em dia as pessoas reclamam de cair o sinal do Wi-fi né, antes era com sino (risos)...
42:05 - Vários (risos)
42:08 - Paula: E o sino não caia né...
42:09 - Jair: O sino não caia. (risos).
42:11 - Diva: Outra coisa importante, que eu lembro já foi já da associação do movimento, passou-se pra política, então nós conseguimos né, ter um, eleger um vereador das vilas que foi o Oli, e o Oli fez uma lei, da, uma lei pra manter esses, os nomes que o povo escolheu para as ruas dessa vila. Então foi um projeto de lei, ai Sino da União pra lembrar a chamada, depois a Libertação, a rua Libertação, pra lembrar que o povo se libertou do aluguel, daquela pressão. Ai veio a rua Campinas que já era uma vila, já era uma rua que já vinha da cidade né. A rua dos Romeiros lembrando a romaria da terra, que o povo saia, saiu em romaria e o povo aqui morando ia pra Porto Alegre, pro centro trabalhar e voltava em romaria. Por isso Nossa Senhora dos Romeiros. E a rua onde eu moro que é 18 de Novembro lembrando o dia da posse né, que o povo ganhou junto ao juiz que deu de presente, que eu acredito que isso daí foi obra divina, o juiz reconheceu a luta desse povo e deu de presente a posse da terra. 18 de novembro que a gente mora, que a gente ouviu de contar: "Por que 18 de novembro?", porque foi o dia que nós ganhamos a posse da terra, isso eu achei muito bonito e foi é, é, que esse projeto a gente traz presente até hoje, e o Oli nunca esquece e a gente não deixa ninguém esquecer que foi através do Oli que manteve o nome dessas ruas, lembrando toda a luta do povo organizado marcando o nome das nossas ruas.
44:14 - Saulo: Uma coisa também que eu acho importante lembrar que foi a questão da segurança, que foi uma coisa que cresceu muito, tanto no cercamento das próprias casas como, contada pelo meu pai quando ele se mudou pro nosso terreno, não tinha, tinha um cercado sabe, mas era madeiras velhas, todas quebradas ou já judiadas por cupim e tal ... ele chegou, fez a troca de, colocou madeira, fez uma cerca nova e tudo, e falou que era bem difícil antigamente não a questão da vila, mas o bairro era difícil porque era bastante assalto, bastante ... bastante roubos aconteciam e acho que isso foi uma questão que mudou bastante, hoje é bem diferente, pelo menos me falam que é bem diferente, é bem mais seguro, claro que ninguém ta livre né, mas é uma coisa que veio melhorando com o tempo, uma questão que vale lembrar.
45:11 - Paula: É mas o assalto continua, porque uma mãe tava trazendo as crianças pra nós pra creche, era 6 horas da manhã, mãe do Roger, veio trazer o gurizinho na moto junto com o pai, e eles foram assaltado, aqui na frente da horta comunitária. A Lívia também já foi assaltada aqui na frente da horta, agora a semana passada meu vizinho tava chegando as 10 horas do serviço encostou um motoqueiro pedir informação pra ele, disse "Tu fica bem quietinho que isso aqui é um assalto".
45:39 - João: É, ai acontece...
45:40 - Paula: Acontece ...
45:41 - João: ... Acontece assalto mas com uma intensidade bem menor né, porque sempre quando há uma ocupação né, ali vem gente de tudo ...
45:50 - Diva: Gente de tudo ...
45:51 - João: ... Vem todo o tipo de pessoa, mas conforme vai acontecendo a organização, as melhorias vão acontecendo, os equipamentos públicos vão entrando né, aquelas pessoas mal intencionadas elas vão, vão se né, fugindo e indo pra outros locais onde não exista muita organização, porque onde não existe organização é onde eles conseguem né, implementar seus planos de dominar e né... se tornar

o chefe do pedaço né, então conforme o, como a vila foi se organizando, foi pegando as melhorias necessárias pra se tornar uma vila organizada de fato né, as pessoas mal intencionadas né, a maioria né. Que nem o Guajuviras, o Guajuviras era um local extremamente perigoso, hoje em dia já não é tanto, por que? Porque conforme foi organizando a vila né, os malandros foram né, procurando outros locais onde pudessem dominar, e aqui na nossa vila não é diferente, hoje em dia tem problema, tem é, casos pontuais com mais violência e assaltos né. Mas antigamente, se tu saísses e se virasses as costas, para ir no supermercado e voltava pra casa pra roubarem né, hoje em dia tu não vê mais isso com frequência né, tu sai pra trabalhar, volta e continua as coisa da gente em ordem, por que? Porque a segurança ta bem maior, mas por que que ta maior? Porque tem organização né.
47;16 - Jair: Daí que eu vejo a importância do trabalho da nossa horta, dos projetos com a juventude... porque tudo começa lá na rua, as amizades, e os jovens tem que ter preocupações, então ai que entra essa parte bem forte nossa aqui que são os projetos, inclusive através da horta nós encaminhamos já pelo terceiro ano, os jovens pra fazer curso no SENAI, pelo Programa Novos Horizontes, esses jovens já saem de lá com expectativa de emprego e uma profissão.Já falei antes da cancha coberta também que ta sendo feito aqui, projeto de esporte, então a violência tem que ser combatida nem tanto pela repressão, eu acho que a repressão é o último recurso, mas a prevenção...
47-58 – Diva: é, é
47:59 - Paula: Pior...
48:00 - Jair: Então hoje eu destaco a importância dos nossos projetos aqui na vila, em prol dos jovens.
48:06 - Luciane: Uma coisa também assim que me chamou a atenção, meu marido fala que quando ele ia estudar, ele ia de chinelinho, manga curta né, porque não tinha dinheiro né, mais difícil, e hoje em dia, tem material, o prefeito dá material escolar, dá as roupas né, tem escola que agora tem turno integral, então isso também melhorou muito né, a alimentação.
48:43 - João: Hoje em dia o próprio estado que dá o uniforme pra pessoa já ir uniformizado de casa ...
43:47 - Luciane: É...
48:48 - João: ... na época , na época não, na época era todo mundo ia com sua própria roupa particular, então os que tinham melhor condição iam mais, melhor vestidos, e os menos, ai havia essa, essa disputa ai, muita briga, muitos pegando assalto, o cara tinha um tenizinho melhor eles já chamavam atenção, praquele que não tinha. Hoje em dia não, hoje em dia é aquela coisa igualitária, cada um tem seu uniforme escolar, todo mundo vai pro colégio do mesmo junto, não existe disputa né, porque um ta melhor vestido do que o outro.
49:23 - Paula: Uma que, os pais que não tem condições também se fosse comprar os pais não teriam condição de comprar uniforme pras criança né. Que eu me lembro que uma vez no ministro ia uma mulher vender uniforme escolar pras crianças que são da escola mas era muito caro, ai as crianças iam ficar diferente das outras, aquelas humilde iam ser desprezada por causa daquele tipo de coisa...
49:28 - João: Sim sim ...
49:29 - Paula: Aí surgiu esse projeto de uniforme nas escolas, que hoje em dia todo mundo vai de ...
49:46 - Diva: Do governo...
(49:48) Paula: Que é muito bonito de ver todo mundo.... Porque eles faz diferença, se o coleguinha com um chinelo de cada cor já vi diferença, se o coleguinha ta com aquela mochila rasgada ou diferenciada tem aquele coleguinha que pune aquele colega porque ta diferente dos outros, não quer ser amigo daquela criança porque ela é diferente, ela é mais humilde...
50:07 - João: Ainda há discriminação hoje em dia ...
50:08 - Paula: Tem bastante coisas nas escola ainda, eu sempre ensinei os que tem que ser amigo de todos, não importa o jeito que ele é, é amigo ... e assim eles são até hoje.
50:20 - Diva: Uma coisa que eu lembro também que me contaram assim que a gente chegou, foi uma iniciativa também acho dos freis né, e das irmãs, é que já tava ... acho que todo o país, a conversa sobre a reciclagem né, a separação de lixo, tudo, aquela conscientização, ah, ah construção ou a fundação de uma de um, não de uma ...
50:47 - João: Galpão ...
50:48 - Diva: de um galpão de reciclagem né, mais eu acho assim que até hoje, já se passaram vinte anos que eu estou aqui, o povo ainda não tem aquela consciência da separação de lixo...
51:01 - Paula: Não tem, pior que é verdade, não tem...
51:02 - Diva: A gente começou aqui na, na horta uma compostagem, foi feito o projeto, na escola falava, nos nossos projetos a gente falava sobre a separação de lixo, levar o lixo seco na igreja pra gente encaminhar, na, pro galpão. E esse galpão, hoje ele recebe lixo de industrias, não, não mais lixos domésticos né, isso que ta faltando uma, não só conscientização, mas eu acho assim, uma motivação maior para que os moradores separem, continuem separando seu lixo, para levar. Tem famílias que sobrevivem né, do lixo que eles catam na rua, mas tem um galpão aqui na nossa vila, que pouca gente sabe, eu não sei como a gente pode...

52:02 - Roseline: Mas isso mudou bastante, isso antes era bem pior. Como tinha os valões né, as pessoas tinham aquela coisa de pegar seu lixo e jogar...
52:10 - Paula: No valão ...
52:11 - Roseline: Porque não tinha caminhão de lixo passando recolhendo né, já foi bem pior, hoje em dia né, apesar das coisas tarem indo lentamente né, as pessoas ainda têm essa, algumas tem essa conscientização né, pega seu lixo doméstico, faz um canteirinho e vai colocar no canteirinho...
52: 26 - Diva: O canteirinho, é...
52:27 - Roseline: Né, pega comida e joga pros cachorros, as vezes isso acontece bastante, hã, mas já foi bem pior, ta mudando, ta mudando aos poucos, mas daí tem aquela coisa da internet, já viu isso, as pessoas estão mais sustentáveis,
52:43 – Diva: é internet ...
52:44 - Reseline: hã, reciclagem, tem pessoas que trabalham com isso fazendo artesanato né, hã, pegando, guardando aquelas coisas que elas possam reutilizar, já foi pior, mas ta se encaminhando.
53:00 - Paula: E outra coisa, as pessoas geralmente botam as verdura maioria fora né, elas tão botando alimento fora né, porque dos talinho ali da couve né, da beterraba, pode fazer bolinho, pode fazer várias coisa, as pessoas botam fora aquela parte, aqui na horta já vieram várias pessoas ensinando a comunidade a aproveitar os alimento, porque eles tão botando alimento fora, talinho de beterraba faz bolinho, tu faz o suco, faz várias coisa, e as pessoas botam fora no lixo, por exemplo a manga, a pessoa descasca a manga e o que faz com a casca? Bota no lixo, a casca é o suco,
53:31ss - Diva: É o suco, é ... certo, certo .... é...
53:32 - Paula: .... tu come a fruta e faz o suco ao mesmo tempo, o abacaxi, vai comer o abacaxi e coloca a casca fora, não, pega a casca e faz suco, faz geleia de abacaxi, tu aproveita tudo o alimento, é essa que as pessoas não sabem ainda.
53:45 - Jair: Fazer uma oficina na horta ai...
53:47 - Paula: Mas vira e mexe tem oficina, tem sempre oficina na horta desse tipo de coisa...
53:48 - Diva: Outras oficinas, outras oficinas...
53:51 - Jair: Fazer uma oficina e fazer uma campanha de consciência sobre o lixo...
53:54 - Diva: E, já fizemos isso e vamos fazer mais.
53:56 - João: Dentro do que a Diva falava, é, sobre a conscientização, tem um outro problema que ta surgindo, aqui dentro, dentro da vila que tem de se certificar se, se houver uma mudança de cultura até por mais que investimento se faça, é sobre drenagem, é as pessoas, nós fizemos uma campanha aqui através da associação, de arborização da vila, plantamos, plantamos né, mudas de arvore, pra arborizar melhor, ter mais verde na vila né, só que isso é bom, uma sombra numa época que nem essa é muito bom, mas as pessoas não tem consciência de que cada um varrer na frente do seu pátio né, as arvores tu plantou ela num dia, mas daqui a pouquinho, em poucos anos a arvore grande, e ai as folhas caem né, a gente todos nós estamos aqui elogiando a pavimentação, as ruas, asfalto né, só que na época que não tinha asfalto a chuva caia e penetrava no solo né, hoje em dia a chuva cai e não penetra no solo porque nós além do asfalto nós já melhoramos em frente das nossas casas, boa parte fez uma calçadinha né, então a vila ta ficando melhor, só que agora a chuva que caia na parte que era solo, e ia pro né, infiltrava no chão, hoje em dia cai em cima das nossas calçada e vai pra cima do asfalto, e do asfalto vai pra dentro das bocas de lobo e dali vai pros rios né, aquelas arvores que nós plantamos que hoje tão grande, e tão servindo de sombra pra nós né, elas produzem muita folha né, se cada um de nós tivéssemos a consciência de pegar e varrer aquelas folhas periodicamente juntar e tirar dali, ela não ia pra dentro da boca de lobo pra assorear a tubulação né, ai depois começa a consciência do saneamento, ai diz “Ah, a prefeitura não faz nada, a prefeitura não limpa, a prefeitura não vem jatear os canoas, fazer o jateamento dos canos”, tudo entupido, mas a culpa de entupir e causar os alagamentos é nossa mesma como população, que não temos o devido cuidado de, de, de limpar na frente ali 10 metros de frente de cada pátio se cada um de nós moradores fizesse isso, não ia acontecer muitos alagamentos, “Ai, nunca entrou agua na minha casa, agora entrou” né, mas por que? Porque quanto mais asfalto se constrói na vila né, mais água vai ser ajuntada em cima da malha aviaria para ir pela tubulação né, essa água vai ter que ir pra onde? Vai ter que fluir pra algum lugar, se entra na tubulação e encontra os canoas assoreados ela vai achar um curso pra sair, é onde o terreno que tiver mais baixo e tubulação que estiver mais baixa, é pra li que ela vai fluir, vai acabar entrando pra dentro das casas né, então nós como moradores da vila, nós temos que ter essa consciência e ajudar os nossos vizinhos ai pra ter essa consciência que é nós que temos que manter a vila organizada, a vila limpa né, pra que né, as melhorias que tão vindo pra vila venham pra beneficiar e não pra prejudicar nós, então se tiver essa consciência vai servir de fato como benefício, agora se nós não tiver consciência né. Pouco tempo a frente ai não vai ter nem uma única rua aqui na nossa vila sem pavimentação né. É plano pro prefeito Jairo Jorge que até o final do seu mandato em 2016 todas as ruas da vila estejam pavimentadas. Só que isso ai vai né, traz um benefício pra nós mas tem um ônus

que é esse negócio manter limpo pra que não, logo vai servir como problemão para nós de ver nossas casas sendo alagada por causa da tubulação sendo assoreada, e que a prefeitura não tem como né, dar conta de toda a cidade e fazer hidro jateamento em todas as ruas, nós temos que cuidar.
57:35 - Ivo: Então pessoal, nós hã, foi muito importante, agradeço a colaboração de todos vocês com esse grupo focal com meu trabalho sobre as lembranças, as memorias dos fatos, dos eventos daqui da vila União dos Operários, e antes de encerrar, se vocês querem relatar, que veio na memória de vocês a lembrança algum evento, algum fato pra contar, que acham importante lembrar rapidamente que daí a gente mais um 5 minutinhos vai encerrando, se gostariam só citar alguma coisa.
58:07 - Diva: Eu lembro quando fez 20 anos da, da associação dos moradores, o nosso senador Paim, ele veio na festa né, e ele, e ele trouxe, como é que a gente fala aquele, ele, ele...
58:24 - Ivo: Uma emenda ao orçamento...
58:27 - Diva: ... uma emenda para construir o ginásio, isso foi em...?
58:33 - Ivo: 2003 ...
58:34 - Diva: 2003, então ele veio pessoalmente aqui na vila, na festa de 20 anos...
58:40 - João: Eu me lembro ...
58:41 - Diva: É, lembra né, ah, eu lembro que eu tava com um grupo de, de a, de a, de crianças, ai eles fizeram até capoeira pra homenagear o deputado Paim, e ele disse que trazia pra nós, entregou pra nós essa emenda, desse valor, desse, desse, dessa verba para construir, e a associação da horta doou essa parte, e essa luta veio, veio correndo a 12 anos né, e agora com esse governo, e também com, com a luta da associação em regularizar a, a vila a gente está com nosso sonho quase realizado né, aqui com a construção da horta, foi a primeira verba do senador Paulo Paim, e depois agora com a caminhada veio a verba do deputado Marco Maia, que veio trazer de volta a esperança para o povo, os moradores aqui da vila ter uma cancha, né, de esporte que possa valorizar o esporte não só dos jovens, mas de todos os moradores, que se organizam, e vão praticar esporte nessa cancha coberta.
59:56 - Jair: Um fato que me marcou que eu falei no início era o nosso patrimônio maior são as pessoas né. Foi quando eu me acidentei, eu não conhecia muito os moradores da vila, eu era caminhoneiro e viajava bastante. Quando o pessoal soube que eu me acidentei, eu me surpreendi com a quantia de visita que eu recebi, a quantia de ajuda que eu recebi, cadeira de rodas eu podia escolher, então isso foi um fato que me marcou. Por isso que eu volto a falar, a união dos operários é, o nome é certinho, união dos operários...
01:00:29 - Diva: é um nome abençoado...
01:00:30 - Jair: É, e a partir desse momento assim eu me envolvi mais com a vila, e eu acho que quando as pessoas começam a melhorar em todos os sentidos, o nosso comprometimento tem que ser maior ainda, isso que eu tô falando, conscientização, participação, eu acho que nós temos assim um grande patrimônio, as pessoas da vila união dos operários, desde os conquistadores até os descendentes que hoje estão aqui, que nem a Diva sempre coloca, continuar contando a história, na igreja, pra catequese, então nosso compromisso cada vez aumenta mais pra nossa vila. Eu tenho um objetivo assim sempre participar das coisas que vivo, claro, sempre não é possível né pra ir em toda a cidade, então já participamos do conselho municipal da saúde que foi uma conquista para os moradores, procuro melhorar a questão da saúde aqui na vila, mas cada vez aumenta mais o nosso comprometimento.
01:01:25 - João: Eu lembro da, de um evento que aconteceu hã, quando foi dado o pontapé inicial já dentro da negociação, era o primeiro mandato, da reunião que foi feita ali no Thiago Wurth, pra dar o pontapé da regularização fundiária aqui da vila, foi uma grande reunião onde muitos moradores compareceram né. Mas é bom a gente falar aqui porque tem a parte jovem daqui e talvez não tenham a consciência de que é, que as melhorias que foram conquistadas aqui na vila, a pavimentação que está acontecendo aqui na vila né, bastante avante, a canalização que é feito na vila né, ela não caiu da, não veio de graça pra nós, tem uma luta por trás disso, que a luta dos moradores no orçamento participativo. Uma parcela bem considerável aqui da vila tem se organizado ano a ano tem ido nas plenárias do orçamento participativo, e votado né, e graças a Deus todos os anos temos elegido prioridades aqui pra vila temos trazido recursos aqui do município pra vila, é que tem possibilitado né realizar as melhorias que estão acontecendo aqui né, e cada, as escrituras das propriedades que já ta na fase final da escrituração né, também veio graças a essa organização das pessoas que corre, que foram atrás, que tão participando aqui, ativamente né, das plenárias do orçamento participativo, e possibilitaram então a, esse processor de regularização de escrituração fundiária aqui da vila né. O colega falou sobre a segurança da né, agora o último ciclo do orçamento participativo né, a plenária que aconteceu no Tereza Francescutti, o povo daqui se organizou e foi pra li pra votar nas câmeras de vídeo monitoramento, que já esse ano vão ser implementadas aqui na vila e colocados em pontos estratégicos da vila, câmeras de vídeo monitoramento porque é pra gerar mais segurança para as pessoas, hoje nós só temos uma que é na quadra do Maranata. Tem uma única câmera que mapeia aqui, mas já foi eleita ali pelo orçamento participativo várias câmeras de vídeo monitoramento que vão

trazer uma sensação de segurança maior né pros moradores aqui da vila união dos operários, tudo isso né, graças a população né. Mas né, se tu chegar em muitas casas e perguntar quantas vezes eles foram na plenária do orçamento participativo, vai encontrar muitas pessoas que nunca foi...
01:03:48 - Diva: Nunca foram...
01:03:49 - João: Nunca foi e muitas nem sabem o que que é orçamento participativo né, que é uma ferramenta pra colocar as pessoas a opinarem e dizer né, o que que é mais importante e prioritário, pra sua vila, a prefeitura chegar aqui e dizer, não, mas ele dá a opinião, dá a possibilidade pras nós dizer o que é mais urgente, não é também para as coisas não serem importante, mas tem coisas que pra nós são mais urgentes, nós começamos primeiramente pela asfalto, pela regularização da terra, foi a primeira demanda que nós elegemos aqui, foi né conquistar as escrituras pra nossa propriedade, depois nós partimos pra pavimentação das ruas, agora que todas as ruas já estão eleitas a pavimentação, nós já vamos partir pra um outro nível que é a segurança aqui que é a câmera de monitoramento, elegemos as câmeras de monitoramento. Mas não terminou a organização da vila, tem mais coisas que nós precisamos, e nós precisamos nos organizar pra irmos buscar essas novas coisas, essas melhorias que nós precisamos né, é a cancha também né, foi conquistada, nós precisamos né, não é a cancha é a cancha, nós precisamos equipar, trazer outros equipamentos que, botar academia de ginastica, construir uma sede pra nossa associação, sabe o que que eu sonho, um sonho? Eu nunca falei isso para ninguém, mas é um sonho que eu tenho Ivo, é de um dia ter uma piscina aqui pra população...
01:05:12 - Paula: Ahhhhhh, acho que ia faltar espaço (risos)...
01:05:13 - João: Eu vejo muito agora principalmente...
01:05:19 - Ivo: Do valão ao piscinão (risos) ....
01:05:20 - João: Eu vejo muito agora em Porto Alegre, abriu a temporada das piscinas públicas né, aonde as pessoas né, com uma pequena mensalidade se associam ali e vão lá né, no verão podem participar lá né, as crianças tomar banho né, se refrescar, é um sonho meu que um dia a vila pudesse ter um locar onde pudesse construir uma piscina onde todos os moradores da vila pudessem ir ali e participar, e as crianças principalmente né, não tem que estar cada uma piscininha de plástico no seu quintal lá né, mas só que pra isso, pra isso acontecer, depende de nós, como organização, como pessoas, batalhar e correr atrás dos recursos.
01:05:58 - Jair: O João me faz recordar de antes que eu falei aqui antes pra Canoas eu era pequeninho, depois eu saí de Canoas e depois voltei, nós tomávamos banho de valão mesmo, lá na granja de arroz da santo operário ali, tomávamos banho de valão e claro era outra época né, hoje dá pra pensar nisso...
01:06:14 - Paula: Pior ...
01:06:16 - Jair: Quando era pequeno dava, então imagina, é um sonho né, que nascem do pensamento e em papel pra ser executado, então do valão pro piscinão...
01:06:16ss – Vários: (concordando)
01:06:26 - Paula: Piscinão da Romeiros...
01:06:27 - Ivo: Tá bem gente, muito obrigado pela presença ...

Trabalho de memória no Grupo Focal 3

APÊNDICE E: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado (a) participante:

Sou mestrando do Programa de Pós Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Unilasalle/Canoas e estou realizando uma pesquisa intitulada “Memória Social das lutas pela moradia nas narrativas dos moradores da vila União dos Operários”.

Esta pesquisa pretende investigar e sistematizar elementos de memória social do movimento social de ocupação territorial na Vila União dos Operários, de 1980 até este ano de 2014. Vou analisar a gênese e a consolidação da luta pelo acesso à moradia e às condições de habitabilidade na vila e identificar como as memórias organizam a identidade social a partir das narrativas ancoradas em eventos e acontecimentos ocorridos neste processo.

Você está sendo convidado (a) para participar de um grupo com mais seis ou sete moradores da vila, onde você será solicitado (a) a contar suas lembranças a respeito de fatos, eventos e acontecimentos que ocorreram ao longo deste período. A conversa será gravada em vídeo com duração aproximada de 120 minutos.

Sua participação nesse estudo é livre e voluntária. Deixo-lhe toda a liberdade para colaborar ou desistir em qualquer momento, sem nenhuma cobrança de minha parte.

( ) Concordo que minhas falas e meu nome sejam divulgadas;

( ) Não concordo que minha falas e meu nome sejam divulgados.

Este documento será emitido em duas vias: uma delas ficará com você, participante da pesquisa. A outra será arquivada por nós, pesquisadores. Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas com o pesquisador através do número de telefone 51.84007299.

_____ _____

Ivo Fiorotti – Mestrando Prof. Dr. Lucas Graeff – Orientador

Consinto, após a leitura do termo de consentimento, em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo.

Canoas, _____ de _____ de 2014.

_____

Nome e assinatura do (a) participante

ANEXO A - Ata de fundação da AMVUO

12.02

ATA DA FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DA VILA UNIÃO DOS OPERÁRIOS, EM CANOAS, RIO GRANDE DO SUL.

Aos vinte e cinco dias do Mês de maio do ano de mil novecentos e oitenta, num terreno de posse do Sr. Octacílio Pereira de Azevedo, às dez horas, local situado entre as Ruas Florianópolis e São Sepé, reuniram-se várias pessoas, cujos nomes seguem abaixo, com o propósito de fundarem / uma associação, sociedade civil, objetivando a defesa de seus direitos e interesses, especialmente á de habitação. Todos haviam sido previamente convocados. Foi escolhido para presidir a assembléia o Sr. Adão Antunes, o qual escolheu o advogado presente, Jacques Távora Alfonsin, para redigir esta ata.

Abertos os trabalhos pelo Sr. Presidente, e exposto aos presentes a ordem do dia, que constava de eleição de Diretoria e escolha de nome da Associação a ser fundada, além de Assuntos Gerais do interesse dos presentes passou-se à votação desses itens, não antes sem identificarem-se todos os presxntes, como moradores de fato dessa área de Canoas.

Escolheu-se o sistema de votação por aclamação.

Posta em votação a denominação da Associação, recebeu maior número de adesões a denominção "Associação dos Moradores da Vila União dos Operários".

Lido aos presentes o modelo de Estatuto da Associação de Bairros da Federação Rio-Grandense de Associações Comunitárias e Amigos de Bairros,/ que tem sede em Porto Alegre, todos os presentes, também por aclamação,/ os aprovaram integralmente, isto é, concordando em que a associação é de caráter representativo, reivindicatório, beneficiente, educativo, sem / propósitos lucrativos, visando a solução de problemas da Vila. A Associação não terá propósito político-partidário-religioso, nem admitirá discriminações de raça, cor e categoria social.

Já em obediência aos Estatutos, passou-se a seguir à eleição da Diretoria ficando amesma assim composta:

Presidente: José Garibaldi dos Santos
Vice-Presidente: Adão Antunes
1º Secretário: Valdemar da Rosa
2º Secretário: Arlindo Ferreira
1º Tesoureiro: Ivo Joaquim da Silva
2º Tesoureiro: Henrique Soares da Silva
Conselho Fiscal:
Maria Orientina da Silva Borges
José Almansor da Rosa
Nobrelino da Silva Neto
Rodolfo Nunes da Silva

.....Adão Antunes.....
Adão Antunes - Pres. dos Trabalhos

* O autógrafo dos participantes consta em livro de presenças da Associação.

Octacílio Pereira de Azevedo
Suplente:
Maria Isabel de Vargas

ANEXO B - Inicial do processo de Reintegração da Posse

AJA - assessoria jurídica associada

EXMO. SR. DR. JUIZ DE DIREITO DA VARA CÍVEL DA COMARCA DE CANOAS.

PAULO BLAUTH NEUJAHR e sua esposa HELENITA NORMA NEUJAHR, brasileiros, casados, ele engenheiro, ela do lar, residentes e domiciliados em Porto Alegre, na Rua C. Sales, nº 20, inscritos no CIC sob o nº 001.148.980-49; LAURO LINDEMANN e sua esposa ASTRID LINDEMANN, brasileiros, casados, ele enhgenheiro, ela do lar, residentes e domiciliados em Porto Alegre na rua 24 de outubro, nº 1000 ap. 501, inscritos no CIC nº 000.823.090-00, e, NELSON COVOLO e sua esposa THEREZINHA ALBINA MAZZINI COVOLO, brasileiros, casados, ele comerciante, ela do lar, residentes e domiciliados nesta Capital na rua dos Andradas nº 1234 ap. 2502, inscritos no CIC sob o nº 005.613.470-34, neste ato representados por seus procuradores no fim assinados, conforme instrumento de mandato que será juntado nos termos do art. 37, do Código de Processo Civil, vem a presença de V.Exa., requer a REINTEGRAÇÃO DE POSSE com "initio litis", para tanto expondo e requerendo o que segue:

1) Que os requerentes são proprietários de "uma área de terras, situada nesta cidade na Vila Mathias Velho, medindo 925 m. ao norte, à av. Rio Grande do Sul, por 458 m., de frente ao fundo entesta ao sul e divide a leste e oeste com terras que foram do Jockey Clube de Canoas. Dista 40 m. da rua São Sepé e 40 m. da rua Livramento, com benfeitorias existentes." Registrado no Livro 3-AD, fls. 76, sob o nº 49.089, em data de 30 de julho de 1973, conforme fotocópia da certidão em anexo (doc. nº 2).

2) Que os requerentes mantêm um guarda com família sobre a área desde que adquiriram a mesma, localizados nos prédios onde funcionava a administração do Jockey Clube, conforme fotografia anexa.

Anexo C – Acórdão n.º 100287119/83 do 1ª CC do Tribunal de Alçada

Estado do Rio Grande do Sul
PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE ALÇADA

D. DA JUSTIÇA Nº 214 de 11 / 11 / 83

SESSÃO DE 18 / novembro / 83

Primeiro Grupo de CAMARAS Cíveis

EMBARGOS INFRINGENTES

Nº 100287119 DE CANOAS

Nome das partes:

OCTACÍLIO PEREIRA DE AZEVEDO E S/M E OUTROS, embargantes;

PAULO BLAUTH NEUJAHR E S/M HELENITA NORMA NEUJAHR E OUTROS, embargados.

DR. LÚIZ MELÍBIO UIRAÇABA MACHADO
PRESIDENTE

DR. JOSÉ MARIA ROSA TESHEINER — DR. CACILDO DE ANDRADE XAVIER
DR. JOÃO AYMORÉ BARROS COSTA — DR. ADALBERTO LIBÓRIO BARROS — REL.
DR. LUIZ FERNANDO BORGES DA FONSECA-REV. — DR. LIO CEZAR SCHMITT
DR. WALDEMAR LUIZ DE FREITAS FILHO — DR. CLARINDO FAVRETTO

PROCURADOR DA JUSTIÇA

DECISÃO

" CONTRA O VOTO DOS JUÍZES LUIZ FERNANDO BORGES DA FONSECA, JOÃO AYMORÉ BARROS COSTA, LIO CEZAR SCHMITT, CLARINDO FAVRETTO, ACOLHERAM OS EMBARGOS PARA JULGAR IMPROCEDENTE A AÇÃO, INVERTENDO-SE OS ÔNUS DA SUCUMBÊNCIA. FARÃO DECLARAÇÃO DE VOTO OS DRS. LIO CEZAR SCHMITT E JOSÉ M. R. TESHEINER. "

Presidente

JA - 27

ALB-100287119 ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE ALÇADA

sucumbência.

Custas, na forma da lei.

Resolveram os Juízes do 1º Grupo acolher os embargos infringentes, para julgarem a ação improcedente, após longamente debatida a causa, sob todos os seus ângulos, inclusive o social, no caso até preponderante. Consoante argutamente observou o eminente Juiz ANTÔNIO AUGUSTO FERNANDES, prolator do voto vencido, esta não é uma demanda comum, simplesmente envolvendo, de um lado, o proprietário ou possuidor do imóvel, cuja posse alega ter sido turbada, e de outro, o solitário e clássico esbulhador. Aqui está presente, claramente, um outro importante ingrediente, a exercer forte influência no espírito do julgador: uma delicada questão social, que a inércia inicial dos autores ajudou a criar.

Ao Juiz não é dado decidir apenas com o sentimento, desde que sua função essencial é fazer cumprir as normas legais vigentes, que se presumem justas e adequadas à solução dos conflitos. Mas também não é ele um frio aplicador do texto, cabendo-lhe interpretá-lo, não raro, à luz da justiça social, de vez que muitas das normas escritas são vetustas, permanecendo estanques em códigos empoeirados, distantes da realidade atual do País. E então ocorre o conflito do direito escrito com a justiça ideal, obrigando o julgador a fazer uma consciente opção. Não é, propriamente, este o caso em tela de julgamento, onde a prova não é desfavorável aos embargantes, de modo que sua

AIB -100287119 ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE ALÇADA

pretensão pudesse ser deferida unicamente com base na contemplação de suas deficiências sociais, de sua premência de vida, que os impelem a lançar frágeis alicerces e erguer arremedos de casas no primeiro terreno enxarcado que encontram abandonados, desprotegido, ou mal cuidado. Não. Há muitos fatores jurídicos a apoiarem sua ação, como bem salientou o erudito voto vencido, e que passa a referir. Assim:

1. - os autores são proprietários, em condomínio, de uma extensa área de, aproximadamente, 42 hectares de terras, nas proximidades da cidade de Canoas, e alegam exercer posse efetiva sobre toda ela, mantendo-a devidamente cercada, com cerca de oito fios de arame. Mesmo assim, os réus invadiram parte dessa área, cortando a cerca e instalando "malocas", o que caracteriza o esbulho. A prova desses fatos, todavia, não foi feita pelos autores satisfatoriamente, como lhes competia. Desdobraremos essa primeira questão:

a) cerca em torno da área total. Quatro testemunhas, arroladas pelos autores, depuseram a esse respeito. A primeira, ÊNIO OLIVEIRA, declarou que, desde 1963 ou 1964, "participava de churrascos feitos no galpão situado no local, por um dos proprietários, NELSON COVOLO, com o qual mantém relação de amizade há mais de trinta anos", e inclusive já tiveram relações comerciais"(fl. 76). É manifesta a vinculação da testemunha com a parte. ÁLVARO PETRACO DA CUNHA, conceituado médico porto-alegrense, diz não ter lembrança se a área já estava cercada

naquela época. JOÃO ALTAIR POCAKI menciona que apenas parte da terra estava cercada (fl. 77), enquanto NÉZIO PAIM GUEDES FILHO declara não ter condições de esclarecer se a cerca tinha sido instalada recentemente.

Assim, a prova quanto a essa importante questão da cerca, se abrangia toda a área ou parte dela, é indecisa, insegura. Sendo a posse um fato, que precisa ser demonstrado, e não o simples consectário do título de domínio, para o fim específico do julgamento das lides possessórias, não se aceita a prova, quando frágil ou insuficiente. Na dúvida, é aceitável a alegação dos embargantes de que parte do imóvel, precisamente a ocupada, não tinha tapume, estava "dando sopa".

b) corte de cerca pelos réus. Se não ficou demonstrada a existência da cerca, a proteger a parte invadida, à época da invasão, não se aceita o alegado corte, por inverossímil. Não se corta o inexistente, que a tanto se equipara, para efeito de prova, o indemonstrado.

2. - Suspeição das testemunhas dos réus. É inaceitável essa suspeição, mesmo com a ressalva de que não se trata da definida no CPC, mas a decorrente da solidariedade entre posseiros de uma e de outra área. Nesse caso, seria de suspeitar-se, igualmente, das testemunhas do autor, do seu nível social e do seu círculo de relações. Os ricos ou remediados se solidarizam entre si, e os pobres com os pobres, quando podem, porque nem sempre têm independência para tanto. Se algum tinha possibi

possibilidade de fornecer extensão de luz aos vizinhos, é natural que o fizesse.

3. - Posse violenta. Não houve violência, de qualquer espécie, por parte dos posseiros. Estes é que foram vítimas, e não apenas da marginalização que a sociedade lhes impõe, de tal sorte que, para viverem, ou sobreviverem, necessitam ocupar terrenos baldios, alguns enxarcados, para construírem suas moradias. Há notícias nos autos de que foram ameaçados, alguns espancados e outro teve a casa incendiada.

4. Má-fé. Não há prova de má-fé, que se define juridicamente como a "consciência da ilicitude, o ânimo ou estado psicológico de quem, voluntária ou conscientemente, pratica qualquer ato visando enganar ou prejudicar outrem, em proveito próprio ou alheio" (Piragibe e Malta - "Dicionário Jurídico"). Aqui não houve malícia, mas autêntico estado de necessidade. Não houve intuito de prejudicar, mas necessidade de sobrevivência.

5. - Posse clandestina. Também não está presente. Clandestino é o que se faz às escondidas, secretamente, para ocultar um ato mal feito. Não houve isso. São mais de cem (100) casas, inadmitindo-se que todas tenham sido erguidas à noite, se nem luz elétrica existia anteriormente à construção, o que só foi conseguido "a posteriori", mediante colaboração dos vizinhos.

Resumindo, o que se tem como certo é que os réus passaram a ocupar parte das terras dos autores, sobre a qual estes não demonstraram posse efetiva an

anterior, embora tanham comprovado o domínio. As casas, ou algumas delas, situam-se dentro da área cercada, sem comprovação de que estivesse cercada antes da alegada invasão, havendo divergência na prova, nesse ponto. Parece, assim, evidente que a ação apropriada seria a reinvindicatória, como reiteradamente têm sustentado os embargantes. Essa seria a eventual solução jurídica, desde que a solução prática desse grave problema social refoge à esfera de ação do Poder Judiciário.

É por essas razões que a maioria acolhe o brilhante, jurídico, e, sobretudo, humano voto vencido. Poder-se-á até dizer que mais humano que jurídico, mas não se pode negar que ele encontra sustentáculo na lei e na doutrina, como nele próprio restou demonstrado. A propósito, é conveniente que se tenha sempre presente o conceito de PIERO CALAMANDREI, transcrito no Volume 10, da Revista do Curso de Direito da Universidade Federal de Uberlândia:

> "Una piccola bilancia simbolica che da una parte sostiene due grossi volumi infolio e dall'altra una rosa; e si vede, poiché il secondo piatto se abbassa, che sulla bilancia della giustizia, la lieve rosa pesa piu della ponderosa dottrina".

Muitas vezes, nos pratos da balança da Justiça é necessário que a frágil rosa pese mais que a poderosa doutrina. É o caso presente, em que mais de cem (100) famílias de posseiros estão na iminência de ser

ALB-100287119 ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE ALÇADA

despejadas, para serem lançadas não se sabe onde, quando os proprietários tiveram culpa, com sua inércia inicial, na formação dessa vila de marginados. Se o direito socorre esses proprietários, terão que utilizar-se do remédio jurídico próprio, pois aqui não demonstraram um dos elementos básicos da ação possessória: o exercício da anterior posse efetiva sobre o imóvel.

Participaram do julgamento, além dos signatários, os Exmos. Srs. Drs. Juízes Luiz Melíbio Uiraçaba Machado, Presidente, Cacildo de Andrade Xavier, João Aymoré Barros Costa, Luiz Fernando Borges da Fonseca, Waldemar Luiz de Freitas Filho e Clarindo Favretto.

Porto Alegre, 18 de novembro de 1983.

ADALBERTO LIBÓRIO BARROS,
Relator

JOSÉ MARIA ROSA TESHEINER,
Declaração de voto

Esta não é uma possessória igual a tantas outras, em que são indivíduos os que contendem. Aqui, é uma coletividade que se apresenta como ré. Busca-se reintegrar na posse uns poucos e demitir da posse uma comunidade, uma vila. Essa a peculiaridade a destacar desde logo, porque não se encontra na lei solução expressa para hipóteses como a presente.

AIB-100287119 ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE ALÇADA

O direito, ensina Miguel Reale, não se restringe apenas às normas, mas compreende também fatos e valores. Assim, uma visão integral do Direito exige, não só no plano da filosofia, mas também e muito mais no da prática judicial, que os julgamentos levem em conta não só as normas legais, estabelecidas para resolver casos que usualmente costumam ocorrer, mas também os novos fatos sociais, não previstos nas leis, e que devem ser objeto de valoração contemporânea, não necessariamente igual à que fariam os que legislaram no passado.

Lembra Helmut Coing (Fundamentos de Filosofia del Derecho) que três são as funções do juiz: a de aplicar as leis, que é a mais freqüente; a de integrar o Direito, através da qual se colmam lacunas e, finalmente, a mais importante, a de fazer justiça.

Para o juiz, o valor "justiça" deve estar no ápice da hierarquia dos valores. Constitui, talvez, deformação imputável ao positivismo jurídico a circunstância de no foro indagar-se tanto a respeito da solução legal, e tão menos da solução justa.

Ora, colocados na balança da justiça, de um lado os interesses de três casais, para os quais a área em litígio representa muito, mas não é fundamental, e de outro, os de 90 ou mais famílias, para as quais essa mesma área é condição de vida digna, parece não ser difícil determinar para que lado pende a balança.

O Judiciário, por ser um Poder, não

pode ficar apenas na posição subalterna de obediência a comandos emitidos pelos demais poderes. Deve colaborar com o Legislativo e o Executivo na solução dos problemas sociais, especialmente quando se apresentam hipóteses que não se prestam à edição de normas abstratas, exigindo solução concreta, caso a caso.

Não pode o Judiciário ser injusto, aguardando que sobrevenha lei justa, máxime quando o legislador se omite, temeroso das conseqüências que possam advir da emissão de norma geral, perigo que o Judiciário pode enfrentar, porque suas decisões não são leis, valendo apenas para o caso.

Opus justitiae pax. É, então, de se perguntar qual a solução mais consetânea com a paz social. E a resposta, mais uma vez, pende para os "vileiros", especialmente se levada em conta a crise econômica que ora atravessamos, com levas de trabalhadores sem emprego, sem casa e sem comida.

Afirmou-se, no início, não se encontrar na lei solução expressa para o caso dos autos, o que não é verdade, porque a Constituição, que é a lei maior e prepondera sobre qualquer outra, consagra a função social da propriedade.

Não precisava, pois, concordar com o relator, para votar como votei.

...

ALB-100287119 ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE ALÇADA

10.

LIO CEZAR SCHMITT,

Declaração de voto

Quanto ao mérito, a partir da análise da prova e da aplicação do direito, mantenho o voto proferido na colenda 1ª Câmara Cível e que o eminente Relator do Acórdão embargado teve a gentileza de transcrever, na íntegra. Nada tenho a acrescentar.

Entretanto, em face do rumo que tomou o julgamento dos presentes embargos infringentes, impõe-se a colocação de alguns conceitos.

> 'Le premier devoir que la loi impose au magistrat est de la respecter. Cette règle que, à première vue, apparait um simple truisme, manifeste toute son incidence au regard de la doctrine contemporaine en matière d'interpretation judiciaire, laquelle tend à reguler les frontières da la jurisprudence au bénéfice de la fonction régulatrice des tribunaux. Il est essentiel de retenir que, dans l'exercice même des prérrogatives de la "libre recherce scientifique", le magistrat ne peut jamais perdre de vue que c'est, en definitive, cette loi même, et qu'il interprète de manière large, qui est le seul titre et la seule mesure de son intervention' (Warlomont, René - Le magistrat, son statut e sa fonction).

No momento em que a soberania do Estado se tripartiu em funções específicas, atribuiu-se ao Judiciário a função jurisdicional.

ALB-100287119

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE ALÇADA

Nunca é demais insistir-se que ao Judiciário cabe aplicar o direito (dizer o direito) às situações contenciosas para que prevaleça o valor justiça.

Não é justa a solução jurisdicional que afronta o direito. Pode ser caridosa, quando muito. Mas não é função do órgão jurisdicional praticar a caridade, no sentido popular do termo, isto é, condoendo-se diante de uma situação social e buscando superá-la no bojo do processo, ao arrepio da lei, por motivos meramente morais.

Na cena judiciária, o conceito de justiça conforma-se ao conceito de direito. E, se não se confunde com a legalidade, não pode aberrar ao ordenamento jurídico posto. Aqui, o conceito de justiça não se confunde com a Moral.

'Os juízes protegem direitos. Nada mais do que isso' (Mário Guimarães, o Juiz e a Função Jurisdicional, pág. 34 - forense, 1ª Ed.).

'Justitia est constans et perpetua voluntas jus suum cuique tribundi' (L. lo, tit. de justitia et jure). É um valor, é um ideal, é um projeto, é uma conformidade existencial.

Armando Câmara, analisando a gênese do conceito de justiça, ressalta que o "homem constrói o direito, constrói normatividades" e acrescenta que, na busca da justiça se deve ir ao direito, porque:

> "o direito é a objetivação da justiça, é a justiça objetivada. E nós podemos apreender a justiça tão-só pelo caminho de sua objetivação. Havendo apreendido normas devemos fazer um esforço indutivo, para vermos o valor que se oculta nestas normas e nelas se expressam. Este valor é a justiça. O comportamento humano que encontramos é um comportamento humano no qual já se fazia sentir, espontaneamente, a existência de normas. É um comportamento humano no qual já está a idéia de justiça" (Ajuris-3, página 145).

Ora, a justiça prestada pelo órgão jurisdicional é a justiça que flui o direito. Não a justiça moral. E se a norma legal não aberra ao direito, impõe-se ao juiz aplicá-la, ainda que lhe pareça injusta. Mesmo que o faça constrangidamente. O princípio da divisão dos poderes do Estado (ou da divisão das funções da soberania do Estado) veda ao juiz a não-aplicação da lei, ou porque não comunga com suas raízes, ou porque lhe desagradam as conseqüências.

O judiciário não formula regras jurídicas. Não é da sua competência. O legislativo elabora as leis. O judiciário as interpreta, colmando lacunas, quando presentes, visando à justiça.

Mas não colhe alegar-se lacuna, se a norma se mostra plena. Nem colhe remeter-se à interpretação do claro, do meridiano, do definido, do legalmente gizado, para obviar-se uma dolorosa situação que pode e

deve encontrar solução por ato da administração (a função executiva da soberania Estatal).

O judiciário, na busca da justiça, completará a lei lacunosa, lapidará as arestas injustas da lei, lhe emprestará uma valoração que fuja à simples e mera redação, mas não pode negá-la.

Quando o artigo 5º da Lei de Introdução ao Código Civil prescreve que, 'na aplicação da lei, o juiz atenderá aos fins sociais a que ela se dirige e às exigências do bem comum', está afirmando que o direito positivo se coloca como regramento das relações intersubjetivas visando à paz social e ao bem comum. Não está, porém, dizendo que as normas de direito privado que atribuem direitos ao cidadão devem ser desconsideradas pelo juiz ou devem ceder, em face de pressões de ordem social.

Provando a parte o seu direito, faz-se justiça dizendo o direito e garantindo-o. Não provando a parte o seu direito, não se lhe faz justiça, deferindo-o.

No caso presente, o problema social dos embargantes, se soluciona através da desapropriação do imóvel, da competência do Estado-Administração. A função social da propriedade, como definida na C.F., justamente, se impõe, corretivamente, através do processo expropriatório.

As normas de direito privado acerca

da proteção possessória não são injustas. Não aberram ao direito. Não ferem sequer a lei natural. Não é, pois, o caso, de se aguardar a criação de uma lei justa, ou a derrogação da lei injusta.

Deferir-se em favor de quem não tem direito para posse de um imóvel somente porque se trata de uma vila popular, para obviar-se uma crise social e porque não é moralmente justo, é praticar-se o confisco através da jurisdição. E o confisco aberra à lei, ao direito e à justiça.

Com a devida vênia, a pior das ditaduras é a ditadura do judiciário. No momento em que o judiciário se contrapõe ao ordenamento jurídico, para realizar a reforma social de que este país está necessitado, subverte a ordem jurídica que lhe cumpre defender e extrapola os limites de sua função.

Bergenthal se queixa de falta de apoio do Governo

"Se o governo realmente defende os posseiros, porque não desapropria a área, paga a indenização e distribui entre eles?", desabafa o empresário Air Bergenthal. Segundo ele, as autoridades estão apenas enrolando e até agora nada resolveram. "Não temos apoio de ninguém. Já procurei o secretário de Segurança Pública, secretário Extraordinário para Assuntos da Grande Porto Alegre, Comando da Brigada Militar, Secretaria de Segurança Pública, Chefe de Polícia, e todos vêm apenas com desculpas evasivas sem apresentar qualquer solução".

Ele diz que os posseiros é que está agindo de forma violenta e que as autoridades do país está fazendo vistas grossas para o problema social que deveriam resolver. O empresário Air Bergenthal salienta que sua imobiliária doou à Prefeitura Municipal de Canoas e à Brigada Militar, gratuitamente, vários prédios dentro da área onde foram feitos creche, colégios, posto de saúde e até um posto de cavalaria, mas reclama que na hora em que necessita de ajuda, ninguém faz nada. Segundo ele, o Comando da Brigada Militar já declarou que só poderá expulsar os posseiros quando houver um mandado judicial. "Enquanto isso, eles se negam a comparecer no local e cada vez vai entrando mais gente em nossa propriedade".

De acordo com o empresário, o grande problema se agravou a partir do mês de março, quando foi realizada na propriedade a VII Romaria da Terra, patrocinada por entidades classistas e religiosas. "De uma hora para outra", acusa, "começou a aumentar o número de posseiros, passando de 90 para mais de 200 famílias. Antes disso, chegamos a oferecer à prefeitura municipal três hectares para que as 90 famílias não precisassem sair. Esta proposta chegou ao conhecimento do governo do Estado, mas não obtivemos resposta nenhuma".

Ninguém ganhou ainda

Ninguém ganhou a ação ainda, responde Air Bergenthal ao ser indagado sobre o despacho dado pelo grupo cível a favor dos posseiros. "O que aconteceu," opina, "foi um absurdo. Entramos com ação de reintegração de posse e os juízes alegaram que não ocupávamos totalmente o terreno. Depois pedimos um recurso extraordinário que foi indeferido. Eles não tinham embasamento legal para dar posse aos que invadiram a área. Essa jurisprudência foi criada por eles e não aceitamos".

O empresário garantiu que já entrou com um recurso extraordinário e argüição de relevância no Supremo Tribunal Federal que foi aceita e está sendo julgada. Segundo ele, o primeiro grupo cível do Tribunal de Alçada abriu um precedente perigoso, pois a partir de agora poderão ocorrer invasões em muitas outras áreas situadas próximas à região urbana e que não estiverem sendo totalmente utilizadas.

Justiça afirma que não houve posse clandestina

A luta dos posseiros da antiga área do Prado da Vila Mathias Velho, para garantir o direito de posse, já remonta há vários anos. "No princípio", dizem eles, "Air Bergental queria toda a área de 42 hectares e mantinha jagunços armados que derrubavam casas e chegaram a ferir uma pessoa". Mas com as sentenças favoráveis na Justiça e as dificuldades em remover as famílias já instaladas, ele mudou a tática, tentando fechar cerca de um terço da área que ainda não foi ocupada e, onde os posseiros pretendiam fazer uma horta comunitária.

No final do ano passado as pessoas que se dizem proprietárias da área, entraram no Tribunal de Alçada com uma ação de reintegração de posse. No entanto, o despacho dado pelo presidente, Luiz Melíbio Uiraçaba Machado, considera improcedente a ação. O primeiro grupo de Câmara Cíveis, depois de debater longamente a questão, diz que "não é uma demanda comum, simplesmente envolvendo, de um lado o proprietário ou possuidor do imóvel, cuja posse alega ter sido turbada, e de outro, o solitário e clássico esbulhador. Aqui está presente, claramente, um outro importante ingrediente, a exercer forte influência no espírito do julgador: uma delicada questão social, que a inércia inicial dos autores ajudou a criar".

Os autores da ação alegaram exercer efetiva posse sobre toda a área, mantendo-a devidamente cercada com oito fios de arame. No entanto, as quatro testemunhas que eles próprios arrolaram deram informações "indecisas e inseguras", sobre se a cerca abrangia toda a área ou apenas parte dela.

Assim, os juízes do 1° grupo cível repelem as questões levantadas pelos autores da ação, descartando um a um os itens. Em relação a argumentada "posse violenta", eles afirmam que não houve violência de qualquer espécie, por parte dos posseiros. "Estes é que foram vítimas e não apenas da marginalização que a sociedade lhes impõe, de tal sorte que, para viverem ou sobreviverem, necessitam ocupar terrenos baldios, alguns encharcados, para construírem suas moradias. Há notícias nos autos de que foram ameaçados, alguns espancados e outro teve a casa incendiada". Em relação à alegada má fé, os juízes argumentam que não houve malícia, mas um autêntico estado de necessidade por parte dos posseiros. E que eles não tiveram o intuito de prejudicar ninguém, senão que agiram por necessidade de sobrevivência.

Finalmente eles descartam a possibilidade de "posse clandestina", justificando que clandestino é o que se faz às escondidas, secretamente, para ocultar um ato mal feito. "Não houve isso. São mais de 100 casas, inadmitindo-se que todas tenham sido erguidas à noite, se nem luz elétrica existia anteriormente à construção, o que só foi conseguido posteriormente, mediante colaboração de vizinhos". No último mês de abril, o juiz presidente Luiz Melíbio Uiraçaba Machado, indeferiu um recurso extraordinário, impetrado pelos que se dizem proprietários. Eles alegaram ofensa ao direito de propriedade consagrado no artigo 153, parágrafo 22 da Constituição Federal. O juiz, no entanto, alegou que inexiste a alegada questão constitucional e que a ação apropriada era reivindicatória e não possessória, como argumentavam os autores.

ZERO HORA — Domingo, 15.07.84 — PÁGINA 27

Anexo D - Zero Hora, 15/07/84, p.27

ANEXO E – Livro de Presenças da AMVUO, p.24

ATA DO DIA 28. DE FEVEREIRO DE 1982

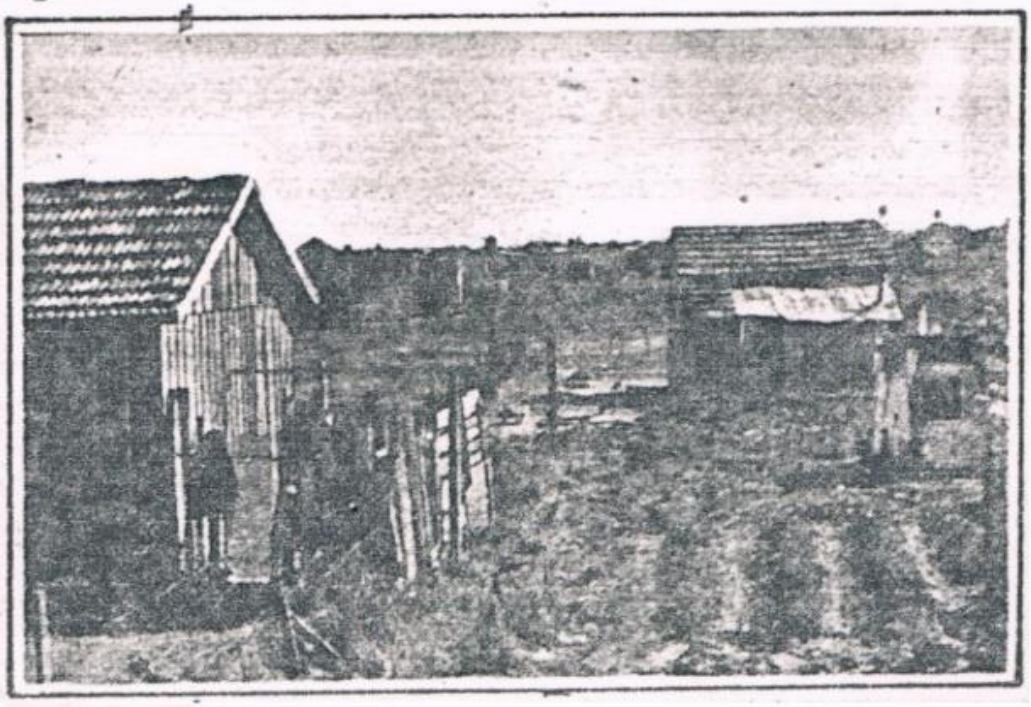
Foi tratado na reunião do mesmo dia
que uma comição eria no comando da
Brigada falar com o tenente no proximo dia
sobre as agreçois da Brigada com
os moradores da Vila União dos operarios
[illegible] A onde esta comição foi escolhido
pelos moradores e foi composto pelas seguintes
pessoas Élcio Valdemar, Bracidina
Brandina, francisco e mais outros companentes
esta comição conseguiu que o tenente viesse
aqui e celecionaçe os problema dos moradores

PREZIDENTE

Élcio .A. de Oliveira

ANEXO F – Jornal O Timoneiro, 04/05/84, p.15

Conflito fez sua primeira vítima



O conflito entre posseiros e guardas, na antiga zona do prado, fez sua primeira vítima, o carpinteiro de nome Pedro Valmor Guterres de 25 anos de idade, casado, pai de um bebê de quatro meses. Ele mora há duas semanas no local e foi alvejado com um tiro de arma de caça, calibre 20, disparado por um dos guardas que tentavam expulsar alguns ocupantes da área.

Pedro foi levado ao Hospital Nossa Senhora das Graças, onde foi medicado e ficou sob observação. Não teve de ser operado.

A HISTÓRIA

Segundo Pedro, ele e outros posseiros se reuniram para impedir a ação agressiva dos guardas. No enfrentamennto, um destes perdeu a calma e disparou sua arma.

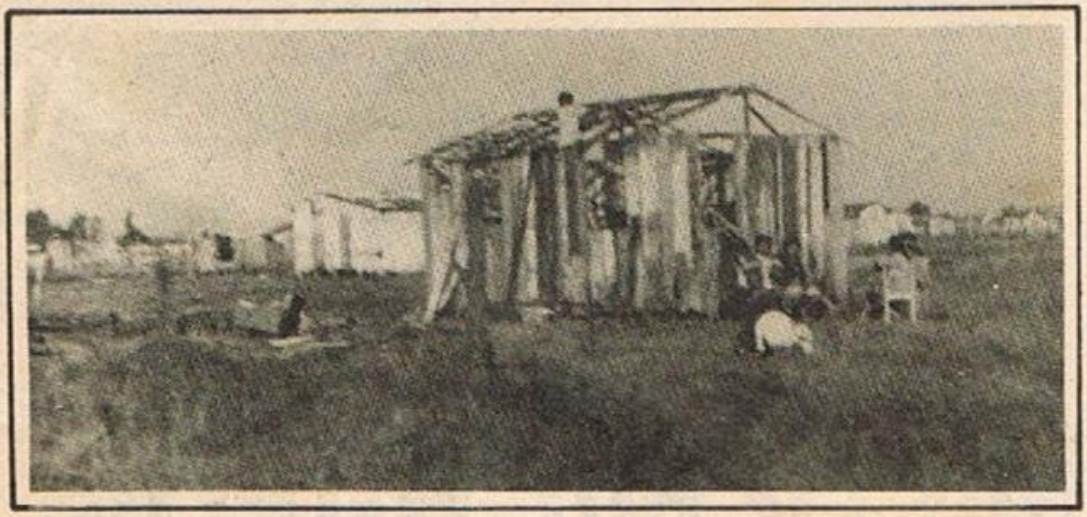
Conforme outros envolvidos, naquele dia, domingo, os guardas já haviam agido com violência contra os moradores. Após essa primeira agressão, eles procuraram a Brigada Militar, que tem uma guarnição ali perto, pediram providências e não foram atendidos sob a desculpa de que a viatura estava fora. Além disso, disseram que tinha determinações para não entrarem na área do antigo prado. Isto revoltou os posseiros, que afirmam que a Brigada só intervém para proteger a ação dos "jagunços" de Air Berguental, administrador da propriedade.

ANEXO G – Jornal O Timoneiro, 14/09/84, p.11

Prado: Proprietário faz proposta a posseiros

A área do antigo prado, na Matias Velho, está 70% ocupada por posseiros, que a invadiram para construir pequenos barracos, numa tentativa de conseguir um local para morar.

O administrador da área, Air. Benguental, transigiu de suas intenções de retomar a terra, procurando o defensor dos poseiros, advogado Jaques Alfonsin, através da Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa, para propor um acordo e encerrar a disputa. Alfonsin já conseguiu ganhar o "direito de permanência" para os posseiros no Tribunal da Alçada, em Porto Alegre, mas Benguental não aceita esta decisão. Agora, com a área ocupada, fez proposta de reestudar seu projeto de loteamento para a área, transformando-o em loteamento popular. A princípio a idéia agradou aos posseiros que desejam comprar sues lotes, mas o projeto só será viável se o Governo apoiar a iniciativa, com a COHAB absorvendo o empreendimento, instituindo-o como plano tipo PROFILURB, cujas prestações ficam em aproximadamente 15% do salário mínimo.



Casas surgem da noite para o dia.

ANEXO H – Compromisso Público

COMPROMISSO PÚBLICO DE CANDIDATO À PREFEITURA DE CANOAS, PARA SER CUMPRIDO ASSIM QUE O SIGNATÁRIO SEJA ELEITO PREFEITO DA CIDADE.

Comprometo-me, se for eleito prefeito da cidade de Canoas, a garantir aos moradores da Vila União dos Operários, o que segue:

1. Quanto à moradia: reconhecimento, sem reservas, de todos os efeitos da vitória judicial, pelos moradores da Vila obtida, junto ao Tribunal de Alçada do Estado; qualquer projeto urbanístico, a ser implantado na Vila, deverá contar sempre com consulta prévia dos moradores, respeitada a posse de cada um.
2. Quanto à saúde: instalação de um posto médico, com capacidade de atendimento a toda a população; fornecimento de remédios gratuitos para os moradores mais carentes.
3. Quanto à educação: garantia de colégio, para as crianças, até a oitava série; creche ampliada e gratuita.
4. Quanto ao trabalho: preferência aos moradores da Vila, para o preenchimento de cargos públicos municipais, dos serviços diretamente ligados à ela (como a creche e o colégio, por exemplo) que podem ter suas vagas preenchidas sob regime contratual, estatutário ou outro, a ser combinado com a Associação de moradores; ampla assistência social aos desempregados.
5. Quanto à infra-estrutura urbana: aterro e arrumação de todas as ruas, com saneamento básico; água encanada para todas as ruas da Vila, com cobrança de taxa social para os moradores; instalação de rede elétrica, para fornecimento de luz às casas e às ruas, com cobrança de taxa social para os moradores. Instalação de telefones públicos.
6. Quanto à segurança pública: garantia de proteção, aos moradores da Vila, contra todo e tipo de violência, parta de onde partir.
7. Quanto ao lazer: instalação de praça de recreio infantil, com os equipamentos próprios (balanços, escorregador, gangorra etc...)

Por ser verdade, mandei datilografar o presente instrumento, o qual, depois de lido e achado conforme a minha vontade, assino, na presença de duas testemunhas instrumentárias. Já em princípios de 1986, se for eleito prefeito, colocarei em execução o atendimento destas reivindicações, a mim apresentadas pela Associação de Moradores da Vila. Com isso, antecipo meu apoio à ampliação dos poderes e das rendas dos municípios brasileiros, a serem consagradas pela futura Constituição do país, para atendimento prioritário das necessidades e dos direitos dos mais pobres.

Canoas, 31 de agosto de 1985

Candidato a prefeito

Testemunha

Testemunha

- PROPOSTA DE EMENDA POPULAR ACERCA DO USO DO SOLO -

Nós, abaixo firmados, lemos a proposta constitucional popular, que se encontra redigida no verso desta folha, e, em sinal de concordância com a mesma, assinamos:

As Entidades: ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DA VILA UNIÃO DOS OPERÁRIOS, Rua dos Romeiros, 296, CGC nº 90093485/0001-06;SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS MECÂNICAS E DE MATERIAL ELÉTRICO DE CANOAS,Rua Caramuru,330, CGC nº 90811803/0001-19; ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DA GRANDE SANTA ROSA, Rua B, 230, CGC nº88012240/001-57, por seus representantes legais abaixo firmados, no uso dos poderes que a elas confere o art. 24 da Resolução nº2/87, da Assembléia Nacional Constituinte, e

CONSIDERANDO:

1º) que o direito à casa e à comida integra o direito personalíssimo à vida, de cada cidadão;

2º) que a população pobre, do Brasil, jamais poderá exercer tal direito, com dignidade, enquanto o acesso à terra continuar entregue ao livre jogo do mercado, já que, quanto maior o número de pretendentes à tal acesso, maior o preço que, dele, deverá ser cobrado;

3º) que é função do Estado, unido ao povo, garantir o bem estar social, por uma democracia realmente participativa,

RESOLVEM:

Propor a inclusão, na Constituição do país, dos artigos infra escritos, sob forma de emenda, abonando as assinaturas dos eleitores que apoiam esta iniciativa, apostas no verso desta folha:

Artigo a) – O solo deixa de ser mercadoria. A propriedade privada e a posse do solo e suas acessões, quando superiores às necessidades pessoais básicas do proprietário ou possuidor, ficam com o exercício disciplinado, por lei, pela Pessoa jurídica de Direito Público competente.

Artigo b) – O direito à alimentação e à habitação prefere a qualquer outro uso que possa ser suportado pelo solo.

Artigo c) – O uso, gozo e disposição do solo obedecem à convivência social circunvizinha, medida, na forma da lei, pela comunidade e pela autoridade pública.

Artigo d) – Nenhum conflito posse-propriedade, sobre solo, será decidido, administrativa ou judicialmente, sem conferência rigorosa do estado de necessidade que, porventura, o tenha gerado.

Artigo e) – É criado o módulo social, expressão quantitativa do direito da pessoa a um espaço vital alimentício e a um espaço vital de radicação, medido, semestralmente, por região do país, na forma da lei, e sem prejuízo do disposto no artigo c, de forma a relacionar as necessidades da população quanto ao aproveitamento do solo,com as potencialidades sociais, ecológicas e econômicas deste.

Parágrado primeiro. As possibilidades de trabalho, a mão de obra disponível, o mais fácil acesso de todos à produção, à circulação, ao consumo dos bens, o número das pessoas carentes de comida e casa, são variáveis de consideração obrigatória na mensuração deste módulo.

Parágrafo segundo. Qualquer planejamento público ou privado sobre solo, que envolva o interesse de 10(dez) ou mais famílias, deve se submeter, obrigatoriamente, ao módulo regional.

Artigo f) – É de 18(dezoito) meses, contados da promulgação desta constituição, o prazo para a lei disciplinadora do módulo social ser publicada e entrar em vigor.

Clésio Aires de Oliveira
Presidente da Associação dos Moradores da Vila União dos Operários-Canoas – RS.

Gilmar Pedruzzi
Presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Met. Mec. e de Mat. Elétrico de Canoas-Canoas – RS.

Virgílio Manuel Aurélio
Presidente da Associação dos Moradores da Grande Santa Rosa – Porto Alegre- RS.

Anexo J - Ata da AMVUO, 07/06/87

Aos sete dias do mês de junho de mil novecentos e oitenta e sete, às 10 horas da manhã, junto à sede provisória da Associação dos Moradores da Vila União dos Operários, Rua dos Romeiros, 84, instalou-se a Assembléia Geral Ordinária Eletiva, onde o Presidente da Coordenação que findou, Clésio Aires de Oliveira, deu a abertura dos trabalhos, fazendo um suscinto relato das atividades da diretoria que findou suas atividades, muito emocionado, bem acolhido por todos os presentes Salientou que a Vila União dos Operários está vivendo mais um importante momento histórico, o momento em que os que coordenam as atividades da Associação estão deixando este serviço para outros companheiros de luta, com a certeza de que a caminhada de lutas, de conquistas, de sofrimentos e de organização do povo a partir de todos nas quadras junto com a Coordenação da Associação, seria continuada e cada vez com mais vigor. Relatou as conquistas da urbanização da vila feita pelos próprios moradores, falou da participação na época do desemprego, conquistando as Frentes de Trabalho por mais de dois anos, de participação nas AIS(Ações Integradas de Saúde), na conquista da água e da luz. Falou da manutenção da luta, após a vitória da posse da terra, não nos deixando corromper pelo espírito individualista da sociedade capitalista de ter a propriedade(o título). Conclamou para que esta luta fosse cada vez mais entendida por todos e valorizada, pois é muito importante na caminhada dos trabalhadores. Falou do debate com os candidatos na época das eleições municipais e dos compromissos que o candidato eleito assumiu, bem como o vigor com que a associação procurou o cumprimento das promessas, reconhecendo que ainda falta muita coisa. Agradeceu a todos os moradores pela compreensão e apoio, principalmente os que conseguiram entender a impossibilidade atendimentos individuais, e que se engajaram na luta pelo bem de todos os moradores. Falou convicto de que os que iriam assumir continuariam nos mesmos rumos que até aqui foram escolhidos. Lamentou não poder mais continuar, por um lado, mas está muito contente por ver que há companheiros dispostos a continuar a batalha, concretizando-se o fato de outros companheiros terem tido a oportunidade de assumir com capacidade as tarefas da associação. Lembrou a corrupção das autoridades e da burguesia no trato das questões e compromissos assumidos, clareando a todos a necessidade da união e organização dos trabalhadores em cima das necessidades básicas de todos os moradores. A seguir pediu para o tesoureiro Sérgio para fazer a prestação de Contas da Tesouraria, onde ainda tem-se em Cai

Advogado
OAB/RS 12.460 — CIC 183...4743/49
Rua Paulino Chaves, 291 - Fone 23-22-83
90000 PORTO ALEGRE / RS

ANEXO K – Ata da AMVUO, 24/08/86

18

Ata do dia 24/08/86.

A reunião teve início às 10 horas e 30 minutos, e a mesma foi realizada para colocar-nos os moradores a par do licenciamento do nosso Presidente Clésio Aires de Oliveira, e a colocação ou se a apresentação da comissão Provisória, que vai atuar como coordenadores da associação. Antes da entrega oficial do Presidente e a apresentação da comissão, o Clésio coloca que foi numa reunião a Corsan, e a Ceee para ver se existia algo de concreto, na Corsan foi informado que dia 29/08 seria dada a resposta final, quanto a Ceee foi negativo alegaram falta de verba, e que se a Prefeitura financiasse, seria algo a pensar, então ficou decidido que iria uma comissão a Prefeitura falar ao prefeito sobre o problema, e ver com ele as promessas feitas para o beneficiamento da Vila.

E assim foi feito a Comissão e foram dia 19/08, mas quanto a luz nada ficou resolvido. O Clésio pede a cooperação e a conscientização do povo para não aceitar politicagem na Vila, para continuar-mos com nossa liberdade. Não podemos terminar em imobilismos, vamos valorizar o que foi conquistado.

O Clésio deixa uma pergunta no ar, A terra ganha É para morar ou para negócios?

E foram colocados os seguintes estatutos:

- Terrenos – 10x35 ou 12,50x30 ou 9,72x35
  Foi votado – Aprovado
- Não pode ter mais que uma moradia em cada terreno.
  Votado – Aprovado
- Não pode ter comércio – (Luta-se por Cooperativas ou Polo Coral)
- Votado – Aprovado
- Cada quadra ter coordenadores e participar das reuniões as 5ª/ às 20hs
  Votado – Aprovado
- Organizar Mutirões – União dos moradores
  Votado – Aprovado
- Reuniões ordinárias domingos às 10 horas

Sotado – Fica para o 1º domingo e o 3º domingo de cada mês.
– Possuir carteirinhas – pagas taxas, documento de posse
Sotado – Aprovado
– Comprometemo-nos zelar pelos espaços comunitários
Sotado – Aprovado com ressalva de 1
– Moradores que já possuem propriedades.
Será examinada na Procuradoria do Estado p. confirmar a existen de propriedades ou não. – x – x – x – x – x –
– Após passamos a Aprovação da Comissão – – –
Comissão provisória – x – x – x – x –
Sotada – Aprovada – x – x – x – x –
Passam a assumir. – x – x – x – x – x –
1) Nildo Natal – x – x → – x – x – x – x
2) Severo – x – x – x – x – x – x – x
3) Marilene Michel x – x – x – x – x – x
4) Peri Machado – x – x – x – x – x – x – x
5) Saromil Sigra – x – x – x – x – x – x –
6) Manuel Ferreira. – x – x – x – x – x – x – x
– 7) Licenciamento do Clésio – x – x – x
Sotado e aprovado – x – x – x – x –
O mesmo faz a entrega de um ofício na qual esclarece o afastamento até 16 de Novembro 86. Entrega oficial.
O Dr. Jack se fez presente, e acha válido os Estatutos colocad
Quem tiver casa à Venda deve comparecer a assomação p. se justificar sobre a Venda, e não negociar o Terreno.
Para finalizar o Sr. Ivo explica como plantar as mudas q. ganhamos da Prefeito. Que será doado uma a cada morador
– 11 – Jantar.

Ata do dia 07/09/86.

Foi realizada a assembléia, mas nada foi decidido pois estavam apenas 3 dos componentes da Coordena da Associação, estavam presentes O pessoal da Chimarra da Amizade, mas a Solução dos problemas delas fi

ANEXO L – Reivindicatória de Domínio

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PODER JUDICIÁRIO

JUÍZO DE DIREITO DA QUINTA VARA CÍVEL DA COMARCA DE CANOAS/RS =

PROCESSO: AÇÃO REIVINDICATÓRIA
AUTOR: NELPA-NEGÓCIOS IMOBILIÁRIOS E REPRES. LTDA.
RÉU: ORIVALDO VARGAS GARCIA e OUTROS.
PROC. DO AUTOR: Dr. LUIZ CARLOS PESSOA DA SILVA
VALOR DA CAUSA: CZ$ 165.000,00

= MANDADO DE CITAÇÃO =

O EXMO. SR. DR. ALBERTO JUAN GONZALES VILLAMARIM, MM. JUIZ DE DIREITO SUBSTITUTO DA QUINTA VARA CÍVEL DA COMARCA DE CANOAS/RS...

MANDA ao Sr. Oficial de Justiça deste Juízo que, em cumprimento ao presente mandado, estando devidamente assinado, extraído dos autos da ação REIVINDICATÓRIA, supra mencionada, rpceda a CITAÇÃO das pessoas nominadas na relação anexa, que fica fazendo parte integrante deste, bem como a todo e qualquer posseiro que se encontre na área individuada, em qualquer tipo de habitação ou atividade, localizados todos na Vila Mathias Velho, no imóvel de propriedade da autora, constante de 42 hectares e .. 3.650m2 e com as seguintes confrontações:"Norte-frente à Rua Rio Grande do Sul, onde mede 925m (novecentos e vinte e cinco metros); Sul-Fundos, onde mede 925m (novecentos e vinte e cinco metros) onde divide com terras que foram do Jockey Clube de Canoas; Leste--na extensão de 458m (quatrocentos e cinquenta e oito metros) onde divide comterras que foram do Jockey Clube de Canoas; Oeste-Na extensão de 458m (quatrocentos e cinquenta e oito metros) onde divide com terras que foram do Jockey Clube de Canoas; Amarrações-Pela Rua Rio Grande do Sul, dista 40m (quarenta metros) da esquina formada por essa dita rua, com a Rua Sepé; dista 40m (quarenta metros) da esquina formada pela Rua Rio Grande do Sul com a Rua Livramento; Situação- Vila Mathias Velho, sendo que a área objeto da presente demanda possui 41 hectares e 1.190,90m2, tudo nos ter

...

DR. LUIZ CARLOS PESSOA DA SILVA
ADVOGADO

123
1000,

ISTO POSTO, REQUER

PRIMEIRO- DIGNE-SE, V.EXª., RECEBER O PRE
SENTE PEDIDO DE AÇÃO REIVINDICATÓRIA DE DOMÍNIO, DETERMINAR A CI
TAÇÃO DOS RÉUS, ANTES NOMEADOS, BEM COMO A DE TODO O QUALQUER PO
SEIRO QUE SE ENCONTRE NA ÁREA INDIVIDUADA, EM QUALQUER TIPO DE I
DIFAÇÃO OU ATIVIDADE, PARA QUE, DENTRO DO PRAZO LEGAL CONTESTEM
AÇÃO, ACOMPNHANDO-A ATÉ FINAL DECISÃO, SOB PENA DE SEREM REPUTA
DOS VERDADEIROS OS FATOS ALEGADOS NA EXORDIAL, SENDO, TAMBEM CI
DOS OS CÔNJUGES DO RR. QUE CASADOS FOREM.

SEGUNDO- DETERMINAR, TAMBÉM A CITAÇÃO PO
EDITAL DOS RÉUS AUSENTES, OCULTOS, NÃO IDENTIFICADOS OU QUE, PO
QUALQUER ARDIL, PROCUREM OBSTACULIZAR A AÇÃO DO SR.OFICIAL DE J
TIÇA, BEM COMO PARA CONHECIMENTO DE TERCEIROS CERTOS E INCERTOS
PARA FUTURAMENTE. NÃO SER ARGÜIDA QUALQUER PRESUNÇÃO DE DESCONH
CIMENTO.

TERCEIRO- AO FINAL, O ILUSTRE MAGISTRADO
JÁ POR BEM JULGAR PROCEDENTE O ATUAL PEDIDO, CONSAGRANDO A AUTO
O SEU DIREITO DE PROPRIEDADE, PARA QUE LHE SEJA RESTITUÍDA A AF
INJUSTAMENTE EM PODER DOS RÉUS, DESAPOSSANDO-OS, BEM COMO OUTRO
QUE LÁ ESTEJAM, BEM COMO TODO E QUALQUER QUE VENHA SE INSTALAR
DECORRER DA AÇÃO. **-EXPRESSAMENTE-** LHE SEJA DEFERIDA
PRODUÇÃO DE TODA E QUALQUER FORMA DE PROVA EM DIREITO CONSAGRAI
CASO NECESSÁRIO SE TORNE, NO MOMENTO PROCESSUAL ADEQUADO.

NESTES TERMOS, AGUARDA DEFERIMENTO
CANOAS, DE JUNHO DE 1987.

INTIMAÇÕES: RUA WASHINGTON LUIZ, 208, PORTO ALEGRE, CENTRO.

FONE: 25-4678

Anexo M - Ata AMVUO, 23/10/88

Cartório de Registros Especiais Fls. 09 Canoas - RS
Cartório de Registros Especiais Fls. 02 Canoas - RS

CÓPIA DA ATA DA ASSEMBLÉIA DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DA VILA UNIÃO DOS OPERÁRIOS.

Aos vinte e três dias do mês de outubro de 1988, convocados para uma Assembléia Geral Extraordinária, na forma do artigo 9º dos Estatutos, reuniram-se os associados da Associação dos Moradores da Vila União dos Operários, na Capela Divino Mestre, em Canoas, para discutirem e votarem a modificação dos Estatutos, no sentido de permitir, à Associação, representar seus filiados, em juízo ou fora dele, inclusive como assistente, litisconsorte, opoente, ou de qualquer forma interessada, tudo de acordo com as disposições legais da nova Constituição do país. Posta em votação a matéria, às nove horas, quando o quorum dos associados presentes já alcançava o número suficiente, segundo o artigo 13, dos Estatutos, foi a alteração proposta aprovada, com o acréscimo de uma letra, a "d", no art. terceiro, com a seguinte redação:"d) -Representar os associados, em juízo ou fora dele, inclusive como assistente, litisconsorte, opoente, ou de qualquer forma interessada". Por ser verdade, lavrou-se a presente ata, que vai por mim, secretária, e pelos presentes, depois de aprovada, devidamente assinada. Pelo grande número de associados presentes, suas assinaturas foram tomadas em folhas avulsas, as quais, devidamente copiadas e autenticadas, são locadas neste livro, para memória jurídica desta Assembléia, e o cumprimento dos seus legais efeitos.

Canoas, 23 de outubro de 1988.

Maria Aparecida Silva
Secretária da Associação

Presidente da Associação

ANEXO N – Reconhecimento da Posse Coletiva

DECLARAÇÃO DE RECONHECIMENTO DE POSSE ALHEIA

Nós abaixo firmamos,

NOME DO MARIDO: NILDO NATAL B. ROSA

DATA DE NASC.: 25/12/58 LOCAL: EMCRUZILHADA DO SUL ESTADO: DO RIO G. DO SUL

FILIAÇÃO: VERNILHO P. DA ROSA E

EULINA B. ROSA

ESTADO CIVIL: CASADO PROFISSÃO: ELETRESITA CARTEITA Nº 73836

NOME DA ESPOSA: RODES REGINA SOARES ROSA

DATA DE NASC.: 15/12/60 LOCAL: RIO PARDO ESTADO: RIO G. DO SUL

FILIAÇÃO: LUIS ANTONIO SOARES

MARIA MORA SOARES

ESTADI CIVIL: CASADA PROFISSÃO: DOMETICA CARTEIRA nº: 66558

declaramos, expressamente, que estamos ocupando um dos lotes da Vila União dos Operários, com o expresso consentimento da Associação de Moradores da Vila União dos Operários, a qual reconhecemos ser a única e legítima possuidora da mesma área.

Damo-nos por cientes, em consequência, de que não podemos vender, ceder, emprestar, dar em comodato ou de qualquer forma transferir, seja onerosa, seja gratuitamente, a área acima referida, sem prévio e expresso consentimento, por escrito da Associação que a possui.

Por ser verdade, mandamos datilografar a presente declaração, na presença das testemunhas instrumentárias, para que a mesma cumpra todos os seus jurídicos e legais efeitos.

Canoas 03/08/84
(data da inclusão)

Nildo Natal B. Rosa

Rodes Regina Soares Rosa

Testemunhas:

[illegible]

[illegible]

A HISTÓRIA É MEMÓRIA DO POVO!

Os etendidos dizem que só quem conhece sua história ondições de vencer na vida. Toda vila tem que valorizar sua ria. Se hoje estamos aqui e temos estas conquistas é ıe muitos batalharam no passado. Assim como, nossas de hoje, constrõem o futuro de nossa vila.

Nós vamos fazer uma exposição de fotos e de recortes de l no dia da nossa festa. Se os moradores tem fotos, por , empreste para a Comissão da Festa, para que mais mentos estejam nesta exposição. É sempre bom refrescar a memória e dá-la a conhecer para os novos.

Temos muitos batalhadores que nunca serão esqueci- Citar alguns nomes sempre pode representar esquecer s. No entanto, é bom recordar alguns que sempre foram ários e que não estão mais conosco: Professor Antonio de, Dr. Jacques e Freis e Irmãs.

ASSEMBLÉIA E FESTA *

Dia 28 de Maio de 1995

10 horas Assembléia

12 horas Almoço e Festejos

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES

VILA UNIÃO DOS OPERÁRIOS Ano I, nº 1 (1995)

*** 15 anos ***

A FESTA É DOS MORADORES!

Estamos de Parabéns!

Nossa Associação já tem 15 anos de lutas e muitas vitórias. Nesta data tão importante estamos convocando todos os moradores a festejarem conosco. Vamos realizar nossa prestação de contas da diretoria. Temos novidades quanto a nossa regularização dos terrenos. TODOS ESTÃO CONVIDADOS A VIR `A ASSEMBLÉIA. Fica sempre o convite a todos os moradores para nos auxiliarem na nossa RECONSTRUÇÃO DA SEDE.

DIRETORIA

Presidente: Ivo Fiorotti
Vice-Pres.: Edir Luiz da Rosa
1º Secret.: Joaquim A. C. da Fontoura
2º Secret.: Maria Goreti V. Ferreira
1º Tesour.: Flávio Dalmolin
2º Tesour.: Afonso Severginini
Cons. Fiscal: Aluizio Michael, Eugênio G. Souza e Isael C. de Oliveira.

POSTO DE SAÚDE

No mês de julho do ano passado inauguramos nosso Posto de Saúde UNIÃO, administrado pela Prefeitura, o qual tinha sido iniciado na diretoria anterior.

De lá para cá, está sempre aberto aos moradores, das 7h da manhã, às 19h, com o ambulatório. Até o momento continuamos com um Clínico Geral.

Nossa luta é para que venha também Pediatra, Ginecologista e mais Clínicos, ou seja, durante todo o período. Precisamos do teu apoio para isto.

RECONSTRUÇÃO DA NOSSA SEDE

O prédio da nossa sede, no qual haverá uma sala para Dentista (já pronta), uma sala para a Secretaria e um salão para reuniões está sendo reconstruído em mutirão e com as contribuições das mensalidades.

O convite continua sendo feito a todos, tanto para ajudar nos mutirões como no pagamento das mensalidades ou doações. Nos últimos anos existe uma média de 200 sócios em dia. O pouco de cada um se torna o suficiente!

A LUTA PELO NOSSO LAZER

Apresentamos um projeto para a Prefeitura onde queremos tornar o restante de nossa área junto à Associação um espaço de lazer. Pensamos em ter Duas Canchas de Bocha, uma Cancha de Futebol de Salão de Grama, uma pequena praça com brinquedos para as Crianças e Árvores com bancos para descanso.

Venha conhecer este projeto na Assembléia. Afinal, nossa vila merece um local de lazer para todos!

A LUTA PELA REGULARIZAÇÃO

Ganhamos a posse de forma definitiva. Porém, precisamos regularizar nossa vila e nossos terrenos. Nosso advogado vai estar na Assembléia para esclarecer como nós vamos avançar nesta direção. Portanto, todos os moradores precisam estar presentes para tomarmos juntos esta importante decisão.

Cuidado com os aproveitadores. É bom fazer como tem sido desde o início, ou seja, fazer com a Associação.

FOI DADA A ARRANCADA NA BUSCA DE RECURSOS PÚBLICOS

Os mais de **130 moradores** da nossa vila que foram na Assembléia do Orçamento Participativo no dia 18 de maio estão de parabéns.

Nossa mobilização valeu a pena. Nossa proposta de **Regularização da Vila União dos Operários** foi a mais votada, **com 463 pontos.**

Não podemos parar por aí. Agora temos que buscar recursos do orçamento do município. Vamos marcar audiências com o governo municipal e, no momento da construção do Orçamento do município para o próximo ano, vamos precisar nos mobilizar de novo.

É preciso nos convencer que sem recursos públicos que são resultado dos impostos que todos pagamos, não vamos conseguir encaminhar nossa regularização.

ATENÇÃO

Domingo, na sede da Associação

11 de junho - 10 hs

ELEIÇÃO PARA A NOVA DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO

Todos os moradores que são sócios deverão comparecer para esta eleição.

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES

VILA UNIÃO DOS OPERÁRIOS

Ano IV, N.º3 2000

Culto Ecumênico - Festa dos 20 Anos

No encerramento deste mandato, é com muito prazer que nos dirigimos aos moradores da Vila União dos Operários.

Temos a certeza de que desempenhamos bem nossa tarefa de dirigir e continuar as lutas da nossa vila.

Tivemos o privilégio de estar na diretoria no momento histórico em que comemorarmos os 20 anos da nossa Associação.

Cabe aqui recordar das 97 famílias que inicialmente lutaram para que aqui hoje pudessemos estar. A estes nossas saudações e agradecimentos.

No decorrer de nosso mandato, foram muitas lutas e também obtivemos muitas conquistas. Sabemos que temos que dar continuidade, especialmente, da luta pela regularização. Cabe a todos os moradores e a nova diretoria garantir a mobilização para sermos vitoriosos.

O nosso muito obrigado e um forte abraço...

Alcindo R. Pereira - Presid. da Ass. de Moradores

O QUE FOI FEITO?

Foram dois anos de mandato onde nossa diretoria conseguiu muitas realizações para a nossa vila. Dentre outras, destacamos:

* Curso profissional para Jovens Instaladores Elétricos e Hidráulicos;
* Ampliação de mais uma sala de aula;
* Parceria com a ULBRA no atendimento do Posto de Saúde;
* Patrimônio Histórico da Caixa d'água;
* Convênio com a Secretaria da Educação do Estado onde já foram organizadas 18 turmas do MOVA - Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos: 6 turmas na vila e 12 nas outras vilas da cidade;
* Recadastramento dos moradores da vila;
* Mobilização pela busca de Recursos no Orçamento Participativo do Estado.

Queremos agradecer a colaboração de todos os que nos ajudaram neste mandato. Fazemos votos de que a próxima diretoria possa contar com a colaboração cada vez maior dos moradores para o bem de todos.

PRESTAÇÃO DE CONTAS

Nestes dois anos tivemos a seguinte movimentação financeira:

ENTRADAS..... R$ 4.877,12
SAÍDAS..... R$ 4.010,15
SALDO.....R$ 866,97

* * * * * * * * * * * * * *

ELEIÇÕES

Só uma chapa se inscreveu

Conforme foi informado no último boletim, no dia 11 de junho vamos ter a eleição da nova diretoria. Pelo nosso regimento interno, com 15 dias de antecedência, espalhamos pela vila cartazes convocando os moradores interessados para registrarem chapas. Tivemos só um chapa inscrita e esta vai ser submeti-a apreciação dos moradores na Assembléia Eletiva do próximo domingo. Está assim constituida:

Presidente - **Ivo Fiorotti**
Vice- Presidente - **Afonso Severgnini**
1º Tesoureiro - **Alcindo R. Pereira**
2º Tesoureiro - **Izael de Oliveira**
1ª Secretária - **Sônia M.L. da Silva**
2ª Secretário - **João Delci Teixeira**
Conselho Fiscal: **Aristeu Saldanha Marinho**
Paulo G. Lippert
Antônio Ildo H. Machado
Clodomiro dos Santos Vieira
Suplentes: **Zoni da Luz Souza**
Valter Marcelli
Ivonete M.A. Fiorotti
Jair R. Pereira

3. Ano VII, n.º 2, 2003

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES

VILA UNIÃO DOS OPERÁRIOS

Ano VII, N.º2, Setembro de 2003

Da esquerda para a direita: Vereador Oli Borges, Alcindo Pereira, João Delci Teixeira, Ivo Fiorotti (Presidente da AMVUO) e Prefeito Marcos Ronchetti

Leia nesta Edição:

- ★ 20 anos de posse
- ★ regularização da vila
- ★ audiência com prefeito
- ★ embelezamento da vila
- ★ arrumação das ruas
- ★ anuidades e prêmios
- ★ bolo de 20 metros
- ★ GINÁSIO de ESPORTES

Prezados Moradores!

Este ano de 2003 é especial para a Vila União dos Operários. São 20 anos da posse da terra. É o ano que oficializamos o nome da vila. É o ano em que avançamos com a canalização. É o ano em que iniciamos a encaminhar as Escrituras dos Terrenos.

Convocamos a todos os moradores para participarem com orgulho e ousadia destas comemorações históricas.

Agradecemos a todos os que se esforçam em lutar para trazer melhorias para a vila.

Um grande abraços a todos e todas!

Ivo Fiorotti - Presidente da AMVUO

Vote nesta prioridade em 14 de setembro

8 Complemento do Plus de 2001 para construção do **Ginásio Poliesportivo**... reintegração de posse da área e prédio da Ass. da Vila Natal e Canalização na Getúlio Vargas: Ulisses Guimarães, Schmidt Machado, Beco Eldorado, Osmar Rodrigues da Silva, Airton Senna, Valter Dornelles e Curitiba.

20 anos de Posse da Terra

18 de novembro
1983 - 2003

Estão de parabéns os moradores da Vila União dos Operários.
São 20 anos de história.
Vamos festejar e valorizar tudo o que temos de conquistas.
Boa participação a todos!

Em comemoração aos 20 anos de posse a Associação de Moradores está convidando a todos os moradores para participarem de três grandes atividades que marcarão esta data:

1
25 de setembro
na Câmara de Vereadores
Votação do Projeto
do nome da Vila
União dos Operários
apresentado pelo
vereador Oli Borges

2
11 de outubro
Mutirão de
embelezamento:
pintura dos postes,
dos cercados e
identificação
das ruas

3
16 de novembro
Festejos com a
presença de autoridades,
parabéns com a partilha
do Bolo de 20 metros
e sorteio dos prêmios
aos associados em dia
com as anuidades

Contribua com o Bolo dos 20 anos

Na primeira semana de novembro, os Coordenadores de Quadra estarão recolhendo doações de produtos para produzir o bolo de 20 metros em comemoração aos 20 anos de posse.

ANUIDADES

Cobradores Autorizados

1. Antonio Ildo - Rio Grande do Sul, 4130
2. Helena Ferreira - Rio Grande do Sul,3900
3. Valdir Ribeiro - Campinas, 4230
4. Walter Morcelli - Libertação, 380
5. Aloisio Michel - Libertação, 450
6. Carlos Brites - Campinas, 4465
7. Joaquim Fontoura - Sino da União, 560
8. Neli Marques - Romeiros, 805
9. Laurete Modezeieski - Romeiros, 812
10. Alcindo Pereira - 18 de novembro, 410
11. Ivo Fiorotti - 18 de Novembro, 440
12. João Teixeira - Campinas, 4129
13. Nilza Menezes - Libertação, 165
14. Djair Gonçalves - 18 de Novembro, 100

Você pode atualizar sua a anuidade com um dos cobradores autorizados ou aos sábados, a partir do dia 20 de setembro, das 16 às 18 hs na sede da Associação.
O valor da anuidade é de R$ 6,00 ao ano.

Os associados que estiverem com a anuidade em dia até 2003 no dia da festa - 15 de novembro concorrerão a três premios:
(1º) 1 bicicleta;(2º) 1 kit ferramenta multiuso;(3º) 1 cesta básica.

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES

VILA UNIÃO DOS OPERÁRIOS

Ano IX, N.º 02, junho de 2005

25 ANOS

(1980 - 2005)

Caro(a) Morador(a)!

São 25 anos de existência da nossa Associação de Moradores. Estamos todos de festa.

Nesta edição voltamos a informar aos associados o que foi decidido na Assembléia de dezembro/04.

Destacamos o novo serviço jurídico aos associados, com a presença do Dr. Nilo, todos os sábados pela manhã na sede da AMVUO, a partir das 8:30 hs.

Ao completarmos 25 anos de existência, apresentamos a lista dos nossos associados fundadores.

Agradecemos a todos que colaboraram com o serviço dos jovens que estão atualizando o nosso cadastro.

Convidamos a todos para se engajarem nas atividades que a associação está propondo para comemorar esta data.

Um forte abraço a todos(as).

Flávio Dalmolin
Presidente da AMVUO

Assuntos votados para 2005

Os associados presentes na Assembléia aprovaram, entre outros, os seguintes encaminhamentos para o ano de 2005:

* Agilizar a regularização da vila junto à prefeitura;
* Continuar o processo gratuito de escrituração dos terrenos com a UNIRITTER;
* **A anuidade dos associados em 2005 será de R$ 12,00;**
* Agilizar a construção da Cancha Coberta de Esportes;
* **Convênio com o Dr. Nilo Salvagni para atendimento jurídico na sede aos associados para orientações e quem quiser encaminhar USUCAPIÃO individual por um preço mais em conta e outras necessidades.**

Sócios Fundadores da Amvuo

1. José Garibaldi dos Santos
2. Adão Antunes
3. Geraldo Amorin Zenger
4. Henrique Soares da Silva
5. Nobrelino da Silva Neto
6. Valdemar da Rosa
7. José Almansor da Rosa
8. Arlindo Ferreira
9. Rodolfo Nunes da Silva
10. Maria Isabel de Vargas
11. Maria Orientina Borges
12. Octacílio Pereira Azevedo
13. Moysés da Costa
14. Cláudio Rogério da Silva
15. José Pereira
16. André José Reboli
17. Ervino Rodrigues da Silva
18. Enio Antônio Hubber
19. Maria dos Santos Pereira
20. João de Deus da Silva
21. Ivo Joaquim da Silva

★ **Advogado todos os sábados, das 8:30 às 12 hs** ★

trabalhista - aposentadoria e pensões - família - inventários - usucapião

Construindo as Bodas de Prata da AMVUO

★ Homenagem aos Associados Fundadores: Publicamos os nomes dos associados fundadores da AMVUO que assinaram o registro no cartório. Queremos homenagear a todos os que ainda convivem na vila. Assim temos duas tarefas: (1) Identificar os demais moradores que eram moradores na vila em 1980 e não foram incluidos no registro oficial. (2) Identificar quais associados ainda hoje moram na vila.

★ Atualização do Cadastro dos Moradores: Com a ajuda dos jovens do Consórcio Social da Juventude, em parceria com a Horta Comunitária, estamos realizando uma atualização de quem está morando hoje na nossa vila. Vamos realizar uma comparação com o cadastro de 1986 e com o de 2000. Em homenagem ao jubileu vamos apresentar um estudo sobre o perfil dos moradores da nossa vila.

★ Organização da Memória Histórica: Estamos organizando todos os documentos que nossa associação veio guardando nestes 25 anos(fotos, atas, listas de presença, fichários...) Os moradores que têm fotos e outros documentos que marcam momentos importantes de nossa vila e gostariam de doar ou emprestar para fazermos cópias entrem em contato com a diretoria da AMVUO.

★ Lembrança Comemorativa dos 25 anos: A diretoria em conjunto com os coordenadores decidiram confecionar uma pequena lembrança para marcar esta data: canetas esferográficas. Cada associado que colocar sua anuidade de 2005 em dia com a AMVUO recebe uma lembrança gratuitamente. Exemplares a mais, para quem quiser, serão vendiadas a R$ 1,00 (um real).

★ Construindo um momento de Integração: Neste ano de 2005, ano do jubileu de prata da AMVUO, vamos construir um ato celebrativo e festivo, com uma grande assembléia. Este momento vai acontecer no final deste ano. Para que isto possa ser algo bem marcante gostaríamos da particpação de todos. Se você tem alguma proposta, converse com seu coordenador de quadra e venha apresentar nas reuniões da diretoria e dos coordenadores.

ASSOCIADO Coloque sua anuidade em dia!

Para colocar sua anuidade em dia é só chegar na sede da AMVUO todos os sábados pela parte da manhã ou para cobrador credenciado.

JOAQUIM DE A. FONTOURA,
o poeta da luta

Nossas condolências aos familiares e amigos do Sr. Joaquim Fontoura, Coordenador de Quadra da nossa associação. Ele permanecerá vivo com sua atuanção em nossas vidas.

★ **Reuniões Mensais da Diretoria e de Coordenadores de Quadra** ★

Todas as Segundas-Feiras, da primeira semana do mês, a partir das 19;30 hs

ANEXO P - Lei 4.796/03 e Lei 4.813/03

LEI Nº 4.796 de 15 de outubro de 2003

DÁ DENOMINAÇÃO DE VILA UNIÃO DOS OPERÁRIOS A ÁREA DO ANTIGO HIPÓDROMO DO PRADO

MARCOS ANTÔNIO RONCHETTI, Prefeito Municipal de Canoas. FAÇO SABER que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte LEI:

Art. 1º É denominada de Vila União dos Operários a área de terras do antigo Hipódromo do Prado.

Art. 2º Compõe-se a Vila União dos Operários a área de terras pertencentes e com frente às vias compreendidas dentro do perímetro retangular limitado pelas ruas São Sepé, Florianópolis, Livramento e a Avenida Rio Grande do Sul, no Bairro Mathias Velho.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CANOAS, em quinze de outubro de dois mil e três (15.10.2003)

MARCOS ANTÔNIO RONCHETTI
Prefeito Municipal

LEI Nº 4.813 de 25 de novembro de 2003.

DÁ NOME ÀS RUAS DEZOITO DE NOVEMBRO, DOS ROMEIROS, LIBERTAÇÃO E SINO DA UNIÃO, NA VILA UNIÃO DOS OPERÁRIOS

MARCOS ANTÔNIO RONCHETTI, Prefeito Municipal de Canoas. FAÇO SABER que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte LEI:

Art. 1º Dá nome às ruas da Vila União dos Operários:

a) Ruas Dezoito de Novembro e Dos Romeiros, situadas em paralelo entre a Avenida Rio Grande do Sul e Rua Campinas;
b) Ruas Libertação e Sino da União, situadas em paralelo entre a Rua Campinas e a Rua Florianópolis.

Art. 2º As demais ruas da Vila que são prolongamento de ruas do Bairro Mathias Velho permanecem com o mesmo nome:
a) Rua Campinas, em sentido paralelo à Avenida Rio Grande do Sul;
b) Ruas Santo Ângelo, Sarandi, Espumoso, Cruz Alta, São Borja, São Lourenço, São Gabriel e Dom Pedrito, em sentido transversal à Avenida Rio Grande do Sul.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CANOAS, em vinte e cinco de novembro de dois mil e três (25.11.2003)

MARCOS ANTÔNIO RONCHETTI
Prefeito Municipal